

LUDWIG WAGNER

Sua vida e suas histórias

*A saga de famílias alemãs
em terras brasileiras*



Janeiro, 2021

Paulo Roberto Wagner

LUDWIG WAGNER
Sua vida e suas histórias

A saga de famílias alemãs em terras brasileiras

São Paulo – SP
Janeiro de 2021
Paulo Roberto Wagner

Capa e Projeto Gráfico:
Karina Pisapia Wagner

Fotos e textos incluídos: todos com créditos identificados.

Escolha de hospedagem de site e publicação na Internet:
Mariana Pisapia Wagner

Publicado no site www.ludwigwagner.com.br

Todos os direitos reservados.

© 2021 por Paulo Roberto Wagner

Consultas e pesquisas feitas:

Arquivo Nacional - Rio de Janeiro – RJ.

1. Lista de passageiros do navio a vapor Alice;
2. Certidão de desembarque da família Wagner;
3. Relatório de desembarque do navio a vapor Alice;
4. Atestado do não pagamento das passagens.
Documentos resgatados por Maria Beatriz Wagner.
5. Lista de passageiros do navio a vapor Köln 3.
Documento resgatado pelo autor.

SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – RJ.

Registro na Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores.
Documento resgatado pelo autor.

Site www.porangabasuahistoria.com

Publicação de síntese da história de Ludwig Wagner
em “[Artigos Publicados](#)”.

Por Júlio Manoel Domingues – novembro de 2016.
Texto incluído.

Impresso pela Fábrica do Livro em março de 2022.
Rodovia BR 277 – número 15098 – Borda do Campo
São José dos Pinhais - PR

Livro impresso: poderá ser solicitado no e-mail mencionado na última página do livro. O autor providenciará a produção a preço de custo da gráfica.

Texto das “orelhas” da capa e contracapa do livro impresso.

As famílias Maier e Wagner deixam a região da Bavária – Alemanha e, após 22 dias de viagem, desembarcam no porto do Rio de Janeiro em maio de 1913. Além do casal Apollonia Maier e Rupert Wagner com cinco filhos pequenos, vieram também os pais de Apollonia com três filhos, sendo duas filhas adolescentes e um filho no início da fase adulta.

Nos primeiros anos as duas famílias trabalham nos Núcleos Coloniais de Imigrantes nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, porém com o grande fracasso desses Núcleos por falta do apoio necessário do governo, saíram à procura de trabalho nas grandes fazendas de café do Vale do Paraíba, vindo em direção à capital de São Paulo - SP.

Moram na capital por um curto período de tempo e em seguida fixam residência no município de Conchas, no interior paulista, onde Luiz passa boa parte de sua infância até o início da fase adulta.

Depois de casado, Luiz e sua família moram um longo período no município de Porangaba - SP, onde se dedica à agricultura e à criação de gado em seu sítio. Em Porangaba fez boas amizades e ficou conhecido como Luiz Alemão.

Com quase todos os filhos morando e trabalhando em São Paulo, Luiz vem para a capital paulista onde vive por muitos anos, até o fim de sua vida, próximo de seus familiares.

A história conta sobre a vida de seus antepassados na Alemanha, principalmente, no período que antecede a vinda deles para o Brasil, as dificuldades na longa e demorada viagem de navio e os acontecimentos cheios de incidentes que causam muito sofrimento às duas famílias durante os primeiros anos aqui, até se estabelecerem por conta própria.

Conta também, num cenário da época da imigração de europeus, sobre as conquistas feitas por seus familiares e traz, principalmente, os acontecimentos mais relevantes da vida de muito trabalho e bastante interessante de Luiz, envolvendo as famílias Bertin, Wagner e Maier.

ÍNDICE

Introdução	20

CAPÍTULO 01

Rosenheim – Alemanha – 1882	21
Trostberg – Alemanha – 1885	22
Trostberg – Alemanha – 1903	22
O “Shangri-la” da Alemanha	22
“Dança comigo?”	23
Lourdes – França – fevereiro de 1905.....	24
Peregrinação à cidade de Lourdes.....	24
A viagem dos peregrinos à cidade de Lourdes	26
Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim - Alemanha – julho de 1905.....	29
Apollonia e o novo emprego.....	29
Oberndorf bei Salzburg - Áustria – julho de 1906	30
A aventura de Stefan Maier na fronteira com a Áustria	30
Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – nov. de 1906	31
Namoro de Apollonia e Rupert	31
Trostberg – Alemanha – fevereiro de 1907.....	32
Viagem de Apollonia e Rupert a Trostberg	32
Trostberg - Alemanha – agosto de 1907	35
Casamento de Apollonia e Rupert.....	35
Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – 1910	36
Unindo as famílias	36
Trostberg e Rosenheim – Alemanha.....	37

CAPÍTULO 02

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – 1911	38
Pai de Apollonia fica cego de um olho.....	38
Rupert cai da bicicleta	38
Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – 1912	39
Josef, irmão de Apollonia, e sua esposa embarcam para o Brasil	39
Trabalhadores na Alemanha	39

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – início de 1913	41
Antes da viagem das famílias para o Brasil	41
Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – abril de 1913	42
Viagem de trem para Trieste – Áustria-Hungria.....	42
Trieste – Áustria-Hungria – abril de 1913	44
Embarque no navio para o Brasil.....	44
Conhecendo um pouco do navio Alice	46

CAPÍTULO 03

Rio de Janeiro - RJ - Brasil – maio de 1913	51
Localização e população	51
Desembarque no Rio de Janeiro	52
Lista de passageiros do navio a vapor Alice	53
Certidão de desembarque da família Wagner	54
Relatório de desembarque do navio a vapor Alice.....	55
Atestado do não pagamento das passagens.....	56
Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores.....	57
Registro na Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores.....	57
Conhecendo um pouco sobre a Hospedaria	58
Visconde de Mauá – Resende - RJ – maio de 1913.....	60
Localização e população	60
Núcleo Colonial Visconde de Mauá	60

CAPÍTULO 04

Europa – julho de 1914	63
Início da Primeira Guerra Mundial	63
Grosp e Stefan na Guerra.....	64
Trégua de Natal de 1914.....	65
Batalha de Verdum - França.....	67
Batalha de Somme - França	67
Grosp e Stefan no Exército da Bavária.....	68

CAPÍTULO 05

Visconde de Mauá - Resende - RJ – 1914.....	69
O assassinato.....	69
São José do Barreiro – SP – 1915	70
Localização e população	70
Núcleo Colonial Bandeirantes	70

CAPÍTULO 06

São Paulo - SP – final de 1916.....	72
Localização e população	72
Residência próxima ao rio Pinheiros	73
São Paulo – 1917.....	74
Casamento das duas irmãs de Apollonia	74
Europa – outubro de 1917	75
Brasil entra na Guerra.....	75
Europa - novembro de 1918.....	76
Fim da Primeira Guerra Mundial.....	76
São Paulo – 1918.....	77
Frequentando as missas da Igreja de São Bento	77
Rupert em outros trabalhos.....	78

CAPÍTULO 07

São Paulo – início de 1919.....	79
Mudança para o município de Conchas - SP	79
Conchas - SP – início de 1919	82
Localização e população	82

CAPÍTULO 08

Fazenda próxima ao bairro do Varjão – Conchas – 1919 a 1921	84
O saci-pererê.....	84
Porco manso e ensinado.....	85
Destruindo armadilhas	85
Picado por cascavel	86
Bremen – Alemanha – março de 1922.....	86
Stefan, irmão de Apollonia, vem para o Brasil	86
Lista de passageiros do navio a vapor Köln 3.....	88
Fazenda próxima ao bairro do Varjão – Conchas – 1922	89
“Baiano” assassino	89
Novo Patrão	90
Bolo envenenado	90

CAPÍTULO 09

Bairro dos Silva – Conchas – 1923 a 1927	92
Rupert compra o sítio	92
Presente para Apollonia	92

Invasão dos gafanhotos	93
A vida no sítio.....	94
Balança, mas não cai	95
A escola.....	96
Tonico encenqueiro	96
Preso suicida	97
O lagarto	97
Crisma dos filhos	98
Tiro fatal.....	98
Vendedor de mangas e maçãs	99
Apollonia perde o bebê	99
Lindbergh cruza o Atlântico	99
Tiro de chumbo no peito	100
O tucano	100
Caça do tatu amarelo	101
O ronco do gato amarelo.....	102
Fritando ovos na casa de Apollonia.....	102
Jogador de truco	102
Conchas – 1928.....	103
Stefan e Eugênia casados.....	103
Conchas – 1929.....	104
Vaca assassina.....	104
Alemanha – 1929	104
Família do irmão de Apollonia que ficou na Alemanha 1	104
Bairro dos Silva – Conchas – 1930	105
Todos na roça.....	105
Apelidos.....	105
O meteorito	106
O ataque das abelhas	106

CAPÍTULO 10

Fenômenos da natureza.....	107
Figuras nas Estrelas	107
Estrelas Cadentes	108
Figuras nas Nuvens.....	108
São Jorge.....	109
Eclipse Lunar	109
Círculo ao redor da Lua.....	110

Eclipse Solar	110
Auréola em torno do Sol.....	111
Raio.....	111
Chuva de Granizo	112
Arco-íris.....	113
Redemoinho.....	113

CAPÍTULO 11

Bairro dos Silva - Conchas -1931.....	114
Machado no joelho.....	114
Tocador de gaitas	114
Bairro dos Silva - Conchas - 1932 e 1933	114
Roberto ferido por engano	114
Burro chucro	115
Pescador do rio Tietê.....	116
Jogador de futebol.....	117
Bugios barulhentos.....	118
Caça e pesca.....	118
Festas e bailes	119
“Era um ET? ou Era o boitatá?”	119
Lenda do boitatá	119
“Era um gato pintado? ou Era uma onça pintada?”	120
Mais forte que a chuva	120
Mutirão.....	121
Dupla alemã	121
Stefan e seu olho de vidro	122
Vacas morrem por engasgo	122

CAPÍTULO 12

São Paulo – 1934.....	124
Luiz e Roberto em São Paulo.....	124
São Paulo – 1935.....	124
Passeios na Capital	124
Conhecendo a praia de Santos e o Monte Serrat.....	126
Pôsteres da Capital.....	128
Alemanha – 1935	133
Família da irmã de Apollonia que ficou na Alemanha 1.....	133

CAPÍTULO 13

Conchas	134
Família Bertin	134
Chamada para cantar	135
O casal Paulo Bertin e Maria Rita	136
Porangaba - SP – 1936	137
Mudança de Stefan Maier para Porangaba	137
Conchas – 1937	138
Luiz Bertin e Guilherme Wagner no Tiro de Guerra	138
Benedito Bertin no Tiro de Guerra em Campo Grande	139
Alemanha – 1937	140
Família da irmã de Apollonia que ficou na Alemanha 2.....	140

CAPÍTULO 14

Bairros dos Silva e Pará - Conchas – início de 1937	141
Namoro de Luiz e Hermelinda.....	141
Período antes do casamento	143
Conchas – julho de 1938	144
Casamento de Luiz e Hermelinda.....	144
Conchas – julho de 1939	148
Um ano de casados	148

CAPÍTULO 15

Europa - setembro de 1939	149
Início da Segunda Guerra Mundial	149

CAPÍTULO 16

Conchas	151
Casamento dos Wagner – irmãos de Luiz	151
Casamento da última filha de Apollonia.....	154
Bairro do Pará – Conchas - 1940 e 1941	155
Nascimento dos dois primeiros filhos.....	155
Jogo de malha	155
Corrida de cavalo.....	156

CAPÍTULO 17

Conchas	157
Casamento dos Bertin – irmãos de Hermelinda.....	157

CAPÍTULO 18

Porangaba – 1942	164
Festeiros de São Roque - Stefan Maier e esposa.....	164
São Paulo - julho de 1942	167
Irmãs de Apollonia - Elisa e Rosa.....	167

CAPÍTULO 19

Bairro dos Poli - Porangaba – 1942.....	168
Compra do sítio em Porangaba	168
Mudança para Porangaba.....	168
Porangaba – 1942	171
Síntese de sua formação.....	171
Localização e população	171
Frequentando o cinema de Porangaba.....	172

CAPÍTULO 20

Porangaba – 1942	173
As charges da Segunda Guerra Mundial	173

CAPÍTULO 21

Bairro dos Florentino - Porangaba – início de 1943.....	180
Guilherme, irmão de Luiz, compra sítio em Porangaba.....	180
Bairro dos Poli – Porangaba – 1943	181
Viagens de Porangaba a Conchas.....	181
“Bola de fogo”	182
Escalando a Torre de Pedra.....	182
Os 2 ouriços	183

CAPÍTULO 22

Europa - maio de 1945	185
Fim da Segunda Guerra Mundial.....	185
Conchas – 1945.....	186
Rupert Wagner.....	186

CAPÍTULO 23

Bairro dos Poli - Porangaba – 1945 e 1946	187
João, irmão de Luiz, vem morar no sítio do bairro dos Poli	187

“Burrinho fujão”	187
Saci-pererê – “o cavaleiro da noite”	188
Especialista em sacis no programa do Jô Soares	188
E o cavalo morreu.....	189
“Chove ou não chove?”	189
A força da Lua.....	190
Porangaba -1946.....	190
Stefan Maier e a luz elétrica.....	190
Porangaba – Vila – início de 1947.....	192
José, irmão mais velho de Luiz, compra casa e terras na Vila	192
Bairro dos Poli – Porangaba – setembro de 1947	193
“Cadê a parteira?”	193
Escola para os filhos	193

CAPÍTULO 24

Porangaba - Vila – 1947	194
Compra da chácara na Vila.....	194
Mudança para a Vila.....	194
Os cachorros – “Balão e Cuitelo”.....	195
Poço 1 - Anjos de plantão	196
Poço 2 – Resgatado do fundo do poço	196
“O milagre do pó verde”	197
O primeiro rádio.....	198

CAPÍTULO 25

Bairro dos Silva - Conchas – 1948.....	199
Sítio de Rupert e Apollonia	199
Bairro dos Silva - Conchas – março de 1948.....	200
Carta recebida da Alemanha.....	200
Alemanha – agosto de 1948.....	205
Família do irmão de Apollonia que ficou na Alemanha 2	205

CAPÍTULO 26

Porangaba – 1950	206
Nomeados festeiros de São Roque – Luiz, Guilherme e esposas	206
Bairro dos Florentino - Porangaba – 1951	206
Família de Guilherme Wagner.....	206

Porangaba – 1951	207
Os festeiros de São Roque	207
Padroeiro Santo Antônio de Pádua - “O Santo Casamenteiro”	212
As Bandas musicais.....	214
Porangaba - Vila – 1951	216
Velocidade máxima 1	216
Espinho de cobra 1	216
Espinho de cobra 2	217
Bico de pato	218

CAPÍTULO 27

Bairro dos Poli – Porangaba – 1952	219
O burro Canário.....	219
Porangaba – Vila – 1952.....	220
Loteamento e formação da Vila	220
Porangaba – Vila – 1954.....	220
Velocidade máxima 2	220
Circo no curral.....	221
Porangaba – Vila – 1955.....	222
Curso Ginásial em Conchas	222

CAPÍTULO 28

Porangaba - Vila – junho de 1955.....	223
Queda do cavalo 1.....	223
“E a canoa não virou!”	223
PRP, o cavalo ensinado	224
Bairro do Pará - Conchas – agosto de 1955.....	225
Excursão para Vila Pirapora (Pirapora do Bom Jesus – SP)	225
Porangaba – Vila – 1956.....	228
Último ano na chácara da Vila.....	228
As 3 mulheres com “papo”	228
O “Cuitelo” ficou estranho.....	229
A Fiíca e o ganso.....	229
O tatu vermelho	230
O “olho gordo”	230
Queda do cavalo 2.....	231
Juramento negado.....	231
“Reza das bravas”	232

CAPÍTULO 29

Porangaba – Vila – outubro de 1956	233
Excursão para Aparecida do Norte – SP.....	233
Visitando o João Jeca na cadeia	236

CAPÍTULO 30

Porangaba – Vila – início de 1957.....	238
Venda da chácara	238
Porangaba – abril de 1957.....	238
Os “13 apóstolos”	238
Porangaba - 1958.....	239
Criação da primeira turma do Curso Ginásial.....	239
Desfile dos estudantes 1.....	239
Porangaba – Vila – 1958.....	240
Maria, a primeira filha, vem trabalhar em São Paulo	240
O “Balão” quase morreu de fome	241
O Telefone	242
Porangaba – final de 1958.....	243
“Casa em frente ao armazém do Gildo Ramos”	243
Conclusão da primeira turma do Curso Ginásial	243
Porangaba – 1960	244
Bar na cidade.....	244
Porangaba – década de 1960	244
O “Jardim” (ou Praça)	244
Família de Stefan Maier	245
Porangaba – início de 1961	246
Debandada de jovens para São Paulo.....	246

CAPÍTULO 31

São Paulo – 1961 a 1966	247
Filhos ingressam na Guarda Civil de São Paulo	247

CAPÍTULO 32

Porangaba – 2º semestre de 1961.....	252
Sobrado da cadeia velha.....	252
Porangaba - Vila - final de 1961.....	252
Mudança para a “chácara próxima ao Ciro Alonso”	252
Fogão a lenha e carne na banha.....	254

Torradeira de café	255
Doce de goiaba.....	255
Covo de bambu	255
Cobras peçonhentas.....	256
Peste das galinhas	256
Sapos matracas	257
De bar em bar	257
“Malemá”	258
A caminho do matadouro	259
O estouro da boiada	260

CAPÍTULO 33

Alemanha – 1962	261
Famílias de Grosp e Maria, irmãos de Apollonia que ficaram na Alemanha.....	261

CAPÍTULO 34

Porangaba – Vila – 1963.....	263
Homenageado.....	263
O cachorro Jádisse.....	264
Conchas – novembro de 1963	265
Falecimento de Rupert	265
Porangaba – 1964	265
Guilherme na política	265
Guilherme na pescaria.....	266
Guilherme e suas histórias de pescador	267
A “sereia do rio Tietê”	267
Guilherme nas viagens mais longas.....	268

CAPÍTULO 35

Porangaba – 1964	269
As missas na Matriz	269
Vila São Luiz - Porangaba – junho de 1964.....	270
Festeiros de São João – Luiz e Hermelinda	270
Vila São Luiz - Porangaba – junho de 1965.....	270
Primeira festa de São João.....	270
O leilão.....	272
A fogueira.....	273
O pau-de-sebo.....	274

Vila São Luiz - Porangaba – 1965	275
Luiz e Hermelinda com os oito filhos.....	275
Mazzaropi – “o caipira que parecia ser de Porangaba”	275
King Kong – lotação completa e os “blecautes”	276
“El Cid” – o melhor filme.....	277
O “coice” de espingarda	277
Pescadoras do rio Feio.....	279
Zé Cobra 1.....	279
Zé Cobra 2.....	280
Zé Cobra 3.....	281

CAPÍTULO 36

Conchas – julho de 1965	282
Visita de netos de Porangaba à avó Apollonia	282
Visita dos filhos Luiz e Guilherme e das noras à Apollonia	283
Porangaba – 1965	283
O circo.....	283
O Circo do Piranha.....	285
O Globo da Morte.....	286
Vila São Luiz - Porangaba – 1966	286
A primeira televisão.....	286
Vila São Luiz - Porangaba – 1967	287
A luta da “Pantera”	287
A melhor carne de “codorna”	289
Caçador de rãs.....	290

CAPÍTULO 37

Filipe do grão de café	292
Porangaba – 1967 e 1968.....	293
Formaturas do curso ginásial	293
Porangaba – final de 1968.....	294
Seguindo para São Paulo 1.....	294
Vila São Luiz – Porangaba – 1969	295
Construção da capela de São João Batista na Vila São Luiz.....	295
Vila São Luiz – Porangaba – julho de 1969	296
“O homem pisou ou não na lua?”	296
Porangaba – final de 1970.....	297
Formatura do curso de Formação de Professores.....	297

Desfile dos estudantes 2	298
 CAPÍTULO 38	
Vila São Luiz - Porangaba – de 1964 a 1970	299
Fotos na “chácara próxima ao Ciro Alonso”	299
Hermelinda e suas habilidades.....	301
Porangaba – maio de 1970.....	306
O Adeus ao tio Stefan Maier	306
Conchas – 1970.....	306
Paulo Bertin e Maria Rita vêm morar na cidade de Conchas	306
 CAPÍTULO 39	
Vila São Luiz – Porangaba – 1970	307
José Luiz e suas pescarias.....	307
“Mina”	310
Vila São Luiz – Porangaba – início de 1971	311
Seguindo para São Paulo 2.....	311
Conchas – agosto de 1971.....	312
Falecimento de Maria Rita.....	312
 CAPÍTULO 40	
São Paulo – início de 1972.....	313
Mudança para a Capital	313
Mordido por cachorro bravo.....	314
Conchas – setembro de 1974	315
Visita da família de Luiz e Hermelinda à Apollonia.....	315
Porangaba – novembro de 1974	315
Família de Guilherme Wagner.....	315
Conchas – abril de 1975	316
Falecimento de Apollonia	316
Conchas – maio e junho de 1975.....	316
Recebimento de duas cartas da Alemanha.....	316
Carta resposta recebida em maio de 1975	318
Carta resposta recebida em junho de 1975	321
 CAPÍTULO 41	
Conchas – janeiro de 1977	324
Paulo Bertin e sua filha Hermelinda	324

Porangaba – novembro de 1977	324
Caçador de paturis por acaso.....	324

CAPÍTULO 42

Conchas – julho de 1979	326
O pouso do Divino	326
Os pagadores de promessa.....	326
A chegada do Divino	327
O jantar	329
Cururu.....	331
O cururu da noite	331
A despedida	332

CAPÍTULO 43

Conchas – março de 1985	333
Falecimento da irmã Maria (Marre)	333
Conchas – dezembro de 1985	333
Falecimento do sogro Paulo Bertin	333
Os 15 irmãos da família Bertin	334

CAPÍTULO 44

São Paulo – julho de 1988	336
Bodas de ouro	336
Conchas – julho de 1990	337
Falecimento do irmão Rupert (Roberto).....	337
Porangaba – fevereiro de 1991	337
Falecimento do irmão Josef (José)	337
Porangaba – outubro de 1993.....	338
Falecimento do irmão Guilherme.....	338
Porangaba – outubro de 1999.....	338
Falecimento do irmão João.....	338
São Paulo – junho de 2005	339
Aniversário de Luiz – 90 anos.....	339
Pescarias e “boas histórias para contar”	339
No rio Paranapanema, em Itatinga – SP	340
Na fazenda, em Brasilândia – MS	340
Nos rios Taquari e Coxim, em Coxim – MS.....	342
Na represa Três Irmãos – rio Tietê, em Pereira Barreto – SP – “Pesca do Tucunaré”	345

São Paulo – junho de 2010	347
Manchete de jornal	347
São Paulo – setembro de 2010	348
Aniversário de Hermelinda - 89 anos	348
São Paulo – julho de 2013	349
Bodas de brilhante	349
Sobrinhos, netos e bisnetos	349
São Paulo – final de 2013	349
Visita da sobrinha Aparecida Wagner do Amaral, de sua filha Máisa e da netinha Maria Clara	349
São Paulo – março de 2014	350
Falecimento de Hermelinda	350
Companhia dos filhos	350
Itapetininga – SP – outubro de 2014	350
Fábio, neto de Luiz e Hermelinda, é ordenado Padre	350
Ordenação Sacerdotal	351

CAPÍTULO 45

São Paulo – junho de 2015	353
Aniversário de Luiz - 100 anos	353
São Paulo – junho de 2016	354
Aniversário de Luiz - 101 anos	354
São Paulo - novembro de 2016	355
Homenagem de Júlio Manoel Domingues	355
São Paulo – junho de 2017	357
Aniversário de Luiz – 102 anos	357
São Paulo – 2018	358
Visita da família de Rosa Wagner Thomé e José Thomé (sobrinhos)	358
Visita da família de Francisco (Puba) Wagner (irmão)	359
São Paulo – junho de 2018	359
Aniversário de Luiz – 103 anos	359
São Paulo - início do inverno de 2018	360
Relembrando o passado	360
São Paulo – agosto de 2018	361
Internação	361
São Paulo – junho de 2019	362
Aniversário de Luiz – 104 anos	362
“Em algum lugar do passado”	364

São Paulo – maio de 2020	365
Falecimento de Luiz	365
São Paulo – dezembro de 2020	365
Falecimento da irmã Rosa (Ruse)	365

Composição das Famílias

1 - Famílias Maier, Wagner e Bertin	366
2 – Família de Rupert Wagner e Apollonia Maier Wagner.....	367
3 – Família de Paulo Bertin e Maria Rita Sampaio Bertin.....	368
4 – Família de Stefan Maier e Eugênia de Lara Maier.....	369
5 – Família de Ludwig Wagner e Hermelinda Bertin Wagner	370

ÁRVORE GENEALÓGICA DE LUDWIG WAGNER	372

Linha do Tempo	373

Agradecimentos.....	381

O Autor	383

Introdução

Para contar a história de Ludwig Wagner, é preciso voltar um pouco no tempo para conhecer uma parte da história de seus antepassados, colocando como ponto de partida os acontecimentos da época que seus pais nasceram e se conheceram na região da Alta Baviera ou Bavária – Alemanha.

Após o período que viveram na Alemanha, a história segue com a viagem de navio das famílias Maier e Wagner para o Brasil, com o desembarque no porto do Rio de Janeiro e a passagem pela Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores.

Depois vem o período de trabalho nas colônias de imigrantes e nas fazendas do Vale do Paraíba nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foi numa dessas colônias de imigrantes onde nasceu Ludwig que, desde a sua infância, passou a ser chamado de Luiz.

Em seguida chegam à capital de São Paulo – SP e trabalham em fábricas e em serviços da construção civil.

As duas famílias moram, aproximadamente, dois anos na cidade de São Paulo e depois seguem para o interior do estado, fixando residência no município de Conchas – SP, onde Luiz passa boa parte de sua infância, toda a adolescência e o início da fase adulta.

Nos primeiros anos de casado, mora no bairro do Pará, no município de Conchas, onde nascem os dois primeiros filhos, mudando-se em seguida para o município de Porangaba – SP. Lá, compra terras, trabalha na agricultura e cria gado. Em Porangaba nascem os outros seis filhos e é lá que todos iniciam os primeiros estudos.

Após um longo período que passou no município de Porangaba, com quase todos os seus filhos já morando e trabalhando em São Paulo, Luiz compra uma casa na capital, reunindo novamente toda a família.

Em São Paulo, mora boa parte de sua vida depois de casado e vê seus filhos constituírem famílias.

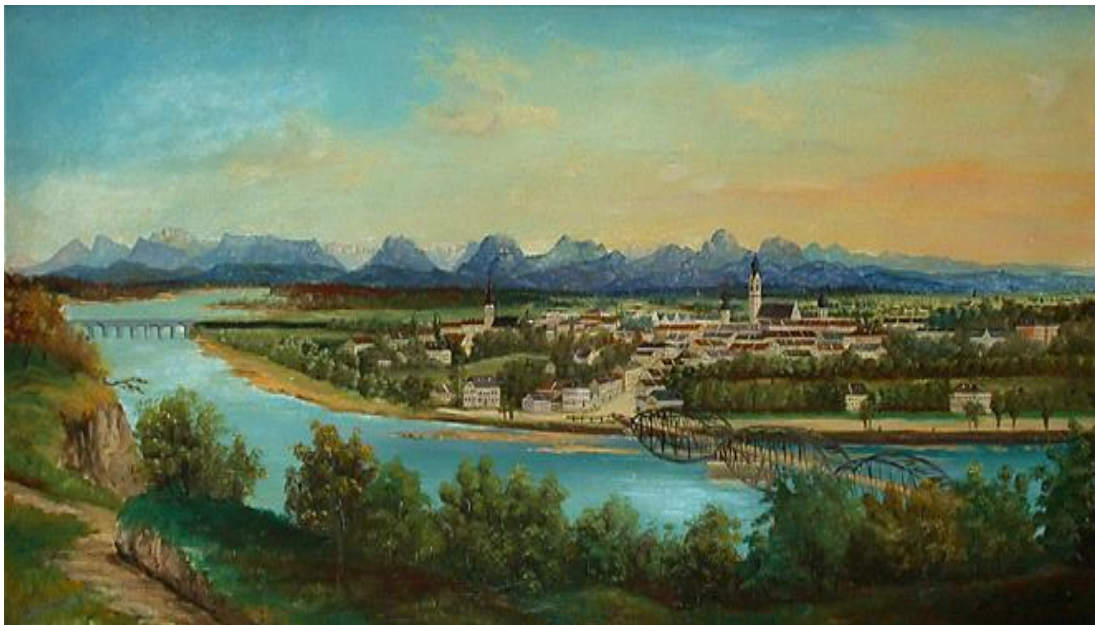
Considerando que alguns tios de Luiz haviam ficado na Alemanha, não poderia deixar de registrar as notícias recebidas durante muitos anos e a preocupação das famílias Maier e Wagner com os seus parentes, principalmente, com aqueles que lutaram nas duas grandes guerras que o país se envolveu.

A história está organizada na ordem cronológica dos acontecimentos e registrada da forma mais verdadeira possível.

CAPÍTULO 01

Rosenheim – Alemanha – 1882

Rosenheim é uma cidade da Alemanha, com estatuto de distrito, localizada na *região administrativa da Alta Baviera*. Fica a 66 km de Munique, quase na fronteira com a Áustria. Os *Alpes Austríacos* estão a apenas 30 km dali. Na época tinha um pouco mais de 15 mil habitantes. Aqui, em 04 de junho de 1882, nasceu Rupert Wagner, pai de Luiz.

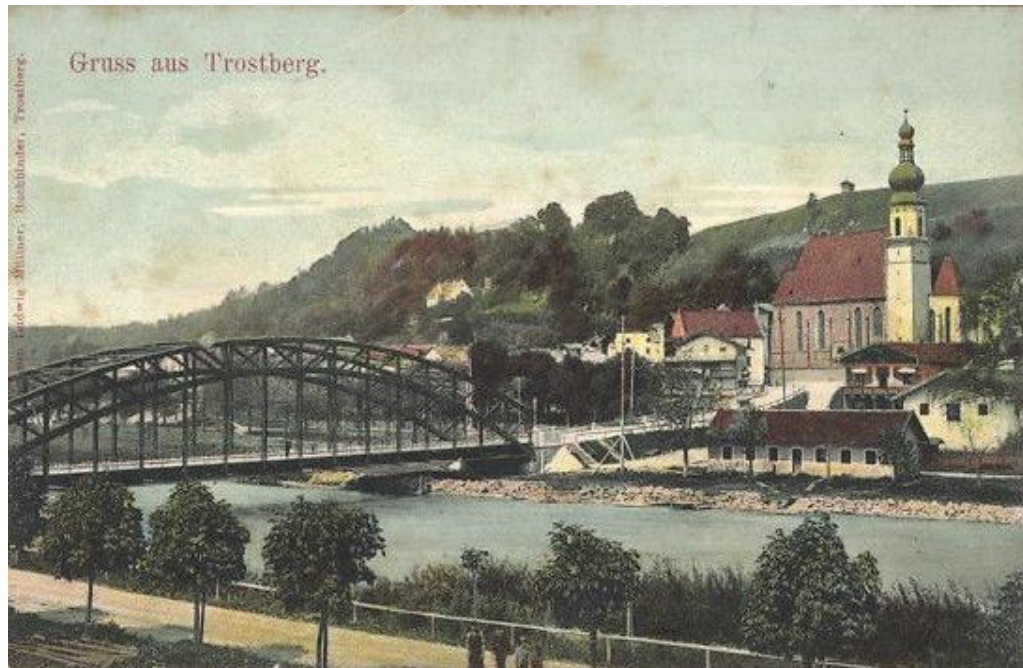


Rosenheim – imagem da época.

Fonte: <https://es.wikipedia.org/wiki/Rosenheim>

Trostberg – Alemanha – 1885

Trostberg é uma cidade da Alemanha, localizada no distrito de Traunstein, na *região administrativa da Baviera*. Fica a 88 km de Munique, com uma população na época de um pouco mais de 3.500 habitantes. Aqui, em 09 de fevereiro de 1885, nasceu Apollonia Maier, mãe de Luiz.



Trostberg – foto da época.

Fonte: Internet

Trostberg – Alemanha – 1903

O “Shangri-la” da Alemanha

Era início de fevereiro e, portanto, inverno na Alemanha. No pequeno município de Trostberg, vivia uma bela jovem de estatura mediana, de olhos azuis, cabelos claros e com uma pele tão lisa e clara que parecia ser de porcelana.

Além de ser muito bonita, era inteligente, alegre, serena, muito simpática e com um coração enorme. Seu nome era Apollonia Maier e ela tinha apenas 18 anos de idade. Morava ali num pequeno sítio com a sua família, bem próximo à cidade, lugar de muita paz e tranquilidade, onde todos viviam em harmonia. Parecia de uma eterna juventude e de felicidade plena. A paz, a serenidade e a sabedoria davam a ela o verdadeiro valor da vida, longe dos prazeres materiais.

Enquanto Luiz relembrava as histórias contadas por sua mãe, descrevendo a beleza e a magia do lugar onde ela vivia, fez-me lembrar do lugar mostrado no filme *Horizonte Perdido*, baseado no romance de mesmo nome do escritor inglês *James Hilton*.

Lembrei-me que a história do filme se passa na *cordilheira do Himalaia*, numa comunidade chamada *Shangri-la*, um lugar mágico entre as belíssimas montanhas congeladas do *Tibete*.

Acredito que daria até para arriscar que onde Apollonia vivia era o “*Shangri-la*” da Alemanha, um lugar mágico, bem próximo das belíssimas montanhas congeladas dos *Alpes Austríacos*.

A jovem dedicava o seu tempo às atividades rurais, fazendo a manutenção do curral, cuidando das vacas leiteiras e tirando leite para o consumo e para a produção de queijos. O trabalho era pesado, mas fazia tudo com satisfação e nunca faltava nada. Ganhava o suficiente para as suas despesas pessoais e ainda conseguia ajudar a família financeiramente. O proprietário do sítio tinha um pouco mais de uma dúzia de vacas leiteiras. Naquela época, os proprietários rurais da Alemanha que tinham mais de uma dúzia de vacas já eram considerados bem-sucedidos e ricos.

A lavoura era bem diversificada, com plantações de vários alimentos para o consumo e também para comercializar. A terra era muito boa e produzia muita batata, beterraba branca e cebola. O clima favorecia muito o cultivo da beterraba branca, a qual era usada para a produção de açúcar.

“Dança comigo?”

Durante todo o ano, na *região da Bavária*, aconteciam bons bailes e ali tocavam as melhores orquestras da época. O baile da primavera que promoviam bem no início da primavera, no mês de abril, era o mais importante do ano e realizado em Trostberg. Este ninguém queria perder. Apollonia com 18 anos, solteira, sem namorado, gostava muito de ir aos bailes da região, sempre acompanhada de suas amigas. Era um sábado à noite e todas estavam muito bem vestidas, usando as melhores roupas, sandálias novas e as joias mais bonitas que conseguiram comprar. O salão era imponente e um dos mais bonitos da região. Estava todo enfeitado, iluminado com grandes lustres, com bonitos objetos de decoração, algumas esculturas nos cantos e um tapete vermelho bem grande na entrada. As paredes e o chão eram revestidos com grandes pedras de mármore travertino e granito. Do lado de fora, estavam as enormes palmeiras imperiais, todas enfileiradas e bem formadas, as quais conduziam os convidados a um conjunto de portas feitas de carvalho que dava acesso a um amplo saguão e em seguida ao enorme salão. Os extensos jardins verdes e bem cuidados estavam floridos. A orquestra era de Munique e muito conhecida na *região da Bavária*, conduzida pelo famoso maestro, compositor e pianista austríaco *Felix Weingartner*. O baile começou por volta das 23h e após mais ou menos uma hora, por volta da meia noite, veio uma grande surpresa. Um jovem muito bem vestido, bonito, rico, conhecido e famoso na

região, que por sinal era o filho do proprietário do sítio para quem Apollonia trabalhava, de repente pediu para parar a orquestra.

Todos ficaram em silêncio e apreensivos. O jovem pediu para o maestro tocar uma valsa, que era uma das mais bonitas e de sucesso da época e continua sendo até hoje. “*Donauwalzere*”, ou seja, “*Danúbio azul*”, de *Strauss*.

Antes de começar a música, de cabeça erguida, o jovem caminhou lentamente pelo enorme salão e parecia procurar alguém. Apollonia estava atrás de outras moças, quase no fundo do salão e observava tudo também em silêncio. Quando ele bateu os olhos em Apollonia e veio em sua direção, ela não quis acreditar. A grande surpresa foi quando ele se aproximou dela e disse pausadamente “*dança comigo?*”. Parecia um sonho, pois dentre muitas moças que estavam ali, ela foi a escolhida. Apollonia, jovem, bonita e bem vestida, chamava a atenção de todos e se destacava no meio de suas colegas. No maior silêncio, os dois se dirigiram para o centro do salão e quando estavam prontos, começou a tocar a famosa “*Donauwalzere*”. Todos acompanharam a leveza dos passos dos dois desfilando pelo enorme salão e ocupando todos os espaços dentro do círculo formado pelas pessoas que ali estavam. Quando terminou a dança, todos fizeram de novo muito silêncio e o jovem, muito educado, fez um gesto de agradecimento, curvando-se diante de Apollonia e beijando uma de suas mãos. Ela abriu um enorme sorriso e o casal foi muito aplaudido por todos. Apollonia estava muito feliz, emocionada e orgulhosa por ter sido a privilegiada. Em seguida o maestro *Weingartner* tocou mais uma vez a valsa para que todos pudessem dançar à vontade. Depois o baile seguiu normalmente até as 4h da madrugada e todos se divertiram muito. Foi o maior comentário da época e todos diziam que o acontecimento foi cinematográfico. Por um bom tempo todos comentavam que essa dança foi o maior show daquela primavera e o melhor baile do ano de toda a *região da Bavária*. Para Apollonia foi uma noite inesquecível.

Veja a linda valsa “*Danúbio azul*” em <https://youtu.be/e5CCmYWYntk>

Lourdes – França – fevereiro de 1905

Peregrinação à cidade de Lourdes

Antes de conhecer a viagem de fé dos peregrinos ao sul da França, vale a pena conhecer “*A impressionante história de Nossa Senhora de Lourdes*”.

“*Antes de tudo, a pobreza. A escolha de Bernadette Soubirous para receber as aparições da Virgem Santíssima é mais uma amostra da predileção de Deus pelos mais pobres.*

Bernadette era pobre em tudo: social, intelectual e até fisicamente falando.

Na terceira aparição à Bernadette, Nossa Senhora fez uma promessa importantíssima, cujo conteúdo deve ser levado muito a sério por todos os católicos: ‘Non proumeti pas deb hé urousa en este mounde, mès en aoute – Não prometo fazer-lhe feliz neste mundo, mas no outro’, ou seja, ‘ Eu não te prometo a felicidade aqui na terra, mas eu te prometo a felicidade no céu’.



Fonte: Internet

Ali, vivendo todas as dificuldades de uma vida humilde, Bernadette contrai uma cólera – doença epidêmica, à época – e, talvez vítima dos desajustados métodos para o tratamento da doença, acaba contraindo uma asma, que não a abandonará até a sua morte. Na então aldeia de Lourdes, região francesa dos Altos Pirineus, em 11 de fevereiro de 1858, a humilde jovem Bernadette Soubirous, de 14 anos, acompanhada de sua irmã mais nova e uma amiga vão buscar um pouco de lenha às margens do rio Gave. Chegando perto do rio, as duas meninas atravessam-no, mas Bernadette, temendo entrar na água fria, por causa de sua asma, fica. Ao tirar as suas meias, para atravessar o riacho, ela percebe uma rajada de vento sobrenatural e, quando olha para a gruta, do outro lado, vê na reentrância de um rochedo, pela primeira vez, a Virgem Maria, vestida de branco, com uma faixa azul, um rosário e duas rosas douradas nos pés. Essa primeira aparição foi seguida de outras 17.

Instintivamente ela se ajoelha e tenta fazer o sinal da cruz, mas seu braço está como que morto. A Virgem, então, faz o sinal da cruz. Ela imita-a e põe-se a rezar o terço. Esta gruta tornou-se, assim, a sede de uma admirável escola de oração, onde Maria ensina a todos a contemplar com um fervoroso amor o rosto de Cristo. De fato, Bernadette sai daquele primeiro encontro revigorada, tal foi o amor no qual esteve imersa durante a visita da Santíssima Virgem Maria. Justo ela, ‘la friolera’, não sentia fria a água do riacho; ela, a mais fraca de todas, conseguia carregar os feixes de lenha para casa, sem ofegar e sem dificuldades. E ardia nela o desejo de rever a Senhora.

Pedia à Igreja oração e penitência pela conversão dos pecadores. As mensagens de Nossa Senhora, saídas da gruta de Massabielle, até hoje ecoam no coração dos fiéis que, maravilhados com o amor da Mãe que veio ao encontro de Santa Isabel e vem, agora, ao encontro de seu povo, peregrinam à França buscando alívio para o corpo e para a alma.

É interessante: a mensagem de Lourdes dá ênfase à pobreza, mas também fala da oração. Durante várias aparições, nada aconteceu entre Nossa Senhora e Bernadette senão, pura e simplesmente, oração. Enquanto ela se detinha de joelhos, em oração, abstraída de tudo o que estava ao redor, os médicos examinavam o seu pulso e ele estava absolutamente normal. Até velas colocaram, queimando a pele de Bernadette, mas ela não reagia, compenetrada que estava diante da Virgem, rezando.

O primeiro milagre da gruta aconteceu pouco depois da décima segunda aparição: uma mulher, de nome Catherine Latapie, que teve ‘um ombro deslocado, o punho quebrado e os dedos retorcidos’ por conta de um acidente, decide ir à fonte, às 3h da madrugada, em busca da cura. Após imergir o braço na água, o membro fica curado e ela vai para casa, para dar à luz o seu filho – que, no futuro, se tornaria padre.

Quando as aparições terminaram, a família Soubirous conseguiu melhorar um pouco de vida, mas apenas através do seu trabalho. Repugnava-lhe pensar em ganhar dinheiro à custa da fama das aparições.

Bernadette, que então vivia uma vida de doação aos mais pobres, entrou, com 22 anos, no convento de Nevers, onde passou o resto de sua vida. Tratada com severidade pela mestra de noviças – madre Thérèse Vauzou –, Bernadette viveu, com amor, o recolhimento e a humilhação. Vítima de uma tuberculose, nasceu para o Céu com 35 anos. Trinta anos após a sua morte, exumaram o seu corpo e ele estava normal. O seu crucifixo estava corroído, o terço oxidado – ou seja, havia umidade –, mas, ela mesma estava intacta. Após a enterrarem e exumarem de novo depois de alguns anos, o seu corpo continuou intacto. Finalmente, hoje o seu corpo está exposto na igreja de Saint Gildard, em Nevers, na França.

Bernadette Soubirous é a grande pobre de Deus, escolhida para uma vida de profunda humildade. Não se pode ser santo sem ser humilde, sem se recordar pequeno e miserável diante do Senhor. Por isso, a grandeza de Lourdes está justamente na escolha dos pobres.

Em outra ocasião, fez brotar na rocha, por meio das mãos de Bernadette, fonte de água cristalina e considerada milagrosa, que ali corre desde então. As curas obtidas através do uso da água levaram, em 1862, o bispo de Tarbes a autorizar o culto a Nossa Senhora de Lourdes.

Bernadette Soubirous foi canonizada mais tarde pelo Papa Pio XI como Santa Bernadette”.

Fonte: <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-impressionante-historia-de-nossa-senhora-de-lourdes>

A viagem dos peregrinos à cidade de Lourdes

Todos os anos, em pleno inverno europeu, no início de fevereiro, acontecia a romaria de Nossa Senhora de Lourdes, saindo de Trostberg com destino à cidade

de *Lourdes*, localizada ao sul da França, quase na fronteira com a Espanha. De acordo com a orientação da igreja da qual Apollonia participava, era importante que pelo menos uma pessoa de cada família fizesse a peregrinação. A viagem era bastante longa e feita em ônibus fretado. *Lourdes* fica a um pouco mais de 1 500 km de Trostberg e a viagem durava, aproximadamente, 16h. Era bastante cansativa e feita apenas por pessoas de muita fé. Apollonia considerava *Nossa Senhora de Lourdes* a sua santa protetora e decidiu fazer a peregrinação naquele ano. Tudo era organizado e preparado antes pela igreja. No dia 10 de fevereiro de 1905, numa sexta-feira, logo no início da noite, muitos peregrinos começaram a chegar e aguardar próximo à igreja da cidade. Apollonia tinha completado 20 anos de idade no dia anterior e a viagem para *Lourdes* era o seu presente de aniversário. Para não ir sozinha, teve a companhia de sua irmã Maria, um pouco mais nova que ela. Alguns já se conheciam porque participavam das mesmas missas aos domingos. Estava bastante frio e todos estavam muito bem agasalhados. Levavam colchonetes e cobertores enrolados para o descanso durante a noite na cidade de Lourdes e também para rebater o frio durante a viagem. Nos dias anteriores a temperatura chegou a 3 graus e à noite caía para 7 graus negativos, em Trostberg. Estava nevando em toda a região, a paisagem era toda branca e a pequena cidade de Trostberg estava coberta de neve. Levavam também vasilhames com água, suco e comida. Queriam renovar a fé e agradecer a *Nossa Senhora* pelos pedidos atendidos. O padre responsável pela igreja acompanhava o grupo e o ônibus ficou lotado conforme as reservas feitas anteriormente. De acordo com as informações dos dois motoristas que iriam se revezar durante a viagem, estavam programadas cinco paradas de vinte minutos cada uma, sendo as duas primeiras em *Zurique e Genebra*, na Suíça e, as outras três em *Valence, Montpellier e Toulouse*, na França. Entre uma parada e outra, em alguns trechos da estrada, teriam de viajar por volta de 2h e, em outros, 3h. Na saída, às 10h da noite, todos ficaram em silêncio e, acompanhados pelo padre, fizeram algumas orações, pediram proteção para a longa viagem e agradeceram pela oportunidade. O ônibus saiu em direção a Munique, passando pelo lado norte da cidade e seguiu em direção a Memmingen. Após passar por Lindau, ainda na Alemanha, cruzaram a fronteira com a Áustria, contornaram o *lago Obersee* e entraram na Suíça. Passaram por São Galo e fizeram a primeira parada no lado norte de *Zurique*. Em seguida passaram por Berna e, em Lausanne, por causa da altitude, deu para sentir que a temperatura caiu e estava bem mais frio. A partir daí, por quase uma hora seguiram beirando o *lago Lemman* e fizeram a segunda parada em *Genebra*, ainda na Suíça. Seguindo viagem, logo que cruzaram a fronteira com a França, em Annecy deu para apreciar o nascer do sol, pois já estava amanhecendo. Depois de mais duas horas de estrada, fizeram mais uma parada na cidade de *Valence*. Em seguida, passaram por Orange e Nimes e chegaram a *Montpellier*. Após a cidade de Carcassonne, fizeram a última parada

em *Toulouse*, onde ficaram admirados com o tamanho da cidade, que já era uma das maiores da França. Seguindo a viagem, passaram por Tarbes e finalmente chegaram à pequena cidade de *Lourdes* que, na época, contava com um pouco menos de 2 mil habitantes. *Lourdes* já era bastante conhecida no mundo todo e estava lotada de peregrinos. Por estar próximo aos *Pirenéus* (*Pirineus*), uma cordilheira a 3 400 m de altitude, cujos montes separam a França da Espanha, fazia frio em *Lourdes* e a temperatura naquela tarde chegava a 7 graus. O relógio do *Santuário* marcava 14h do dia 11 de fevereiro, um sábado, dia de *Nossa Senhora de Lourdes*.



Santuário de Nossa Senhora de Lourdes – França.

Fonte: https://imagens-e-gifs.ucoz.com/index/cascatas_de_portugal/0-26

Ficaram admirados com o tamanho do *Santuário* e pela beleza de sua construção e de sua arquitetura interna. O *Santuário* estava lotado de peregrinos que vieram de todas as partes do mundo e dava para perceber a fé de cada um. Muitos estavam ali pagando as suas promessas.

Apollonia e sua irmã, sempre acompanhando o grupo de viagem, aproximaram-se do altar, fizeram as suas orações e agradeceram pelas preces atendidas. Participaram de uma missa, as quais estavam programadas de hora em hora. Elas estavam felizes e orgulhosas por estarem ali, pois era um lugar que queriam conhecer. Aquele lugar sagrado passava uma energia muito forte, que as emoções das pessoas emergiam como expressão de muita fé. Faziam absoluto silêncio e muitos choravam tomados pela forte emoção.

Estavam todos muito cansados e aquela noite ficaram acomodados em um salão enorme, reservado pelo *Santuário* para os peregrinos que visitavam *Lourdes*. Arrumaram os colchonetes no chão e usaram os cobertores para passar a noite, pois a temperatura caiu bastante chegando a 2 graus. O dia seguinte, 12 de fevereiro, domingo, amanheceu com um pouco de sol e já começava a esquentar um pouco. Todos entraram novamente no *Santuário*, fizeram as suas orações e seguiram para a pequena “*gruta de Massabielle*”. A “*gruta*” fica junto ao *Santuário*, onde está a imagem de *Nossa Senhora*, exatamente no local onde Bernardette teve a sua visão da *Virgem*. Muitos dos peregrinos de outros grupos estavam em cadeiras de rodas e alguns até em macas. Quando passavam diante da *Virgem*, faziam as suas orações em voz baixa e acendiam as suas velas. Em seguida tocavam a fria rocha da

“gruta”. Alguns, confiantes na cura pela fé, tomavam banho nas frias águas que brotavam da rocha e muitos que ali entravam sem esperança, saíam daquelas águas renovados, no corpo e na alma.

Mais tarde compraram algumas lembrancinhas e entraram no ônibus para a viagem de volta, com saída marcada para as 14h. Viajaram parte do período da tarde e a noite toda. Quando chegaram a Trostberg, o dia já estava clareando e nevava bastante. Era uma segunda-feira, dia de trabalhar e não tiveram outra escolha. Trabalharam!

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim - Alemanha – julho de 1905

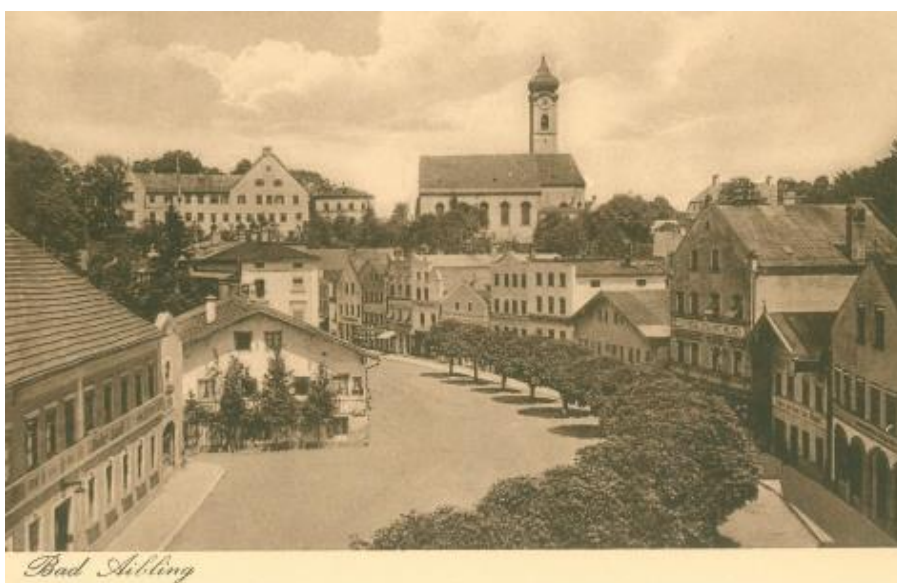
Apollonia e o novo emprego

Era mês de julho quando Apollonia, com 20 anos de idade, resolveu ir morar e trabalhar no município de Rosenheim, distante a apenas 46 km de Trostberg. Precisava continuar trabalhando para ajudar a família e como surgiu uma boa oportunidade de emprego num pequeno sítio, resolveu aceitar.

O trabalho era muito parecido com o que fazia em Trostberg, ou seja, cuidar das vacas no curral e tirar leite para comercializar e produzir queijos, cuidar dos cavalos na cocheira e manter o curral e a cocheira sempre limpos. Morava com a família do proprietário do sítio e sempre que podia visitava seus pais em Trostberg. O sítio estava localizado na zona rural de Aiblinger Au, em Bad Aibling, uma vila que, na época, pertencia a Rosenheim.

Hoje, a zona rural de Aiblinger Au, pertence a Kolbermoor, município que se formou entre Rosenheim e Bad Aibling.

Aiblinger Au fica a apenas 59 km de Munique.



Bad Aibling – Alemanha

Fonte: <https://www.werndl-partner.de/lichtspielhaus-bad-aibling>

Oberndorf bei Salzburg - Áustria – julho de 1906

A aventura de Stefan Maier na fronteira com a Áustria



Rio Salzach entre Laufen (Alemanha) e Oberndorf bei Salzburg (Áustria).

Fonte: <https://deskgram.net/explore/tags/oberndorfbeisalzburg>

Stefan Maier, um dos irmãos de Apollonia, nascido em 26 de dezembro de 1889, também em Trostberg, com apenas 16 anos de idade, às vezes, costumava ir até a cidade de *Laufen*, na fronteira da Alemanha com a Áustria. A viagem era feita de bicicleta num percurso de 40 km e durava, aproximadamente, 2h30. Saía em direção a Altenmarkt an der Alz e depois seguia para *Laufen*.

Em *Laufen*, atravessava a ponte sobre o rio *Salzach* e do lado da Áustria, já em *Oberndorf bei Salzburg*, uma pequena cidade, que na época tinha em torno de 2 mil

habitantes, andava pelas lojas em busca de coisas que eram vendidas bem mais em conta. O comércio em *Oberndorf* era muito bom porque estava a apenas 18 km de *Salzburgo*, uma cidade bem maior, onde também tudo era mais barato. Em *Oberndorf*, vendiam as mesmas coisas que vendiam em *Salzburgo*. Stefan comprava uma grande variedade de mercadorias e depois revendia no lado da Alemanha para ganhar algum dinheiro. Um dia resolveu que iria atravessar para o lado da Áustria sem pagar a taxa obrigatória, tipo de um pedágio para pedestre. Quando chegou próximo à ponte, guardou a sua bicicleta num lugar reservado e percebendo a presença dos policiais austríacos, resolveu esperar escurecer e começou a imaginar como poderia passar sem pagar. Que tal um mergulho no rio *Salzach* e atravessar nadando? Pensou bem e gostou da idéia.

O rio *Salzach* que separa os dois países, Alemanha e Áustria, era um rio bastante imponente e nadar ali não era para qualquer um. Era um rio bastante largo, profundo, com um grande volume de água e com a correnteza um pouco forte. Nesse dia a água não estava tão gelada porque era mês de julho e, portanto, era verão na Alemanha. A temperatura deveria estar por volta dos 26 graus. Stefan já conhecia bem o rio *Salzach* porque, desde criança, costumava nadar naquele rio, próximo à cidade de Tittmoning, também na fronteira com a Áustria. Sempre que podia, ia até lá também de bicicleta, num percurso de 20 km, cuja viagem durava em torno de 1h e aproveitava para dar uns mergulhos.

Naquele dia, tinha o dinheiro para pagar a taxa, mas o que valia mesmo era a aventura e ter o gostinho de atravessar sem pagar e lograr os policiais austríacos. O desafio era atravessar a nado e ele acreditava que dava para encarar porque diziam que nadava bem. Quando já estava meio escuro, ficou ainda alguns minutos na margem do rio apenas observando e de lá dava para ver o vulto de vários policiais sobre a ponte e no local do pedágio. Não pensou duas vezes e, de repente, deu um mergulho de roupa e tudo. Começou a nadar em direção à margem que fica do lado da Áustria, deu boas braçadas e desceu rio abaixo. Enquanto nadava, ouviu uma gritaria dos policiais austríacos, várias vezes o apito e os latidos de cachorros. Os policiais fizeram muito barulho, corriam para todos os lados e com as lanternas nas mãos, iluminavam as margens do rio e a base da ponte. Quando mergulhou, sabendo que próximo à ponte seria alvo fácil, deixou a correnteza levar o seu corpo por uns cem metros para baixo e então já um pouco distante e no escuro alcançou a margem oposta com segurança. Precisou ficar escondido por algum tempo porque a sua roupa estava encharcada e seria facilmente identificado pelos policiais. Rapidamente estendeu o dinheiro para secar no tronco de uma árvore, ficou apenas de cueca e torceu bem a roupa. Depois de algum tempo, vestiu a roupa que já estava quase seca e saiu andando pelas ruas de *Oberndorf bei Salzburg*. No meio de outras pessoas fez as suas compras como se nada tivesse acontecido. Em seguida, voltou para o lado da Alemanha com a enorme satisfação de ter conseguido algo que havia muito tempo queria fazer. Tinha provado para ele mesmo que era mais esperto que os policiais austríacos. A volta era livre de taxa de pedágio. Mas o que ele não esperava é que uma semana depois, não sabe como, foi identificado por policiais alemães e encontrado em Trostberg. O pior é que acabou levando um grande puxão de orelha das autoridades, o que nunca mais esqueceu. Mas valeu pela aventura, pois, com apenas 16 anos de idade, Stefan já tinha uma boa história de sucesso para contar.

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – nov. de 1906

Namoro de Apollonia e Rupert

Era mês de novembro, outono na Alemanha, e em Aiblinger Au já dava para sentir um pouco do frio que vinha dos *Alpes Austríacos*. Apollonia estava com 21 anos, quando apareceu por lá um jovem chamado Rupert Wagner procurando emprego e foi contratado pelo proprietário do pequeno sítio para trabalhar na lavoura.

No início ele parecia um pouco reservado e conversava muito pouco. Era bom trabalhador e além da lavoura, cuidava também da manutenção do sítio, consertando cercas e arrumando o curral. Rupert morava no município de Rosenheim com a sua família e tinha 24 anos de idade.

Os dois se conheceram e passaram a frequentar a igreja de Bad Aibling, a 3 km do sítio onde trabalhavam. Apollonia e Rupert eram de famílias muito católicas e não deixavam de ir às missas aos domingos. Sempre que podiam frequentavam as festas promovidas pela igreja e também os bailes realizados nos fins de semana, pois eram animados e gostavam muito de dançar. Os dois logo se apaixonaram e começaram a namorar.

Trostberg – Alemanha – fevereiro de 1907

Viagem de Apollonia e Rupert a Trostberg

Em fevereiro, em pleno inverno europeu, Apollonia e Rupert resolveram ir até a casa dos pais de Apollonia, em Trostberg. Rupert queria conhecer a família de Apollonia, aproveitar para pedi-la em casamento e convidar todos para a cerimônia, que já estava marcada para o mês de agosto. Queriam também providenciar em Trostberg os documentos de nascimento e de batismo de Apollonia, pois era uma exigência da igreja para o casamento. Os dois já tinham conversado antes com o patrão e estavam autorizados a deixar o trabalho por alguns dias para que pudessem viajar.

Era uma terça-feira e fazia muito frio, com a temperatura beirando os 5 graus negativos. Por estarem próximos aos *Alpes Austríacos*, na noite anterior tinha nevado bastante em toda a região e tudo estava coberto de neve. Após fazerem algumas tarefas do sítio no período da manhã, almoçaram e logo saíram de casa em direção à estação de trem de Bad Aibling. Caminharam durante 40 minutos e aguardaram o trem que vinha de Munique e seguia para Trostberg.

Poderiam fazer a viagem por Mühldorf ou por Traunstein que era um pouco mais demorado. Apollonia escolheu ir por Traunstein por ter paisagens inesquecíveis, principalmente quando o trem passa ao lado de *dois grandes lagos* da *Bavária* e bem próximo dos *Alpes Austríacos*. Queria que Rupert também conhecesse e aproveitasse bem a viagem. O percurso da ferrovia por Traunstein até Trostberg era de 75 km, com 7 paradas e baldeação em Traunstein. O tempo estimado de viagem era de, aproximadamente, 1h50. Não viam nenhum problema por demorar um pouco mais, já que estavam aproveitando também para passear. Estavam felizes e não tinham pressa, lembrando que havia também, é claro, o lado romântico da viagem.

Após pouco tempo de espera na estação de Bad Aibling, embarcaram no trem iniciando a viagem, com paisagem de muita neve.



Trem a vapor da época.

Fonte: <https://weheartit.com/entry/317648617>

O trem ganhou velocidade e logo depois de Rosenheim, cruzou por cima do *rio Inn* e seguiu por um bom tempo beirando as margens do *lago Simssee*, onde deu para perceber que já tinha diminuído bastante a neve. Apenas de passagem pelos vilarejos, deu para apreciar as belas paisagens e observar como a zona rural era muito bem cuidada.

Passaram por Bad Endorf e, em Rimsting, puderam apreciar uma paisagem cinematográfica quando o trem seguiu bem próximo do *maior lago da Baviera*, o *Chiemsee*. Passaram por Prien e Bernau, onde ainda estava muito frio, mas tudo indicava que ali não havia nevado.



Lago Chiemsee

Fonte: <https://blog-da-ana34.webnode.com/chiemsee-o-lago-da-bavaria/>

Era mesmo uma paisagem inesquecível, com o trem seguindo o seu trajeto, tendo de um lado da ferrovia a beleza do *lago Chiemsee* e do outro os *Alpes Austríacos*, com neve nos pontos mais altos.



Alpes Austríacos

Fonte: <http://www.guiarte.com/fotos-usuarios/13906.html>

Logo após Bernau, o trem começou a contornar o *lago Chiemsee*, passando ainda por Übersee. Até aí a ferrovia seguiu muito próximo ao lago e depois começou a se distanciar um pouco, ficando mais próximo dos *Alpes Austríacos*. Quando chegaram à estação de Traunstein, desembarcaram para fazer a baldeação e seguiram num outro trem em direção a Trostberg, com mais 40 minutos de viagem. Passaram pela pequena Hörpolding e em seguida chegaram a Trostberg.

Durante toda a viagem puderam apreciar as mais belas paisagens, principalmente o trecho onde avistaram o *lago Chiemsee* e os *Alpes Austríacos* durante, aproximadamente, 20 minutos, entre as cidades de Rimsting e Übersee. Essas paisagens ficaram gravadas em suas memórias e estavam felizes por terem vivido juntos aqueles momentos inesquecíveis.

Quando chegaram a Trostberg foi uma grande surpresa para a família de Apollonia, pois ninguém sabia que eles viriam. Já estava perto do escurecer e todos já tinham retornado do trabalho e estavam em casa. Rupert conheceu todos da família de Apollonia, pessoas muito simples e bastante alegres e receptivas. Assim como a família de Rupert, todos da família de Apollonia se dedicavam à agricultura. Rupert observou que os pais de Apollonia eram bem mais novos que seus pais e, por coincidência, tinham os mesmos nomes, ou seja, Joham e Cataryna. Enquanto todos conversavam e contavam as novidades, dona Cataryna contou com a ajuda de sua filha Apollonia e prepararam um bom jantar. Serviram “*Boulette*” (bolinhos recheados de carne) e “*Schlachtplatte*” (barriga de porco)

com “*chucrute e batata*”. Todos estavam muito alegres e aquele momento tão importante foi comemorado com o bom chope alemão.

Na quarta-feira, no período da manhã, os dois providenciaram o documento de nascimento de Apollonia no cartório de registros da cidade e no dia seguinte o documento de batismo na “*Paróchie Catholicae de Trostberg*”. Ali na paróquia, aproveitaram para rezar e agradecer por estarem juntos e pela bela viagem que fizeram.

Como a volta para Bad Aibling estava prevista para a sexta-feira, os pais de Apollonia fizeram uma surpresa para os noivos e prepararam um jantar especial, com a participação de todos da família. Serviram “*Eisbein*” (joelho de porco) assado e “*Bratkartoffeln*” (cozido de batatas) com bacon e cebolas, acompanhado do famoso “*Sauerkraut*”, ou seja, “*Chucrute*” (conserva de repolho) e tomaram um bom vinho.

No dia seguinte, logo após o almoço, Apollonia e Rupert embarcaram no trem de volta a Bad Aibling e no retorno não precisaram fazer baldeação em Traunstein.

Chegaram a Bad Aibling antes do escurecer, caminharam até Aiblinger Au e estavam felizes por terem feito uma bela viagem.

Trostberg - Alemanha – agosto de 1907

Casamento de Apollonia e Rupert

Era um sábado ensolarado do mês de agosto, verão na Alemanha, quando Apollonia e Rupert chegaram bem cedo a Trostberg, conforme haviam combinado antes com a família de Apollonia. Ela tinha 22 anos de idade e ele completado 25. A cerimônia foi celebrada com a presença dos familiares e de poucos convidados.

Após a cerimônia, todos se reuniram para o almoço com muita música e um bom chope alemão. Como era um momento especial, resolveram servir o “*Eintopf*”, também conhecido como “*Pichelsteiner*”. É um ensopado com a mistura de vegetais e carnes, considerado um dos melhores pratos da comida alemã.

Em seguida todos puderam saborear o “*Schweinebraten*”, o famoso porco assado, com o “*Käsespätzle*”, uma espécie de macarrão feito com base de ovos, farinha e sal, acompanhado de queijo.

No final cortaram um delicioso bolo “*Schwarzwälder*”, conhecido aqui como *Floresta Negra*.

Em seguida houve muita dança e todos se divertiram durante algumas horas.

Depois de casados, os dois continuaram morando na zona rural de Aiblinger Au, no mesmo pequeno sítio onde morava Apollonia, só que agora numa casa cedida pelo proprietário.

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – 1910

Unindo as famílias

No início do inverno, o proprietário do pequeno sítio onde trabalhavam resolveu comprar mais terras e convidar toda a família de Apollonia para trabalhar com ele. Nessa época, os pais e os irmãos de Apollonia que ainda moravam em Trostberg, vieram trabalhar no mesmo sítio, para cuidar da agricultura e da criação do gado. Ali teriam melhor acomodação para a família e melhores condições de trabalho.

Para Apollonia e Rupert foi muito bom ter os pais morando próximo, pois já tinham alguns filhos pequenos e Apollonia continuava cuidando das vacas leiteiras, trabalhando na produção de queijos e também na lavoura.

Nos fins de semana todos passaram a frequentar a igreja de Bad Aibling e sempre que podiam participavam de boas festas promovidas no vilarejo.

Viviam felizes, pois tinham bom patrão, muito trabalho, nunca faltava nada e a família estava sempre reunida.

Trostberg e Rosenheim – Alemanha

Os dois municípios, Trostberg e Rosenheim, estão muito próximos e ficam em *Oberbayern*, que é um dos dezesseis estados federais da Alemanha, localizado ao sudeste do país, sendo o maior estado alemão. É a região da *Baviera* que em latim é *Bavária* e em alemão é *Bayern*.

Alemanha - Munique (München) e o estado de Oberbayern



Mapa da Alemanha, com o estado de Oberbayern a sudeste.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Baviera>

A capital do estado de *Oberbayern* e maior cidade do estado é *Munique*, que em alemão é *München*, a terceira maior cidade da Alemanha. O estado faz fronteira com a *Áustria* a sudeste, com a *República Checa* a leste e com o *lago de Constança* a sudoeste.

CAPÍTULO 02

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – 1911

Pai de Apollonia fica cego de um olho

Joham era muito trabalhador, pessoa tranquila e fácil de lidar.

Não se sabe bem o que aconteceu, mas uma vez num desentendimento com o rapaz que namorava uma de suas filhas acabou acontecendo o pior. Pode ter sido por ciúmes ou por uma palavra mal interpretada.

Na discussão, o rapaz lançou uma pedra amarrada em um lenço com tanta força que acabou acertando um dos olhos de Joham.

Apesar de ter sido socorrido logo em seguida e ter feito vários curativos, não teve jeito e acabou perdendo a vista atingida, ficando cego de um olho.

Rupert cai da bicicleta

Certo dia Rupert resolveu ir até *Munique* de bicicleta.

Teria de pedalar 56 km, gastando, aproximadamente, 3h na ida e o mesmo tempo na volta. O percurso de bicicleta tinha alguns atalhos e encurtava a distância em uns 3 km.

O melhor caminho para *Munique* de bicicleta era sair em direção a Bad Aibling, pegar a estrada em paralelo ao rio Mangfall até a pequena cidade de Hammer, seguir para Grosshelfendorf, depois para Brunnthal e finalmente chegar a *Munique*. Naquele dia o tempo estava bom e então aproveitou e saiu bem cedo de casa.

Foi sozinho.

Em *Munique*, andou um pouco por lá, fez pequenas compras, tomou vários chopes e quando resolveu voltar já estava escurecendo.

Chegou em sua casa com dores no corpo, com a calça um pouco suja e todo ralado. Então não teve como disfarçar e contou para a família que na volta perdeu o controle da bicicleta e levou um belo tombo dentro de um túnel da estrada.

Explicou que o tombo pode ter sido por ter pedalado forte demais, desequilibrado e derrapado na areia solta que tinha na beira da estrada. Mas, depois confessou que tinha tomado alguns chopes e que estava um pouco “*sapecado*”.

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – 1912

Josef, irmão de Apollonia, e sua esposa embarcam para o Brasil

A propaganda do governo brasileiro na Europa incentivando as famílias a virem para o Brasil era bastante forte.

Oferecia passagens de navio para toda a família, terras para plantar, casa para morar, sementes, instrumentos agrícolas e ajuda financeira para o sustento nos primeiros seis meses a um ano, tempo suficiente para começarem a produzir.

Divulgava os objetivos do governo dizendo que queriam povoar o país e desenvolver a agricultura.

O irmão de Apollonia, Josef, que na época tinha 25 anos e estava casado, ficou bastante interessado e como tinha espírito aventureiro, na primeira oportunidade, preparou a documentação, fez as malas e embarcou com a sua esposa no primeiro navio que conseguiu para o Brasil, com destino ao Rio de Janeiro.

Quando desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, foram encaminhados ao *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, município de Resende, Estado do Rio de Janeiro. Lá receberam todos os benefícios prometidos pelo governo.

Apollonia recebia cartas do irmão Josef, dizendo que no Brasil tudo era mais fácil e confirmando que as famílias que aqui chegavam, logo recebiam a casa e as terras prometidas pelo governo.

Também comentava que o trabalho não era tão pesado e que não precisava trabalhar tanto como se trabalhava na Alemanha. Informava também sobre a ajuda financeira recebida mensalmente do governo.

Sempre que escrevia, procurava encorajar os que ficaram na Alemanha para que viessem para o Brasil.

Também dizia que o clima daqui era bem melhor, sem o inverno tão intenso que fazia na Alemanha e sem a neve que caía no período de dezembro a fevereiro lá em Rosenheim.

Trabalhadores na Alemanha

O pai de Apollonia, Joham, além de trabalhar na agricultura, às vezes, trabalhava também em outros serviços do município, principalmente nas entressafras, quando diminuía o serviço na lavoura.

Nessas oportunidades, trabalhou abrindo valas e escavando buracos na construção de infraestrutura do município de Rosenheim. Quando realizava esses serviços, recebia salários do órgão público local.



*Trabalhadores na Alemanha - **Joham**, pai de Apollonia é o segundo da esquerda para a direita, na fileira da frente, sentado.*

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado



*Trabalhadores na Alemanha - **Joham** é o primeiro da esquerda, agachado.*

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – início de 1913

Antes da viagem das famílias para o Brasil



Família de Apollonia ainda na Alemanha.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Até o início de 1913, Apollonia com 28 anos e Rupert próximo dos 31, tinham 5 filhos: Josef, Rupert, Marlin, Joham e Teresa. O filho mais velho tinha um pouco mais de seis anos e a filha mais nova apenas um ano e meio. Apollonia continuava contando com a ajuda de seus pais para cuidar dos filhos, pois dividia o tempo para ajudar nas atividades do sítio. Apollonia tinha 7 irmãos, sendo, nessa época, 3 já casados: Josef, com 26 anos, o que embarcou com a esposa para o Brasil, Maria com 25 e Gropsp com 24. Maria tinha um filho de apenas um ano de idade e Gropsp tinha dois filhos, um menino com 2 anos e uma menina com 1. Os outros irmãos de Apollonia moravam com seus pais: Stefan com 23 anos, Sebastian com 21, Elisabeth, que passou a ser chamada de Elisa, com 16 e Rosa, com 15.

Os dois irmãos, Gropsp e Stefan, estavam no exército e faziam carreira militar. Preferiam o exército porque era um emprego estável e ser soldado era bem melhor do que trabalhar na roça. Também porque, na época, o governo alemão estava incentivando os jovens a fazer carreira e o recrutamento de soldados era bastante intenso para o fortalecimento militar da Alemanha. Sebastian não ingressou no exército por ter uma perna mais curta e mancava um pouco.

No inverno europeu de 1913, após receberem mais cartas de seu irmão Josef, Apollonia e sua família decidiram tentar a vida no Brasil, pois como na Alemanha não eram proprietários de terras e todos trabalhavam como empregados, pelo menos vindo para o Brasil, receberiam todos os benefícios oferecidos pelo governo

brasileiro e trabalhariam por conta própria. Estavam encorajados pelo irmão que escrevia dando boas referências do Brasil, mas também estavam divididos emocionalmente porque nem todos da família viriam para cá. Ficaram apreensivos por ser uma viagem muito longa e demorada e também por terem os cinco filhos ainda muito pequenos. Também estavam preocupados porque Apollonia estava grávida de cinco meses.

Embarcariam para o Brasil as famílias Wagner e Maier. Da família Wagner estaria vindo o Rupert e Apollonia com os cinco filhos pequenos. Da família Maier, viriam os pais de Apollonia, Joham e Cataryna, acompanhados de três filhos, sendo um filho já adulto e as duas filhas adolescentes.

Os dois irmãos de Apollonia que estavam a serviço do exército, Gersp e Stefan, ficariam na Alemanha. Não quiseram deixar o exército por estarem envolvidos nas missões do governo e tinham orgulho de serem soldados alemães. Ficaria também a irmã já casada de Apollonia, Maria.

Todos haviam preparado a documentação necessária e, em 11 de abril de 1913, foram informados que os seus passaportes já tinham sido emitidos. Estavam todos esperançosos e entusiasmados com a viagem.

Arrumaram as roupas em várias malas, incluíram alguns pertences pessoais e se prepararam para a viagem que fariam embarcando no trem em Bad Aibling com destino a *Trieste*, principal porto da Áustria-Hungria, onde iniciariam a viagem de navio para o Rio de Janeiro. O trem era o mesmo que vinha de Munique e passava em Bad Aibling. Sabiam que a viagem de trem para *Trieste* seria longa e difícil, com, aproximadamente, 12h de duração, atravessando os *Alpes Austríacos*. Iriam enfrentar muito frio, pois apesar de ter acabado o período de inverno europeu, ainda tinha muita neve nos picos das montanhas.

Dormiram muito pouco naquela noite porque estavam apreensivos e preocupados com o horário e não viam a hora de iniciarem a viagem em busca dos novos sonhos.

Aiblinger Au (zona rural) - Rosenheim – Alemanha – abril de 1913

Viagem de trem para Trieste – Áustria-Hungria

Era uma quarta-feira, 16 de abril, e apesar de ter feito bastante sol nos dias anteriores, naquela manhã de primavera fazia 12 graus. Stefan e Gersp prepararam duas carroças para levar as famílias de Aiblinger Au até a estação de Bad Aibling, distante a 3 km, com duração de, aproximadamente, 40 minutos. Saíram bem cedo de casa e todos estavam bem agasalhados. A irmã de Apollonia, Maria, já casada, também acompanhou a família para se despedir. As mulheres, as cinco crianças e

as malas foram acomodadas nas carroças e os homens seguiram a pé. Como já era de se esperar, houve muita emoção e pedidos de cuidados, vindos dos dois lados, ou seja, dos que iriam viajar e dos que ficariam na Alemanha. Sabiam que a despedida era para sempre. A parada do trem em Bad Aibling foi rápida e por volta das 8h todos embarcaram. Na época, a locomotiva era a vapor. Estavam todos muito alegres e as crianças maiores quiseram ficar próximo às janelas semiabertas para apreciar a paisagem. A pequena Teresa ficou no colo de sua avó Cataryna. Logo o trem partiu em direção a Traunstein, passando inicialmente por Kolbermoor e pelo centro de Rosenheim. Em seguida cruzou o *rio Inn*, passou próximo ao *lago Simssee* e quando começou a contornar o *lago Chiemsee*, beirando os *Alpes Austríacos*, Rupert e Apollonia recordaram os momentos inesquecíveis da viagem que fizeram a Trostberg, no inverno de 1907, quando visitaram os pais de Apollonia e providenciaram os documentos para o casamento. Depois de Traunstein, passaram por Freilassing, atravessaram a fronteira da Alemanha com a Áustria, chegando a Salzburgo. Já na Áustria, passaram por Hallein, em seguida pelo lugarejo Golling an der Salzach onde começou a subida para os *Alpes Austríacos*, já avistando um pouco de neve. Na parada da estação de Bischofshofen, os que estavam pouco agasalhados foram orientados pelo fiscal do trem que a partir dali o frio seria mais intenso. Em seguida passaram por St. Johann im Pongau e no lugarejo de Lend observaram que desde que entraram na Áustria na cidade de Salzburgo, a ferrovia vinha seguindo ao lado do *rio Salzach*. Nesse momento lembraram e comentaram sobre a aventura de Stefan, irmão de Apollonia, que com apenas 16 anos de idade, na cidade de *Laufen*, 7 anos atrás, atravessou o *rio Salzach* a nado, na fronteira da Alemanha com a Áustria, só para não pagar a taxa de pedágio e lograr os policiais austríacos. Depois de Lend o trem seguiu para o lado oposto do rio, passando próximo à pequena Dorfgastein e depois por Bad Hofgastein, onde já estava bem mais frio.



Tunel entre Bad Gastein e Mallnitz.

Fonte: [https://de.wikipedia.org/wiki/Tauerntunnel_\(Eisenbahn\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Tauerntunnel_(Eisenbahn))

Em seguida, já em Bad Gastein, que fica num vale de alto nível, com elevação de mais de 1 000 m, o trem entrou num túnel bastante longo, que atravessa a cadeia principal dos *Alpes Austríacos*, com um pouco mais de 8 km de comprimento, o mais longo da ferrovia, inaugurado em 1909. Dentro do túnel é onde a ferrovia atinge o ponto mais alto, numa altitude de quase 1 250 m, saindo após alguns minutos, próximo

à pequena Mallnitz, localizada em um vale também de alto nível, a quase 1 200 m

acima do nível do mar. Mesmo com as janelas todas bem fechadas, o frio era bastante intenso. Comentaram que lá fora deveria estar uns 5 graus negativos. Havia nevado muito naquela região nos meses anteriores e a neve cobria desde os picos das montanhas até a beira da ferrovia. Um pouco mais à frente, deu para perceber que o trem começava a descer os *Alpes Austríacos*. Antes de Spitall an der Drau, o trem seguiu beirando o *rio Drava*, acompanhando o contorno de suas curvas, até chegar a Villach e, a partir daí o curso do rio seguiu para outro lado e o trem cruzou a fronteira da Áustria com a Itália, alcançando a cidade de Ugovizza. Em seguida passou pela pequena Malborghetto. Estes dois últimos lugares também estavam cobertos de neve, por serem pontos bastante elevados dos *Alpes*. Depois passaram pelos lugarejos San Leopoldo, Pontebba e Venzone, todos ainda com os picos cobertos de neve. Um pouco mais à frente, a ferrovia já estava num lugar mais baixo dos *Alpes* e a temperatura já estava melhor. Passaram por Gemona, Udine, Palmanova e Monfalcone e finalmente, às 20h, chegaram a *Trieste*. O tempo estava bom e fazia, aproximadamente, 20 graus. Das 12h de viagem de trem, 6h foram pelos *Alpes Austríacos*, ou seja, de Salzburgo, na Áustria, a Gemona, na Itália.

Durante a viagem, para matar a fome, comeram algumas vezes os “*Kartoffelknödel*” (bolinho de batata alemão), também conhecidos por “*Klösse*”, que Apollonia e Cataryna haviam preparado em casa e colocado em uma lata fechada. Mataram a sede com “*Fruchtsaft*” (suco de frutas) e “*wasser*” (água), também trazidos de casa. Em alguns trechos da viagem, por ser muito demorada, as crianças chegaram a dormir um pouco e os adultos tiraram uns cochilos.

Chegaram à estação *Central de Trens de Trieste* muito cansados e precisavam ainda seguir até o porto, cujo embarque no navio estava previsto para o dia seguinte bem cedo. Receberam algumas orientações de funcionários da estação de trem e resolveram pegar um ônibus. Estavam a apenas 4 km de distância do porto. Tiveram algumas dificuldades no transporte das malas e dos pacotes que levavam, mas acabou dando tudo certo. À noite, a temperatura caiu para 15 graus e tiveram que dormir no chão do porto, encostados nas malas e nos bancos.

Trieste – Áustria-Hungria – abril de 1913

Embarque no navio para o Brasil

Na quinta-feira, 17 de abril, logo pela manhã, no porto de *Trieste*, aguardaram o embarque em um navio a vapor austríaco da empresa *Austro-Americana*, com o nome de *Alice*. Tiveram que esperar o embarque dos passageiros de 1ª classe e, em seguida, os de 2ª classe. Depois tiveram ainda que aguardar o embarque dos passageiros austríacos mesmo sendo os de 3ª classe. Não entenderam o motivo,

mas imaginaram que os austríacos tinham prioridade no embarque por ser um porto austríaco. Finalmente, por volta do meio dia, puderam embarcar com os passageiros de 3ª classe de outras nacionalidades. Não tiveram dificuldade na comunicação porque o idioma alemão era a língua oficial da cidade de *Trieste* que, na época, pertencia à Áustria-Hungria (logo após a primeira guerra mundial, *Trieste* passou a pertencer à Itália).

Como as passagens faziam parte do programa oferecido para imigrantes pelo governo brasileiro, foram acomodados com outros passageiros, num amplo dormitório que ficava na parte inferior do navio, o qual ficou superlotado. Apesar da demora no embarque e de pouco espaço e pouca privacidade, Rupert e seu sogro Joham não puderam reclamar. Tinham em mente que o mais importante era que todos estavam cheios de esperança e não viam a hora de o navio iniciar a viagem.

Na parte da tarde, por volta das 16h, ouviram o apito do navio, forte e intenso, e ele zarpou lentamente, deixando para trás o porto de *Trieste*, que se tornava cada vez menor diante dos olhos de todos. Era hora de dar adeus à Europa.



Porto de Trieste – Áustria-Hungria – na época do embarque.

Fonte: <https://twitter.com/italianliners>



Navio trazendo imigrantes - Baía da Guanabara.
Coleção Leopoldino Brasil.

Fonte: <https://www.mii.org.br/index.php?p=leopoldinobrasil>

Ficaram todos juntos na borda superior do navio e, apesar de estarem partindo em busca de novos sonhos, alguns choraram. Com as mãos levantadas para o alto, alguns abanando lenços brancos, junto de outras famílias alemãs e de países vizinhos, deram adeus à Europa. Bem devagar o vapor foi saindo do porto de *Trieste* com destino à *América do Sul*. A empresa fazia a *rota Ouro e Prata*, partindo de *Trieste*, na Áustria-Hungria,

com destino a *Buenos Aires*, na Argentina, com escalas em *Nápoles*, ao sul da Itália, em *Barcelona*, na Espanha e no *Rio de Janeiro*, no Brasil. Na volta com destino a *Trieste*, saía de *Buenos Aires*, na Argentina, com escalas em *Santos e Rio de Janeiro*, no Brasil, em *Almería*, na Espanha e em *Nápoles*, na Itália.

Considerando que a viagem era muito demorada, os que viajavam de 3ª classe também tinham total liberdade para circular pelo navio, principalmente na parte superior onde tinha mais espaço e batia bastante sol. Durante o dia, além de tomar um pouco de sol, o pessoal aproveitava para conversar com alguns conhecidos e fazer novas amizades.

Como no navio viajavam famílias alemãs, austríacas, russas, polonesas, italianas e de outras nacionalidades, só dava para conversar quando eram famílias que falavam a mesma língua. Era muito difícil encontrar alguém de outro país que falasse o alemão, a não ser o austríaco. As poucas trocas de informações com pessoas de outras nacionalidades eram feitas através de mímicas, gestos e algumas outras expressões físicas que, às vezes, até se tornavam engraçadas.

Conhecendo um pouco do navio Alice

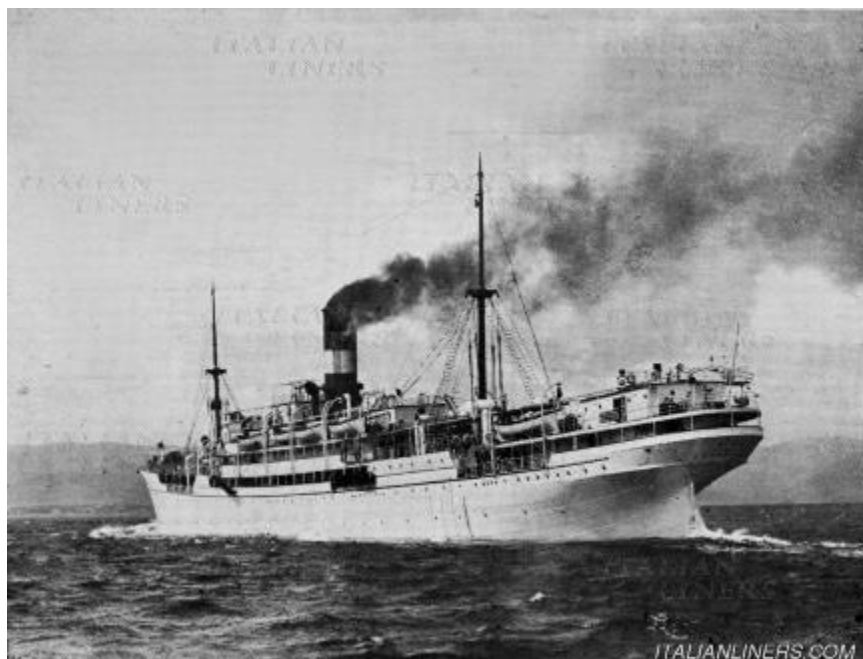
“Um dos principais portos do centro-europeu era Trieste, que pertencia à Áustria-Hungria. Trieste, na época, era um importante entreposto de café e ao mesmo tempo base da frota mercante austríaca.



Rota de Ouro e Prata

Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/rossini/alice.htm>

Os navios pertenciam à frota de cargueiros da armadora Austro-Americana e faziam a Rota de Ouro e Prata (Brasil e Argentina).



Navio a vapor Alice – viagens de 1907 a 1930.

Fonte: <https://twitter.com/italianliners>

A empresa Austro-Americana iniciou o serviço na linha Trieste, Messina, Palermo, Nápoles, Nova Iorque no ano de 1907.

Lançado ao mar em maio de 1907, o Alice realizou sua viagem inaugural em fins de agosto do mesmo ano, entre Trieste e Nova Iorque.

Antigamente a navegação mundial era de navios a vela. Com os navios a vapor, trouxeram maior velocidade e regularidade, com capacidade quatro vezes maior que a de um navio a vela. O conforto e a segurança também melhoraram para os passageiros.

Na ocasião, sua capacidade de passageiros era de 1 625 pessoas em três classes. Suas acomodações para os que viajavam em 1ª ou 2ª classe contavam com cabinas individuais ou duplas, das quais as de luxo possuíam seu próprio banheiro. Os de 3ª classe viajavam em amplos dormitórios instalados nas partes inferiores do navio.

O Alice possuía na área social uma magnífica sala de jantar, que ocupava toda a largura do vapor e, além desta, oferecia todos os outros tradicionais salões: de fumar, de música, de jogos, de conversação e de leitura, todos com móveis de estilo e decorados artisticamente. Após ser vendido para outra empresa, o transatlântico Alice passou a ostentar o nome de Ásia, a partir de 1917.

Seu casco fora dividido em oito compartimentos transversais separados por portas duplas, oferecendo, assim, um aspecto de segurança que não era muito comum em vapores da época. Era também dotado de telegrafia sem fio.

Em sua primeira viagem à América do Sul, seguiu na ida por Nápoles, na Itália, Barcelona, na Espanha, e Rio de Janeiro e na volta, Santos, Rio de Janeiro, Almería, na Espanha e Nápoles, na Itália.

O início do conflito mundial, em julho de 1914, surpreendeu o Alice navegando ao longo da costa brasileira, e seu comandante decidiu buscar refúgio no Porto de Pernambuco (como era então conhecida a atual Recife). Permaneceu bloqueado com outros navios alemães e austríacos que ali navegavam.

Em outubro de 1917, com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Áustria, esses navios passaram para a propriedade do Governo Brasileiro, registrados como propriedade do Ministério da Marinha. O Alice passou então a se chamar Ásia.

Em 19 de setembro de 1920 voltou ao serviço regular no Atlântico e seu fim chegou em maio de 1930. No dia 21, iniciava viagem de Jidá (Arábia Saudita) e Djibuti, com 1 500 peregrinos muçulmanos a bordo, quando um pouco fora da área do porto saudita foi vítima de um incêndio, que não pôde ser controlado pela tripulação.

A ordem de evacuação foi acompanhada de uma situação de pânico entre os passageiros, o que provocou a morte de cerca de 160 pessoas, enquanto o Ásia afundava lentamente nas águas do Mar Vermelho”.

Texto acima extraído do artigo publicado no jornal “A Tribuna de Santos” de 02 de março de 1995 e resumido para esta publicação.

Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/rossini/alice.htm>



*Cidade de **Catânia**, na **Ilha Sicília** – **Itália**, e o **vulcão Etna** ao fundo.*

Fonte: <https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/catania/>

O navio Alice seguiu navegando pelo mar Adriático e em seguida pelo mar Jônico.

Quando passaram próximo à *ilha Sicília*, que pertence à Itália, na altura da cidade de *Catânia*, avistaram o *vulcão Etna*, o mais famoso e o maior da Europa. É o vulcão mais ativo do mundo e está praticamente em constante erupção. Fica entre as províncias de *Messina e Catânia*. Estava um pouco distante e, apesar de estar soltando um pouco de fumaça, estava calmo e silencioso. Dizem que quando o vulcão não está em erupção é porque ele está adormecido. Ficaram durante todo o tempo da passagem do navio próximo à ilha observando o *Etna*, pois nunca tinham visto um vulcão antes. A imagem ficou na memória de todos e foi assunto para toda a viagem.

O navio seguiu viagem e fez a sua primeira parada no porto de *Nápoles*, ao sul da Itália e quando atracava nesse porto, puderam ver bem de perto o *vulcão Vesúvio*, que estava bem adormecido e sem fumaça. Um dos tripulantes do navio contou um pouco da história do *Vesúvio*, dizendo que no *ano de 79 d.C.*, o vulcão teve a maior erupção e resultou na destruição das cidades de *Pompéia e Herculano*. Disse também que o *Vesúvio* é considerado um dos mais perigosos do mundo, devido a sua tendência de erupções explosivas.

Dali, o navio seguiu para *Barcelona*, na Espanha e depois saiu pelo *Estreito de Gibraltar*, avançando pelo *Oceano Atlântico*, em direção à *América do Sul*.

Durante a viagem pelo *Atlântico* ventava muito e o navio balançava tanto que parecia que ia naufragar. As ondas batiam com muita força nas janelas de vidro que ficavam nas paredes laterais do navio. Ficaram apreensivos e rezaram muito para que nada de mal acontecesse e acreditavam que chegariam bem ao destino. Apollonia comentou com Rupert e os filhos sobre o naufrágio do *Titanic*, em abril do ano anterior, 1912, após o choque contra um iceberg no *Atlântico Norte*, causando a morte de mais de 1 500 pessoas, bastante noticiado na época.

Após três dias e três noites de muito medo por causa do mar muito agitado, tudo voltou ao normal. O mar já estava calmo e o navio voltou a navegar em águas mansas.

Apollonia contava que, diariamente, Rupert ia até o porão do navio e levava o filho Rupert dizendo que precisavam ajudar os marinheiros a jogar carvão no forno para produzir mais vapor e assim o navio iria com mais força. Ela sabia que era uma bela desculpa dele para não ficar sem tomar o seu bom chope com os marinheiros, pois sempre voltava de lá um pouco “*sapecado*”.

Para passar o tempo, todo dia pela manhã, o pai de Apollonia, Joham Maier levava as filhas Elisa e Rosa até a parte de cima do navio para ver o mar azul e tomar um pouco de sol. Sebastian, também acompanhava o pai, mas por ser um pouco mais velho que as irmãs, às vezes, ia sozinho em outros horários. Apollonia também fazia o mesmo com as crianças, mas fez poucas vezes, pois além da gravidez de cinco meses, tinha os cinco filhos pequenos para cuidar e preferia ficar num lugar mais seguro que era na parte inferior, no alojamento do navio.

Seguindo pelo *Atlântico*, quando estavam navegando próximo a *Dakar*, no *Senegal*, a oeste da *África*, viram um navio parado muito distante que soltava fogos coloridos, sinalizando para avisar que estavam em dificuldades e precisavam de ajuda. Logo o navio *Alice* se aproximou do navio que pedia socorro e o comandante foi informado que o motor havia quebrado e que os passageiros precisavam seguir viagem.



Navio Sophie Hohemberg

Fonte: <https://twitter.com/italianliners>

Era o navio a vapor austríaco *Sophie Hohemberg* que também fazia a rota *Trieste* a *Buenos Aires*, com escalas. Estava lotado de imigrantes e havia saído do porto de *Trieste* no dia 03 de abril, ou seja, 14 dias antes do vapor *Alice*. Com a autorização dos comandantes, os passageiros passaram para o navio *Alice* e então puderam seguir viagem. Todos os passageiros de 3ª classe foram acomodados na parte inferior do navio, no mesmo alojamento onde estavam as famílias Wagner e Maier e dali para frente, até chegar ao *Rio de Janeiro*, a viagem foi um caos. Todos que vieram do navio *Sophie Hohemberg*, sem exceção, estavam muito sujos e, para complicar ainda mais, cheios de piolhos.

CAPÍTULO 03

Rio de Janeiro - RJ - Brasil – maio de 1913



Rio de Janeiro na época da chegada.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_de_Janeiro

Localização e população

O Rio de Janeiro, às vezes, chamado simplesmente de Rio, capital do estado de mesmo nome, situado no sudeste do país, foi fundado em 1º de março de 1565, com o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro. A capital fluminense sempre foi a cidade brasileira mais conhecida no exterior. É a segunda maior metrópole do Brasil, depois de São Paulo, e conhecida como a “*Cidade Maravilhosa*”. Aquele que nela nasce é chamado de carioca.



1913 - Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, num sábado, à tarde.

Fonte: <https://riodejaneirodehontem.blogspot.com/2015/06/avenida-rio-branco-num-sabbado-tarde.html>

Em 1913, quando aqui desembarcaram, o Rio de Janeiro, na época capital do Brasil, tinha uma população aproximada de apenas 1 milhão de habitantes.

Desembarque no Rio de Janeiro

Quando estava clareando o dia, foi anunciado pelo comandante que o navio já se aproximava da cidade do Rio de Janeiro. Muitos dos imigrantes procuraram a parte alta do navio, pois queriam ver a cidade que já era tão conhecida e comentada lá fora. Lentamente o navio foi se aproximando do continente e parou antes da entrada do porto. Não demorou muito para o comandante receber a bordo um práctico habilitado para aquele porto específico. Dali até atracar no porto do Rio de Janeiro o navio foi conduzido pelo práctico, cujo trabalho era tão lento que durou quase duas horas. Durante todo esse tempo, enquanto o navio se aproximava do porto, todos puderam apreciar a beleza da cidade do Rio de Janeiro. Alguns comentavam que estavam curiosos para saber como era o Pão de Açúcar e ver as famosas praias do Rio. Todos sabiam da existência do *Bondinho do Pão de Açúcar*, o teleférico inaugurado no ano anterior, ou seja, em 1912, sendo o primeiro teleférico instalado no Brasil.

O navio atracou no porto do Rio de Janeiro no dia 09 de maio de 1913, numa sexta-feira, depois de 22 dias de viagem. O desembarque foi rápido e em seguida foram levados direto para a *Agência Central de Imigração*, onde foram registrados e apresentaram a documentação. De acordo com a lista de passageiros, Rupert tinha 31 anos e Apollonia 28. Os 5 filhos tinham as seguintes idades: Josef com 6 anos e 9 meses, Rupert com 5 anos, Marlin com 3 anos e 9 meses, Joham com 2 anos e meio e Teresa com apenas 1 ano e meio. Os pais de Apollonia, Joham com 57 anos e Cataryna também com 57. Os 3 filhos: Sebastian com 21 anos, Elisabeth (Elisa) com 16 e Rosa com 15.

Lista de passageiros do navio a vapor Alice

CL. G. R. N. P. R. T. 13390

AUSTRO-AMERICANA TRIESTE

dos passageiros embarcados por *passageiros* *Wald* *de*

Parte da Lista de Passageiros do **navio Alice**, da frota Austro-Americana.

As duas setas indicam as duas famílias:

Wagner (Rupert, Apollonia, Josef, Rupert, Marlin, Joham e Teresa) e

Maier (Joham, Cataryna, Sebastian, Elisabeth e Rosa).

Lista de Passageiros: documento resgatado junto ao Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) por Maria Beatriz Wagner

O navio *Alice* chegou ao Rio de Janeiro lotado e muitos não desembarcaram porque seguiriam para *Buenos Aires*. No porto do Rio de Janeiro, desembarcaram 136 pessoas que viajaram de 3ª classe, além de outras que vieram de 1ª e 2ª classes. A maioria era de nacionalidade alemã e neste número estão incluídos 17 passageiros que foram socorridos do navio *Sophie Hohemberg* e que viajaram de 3ª classe. Das 136 pessoas, 106 eram subsidiados, ou seja, eram agricultores e tinham sido chamados pela “*Diretoria do Serviço de Povoamento*”. Eram 16 famílias de origem alemã (79 pessoas), 3 famílias austríacas (13 pessoas), uma russa (7 pessoas) e uma italiana (7 pessoas). Dos 106 subsidiados, 75 não pagaram as suas passagens. Nasceram duas crianças a bordo. Uma delas nasceu no navio *Sophie Hohemberg*, antes da baldeação, no dia 19 de abril, após 16 dias de viagem, sendo do sexo masculino e a outra nasceu no navio *Alice*, no dia 07 de maio, ou seja, dois dias antes de chegar ao porto do Rio de Janeiro, sendo do sexo feminino.

Certidão de desembarque da família Wagner



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA / CASA CIVIL
ARQUIVO NACIONAL

CERTIDÃO

Certifico que, da lista dos passageiros da embarcação Alice, que entrou no porto do Rio de Janeiro, em 09/05/1913, procedente de Trieste, arquivada sob a notação RV-170, integrando o fundo documental DPMAF, na Coordenação de Documentos Escritos, da Coordenação-Geral de Processamento e Preservação do Acervo, do Arquivo Nacional, constam o nome de **RUPERT WAGNER**, e os seguintes dados a seu respeito: Número de ordem das passagens: 8 / Numero de ordem das famílias: 3 / Idade: 31, Parentescos com o chefe da família: chefe / Nacionalidad: Aleman / Profissão: Agricultor / Destino: Rio de Janeiro / Observações: [xxx]. Acompanhantes: (nome, idade, grau de parentesco). Apoliana Wagner, Idade: 28 anos, mulher, / Josefe Wagner, Idade: 6 ¼, filho. / Rupert Wagner, Idade: 5 anos, filho. Marlin Wagner, Idade: 3 ¼, filho, Joham Wagner, Idade: 2 ¼, filho, Teresa Wagner, Idade: 1 ¼, filha. Outras informações constantes do documento: [xxx]. Observações: O sinal [xxx] indica ausência de informação no original.

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2003.

Jorge Macieira Souza

Responsável pelo levantamento dos dados
Jorge Macieira Souza datilógrafo-NI-AIII

Mauro Lerner Markowski

Coordenador da Coordenação
de Documentos Escritos do Arquivo Nacional.

Rua Azeredo Coutinho, 77 - Centro 20230-170 Rio de Janeiro. RJ
Tel. (21) 3806-6158 Fax (21) 3806-6159
doc.escritos@arquivonacional.gov.br • <http://www.arquivonacional.gov.br>

Certidão: documento emitido pelo Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) a pedido de Maria Beatriz Wagner

Relatório de desembarque do navio a vapor Alice



CLORPU. PRJ. 13940

INTENDENCIA DE IMMIGRAÇÃO DO PORTO DO RIO DE JANEIRO

2

Em 16 de Maio de 1913 *Scuinte*
 7 (maio) 913 Rio, 4-6-13.
 Sua Intendente *Amor*

Cumpra-me ler as vossas comissões
 que entouz em 9 do corrente, o vapor austriaco "Alice", proce-
 dente de Trieste e escala, com 131 passageiros de 3ª classe, dos
 quaes 106 são subsidiados e introduzidos por Janowitzky W.
 le & C.; estando incluídos neste numero 17, que foram balda-
 dos em Dakar do vapor "Sophie Hochmberg".
 Os subsidiados constituem 16 famílias com 49 pessoas de nacio-
 nalidade allemã, 3 famílias austriacas com 13 pessoas, 1 família
 russa com 7 pessoas e 1 italiana de 1 pessoa.
 Esses imigrantes dizem ser agricultores e havendo residido
 em Berlim, Munique e Podolski.
 Foram chamados pela Directoria do Serviço de Povoamento
 não constando da relação dos escripturados nesta secção, J. J. J. J.
 Gaye e Abraham Dapinno; e a família de Loffe de
 Esplanço, com 6 filhos, chamado em officio sob n.º 5 de 3 de Ja-
 neiro do corrente anno, não constando o seu nome da lista por
 ter embarcado a ultima hora e declarou não ter pago as
 suas passagens.
 Seguirão todos os subsidiados para o Estado do Rio Grande do
 Sul e para as Geras. Havendo duas exanções a bordo.
 Estorociao todos os subsidiados e mais 5 esportivos no

Visto
 Em 4-6-913
M. M. M.

Hospedaria de Imigrantes na Ilha das Flores
 Arthur H. Ferreira
 Intendente
 Sr. Chefe da 3.^a Seção. Passo-vos às mãos
 a presente parte de desembarque de
 imigrantes subsidiados, vindos
 com o vapor Alice e introduzidos
 por Jancowitzer Stahl & Comp.
 Alfredo F. de Oliveira
 Intendente de imigração

**Relatório de desembarque no Porto do Rio de Janeiro e encaminhamento
 para a Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores.**

Relatório de desembarque: documento resgatado junto ao Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) por Maria Beatriz Wagner

Atestado do não pagamento das passagens

Alice Rio 11 13v

Atestado que o imigrante constante da presente lista
 em número de 15 centenas cinco vieram pelo vapor australianos
 "Alice" entrado neste porto em 9 de corrente e declararam
 não terem pago as suas passagens

Rio de Janeiro 16 de Maio de 1913
 Arthur H. Ferreira
 Intendente

VISTO
 Alfredo F. de Oliveira
 Intendente de Imigração

Atestado: documento resgatado junto ao Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) por Maria Beatriz Wagner

Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores

Da Agência Central de Imigração, foram encaminhados para a *Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores*, na Baía da Guanabara, em São Gonçalo, hoje município do Estado do Rio de Janeiro, onde receberam acomodações por alguns dias. Precisaram aguardar a definição das autoridades sobre a colônia para a qual seriam encaminhados. Nessa hospedaria, receberam toda assistência médica, todas as refeições, tomaram seus banhos e cuidaram de suas roupas.

Registro na Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores

Nome	Data	Outros
Rupert Wagner	1902	
Apollonia	1902	
Josef	1902	
Rupert	1902	
Marlin	1902	
Joham	1902	
Teresa	1902	
Joham Maier	1902	
Cataryna	1902	
Sebastian	1902	
Elisabeth	1902	
Rosa	1902	

Registro no livro da ***Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores***.

As duas setas indicam as duas famílias:

Wagner (Rupert, Apollonia, Josef, Rupert, Marlin, Joham e Teresa) e

Maier (Joham, Cataryna, Sebastian, Elisabeth e Rosa).

Fonte: SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional – Rio de Janeiro

Documento resgatado pelo autor.

Conhecendo um pouco sobre a Hospedaria



Embarcações próximas ao atracadouro da Ilha.



Refeitório



Alojamentos



Alojamento Masculino



Alojamento



Secretaria



Gabinete do Diretor



Enfermaria



Enfermaria



Farmácia



Lavanderia

Fonte das fotos da Hospedaria: <https://www.miif.org.br/index.php?p=leopoldinobrasil>

Considerando que eram muitos os imigrantes que desembarcavam diariamente e chegavam à hospedaria, o processo de análise e definição de destino das famílias era um pouco demorado.

As duas famílias, Wagner e Maier, ficaram 13 dias na hospedaria aguardando a definição e finalmente em 22 de maio de 1913, numa quinta-feira, foram encaminhadas para o *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, município de Resende, Estado do Rio de Janeiro, a mesma colônia onde estava o irmão de Apollonia que tinha vindo para cá um ano antes.

Visconde de Mauá – Resende - RJ – maio de 1913

Localização e população

Visconde de Mauá era um vilarejo muito pequeno, com uma população naquela época de, aproximadamente, 900 habitantes. Está localizado no alto da *Serra da Mantiqueira* na divisa com o *Parque Nacional de Itatiaia*. Fica na divisa dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, distante 36 km de Resende. Pertence como distrito ao município de Resende, que está localizado no sul do estado do Rio de Janeiro. A população de Resende naquela época era de, aproximadamente, 22.000 habitantes.

Núcleo Colonial Visconde de Mauá

Quando eles chegaram ao *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, receberam as terras para a agricultura e duas casas de tábuas, uma para cada família, conforme as regras estipuladas e prometidas pelo governo brasileiro.

O *Núcleo Colonial Visconde de Mauá* foi criado em 1908, quando o governo federal comprou terras no local para receber os imigrantes europeus. Nessa época a região recebeu milhares de imigrantes europeus atraídos pelo clima de montanha e

o sonho de uma nova vida. A região atraiu suíços, alemães, austríacos, portugueses, franceses, espanhóis, poloneses, húngaros e russos.

Naquela época existiam núcleos coloniais instalados pelo governo brasileiro, onde os imigrantes recebiam terras e moradia. Mas existia também a alternativa de os imigrantes trabalharem nas fazendas de café recebendo salário e, às vezes, um pedaço de terra para cultivar seu próprio plantio. Os homens que contratavam os imigrantes vinham até a hospedaria e forneciam meios para a locomoção das pessoas, muitas vezes famílias inteiras. Estes intermediadores eram chamados de “*gatos*”.

A imigração foi incentivada pelo governo brasileiro principalmente após a libertação dos escravos em 1888, substituindo a mão-de-obra escrava pela dos imigrantes europeus, passando a contratar cada vez mais estrangeiros, sobretudo alemães, suíços e portugueses.

A necessidade de mão-de-obra era grande nos anos que sucederam, incluindo 1913, quando as famílias Wagner e Maier vieram para o Brasil.

Além do incentivo dado pelo governo aos imigrantes, a imigração alemã no Brasil ocorreu principalmente devido aos problemas sociais que ocorriam na Europa e a fartura de terras no Brasil.

O governo brasileiro formou *Núcleos Coloniais* e assumiu integralmente todas as responsabilidades com os empreendimentos, desde a propaganda no exterior, passando pela garantia das passagens de navio dos imigrantes, suas estadas, transportes até os núcleos, instalação provisória, sustento nos primeiros seis meses a um ano de localização e adaptação, distribuição de instrumentos agrícolas e sementes, até conseguirem produzir. Era também responsabilidade do governo a demarcação de lotes e terras, construção e manutenção das estradas.

Agora que já estavam aqui e tinham recebido as terras e a casa que tanto sonharam, estavam felizes e prontos para o início da nova etapa de suas vidas. Iriam plantar por conta própria, seriam independentes, estavam motivados e tinham de tudo para dar certo. No entanto, nas primeiras semanas que aqui estavam, foram surpreendidos com uma doença nas crianças. Três delas, as mais novas estavam com uma infecção viral contagiosa que causava dificuldade para respirar, rouquidão e tosse forte, ou seja, estavam com “*crupe*”. Tinham uma tosse que se assemelhava ao latido do cachorro. Esta doença era mais comum em crianças de 1 a 6 anos de idade. Não sabiam o que fazer e, na época, nem os médicos conheciam a doença. O estado de saúde das crianças foi piorando rapidamente e em apenas uma semana perderam 3 dos 5 filhos. Morreram as 3 crianças mais novas: Marlin com 3 anos e 9 meses, Joham com 2 anos e meio e Teresa com apenas 1 ano e meio. Josef, o mais velho, também chegou a ficar doente, mas resistiu e foi curado. Ficaram apenas com o Josef com 6 anos e 9 meses de idade (que passou a ser chamado de José) e Rupert com 5 anos (que passou a ser chamado de Roberto).

As duas famílias ficaram desesperadas e tinham muita dificuldade para resolver os problemas que surgiam por não falarem a língua portuguesa.

Apollonia não queria mais ficar no Brasil e pediu para que providenciassem a volta da família para a Alemanha o mais rápido possível. Rupert foi até a casa dos imigrantes e explicou o que havia acontecido, mas foi orientado para aguardar alguns dias por causa do conflito que estava começando na Europa. Realmente, em 1913, já havia conflito entre os países Europeus, mas o governo brasileiro usava essa desculpa para segurar as famílias aqui e também porque eles tinham acabado de chegar. Havia restrição da parte do governo quando se falava em pagar passagens de volta. O tempo foi passando e as famílias não tinham notícias sobre a possibilidade de voltar para a Alemanha e o jeito era aguardar mais um pouco.

No *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, em 08 de agosto de 1913, ou seja, 3 meses após o desembarque, nasceu mais um filho de Apollonia e Rupert que recebeu o nome de João Wagner, o mesmo nome de um dos filhos que havia falecido recentemente, o Joham.

Após um ano trabalhando nas terras que receberam, ainda tinham esperança de que as coisas melhorassem na Europa e então pudessem voltar. Mas, com pouco dinheiro, ainda teriam de ter a autorização e o pagamento das passagens de volta pelo governo.

CAPÍTULO 04

Europa – julho de 1914

Início da Primeira Guerra Mundial



Guerra de Trincheiras

Fonte: Internet

Em julho de 1914, para complicar ainda mais a situação, tiveram a notícia de que havia ocorrido um atentado contra o *Arquiduque Francisco Ferdinando* e sua esposa, da Áustria-Hungria, quando faziam uma visita a *Sarajevo*, uma cidade da Bósnia, submetida pelo Império Austro-Húngaro. Um estudante chamado Gavrilo Princip, jovem bósnio de origem sérvia, ligado a um forte movimento nacionalista foi quem recebeu a incumbência de eliminar a tiros *Francisco Ferdinando*, o príncipe herdeiro a quem caberia suceder ao *Imperador Francisco José* da Áustria-Hungria.

Apollonia e Rupert acreditavam que era mais uma notícia como as outras notícias que chegavam da Europa e tudo acabaria se resolvendo logo.

O atentado ocorreu no dia 28 de junho de 1914 e serviu apenas de pretexto que acabou preparando o palco para a *Primeira Grande Guerra*, iniciada no mês seguinte, em 27 de julho, quando o *Império Austro-Húngaro* declarou guerra à *Sérvia*.

Grosp e Stefan na Guerra

A preocupação de Apollonia era grande por causa dos dois irmãos, Grosp e Stefan, que estavam no exército alemão e a Alemanha já estava em guerra. Ficaram sem notícias dos dois irmãos e da irmã Maria que também ficou na Alemanha. Apollonia continuava escrevendo buscando notícias, mas as cartas eram abertas na triagem, censuradas e não chegavam ao destino.



Grosp Maier

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Grosp estava com 25 anos e tinha 2 filhos, Kasper com apenas 3 anos e Anni com 2. Numa das tentativas de conseguir notícias, Apollonia recebeu uma resposta informando que o irmão *Grosp*, quando lutava nas trincheiras alemãs, tinha sido ferido acima de uma das coxas por estilhaço de granada e estava hospitalizado. Encontrava-se em tratamento e se recuperava bem. Os médicos acreditavam que em poucas semanas ele teria alta e voltaria para as frentes de batalha.



Stefan Maier

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Stefan estava com 24 anos, era solteiro e também estava na guerra.

Contava que quando chovia as trincheiras eram inundadas e os soldados tinham de lutar, comer e dormir com os uniformes encharcados. No rigoroso inverno europeu, as trincheiras ficavam alagadas, cheias de lama, com água muito fria e que chegava a bater nos joelhos. Para não dar reumatismo e não congelar as pernas, os soldados ficavam em movimento o tempo todo, correndo de um lado para o outro.

A maior parte da comida era enlatada.

“Nessas trincheiras, todos passavam frio e fome. Sentiam muito cansaço, tinham febre, faltava higiene e era de muito sofrimento. Dormiam no chão enrolados em suas capas e eram despertados constantemente pela passagem de ratos, sapos e insetos. Também tinha muito piolho.

Quando o solo estava molhado, era impossível deitar-se e então os soldados dormiam sentados, encostados uns nos outros.

Acompanhando as trincheiras, a alguns metros do parapeito, o chão era coberto de arame farpado, enrolado em espiral, separando a trincheira das primeiras linhas inimigas.

As doenças contraídas nas trincheiras eram a ‘febre de trincheira’, reconhecida por fortes dores no corpo e febre alta e o ‘pé de trincheira’, que era uma espécie de micose que poderia resultar em gangrena e amputação. No inverno, a temperatura chegava a 20 graus negativos, a chuva transformava a terra em lama e os parasitas grudavam ao corpo dos soldados. As condições de higiene eram das piores, pois os soldados se lavavam com a água que corria nas trincheiras e mal podiam se barbear.

Lutavam e até mesmo dormiam na lama. Enfrentavam o pesadelo das granadas atiradas pelo inimigo e que caíam próximo às trincheiras e o fogo das metralhadoras escondidas em algum lugar estratégico.

O cheiro era horrível por causa dos corpos de combatentes mortos e que não poderiam ser descartados por causa do inimigo, ficando em estado de decomposição. Isso fazia crer que se muitos não morriam pelas forças inimigas, morriam pelas doenças. A alimentação era escassa. Não havia como tomar banho e era difícil manter a higiene. Dormia-se muito pouco. A média de sono, a cada 24h, era de duas horas e meia. A saudade de casa era grande e havia muito medo de não haver o amanhã. A Grande Guerra ficou conhecida e marcada pela ‘luta de trincheiras’. Diziam os soldados das trincheiras ‘se é que existe inferno, sem dúvida nenhuma o inferno é aqui’.”

Fonte: histórias das trincheiras na Primeira Guerra Mundial na Internet

Trégua de Natal de 1914

“Um fato curioso aconteceu no Natal de 1914. Em plena Primeira Guerra Mundial, soldados ingleses e alemães, deixaram as trincheiras e fizeram uma trégua. Na região de Ypres, Bélgica, soldados alemães decoraram suas trincheiras com velas, enfeitaram algumas árvores para o Natal e cantaram canções natalinas. Tudo aconteceu de uma forma natural e espontânea, quando alguns soldados subiram até o parapeito da trincheira, desarmados, e gritaram ‘Feliz Natal’, e então um dos soldados da outra trincheira fez a mesma coisa. Em seguida começaram a andar uns na direção dos outros e, quando se deram conta, todos estavam fazendo a mesma coisa. Em tão pouco tempo, a ‘terra de ninguém’,

espaço entre as duas trincheiras inimigas, estava ocupada por centenas de soldados, britânicos e alemães, todos misturados, tentando se comunizar uns com os outros com frases do tipo: ‘Eu, Robert, e você?’.



Soldados ingleses e alemães jogam futebol na trégua do Natal de 1914.

Fonte: <https://extracampo.com.br/2018/12/26/quando-o-futebol-parou-uma-guerra-no-natal/>

Durante seis dias, eles enterraram seus mortos, trocaram presentes e jogaram partidas improvisadas de futebol na ‘terra de ninguém’. Dessas partidas improvisadas, uma ficou mais séria, pois formaram dois bons times e então jogou Grã-Bretanha contra Alemanha. Os alemães derrotaram os britânicos por 3 a 2. A vitória suada foi cercada de polêmica: o terceiro gol alemão teria sido marcado em posição irregular (o atacante estava impedido) e a partida, encerrada depois que a bola – esta de verdade, feita de couro – furou ao cair no arame farpado.

Nos encontros, os soldados trocaram saudações de Natal da melhor forma que podiam. Eles começaram a dar presentes uns aos outros sob a forma de lembranças, cigarros e alimentos como carne, vinho, conhaque, pão preto, biscoitos, presunto e até mesmo barris de cerveja. Eles mostraram fotografias da família, da namorada e de entes queridos que estavam em casa”.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/tregua-natal-1914-historia.phtml>

De acordo com a história da *Primeira Guerra Mundial*, muitas foram as batalhas nos quatro anos de conflito e não se tem informação de quais as frentes estavam os 2 irmãos de Apollonia, *Grosp* e *Stefan*. Sabe-se que, pelo tamanho das batalhas, a maioria dos soldados alemães foi escalada para as frentes de *Verdum* e *Somme*, ambas na França, as duas consideradas de peso. Além dessas duas frentes, as

quatro batalhas de Ypres, na Bélgica, também contaram com grande número de soldados alemães. Portanto, podemos dizer que é grande a probabilidade de Grosp e Stefan terem participado das batalhas de Verdun, Somme e Ypres ou de pelo menos de uma delas.

Batalha de Verdun - França

“A batalha de Verdun colocou frente-a-frente o exército alemão e as tropas francesas, de 21 de Fevereiro a 18 de Dezembro de 1916, num terreno cheio de elevações, localizado ao norte da cidade de Verdun, às margens do Rio Meuse, nordeste da França. Em apenas 10 meses de batalha, as baixas ultrapassaram 714 000 homens, sendo 377 300 do lado francês e 337 000 do lado alemão, entre mortos, feridos e desaparecidos.

Essa guerra tinha como armas: minas, redes de arame, metralhadoras, canhões, gás tóxico e lança-chamas. Além dessas armas, é claro que os soldados carregavam seus fuzis e granadas. O dia a dia dos combatentes era péssimo, pois a higiene era das piores, estavam sujeitos a pragas, parasitas, ratos e ratazanas. No meio das duas trincheiras existia a chamada ‘terra de ninguém’, cobiçada pelos dois exércitos que ao avançar poucos metros se deparava com muito arame farpado o que dificultava a batalha. Era na ‘terra de ninguém’ que a maioria dos soldados morria”.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Verdun

Batalha de Somme - França

“A batalha de Somme ocorreu de 01 de julho a 18 de novembro de 1916, em paralelo à batalha de Verdun, quando os alemães se opuseram a britânicos e franceses às margens do Rio Somme, na França.

Na verdade a ofensiva anglo-francesa para romper as linhas de defesa alemãs, foi uma manobra de guerra da França, cujo objetivo era desafogar o peso das forças alemãs sobre Verdun, palco dos combates mais violentos até então.

A violência dos combates na região do Rio Somme fez as perdas para ambos os lados ultrapassar as perdas da batalha de Verdun. Foi uma das operações militares mais violentas da história da humanidade. Em apenas 5 meses de combate, as baixas ultrapassaram 1,1 milhão de vítimas, sendo 620 mil do lado dos Franceses e Grã-Bretanha e 500 mil do lado da Alemanha, entre mortos, feridos e desaparecidos.

Das batalhas da Primeira Guerra Mundial, esta foi a que parecia o ‘inferno sem fim’ e o ‘pior pesadelo’ para os soldados de ambos os lados”.

Fonte: <https://super.abril.com.br/historia/batalha-do-somme-o-pior-pesadelo/>

Grosp e Stefan no Exército da Bavária

Considerando que a família Maier morava no *Estado de Oberbayern*, localizado a sudeste da Alemanha, tudo indica que *Grosp* e *Stefan* prestaram o serviço militar no *Exército da Bavária*.

Apenas como curiosidade, os registros indicam que o futuro ditador *Adolf Hitler*, em 1914, com 25 anos de idade, ainda como soldado, enfrentou o batismo de fogo na dura batalha de *Ypres*.

Em 1916, com 27 anos, juntou-se ao *16º Regimento de Infantaria da Bavária*, lutou na *Batalha de Somme*, na França e foi ferido com um tiro na perna em 07 de outubro, sendo internado num hospital perto de *Berlim*. Após alguns meses de recuperação e na reserva em Munique, em março de 1917, volta à frente de batalha como cabo. Nunca foi promovido além de cabo, que era a patente mais alta oferecida a um estrangeiro no exército alemão à época. Ele não podia ocupar uma graduação superior e nem mesmo comandar qualquer agrupamento de soldados, por menor que fosse, por não ser um cidadão alemão. *Hitler* nasceu em *Braunau*, na Áustria, exatamente na fronteira com a *Bavária*. Na noite de 14 de outubro de 1918, estava de novo em *Ypres*, quando sofreu um colapso devido ao ataque dos ingleses com “*gás mostarda*” lançado contra uma trincheira, perdendo a visão por algum tempo, sendo internado num hospital perto de *Stettin*, na Polônia. No mês seguinte terminou a guerra.

Diante desses registros, podemos arriscar dizer que é grande a probabilidade de os dois irmãos de Apollonia, *Grosp* e *Stefan*, terem lutado ao lado do futuro ditador *Adolf Hitler*, numa dessas batalhas, quando este era soldado ou cabo. Se isso realmente aconteceu, mal sabiam eles que estavam ao lado de um desequilibrado mental que se tornaria o maior líder do regime nazista alemão, que perseguiria alguns grupos minoritários, principalmente os judeus e seria o responsável pelo extermínio de seis milhões deles durante a *Segunda Guerra Mundial*, o que se tornou conhecido como “*Holocausto*”.

Nos primeiros anos da *Primeira Grande Guerra*, Apollonia e Rupert acompanharam as notícias que chegaram e ficaram na expectativa de surgir uma oportunidade de voltar para a Alemanha, mas quando souberam que a guerra se intensificou e se estendeu a outros países europeus, foram perdendo as esperanças e o jeito foi ficar por aqui.

CAPÍTULO 05

Visconde de Mauá - Resende - RJ – 1914

O assassinato

No *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, onde moravam, nos fins de semana, era costume os homens saírem para conversar com os conhecidos e tomar cerveja nos bares das imediações. Certo dia, Rupert com seu sogro Joham Maier e seu cunhado Josef Maier, o irmão de Apollonia que tinha vindo para cá um ano antes da família, foram até o bar mais próximo, onde sempre frequentavam. Estavam todos muito bem vestidos, usando terno e gravata, bons sapatos e chapéu, o que era moda na época. Quando chegaram ao bar, encontraram lá alguns negros, que sem muita conversa foram cercando os três, chamando-os para briga. Eles estavam muitos furiosos, revoltados e agressivos. Portavam pedaços de pau e uma foice. Gritavam algumas palavras, mas era difícil entender o que diziam. Apenas entenderam que o motivo era que os negros ficaram sabendo que o Josef Maier os havia chamado de “*affe*” em alemão, ou seja, “*macaco*”. Não demorou muito para começar a maior confusão em frente ao bar. Os três foram atacados covardemente, sem muita condição de defesa. Rupert levou pancadas na cabeça, mas escapou e foi socorrido em um hospital da cidade. Joham Maier que carregava uma faca na cintura, também conseguiu escapar sem muito ferimento. Mas Josef Maier não teve a mesma sorte. Por ser o mais visado pelos negros, Josef levou uma pancada muito forte na região frontal da cabeça, que foi dada com o dorso de ferro da foice, vindo a falecer ali mesmo na rua. Josef tinha apenas 27 anos de idade. Quando a polícia chegou, os negros já tinham fugido e ninguém foi preso. Apollonia recebeu a notícia com muita tristeza e não acreditava que tudo aquilo estava acontecendo com ela. Já não bastasse a perda dos três filhos pequenos e agora teria de suportar mais o assassinato do irmão.

Após mais esta tragédia e sem o mesmo apoio do governo, que suspendeu os auxílios que recebiam antes e, também, percebendo que aos poucos muitas famílias de imigrantes começaram a deixar as terras por não conseguirem produzir o necessário, Rupert e seu sogro Joham Maier também resolveram deixar a colônia, abandonando as casas e as terras recebidas.

Após trabalharem quase 2 anos na colônia de imigrantes *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, os núcleos coloniais davam sinais de grande fracasso, pois o governo já não cumpria as promessas feitas anteriormente.

Os imigrantes perderam o apoio do governo e tinham apenas duas alternativas. Uma era as famílias retornarem para os seus países de origem, mas sem nenhuma ajuda financeira do governo brasileiro, e a outra era trabalharem nas fazendas de café espalhadas pelo Brasil, ficando a critério de cada família escolher para onde ir e fazer as suas mudanças por conta própria.

A maioria das famílias de imigrantes escolheu ir para o sul do país.

As famílias Wagner e Maier, sem condições de voltar para a Alemanha por problemas financeiros e devido a Europa continuar em guerra, decidiram sair em busca de trabalho nas fazendas de café.

Sabendo que as grandes fazendas de café localizadas na região de *São José do Barreiro – SP* ofereciam muito trabalho e empregavam homens e mulheres, resolveram fazer as duas mudanças, levando poucos pertences.

São José do Barreiro – SP – 1915

Localização e população

São José do Barreiro está localizado no leste do estado de São Paulo, na região de *Bananal*. Recebeu esse nome devido a um trecho “*barrento*” da estrada unido à homenagem a *São José*. Na época, era um povoado com poucas casas e atendido pela *Estrada de Ferro Resende-Bocaina*, que realizava o escoamento do produto advindo das inúmeras fazendas de plantio de café e o transporte de passageiros ao município de *Resende*, no estado do Rio de Janeiro.

Hoje é um município com população estimada em 2019 de 4.147 habitantes.

Núcleo Colonial Bandeirantes

O primeiro percurso de *Visconde de Mauá* em direção a *Resende*, com 38 km de estrada de terra, foi feito em carro de boi passando por *Barro Branco* e *Casa de Pedra*. Em *Resende*, na estação de *Suruby*, embarcaram no trem a vapor (Maria Fumaça) da *Estrada de Ferro Resende-Bocaina*, com paradas nas estações de *Babilônia*, *Estalo* e *Riachuelo*.

Em seguida, após 31 km de ferrovia e 3h de viagem, chegaram à estação de *Formoso*, 8 km antes de *São José do Barreiro*, onde foram recebidos pelo *Núcleo Colonial Bandeirantes*, formado por famílias alemãs, austríacas e polonesas.

O *Núcleo* era composto pelas fazendas *Catadupa*, *Formoso*, *Guanabara*, *Palmeiras*, *Barra* e *Campinho*, fortes no cultivo de café.



Colheita de café

Fonte: <http://museudaimigracao.org.br/imprensa/trabalho-imigrante-em-lavouras-de-cafe-e-tema-de-nova-exposicao-museu-da-imigracao/colheita-do-cafe-theodor-preising-dec-1930-acervo-museu-do-cafe/>

Ficaram, aproximadamente, um ano no *Núcleo Colonial Bandeirantes* e em mais uma entressafra, passaram por mais uma fazenda vindo pelo Vale do Paraíba em direção à capital de São Paulo.

No *Núcleo Colonial Bandeirantes*, em 08 de junho, nasceu mais um filho de Apollonia e Rupert que recebeu o nome de Ludwig Wagner, que passou a ser chamado de Luiz.

CAPÍTULO 06

São Paulo - SP – final de 1916



1916 - Rua 15 de Novembro em São Paulo.

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/551972498057440923>

Localização e população

São Paulo, capital do Estado de São Paulo, foi fundada em 25 de janeiro de 1554 por padres jesuítas.

No final de 1916, quando as duas famílias aqui chegaram, o município tinha apenas 600.000 habitantes. São Paulo era conhecida e ainda é lembrada como a “terra da garoa”. Aquele que nela nasce é chamado de paulistano.

Residência próxima ao rio Pinheiros



Rio Pinheiros na época

Fonte: Internet

Quando chegaram a São Paulo, as duas famílias moraram em uma casa próxima ao *rio Pinheiros*, no bairro hoje conhecido como *Jardins*. O *rio Pinheiros* era muito bonito, de água limpa e com boa quantidade de peixes. Rupert e os filhos tinham ali um viveiro de peixe feito nas margens do rio. As pessoas frequentavam o local como área de lazer e utilizavam barcos e canoas como meios de transportes. Era um lugar muito bem cuidado e com muito verde.

Rupert e seu sogro Joham Maier trabalhavam no serviço de bater estacas nas margens do *rio Pinheiros*. Roberto, o segundo filho de Rupert estava com apenas 8 anos de idade e já ajudava o seu pai a transportar tijolos que vinham de Santo Amaro, navegando de canoa pelo *rio Pinheiros*.

Eram contratados pelo clube alemão, batizado inicialmente como *Sport Club Germânia*, que mais tarde teve que mudar seu nome por determinação do governo durante a *Segunda Guerra Mundial*, tornando-se o *Esporte Clube Pinheiros*.



1917 - Rua São Bento em São Paulo.

Fonte: <https://www.autoclassic.com.br/historia-do-transporte-urbano-no-brasil-secao-curiosidades/>

Casamento das duas irmãs de Apollonia

No início de 1917, as duas famílias continuavam morando em São Paulo. Elisabeth (Elisa) tinha 20 anos e Rosa 19.

As duas estavam namorando dois austríacos, um chamado Francisco e o outro Guilherme. Ambos eram amigos e também moravam em São Paulo.

Logo no início do ano Elisabeth (Elisa) se casou com o jovem Francisco.

Em 28 de julho do mesmo ano, num sábado, Rosa se casou com o Guilherme.

As duas continuaram morando em São Paulo, onde constituíram famílias.

Brasil entra na Guerra



Soldados nas Trincheiras

Fonte: <https://www.cavok.com.br/blog/avioes-de-caca-da-i-guerra-world-war-fighters-dogfight/>

No Brasil, a família de Rupert torcia para que as coisas se acalmassem na Europa, pois aqui o povo brasileiro fazia uma grande campanha contra a Alemanha. Para complicar ainda mais a situação, essa campanha se intensificou após a entrada dos Estados Unidos na guerra em abril de 1917.

Embora o Brasil permanecesse neutro na guerra, em maio de 1917, os submarinos alemães torpedearam um navio brasileiro. Em seguida afundaram mais três dos nossos navios que se encontravam no litoral da França. Com quatro navios afundados, os alemães já tinham passado dos limites e era muita humilhação. Então, finalmente, em 25 de outubro de 1917 o Brasil entrou na guerra. Após ter declarado guerra à Alemanha, ainda tivemos mais dois navios torpedeados pelos alemães. A situação das famílias alemãs aqui era bastante preocupante, pois dali para frente não sabiam como seriam tratados como imigrantes, uma vez que o Brasil estava contra a Alemanha. Para ter uma ideia, o governo brasileiro ocupou os navios alemães que se achavam em nossos portos. A outra preocupação era com a situação dos 2 irmãos de Apollonia e um irmão de Rupert que continuavam lutando nas trincheiras alemãs.



1917 - **Soldados alemães** em território francês no inverno, durante a **Primeira Guerra Mundial** – O assinalado com X é um dos irmãos de **Rupert Wagner**.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

Europa - novembro de 1918

Fim da Primeira Guerra Mundial



Soldados saindo das Trincheiras

Fonte: <https://www.slideshare.net/historiapensante/resumo-primeira-guerra-mundial-19141918-histria-pensante>

Com o término da guerra em 11 de novembro, depois de 4 anos e 4 meses de preocupação com os irmãos, Apollonia e seus pais estavam aliviados. Agora tinham esperança de que eles seriam liberados pelo exército alemão e então poderiam viajar para o Brasil. Apollonia escreveu mais uma carta para eles dando o endereço onde estavam morando em São Paulo. Não demorou muito para receber uma resposta de seu irmão *Stefan* dizendo que ele e o *Grosp* haviam passado a fazer parte da cavalaria alemã e ainda continuariam no exército por mais algum tempo para ajudar nos conflitos que ocorriam nas províncias que eram controladas pela Alemanha, no norte da África. Os jovens alemães, na época, tinham orgulho de pertencerem ao exército alemão porque lá “a guerra era considerada a atividade mais nobre do homem”.

São Paulo – 1918

Frequentando as missas da Igreja de São Bento



Largo São Bento, Mosteiro e igreja de São Bento em São Paulo – na época.

Fonte: <http://garoahistorica.blogspot.com/2014/07/mosteiro-de-sao-bento.html>

Apollonia e sua família, muito católicos, frequentavam a igreja de São Bento, no largo São Bento. Era uma igreja muito bonita com o mosteiro ao lado que tinha acabado de ser construído. Todos costumavam participar das missas aos domingos e não deixavam de se confessar. Num desses domingos, Apollonia comentou com o padre que não lembrava se havia batizado o filho João que já estava com 5 anos de idade. Como precisava batizar o Luiz que havia completado 3 anos, o padre

orientou que batizassem os dois. Aproveitaram e, na dúvida, batizaram os dois de uma só vez e as madrinhas foram as duas irmãs de Apollonia. A Elisa batizou o João e a Rosa batizou o Luiz. Naquele domingo comemoraram com um bom almoço e dose dupla de cerveja.

Rupert em outros trabalhos

Após trabalhar algum tempo no clube alemão *Sport Club Germânia*, Rupert resolveu trabalhar em fábrica e arrumou emprego na *Companhia Antártica Paulista*, na Praça da Sé. Às vezes, reclamava para a família que dentro da companhia onde trabalhava era muito frio e dava reumatismo nas pessoas. Mesmo assim trabalhou lá alguns meses. Em seguida trabalhou na construção do prédio dos *Correios* no Vale do Anhangabaú. Saía de casa bem cedo, pegava o bonde rumo ao centro da cidade e por ser época de inverno, nas primeiras horas da manhã garoava muito e o frio era intenso. Dizia que já estava acostumado com o clima bastante frio, pois lá na Alemanha o inverno era bem pior.

Ainda em São Paulo, Rupert conheceu um alemão chamado Josef Kluck, caseiro de uma fazenda no município de Conchas, no interior do estado de São Paulo. Como os dois falavam a mesma língua, a comunicação ficou bem mais fácil. O Josef Kluck precisava de pessoas para os serviços da fazenda e como gostou de Rupert, fez o convite para que ele e seu sogro mudassem para lá. A fazenda pertencia a um senhor também alemão que morava em São Paulo. O próprio Josef Kluck se propôs a providenciar as mudanças de Rupert e de seu sogro Joham Maier, que seriam feitas de trem.

CAPÍTULO 07

São Paulo – início de 1919

Mudança para o município de Conchas - SP

Apollonia e Rupert estavam esperançosos, pois acreditavam que agora tudo iria se acomodar e teriam melhores condições para criar os seus filhos que eram quatro: José já com 12 anos, Roberto com 10, João com 5 e Luiz com 3. Da família do pai de Apollonia estavam embarcando para Conchas apenas os seus pais e o irmão Sebastian, com 26 anos. As duas irmãs, Elisa e Rosa, já casadas, continuariam morando em São Paulo. Arrumaram as duas pequenas mudanças e com a ajuda do caseiro da fazenda seguiram para a *Estação Sorocabana – Ituana*.



Antiga Estação Sorocabana – Ituana – Rua Mauá em São Paulo.

Fonte: <https://i.pining.com/originals/6c/39/03/6c390393a94235e6d0927b5da8c1a1b5.jpg>

Chegaram bem cedo à estação, compraram os “bilhetes”, pagaram as taxas de transporte e com a orientação do chefe da estação, dois funcionários se encarregaram de despachar as mudanças. As mudanças se resumiam em apenas algumas camas, colchões, uma mesa com cadeiras, pequenos baús e as malas de roupas. O trem era bem extenso, com locomotiva a vapor, que ficou conhecido na época como “*Maria Fumaça*” por causa da densa nuvem de vapor e fuligem expelida por sua chaminé. Chamavam também o trem pelo apelido de “*Balduína*”. As irmãs de Apollonia, Elisa e Rosa, estavam na estação para as despedidas. Logo em seguida, as famílias foram acomodadas em um vagão de passageiros e no horário programado o trem saiu lentamente da estação, ganhou boa velocidade, iniciando assim a viagem para a cidade de Conchas. Comparando com as viagens anteriores que fizeram em carros de boi, acharam a viagem de trem bem mais confortável. Apenas prometia ser muito demorada porque o trem parava em todas

as estações, com muita movimentação para o embarque e desembarque de passageiros. Na época, a *Estrada de Ferro Sorocabana* era muito concorrida por ser usada também para o transporte de café e depois para o transporte de algodão. Às vezes, algumas locomotivas com seus vagões de passageiros precisavam esperar outros trens de carga ou mesmo de passageiros, que vinham em sentido contrário e ocupando a mesma linha da ferrovia, pois ainda não era duplicada em alguns trechos. Demorava também porque tinha diversas *passagens de nível* cortando ruas e quando os trens cruzavam por dentro de algumas cidades e vilas, precisavam diminuir a velocidade. Quem não se lembra do apito prolongado do trem, do sino que ficava batendo nos cruzamentos e das porteiras que se fechavam quando o trem se aproximava das *passagens de nível* e só abriam quando passava o seu último vagão?



Passagem de nível da ferrovia

Fonte: Internet

E as placas de *Pare, Olhe, Escute*? Causava até alguns segundos de suspense nos pedestres ou em quem cruzava os trilhos a cavalo, em carroças e charretes. Precisava parar e ficar em silêncio, prestar muita atenção e ficar de olho na curva da linha férrea.

Em algumas *passagens de nível* não tinha porteira e mesmo assim a parada era obrigatória. Apesar de as viagens serem demoradas, na época o trem era a melhor alternativa que se tinha para viajar, principalmente nos percursos mais longos. O trem fez a sua primeira parada na estação de *Osasco* e depois em

“Baruery”. Logo no início da viagem, entrou no vagão o fiscal do trem, muito bem vestido com um uniforme azul escuro e o quepe da mesma cor. Parecia muito sério e tinha um bigode enorme. Ele vinha de banco em banco, conferindo os bilhetes e com o seu alicate ia picotando um por um. De longe dava para ouvir o barulho do alicate de picotar. Quando chegou próximo aos bancos onde estavam as famílias Wagner e Maier, olhou os bilhetes, picotou todos de uma só vez, não falou nada e seguiu para o outro banco. Foi um alívio, pois era sinal que estava tudo certo. Seguindo viagem, logo o trem parou na estação de *“Mairink”* e depois em *Rodovalho*. Considerando que a viagem era demorada e todos já estavam com fome e sede, resolveram ir até o vagão-restaurante do trem. Acomodaram-se em algumas pequenas mesas bem arrumadas com toalhas vermelhas, comeram alguns salgadinhos e mataram a sede com sucos e água.



Rótulo da cerveja Fidalga

Fonte: <http://grandecervejeiro.blogspot.com/2010/05/o-primeiro-da-brahma-cerveja-pilsener.html>

Rupert, seu sogro Joham e o cunhado Sebastian aproveitaram e tomaram algumas cervejas da *Cervejaria Brahma*. Ficaram ali sentados e conversando sobre a Alemanha e o período que trabalharam na colônia dos imigrantes em Visconde de Mauá, no estado do Rio de Janeiro. Em um pouco mais de uma hora, tomaram umas cinco ou seis garrafas da cerveja *Fidalga*, que era muito popular na época e de boa

qualidade. Na estação de *Sorocaba* o tempo de parada foi bem maior porque teve baldeação de passageiros que vinham em um trem de outro ramal. Em seguida veio a estação *George Oetterer* (antiga *Villeta*), a de *Ipanema-Velha* (município de Iperó) e depois a estação de *Santo Antônio* (também em Iperó). Passaram em seguida pela de *Boituva*, *Cerquillo* e *Jumirim*. Todas com uma rápida parada. Depois parou na estação de *Maristela* (Laranjal Paulista), na de *Pereiras* e, finalmente, chegaram à estação de *Conchas*.



Mudança e viagem de trem para Conchas- SP.

Fonte: Internet

A viagem demorou mais de 7h e quando desembarcaram na estação de Conchas, já era um pouco tarde e ainda precisavam levar as mudanças até a fazenda, a alguns quilômetros dali.



Início da década de 1930 - Conchas.

Foto: acervo pessoal de Paulo Nunes

Localização e população

Conchas está localizada no interior do Estado de São Paulo, a 182 km da capital, seguindo por uma rodovia, num pequeno percurso, até o município de Cesário Lange e depois, num maior percurso, pela *Rodovia Presidente Castelo Branco*, até a capital.

Em 1919, quando ali chegaram tinha, aproximadamente, 9.700 habitantes.



Estação Ferroviária antiga de Conchas

Fonte: <https://www.estacoesferroviarias.com.br/c/conchas.htm>

Logo que desembarcaram na estação de Conchas, Rupert e Joham procuraram o chefe da estação para receberem as suas mudanças. A mudança de Rupert já estava em uma sala da estação e logo foi liberada. Quanto à mudança de seu sogro, após a conferência do comprovante de transporte, foram informados que a mesma tinha sido despachada para a cidade de Conchal - SP, próximo à cidade de Limeira. Aconteceu que na estação de São Paulo, na hora de registrar a cidade de destino,

Joham que tinha o sotaque um pouco carregado, deu a entender Conchal. Mas, o chefe da estação de Conchas reconheceu que também houve erro do funcionário da ferrovia que despachou a mudança, porque não tinha nenhuma ferrovia que passava na cidade de Conchal. O chefe da estação de Conchas ficou de localizar a mudança de Joham e disse que provavelmente teria seguido para a cidade de Limeira, por onde passa uma ferrovia, a apenas 50 km de Conchal. Outra possibilidade era a mudança de Joham não ter saído da estação de São Paulo, por terem constatado logo em seguida que não tinha ferrovia para Conchal. O jeito foi registrar o extravio e fazer o pedido para trazerem a mudança para Conchas. Esse mal-entendido deu a maior dor de cabeça para Joham, pois ele precisou fazer várias reclamações na estação ferroviária de Conchas para conseguir recuperar os seus móveis e as malas, o que demorou mais de 6 meses.

No dia do desembarque na estação de Conchas, a mudança de Rupert foi acomodada em um carro de boi e com a ajuda do caseiro Josef Kluck seguiram até a fazenda. A estrada era longa, de terra e areia, cheia de pedras em alguns trechos e com boas subidas. Quando chegaram à fazenda já era noite. A fazenda ficava próxima aos sítios dos Marques e do Inocência Bertin, fazendo divisa com o bairro do Varjão. Tiveram muita sorte, pois fazia tempo bom, o céu estava estrelado e a lua cheia brilhava iluminando toda a parte externa das casas onde iriam morar, o que facilitou para descarregar a mudança de Rupert. Acenderam alguns lampiões e lamparinas a querosene para iluminar dentro da casa. As casas que lá já existiam eram de *pau-a-pique*, conhecida também como *casa de barro* ou de *taipa*. Como a família de Joham ficou sem a mudança, o senhor Josef Kluck emprestou algumas camas, colchões, um guarda-roupa e uma mesa com cadeiras da própria fazenda, até recuperar a mudança extraviada. O problema maior foi com relação às roupas que estavam nas malas e por algum tempo precisaram emprestar algumas peças de roupa de Rupert e Apollonia e também comprar algumas nas lojas da cidade de Conchas.

CAPÍTULO 08

Fazenda próxima ao bairro do Varjão – Conchas – 1919 a 1921

Na fazenda, o que não faltava era trabalho, pois tinha, aproximadamente, 400 alqueires com boa plantação de café e algodão. As duas famílias, Wagner e Maier, moraram em casas vizinhas e, Apollonia, além de cuidar de sua casa, ajudava a esposa do caseiro Josef Kluck nos serviços da casa do dono da fazenda. Como ela também era alemã, isto facilitava o contato das duas, mas, em contrapartida, Apollonia acabava não aprendendo a falar a língua portuguesa.

Além dos 4 filhos, Apollonia tinha os seus pais e seu irmão Sebastian morando por ali. Apenas sentia saudade dos irmãos *Grosp* e *Stefan* e da irmã *Maria* que continuavam na Alemanha, bem como das duas irmãs, Elisa e Rosa, que ficaram em São Paulo.

Depois de pouco tempo morando na fazenda, em 04 de junho de 1919, no dia que Rupert completava 37 anos, nasceu mais um filho, que recebeu o nome de Guilherme Wagner.

O saci-pererê

Por volta de 1920, Luiz com 5 anos de idade, costumava brincar próximo a um riacho que passava beirando a plantação de algodão. Numa tarde, após uma rápida chuva, viu uma enorme “*borboleta azul*” voando para cá e para lá. Nunca tinha visto uma borboleta tão grande e bonita como aquela. Resolveu segui-la e após correr atrás da mesma por mais ou menos 150 metros, percebeu que já estava no meio da plantação de algodão. Quando estava quase pegando a borboleta, de repente ela se transformou num pequeno negrinho de uma perna só, que parecia ter um gorro vermelho na cabeça e um cachimbo na boca. Ele tinha, aproximadamente, um metro de altura. Era um *saci-pererê* que olhava para ele, pulava muito e ria sem parar. Nessa hora, não quis conversa e com muito medo, “*salve-se quem puder!*” Deu meia volta, saiu correndo sem olhar para trás e nem sabe como encontrou o caminho de volta para casa. Quando entrou pela porta da sala, muito assustado e cansado, com os olhos arregalados, mal conseguia falar. Disse muito rápido num tom bastante baixo e de difícil compreensão que tinha visto um “*menino*” lá no meio da plantação. Seu pai quase não ouviu o que ele disse e ainda para “*ajudar*”, falou: “*ô menino, o que aconteceu? Parece que viu um saci-pererê!*”

Porco manso e ensinado

Ainda na fazenda onde o Josef Kluck era o caseiro, aconteceu um fato bastante curioso e interessante. Sabemos que de todos os animais domésticos, os porcos costumam ser bastante ariscos e de difícil aproximação. No entanto, ali havia um porco gordo bastante manso e ensinado e que ficava solto pela fazenda. Luiz, ainda criança, com apenas 5 anos, montava nesse porco e ia de sua casa até a casa do caseiro, que ficava a mais ou menos 1 km de distância. Brincava um pouco por lá e, em seguida, voltava montado no porco até a sua casa. Às vezes, o próprio porco vinha procurá-lo para ser montado e lá iam os dois no passeio diário, fazendo sempre o mesmo caminho. Um dia de muito calor, o porco saiu do trajeto de costume e de repente entrou numa poça d'água para se refrescar, molhando toda a roupa de Luiz. Ele levou um susto e não sabia o que fazer, pois agora todo molhado, como iria se explicar lá em casa? Ninguém iria acreditar. Mas no final todos acreditavam, pois já conheciam as aventuras do dia a dia dos dois e sabiam que de vez em quando o porco aprontava.

Destruindo armadilhas

Certo dia, Apollonia convidou Luiz, ainda muito pequeno, com apenas 6 anos de idade, para ir a uma capoeira que ficava a uns 100 metros da casa onde moravam, beirando o sítio do português Manoel Marques, para ver o que tinha por lá. Caminharam por vários lugares dentro da capoeira, cruzaram um córrego e num lugar meio escondido encontraram uma armadilha de laço. Essa armadilha era feita com um varão verde comprido que descia envergado até próximo ao chão. Na ponta tinha um barbante amarrado que descia até um cercadinho de taquaras cortadas, feito no chão, onde colocava o laço e prendia a trava para desarmar. Dentro do cercadinho era colocada a quirela de milho e quando desarmava pegava a ave pelo pescoço. Apollonia ficou preocupada e logo desconfiou que a armadilha foi feita para pegar as suas galinhas e, com a ajuda de Luiz, destruiu tudo.

Na verdade, depois descobriram que a armadilha foi feita pelo Antônio Marques, filho do português, para pegar as saracuras que andavam por lá. Mas aí já era tarde demais, pois o estrago já tinha sido feito. Apesar de admitirem o erro, Luiz achou melhor ficar bem quieto e não comentar nada com ninguém.

Em 16 de julho de 1921, nasce mais uma filha de Apollonia e Rupert que recebeu o nome de Maria Wagner (Marre).

Picado por cascavel

Em 1921, as duas famílias continuavam trabalhando na fazenda do alemão onde o Josef Kluck era o caseiro.

Os serviços da lavoura eram pesados e como precisavam muito de mão de obra, contavam com a ajuda de todos da família. Certo dia, todos saíram bem cedo para cortar o mato da plantação de algodão que já estava bem alto. Sebastian, apesar de sempre tomar muito cuidado, descuidou-se um pouco e quando puxou um pedaço de pau com as mãos, sentiu ter sido picado por uma cobra. Ela estava ali bem na sua frente enrolada, batendo o seu guizo e pronta para um segundo bote. Era uma cascavel. Foi socorrido e levado por seu pai em um carro de boi até Conchas, mas na época, por demorar muito para chegar à cidade e por falta de recursos no interior, no dia seguinte veio a falecer. Sebastian tinha apenas 29 anos de idade.

Apollonia contava que seu irmão Sebastian tinha uma perna um pouco mais curta que a outra e mancava um pouco. Disse que quando ele era criança, para evitar que caísse do berço de ponta cabeça, sua mãe Cataryna teve de segurá-lo por uma das pernas, causando o deslocamento de um dos ossos. Por não ter sido tratado na época, acabou ficando manco.

Bremen – Alemanha – março de 1922

Stefan, irmão de Apollonia, vem para o Brasil

Apollonia não perdia as esperanças e mantinha contato através de cartas com seus dois irmãos e sua irmã que ficaram na Alemanha.

No início do ano, *Stefan* já tinha deixado o exército alemão e incentivado pela irmã Apollonia, no dia 25 de março do mesmo ano, com 32 anos de idade, embarcou no navio a vapor *Köln 3*, no porto de *Bremen*, noroeste da Alemanha, com destino ao Rio de Janeiro. Consta da lista de passageiros, como sendo a última residência de *Stefan*, *Kronwitt*, uma zona rural que pertence ao município de *Roding*, localizado no distrito de *Cham*, na *Baviera*, perto da fronteira da *República Tcheca*. *Kronwitt* fica a 163 km de *Trostberg*, cidade natal de *Stefan*, e a 180 km de *Munique*.



Navio a vapor Köln 3

Foto: acervo pessoal de Clara Maier

O vapor *Köln 3* fazia a rota de *Bremen*, na Alemanha, a *Buenos Aires*, na Argentina, com escalas em *Vigo*, na Espanha, e *Rio de Janeiro*, no Brasil.

O navio saiu pelo *Mar do Norte*, atravessou o *Canal da Mancha*, seguiu pelo *Oceano Atlântico Norte* e fez a primeira escala no porto da cidade de *Vigo*, na Espanha. Em seguida continuou navegando pelo *Oceano Atlântico* em direção à *América do Sul*.

Lista de passageiros do navio a vapor Köln 3

O. O. RPD. PKJ. 17845 6

Norddeutscher Lloyd, Bremen. Sit. Pag.

Dampfer Vapor *Köln* am *Março 25* 1900 *Prima 6*
 saída em

J. D. P. 6. 14. 1900. P. 432

Einschiffungs- hafen Porto de embarque Puerto de embarque	Aus-schiffungs- hafen Porto de desembarque Puerto de desembarque	Klasse Plaza que ocupa a bordo Classes I II III IV V	Lasten- Nummer Número de arcos Número de ordens	Fahr- karte No. Número de boleto Número de bilhete	Familienname und Vorname Nombre y apellido Nome por extenso	Alter Edad Idade	Letzter Wohnort Última residencia		
							Ort Lugar Logar	Land País País	Land País País
1	Prima	Prima	191	1902	Brandt Walter	25	Prar	Prusia	
2	"	"	12	1903	Winkel Fritz	20	Wolungwitz	Prusia	
3	"	"	13	1904	Klausen Maria	27	Winkelaken	Prusia	
4	"	"	14	1905	Piets Heinrich	28	Wieda	Prusia	
5	"	"	15	"	Elisabeth	25	"	"	
6	"	"	16	"	Widdegard	2	"	"	
7	"	"	17	1906	Wiedmann Friedrich	32	Musen	Prusia	
8	"	"	18	"	Luise	28	"	"	
9	"	"	19	"	Anna	8	"	"	
10	"	"	100	1907	Ambsch Heinrich	20	"	"	
11	"	"	11	1908	Huber Fritz	31	Augsburg	Prusia	
12	"	"	12	1908	Schwaiger Joseph	42	"	"	
13	"	"	13	1908	Lehmann Ida	21	"	"	
14	"	"	14	1908	Hummer Leopold	29	Friedau	Prusia	
15	"	"	15	1909	Lapin Janis	46	Wenden	Preußen	
16	"	"	16	"	Liedonis	15	"	"	
17	"	"	17	1909	Maier Stefan	32	Wormitz	Prusia	
18	"	"	18	1909	Kelbrock Albert	24	Hildesheim	Prusia	
19	"	"	19	1909	Forman Oscar	27	Norbornen	Prusia	
20	"	"	10	1909	Wegmüller Christian	21	Bern	Schweiz	
21	"	"	11	1909	Kuttenlocher Otto	24	Berlin	Preußen	
22	"	"	12	1909	Sarpour Hermann	46	Idar	Prusia	
23	"	"	13	1909	Brachmann Emil	33	Hamburg	Hamburg	
24	"	"	14	1909	Thunemann Eugen	22	Wiesbaden	Preußen	
25	"	"	15	1909	Wegmüller Friedrich	22	Wiesbaden	Preußen	
26	"	"	16	1909	Bruntmann Fritz	15	Königs	Preußen	
27	"	"	17	1909	Fekutoritz Meyer	15	Loth	Preußen	
28	"	"	18	"	"	24	"	"	

Parte da Lista de Passageiros do navio a vapor Köln 3.

A seta indica o nome de Stefan Maier.

Fonte: <http://arquivonacional.gov.br/br/consulta-ao-acervo>

Documento resgatado pelo autor.

Após 21 dias de viagem, no dia 15 de abril, *Stefan* desembarcou no porto do Rio de Janeiro e em seguida viajou para São Paulo, vindo se juntar com a sua família na fazenda, próxima ao bairro do Varjão, no município de Conchas.

Fazenda próxima ao bairro do Varjão – Conchas – 1922

“Baiano” assassino

Por volta de 1922, no sítio onde moravam e em toda vizinhança, tudo era muito tranquilo, pois todos se conheciam e não se tinha notícias de violência.

Era um dia de sol e Rupert, Apollonia e os 2 filhos ainda adolescentes, José e Roberto, trabalhavam na plantação de algodão. Luiz com apenas 7 anos de idade estava na sombra de uma árvore cuidando dos dois irmãos ainda muito pequenos. O Guilherme tinha 3 anos e a Maria (Marre) ainda era de colo, com apenas 1 ano.

Na manhã daquele dia, apareceu por lá passando pela estrada que beirava a plantação, um homem muito estranho, daqueles que andavam de cidade em cidade, que eram chamados de *“andantes”*. Ele parou próximo à cerca e perguntou se tinham um pouco de comida para dar. Como eles não tinham levado nada para comer, Rupert pediu para ele continuar andando e procurar comida em alguma casa dos sítios vizinhos.

O *“Baiano”*, apelido pelo qual ficou conhecido depois, caminhou mais uns 3 km e chegou num dos sítios próximo à estrada. Foi atendido por uma moça com apenas 20 anos de idade e seus 3 irmãos, ainda crianças, filhos de uma família portuguesa. Estavam sozinhos em casa. A moça muito simples e ingênua comentou que seu pai era cego e na companhia de sua mãe, os dois estavam naquele dia pedindo esmolas na cidade de Conchas. Disse também que, às vezes, eles aproveitavam e dormiam por lá. O *“Baiano”* comeu ali na sombra de uma árvore uns pedaços de broa e tomou café, servidos pela moça. Até aí tudo bem e o que se esperava era que ele fosse embora. Mas não foi, pois ele se amoitou por ali e esperou escurecer.

Logo que anoiteceu, o *“Baiano saukerl”* (porco imundo) se aproximou da casa e carregando um revólver, tentou forçar a porta que já estava trancada. Como teve dificuldade, começou a demonstrar violência e parecia que queria arrombar a porta para *“abusar”* da moça. A casa era de *pau-a-pique* e por um buraco que tinha próximo à porta, para surpresa do *“Baiano”* veio um tiro de dentro da casa. O *“Baiano”* assustado, respondeu também com um tiro pelo buraco que acabou acertando na virilha da moça, que muito assustada, corria desesperada pela sala em direção ao quarto. Na verdade, apesar da ingenuidade da moça, ela foi muito esperta e, na tarde daquele dia, como estava desconfiada e com medo, havia pedido para dois irmãos pequenos chamarem um tio que morava próximo e um primo já moço que tinha vindo ao sítio visitar a família. Eles vieram no final daquela tarde,

entraram pelo lado dos fundos da casa e ficaram escondidos num dos cômodos, esperando para saber qual era a intenção do “*Baiano*”. Quando viram que o tiro tinha acertado a moça, os dois saíram correndo atrás do “*Baiano*” e não demorou muito para que ele fosse alcançado perto de uma barroca, próximo à estrada. Começou uma luta corpo a corpo e com várias pauladas tiraram a vida daquele “*saukerl*”. Sem nenhum recurso naquela época, a 9 km da cidade, apesar de tentarem salvar a moça, ela sangrou muito e também faleceu. No dia seguinte tiveram que levar a moça e o “*Baiano*” num carro de boi até a delegacia e em seguida para o cemitério da cidade, onde foram sepultados. Este caso foi muito comentado na época em toda a região de Conchas e cidades vizinhas.

Novo Patrão

Depois de algum tempo trabalhando na mesma fazenda, certo dia, Rupert foi procurado por um senhor espanhol conhecido pelo nome de José Gonçalves, morador de Conchas, que estava atrás de terras para comprar. Nessa época, Rupert já conhecia o alemão dono da fazenda que morava em São Paulo e foi o intermediário na negociação das terras. O senhor José Gonçalves comprou a fazenda do alemão, a qual tinha, aproximadamente, 400 alqueires e, por ter ficado muito agradecido, cedeu 4 alqueires de terra num canto da fazenda para Rupert plantar por conta própria. Era um pedaço de terra que ficava na divisa do sítio dos Marques e próximo ao sítio do Joaquim Ruivo. Plantaram ali por um bom tempo, algodão e milho. As colheitas foram muito boas e tudo que colhiam era vendido. Apenas reservavam um pouco do milho para os burros. Plantaram também um pouco de arroz e feijão para o consumo próprio. Depois de algum tempo o senhor José Gonçalves passou a fazenda para o seu filho Nico Gonçalves cuidar.

Bolo envenenado

Às vezes, Cataryna, mãe de Apollonia, costumava fazer bolo para toda a família. Certo dia, após preparar a massa do bolo e colocar para assar, por volta das 10h levou o almoço para o seu marido Joham e seu filho Stefan que estavam trabalhando na roça. Retornou logo em seguida porque estava preocupada com o bolo que estava no forno. Após dar almoço para todas as crianças, cortou o bolo em fatias e resolveu levar alguns pedaços para Joham e Stefan que ainda estavam na roça, pois o bolo tinha ficado muito bom. As crianças que estavam em casa também comeram. Após algumas horas todas as crianças começaram a sentir dores na barriga e Joham e Stefan voltaram da roça muito preocupados porque também estavam passando mal. Precisavam saber o que tinha acontecido e acabaram descobrindo que Cataryna havia usado um pouco do veneno arsênico no bolo, pensando que fosse fermento. Stefan tinha comprado o veneno para matar ratos

alguns dias antes e deixado guardado próximo ao lugar onde ficavam os mantimentos. Após a descoberta, foram às pressas até a casa do fazendeiro Nico Gonçalves buscar dois litros de leite para tomar e rebater o efeito do veneno. Após tomarem o leite, aos poucos todos foram melhorando e ficaram bem. O susto foi grande e a partir daquele dia aprenderam a tomar mais cuidado com tudo que era veneno e nunca mais esqueceram o risco que correram de toda a família ter morrido envenenada.

CAPÍTULO 09

Bairro dos Silva – Conchas – 1923 a 1927

Rupert compra o sítio

A família de Rupert tinha o sonho de comprar um sítio e após trabalharem por vários anos plantando algodão e milho na fazenda do senhor José Gonçalves, guardaram todo dinheiro que puderam e já tinham uma quantia razoável para comprar o tão sonhado pedaço de terra.

Em 1923, Apollonia e Rupert estavam esperançosos e começaram a procurar algum sítio para comprar naquela região. Não demorou muito e logo encontraram 7 alqueires que estavam à venda no bairro dos Silva. Estava tornando realidade o sonho de serem donos das terras nas quais iriam plantar por conta própria.

Após a compra do sítio, construíram ali uma casa de *pau-a-pique* e logo deixaram a fazenda onde moravam e trabalhavam e vieram cuidar de suas terras.

Rupert e Apollonia ficaram preocupados porque a escritura não foi passada logo após a compra do sítio e o antigo dono veio a falecer. O tempo foi passando e ficaram com medo de não conseguirem a documentação, pois tinham que aguardar o inventário e a autorização do juiz. Apollonia tinha um jogo de cartas e quase todas as noites costumava colocar as cartas sobre a mesa para fazer as suas consultas. Após olhar a sequência das cartas, tranquilizava a todos da casa dizendo que estava tudo bem e que por enquanto o negócio feito com o sítio estava garantido. E ela tinha razão, pois após 4 anos de espera, o juiz chamou as partes para regularizar o negócio. Questionada pelo juiz, a viúva confirmou que na época a compra do sítio tinha sido feita e o marido havia recebido todo o dinheiro. Em seguida, passaram a escritura e puderam dormir sossegados, sem precisar consultar as cartas como Apollonia fazia quase todas as noites. A palavra da viúva valeu a posse definitiva do sítio. E Rupert dizia: *“Mais vale uma palavra do que um pedaço de papel assinado”*.

Presente para Apollonia

Era uma sexta-feira, 09 de fevereiro de 1923, aniversário de Apollonia. Ela estava completando 38 anos de idade.

Lá no sítio, na época, não era costume reunir a família nos aniversários, não cantavam o *“Parabéns a Você”* e não tinha bolo para comemorar. Também não era costume dar presentes. Apenas lembravam e comentavam que era o aniversário daquela pessoa.

Para surpresa de Apollonia, seu pai e seu irmão Stefan que ainda moravam na fazenda próxima ao bairro do Varjão, vieram visitá-la no final da tarde.

Quando estavam chegando, ainda um pouco distante, deu para avistar os dois vindo um na frente e o outro logo atrás, trazendo amarrado e pendurado no meio de um varão apoiado nos ombros, um enorme cacho de banana. Dava para ver que faziam bastante esforço para carregar aquele pesado cacho de banana e pareciam meio cansados.

Era o presente de aniversário de Apollonia. Ela disse ter gostado muito do presente, pois nunca tinha visto um cacho de banana nanica tão grande como aquele e, também, porque quando as bananas amadureceram ficaram bem doces. Depois confessou que gostou mesmo foi da atenção e do carinho de seu pai e de seu irmão por terem lembrado de seu aniversário.

Invasão dos gafanhotos



Nuvem de gafanhotos

Fonte: <https://estudobiblico.org/joel-2-a-invasao-dos-caldeus/>

No primeiro ano de lavoura no sítio, plantaram um pouco de milho e feijão para o consumo próprio e na maior parte da terra arada e preparada plantaram algodão. A plantação já estava bem formada e naquele ano com certeza teriam uma boa colheita. De repente apareceu sobre a plantação uma nuvem de milhões de gafanhotos e começaram a comer tudo o que era verde. Não se tinha ideia de onde, de repente, veio uma quantidade tão grande de

gafanhotos. Foi um desespero total e ninguém sabia o que fazer, pois foram pegos de surpresa. Apollonia deu duas tampas de panela para Luiz, ainda criança, e pediu para ele bater uma na outra e fazer bastante barulho para espantar os gafanhotos. Não adiantou nada, pois “os gafanhotos pareciam surdos”. Os famintos comiam o tempo todo e em poucos dias devoraram toda a plantação de algodão. Quando os “mortos de fome” acabaram com tudo e não tinham mais o que comer, foram embora. Naquele primeiro ano o prejuízo foi quase que total, pois colheram apenas o milho e o feijão para o consumo da família.

No dia seguinte, por acaso, encontraram uma enorme quantidade de filhotes de gafanhotos beirando a cerca da estrada, todos ainda sem as asas. Não bastasse o estrago que fizeram com a comilança, ainda deixaram seus filhotes para trás que, com certeza, iriam fazer mais estragos.

Rupert e os filhos fizeram uma valeta bem larga medindo mais ou menos 15 metros de comprimento ao longo da cerca. Com alguns galhos cheios de folhas, cortados de árvores, foram batendo no chão e tocando os gafanhotos em direção às

valetas. Era assustador ver aquela quantidade de filhotes sendo tocada em direção às valetas. Os bichinhos que pulavam para cá e para lá, aos poucos foram caindo dentro da armadilha e as valetas ficaram cheias. Rapidamente as valetas foram cobertas de terra e os malditos filhotes dos “*gafanhotos surdos e mortos de fome*” foram enterrados vivos. E assim o troco foi dado.

Nas plantações dos anos seguintes os gafanhotos não apareceram e então puderam fazer boas colheitas de algodão.

A vida no sítio

Nos primeiros anos moraram na casa construída de *pau-a-pique* e tinham um bom paiol e um curral. Com relação à plantação, tirando o primeiro ano de prejuízo por causa dos malditos “*gafanhotos surdos e mortos de fome*”, nos próximos anos fizeram boas colheitas. O milho era debulhado na máquina manual. Um pouco do milho era para os burros, as mulas e os porcos. O sabugo do milho e o restolho eram aproveitados e alimentavam as vacas. Restolho são folhas e caules que sobram após a colheita e que podem ser aproveitados para dar para o gado. Como o sítio era pequeno e havia pouco pasto, mantinham apenas alguns burros e mulas para os serviços da lavoura e uma ou duas vacas leiteiras, cujo leite era apenas para o consumo diário e para fazer queijo. Criavam também alguns frangos, galinhas e patos. Apollonia cuidava bem das galinhas e das patas, pois a produção de ovos dava para o consumo e ainda sobrava para vender e guardar algum dinheiro. Toda semana passava por ali o comprador de aves e ovos, com dois cestos no arreamento do animal, um de cada lado. Usava os cestos para trazer algumas mercadorias para troca e era onde acomodava as aves e os ovos que comprava.

Às vezes, Rupert levava também alguns frangos para vender na cidade. Quando matavam algum frango ou galinha, aproveitavam as penas para fazer travesseiros e cobertores, os quais eram bem quentes. Ali no sítio nada era desperdiçado e tudo o que sobrava era vendido. Na horta tinha um pouco de tudo e o que dava em maior quantidade era tomate e repolho. Após 7 anos morando ali, iniciaram a construção de uma casa de alvenaria no lugar da casa de *pau-a-pique*. Para conseguir os tijolos, o filho mais velho, José, levava lenha na carroça para queimar no forno da olaria do senhor Chico Mariano, em Conchas e, em troca, trazia tijolos. No primeiro ano, conseguiram construir apenas a metade da casa e por falta de dinheiro precisaram parar. Tiveram alguma dificuldade, pois depois de 1 ano, quando retomaram a construção, precisaram demolir a casa de *pau-a-pique* para continuar no lugar a construção da casa nova. Nesse período, alguns tiveram de dormir no paiol que ficava a uns 20 metros de distância da casa. Algum tempo depois conseguiram terminar a casa e acomodar melhor a família. Na frente da casa construíram um “*terreiro*” bem amplo com piso de tijolos. “*Terreiro*”, como

era chamado, é um espaço plano e amplo construído em casas de fazendas, sítios e chácaras para a secagem das colheitas de café, feijão, etc.

O problema que tinham era ter que ir buscar água de um poço próximo a um riacho, meio longe da casa. Então resolveram fazer um poço bem próximo da casa, ao lado da porta da cozinha. Depois de escavar apenas alguns metros, encontraram água potável e tudo ficou mais fácil. Usando uma carretilha, corda e balde tiravam água boa do poço para o uso diário e aproveitavam para molhar as plantas.

No sítio o serviço na lavoura era pesado. Saíam muito cedo e trabalhavam o dia todo debaixo de sol quente e, às vezes, tomavam chuva. Para proteção do sol, como tinham a pele muito clara, todos trabalhavam de chapéu de palha, de camisa de manga comprida e com um pano enrolado nas mãos. Gostavam da vida que levavam no sítio porque também tinha o lado bom, pois viviam com muita liberdade, tinham muito espaço, faziam muitas brincadeiras e estavam sempre em contato direto com a natureza. Sempre que sobrava algum tempo, aproveitavam para caçar e pescar. Com relação aos animais, aconteciam algumas coisas curiosas. Todos os dias, no mesmo horário, antes do escurecer, as galinhas, os frangos e o galo vinham empoleirar num pé de goiabeira bem alto que ficava em frente à porta da cozinha. Escolhiam os galhos mais altos e dormiam ali bem quietinhos, um ao lado do outro, até clarear o dia. Na verdade, eles eram muito espertos, pois dormiam nos galhos mais altos para não serem surpreendidos pelas raposas fedidas que, às vezes, apareciam por lá. Eram raposas perigosas e traiçoeiras que ficavam rodeando a goiabeira, com o único propósito: *“comer as galinhas e os frangos e, quem sabe, até o galo”*.

Balança, mas não cai

Era muito comum ter jabuticabeiras bem altas e formadas no meio do mato ou próximo às árvores nativas. E dava gosto ficar ali nos seus galhos apanhando e chupando as jabuticabas, que eram bem graúdas e muito doces. Em alguns pés, com jabuticabas logo nos galhos de baixo e nos troncos próximos ao chão, para não estragar as que ainda estavam verdes ou aquelas que ainda não estavam bem maduras, era preciso escalar as jabuticabeiras pelas laterais. Algumas jabuticabeiras tinham bem próximo algumas árvores de pau-ferro e era só subir por elas, ficar agarrado em seus galhos e balançando lá no alto, de um lado para o outro, até conseguir passar para um dos galhos das jabuticabeiras. A árvore pau-ferro tinha os troncos brancos e lisos e eram bem resistentes. Depois de chupar e encher um saco de jabuticabas era só fazer o mesmo caminho de volta pelos galhos da árvore para descer. O melhor dessa história era a aventura e a coragem de subir em galhos tão altos, ficar balançando e passar de um galho para o outro sem cair.

A escola

Para estudar não foi nada fácil, pois saíam do bairro dos Silva, onde moravam, e caminhavam 8 km até a escola que ficava na fazenda do senhor José Gonçalves, a mesma fazenda onde moraram antes quando ali chegaram. Estudou durante 2 anos e a professora vinha a cavalo de Conchas. Como estudava no período da manhã, precisava sair bem cedo de casa para não chegar atrasado. Tinha como companheiros de caminhada o seu irmão João, quase 2 anos mais velho, e 2 amigos, o Tônico e o Jaiminho. Retornavam para casa por volta das 2h da tarde. No recreio, costumava ir com o João a um córrego que ficava a uns 300 metros da escola, onde tinha um açude, e lá tiravam a roupa e mergulhavam. Nadavam por alguns minutos e depois vestiam a roupa mesmo com o corpo ainda molhado e voltavam para a escola. Não dá para esquecer, um dia quando estavam nadando nesse açude e ainda nem estava chovendo, deu um raio muito forte seguido de vários trovões. O susto foi grande porque o raio caiu ali perto numa árvore bem alta e chegou a tremer a água do açude. Depois que terminou a aula, na volta para casa deu para ver o enorme estrago que aquele raio tinha feito na árvore.

Não dá para esquecer, também, quando o João falou alguma besteira para as meninas da escola e umas 4 ou 5 delas correram atrás dele. Não deu para saber o que ele falou, mas com certeza foi alguma coisa das “*pesadas*”, porque deu para ver a raiva estampada no rosto das meninas. Como ele tinha “*boas pernas*”, saiu correndo, enfrentou uma subida da estrada e conseguiu escapar. Desta vez foi por pouco!

Tônico encenqueiro

Durante os dois anos que frequentaram a escola, Luiz com 8 anos de idade, na companhia de seu irmão João e de 2 amigos, o Tônico e o Jaiminho, que moravam em sítios vizinhos, enfrentavam uma boa caminhada. O problema não era a longa caminhada até a escola. O mais difícil era aguentar o tempo todo o Tônico com quem brigava muito. Não gostava do Tônico porque ele era muito encenqueiro, brigava por qualquer coisa e queria levar vantagem em tudo. Não chegavam a trocar tapas, mas era difícil o dia que não discutiam e que não havia “*bate boca*”. O Jaiminho, filho do Joaquim Ruivo, era bom companheiro e nunca brigavam.

Sabendo das brigas do Tônico com o Luiz, certo dia o português Manoel Lopes, pai do Tônico, mandou um abacaxi de presente para o Luiz e pediu para ele não brigar mais com o seu filho. Com essa atitude do pai do menino e para atender ao pedido do senhor Manoel, ficou de bem com o Tônico e fizeram as pazes.

Naquele dia, como os três já estavam a caminho da escola, levou o abacaxi na sacola e acabou vendendo para um aluno, colega de classe, por 200 réis. Não sabe muito bem como aconteceu, mas na hora de receber o dinheiro, de uma forma

muito rápida, quando percebeu, os 200 réis já estavam nas mãos do Tonico. Essa era a atitude dele para dar uma de esperto e levar vantagem. Além de ser encrenqueiro, ele também tinha boa lábia, era cheio de conversa afiada e sempre queria ser o melhor. Como Luiz não conseguia ficar quieto para não passar por bobo, então começava a discussão e era encrenca na certa. E desta vez não foi diferente, pois os dois brigaram de novo.

Preso suicida

Apollonia contava que, alguns anos atrás, um rapaz de nome Antônio Pinto tinha assassinado um homem que trabalhava na estrada de ferro. Nunca ficou sabendo o motivo do assassinato. A polícia de Conchas, contando com 6 policiais, saiu na captura do assassino e foram buscá-lo em sua casa. Quando traziam o preso para a cidade, passando a pé sobre a ponte que havia antigamente mais para baixo do lugar onde fica a atual, de repente ele escapou dos policiais e saltou de ponta cabeça para o rio, que estava com pouca água. A ponte era de madeira e tinha, aproximadamente, 4 metros de altura. Tudo indica que ele tentou suicídio, pois ninguém tenta escapar pulando daquela altura, ainda mais de ponta cabeça, num rio com pouca água. Ou ele pensou que ali o rio tivesse muita água e fosse um lugar mais profundo. A queda foi feia e os policiais correram para socorrê-lo. Muito machucado, ele foi levado às pressas ao hospital e, algum tempo depois, acabou se recuperando, ficando apenas com o pescoço um pouco torto.

O lagarto

Certo dia, Luiz, com 8 anos de idade, vinha voltando da escola com seu irmão João, quando por volta da 1h da tarde, perto de uma capoeira bem fechada, viram um lagarto muito grande tomando sol no meio da estrada. Ele estava muito quieto que parecia estar dormindo ou morto. Não queriam arriscar nem um pouco porque o bicho era assustador. Luiz pegou uma “*pedra de fogo*” e atirou em direção ao lagarto. “*Pedra de fogo*” é uma pedra dura que quando batida uma na outra solta faísca. Por sorte deles ou azar do lagarto a pedra acertou bem nas costas do bicho. O lagarto saiu correndo numa velocidade tão grande e muito assustado, atravessou uma valeta na beira da cerca e sumiu no meio do mato. Chegaram em casa contando para os pais e para os outros irmãos que tinham boa pontaria e estavam muito orgulhosos por terem enfrentado o lagarto com muita coragem. Logo ficaram desapontados, pois tiveram que aguentar os comentários de todos de casa, que acabaram ficando do lado do lagarto e diziam: “*coitado do lagarto! ...será que ele está machucado? ...será que ele morreu?*” Nesta altura dos acontecimentos já não se podia fazer mais nada. Apenas começaram a torcer para o lagarto estar bem.

A partir do dia seguinte, quando passavam pelo local, procuravam o lagarto, mas nunca mais viram o bicho e até hoje não se sabe se o coitado morreu.

No dia 11 de abril de 1924, Apollonia e Rupert tiveram mais um filho que recebeu nome de Francisco Wagner (Puba).

Crisma dos filhos

No ano de 1925, num domingo bem cedo, todos foram para Conchas assistir à missa e também para aproveitar porque era dia de crisma na igreja matriz.

Apollonia pediu ao seu irmão Stefan, na época com 35 anos, para crismar os 4 filhos de uma só vez, pois o Roberto já estava com 17 anos de idade e o João com 12.

Como nem sempre tinha crisma em Conchas, então resolveu aproveitar para crismar também o Luiz com 10 anos e o Guilherme com apenas 6.

Tudo era feito com muita simplicidade e Luiz lembra bem que foi descalço e de calça curta à igreja.

Na hora da crisma, os 3 irmãos mais novos, o João, o Luiz e o Guilherme foram crismados pelo seu tio Stefan e o Roberto, em cima da hora, pediu para ser crismado pelo Zóte Moisés, um amigo seu com quem sempre jogava bola.

O importante naquele dia de crisma era garantir que os 4 filhos fossem crismados e tudo acabou dando certo, sem problemas.

Tiro fatal

Era uma tarde de um dia qualquer da semana quando vários meninos e rapazes adolescentes estavam reunidos na casa de uma das famílias do bairro dos Silva e conversavam sobre vários assuntos.

O Roberto estava com uma espingarda e como já era de costume deixava a arma carregada de chumbo para no caso de aparecer alguma caça. Deixava a vareta de ferro, que usava para socar os chumbos, dentro do cano da espingarda e só tirava dali quando ia disparar a arma.

Um menino de apenas 9 anos de idade, irmão da moça que foi assassinada pelo “Baiano” alguns anos antes, resolveu dar uma olhada dentro do cano da espingarda que o Roberto tinha deixado encostada numa mesa ali próximo.

De repente todos levaram um grande susto com o barulho muito forte do tiro, o que infelizmente foi fatal.

Como o Roberto ainda tinha 17 anos e não podia responder pelo acidente por ser menor de idade, no dia seguinte seu pai Rupert foi chamado na delegacia de Conchas para prestar esclarecimentos sobre o ocorrido. Rupert passou um sufoco e

precisou levar duas testemunhas para provar que foi um tiro acidental e que seu filho não teve culpa.

Vendedor de mangas e maçãs

Rupert não perdia oportunidade e procurava aproveitar tudo o que produzia no seu pequeno sítio. Durante a reforma da estrada de ferro em 1926 para mudar um desvio de 300 metros de trilhos e nas obras feitas na estação ferroviária e no pátio dos trens, ele não media esforços e ia todos os dias com os dois cestos no arreamento do burro, um de cada lado, cheios de mangas e maçãs. Vendia tudo, trazia dinheiro para casa e aproveitava para treinar e aprender algumas palavras em português.

Apollonia perde o bebê

Anos depois do nascimento de Francisco (Puba), Apollonia ficou grávida de novo e no final da gravidez alguma coisa não estava bem. Apollonia recebeu ajuda de sua irmã Elisa, que morava em São Paulo, que veio ficar com ela por alguns dias. Apesar de todos os cuidados nos últimos dias da gravidez, a criança nasceu sem vida. Naquele dia, Apollonia chorava muito e reclamava que não era época de flores e, portanto, não tinha nenhuma para colocar no pequeno caixão. Dizia que nenhuma criança podia ser enterrada sem flores. Luiz, ainda menino, vendo a preocupação de sua mãe, disse que sabia onde encontrar algumas flores. Lembrou que tinha uma árvore de espinhos lá no meio do mato, cheia de flores. Saiu apressado e, depois de pouco tempo, trouxe um maço de flores para Apollonia, deixando-a mais calma.

Em seguida, Rupert e seu sogro seguiram para o cemitério de Conchas e acompanhados de algumas pessoas fizeram o enterro da criança. Apollonia que estava fragilizada não pôde acompanhar e ficou em casa com os filhos mais novos.

Lindbergh cruza o Atlântico

Em 1927, como sempre, as notícias que chegavam através do jornal alemão eram lidas e comentadas por Apollonia com seus filhos e com o Rupert. Num dos jornais recebidos no mês de junho, trazia várias notícias importantes, mas uma delas era destaque. Apollonia leu para os filhos e para Rupert a principal reportagem que dizia sobre o piloto americano *Charles Lindbergh*.

“Charles Lindbergh, com 25 anos de idade, fez sozinho, num monomotor, o voo de Nova York a Paris, cruzando o Oceano Atlântico. Antes, vários pilotos já haviam perdido suas vidas tentando realizar essa viagem. Ele saiu de Nova York em 20 de maio de 1927 e pousou em Paris no dia seguinte, com um voo de 5 800 km com

duração de 33h30, sem escalas. A sua chegada a Paris foi triunfal, porém a comemoração quase acabou em tragédia. Foi recebido calorosamente pelos parisienses e quase sufocado pela multidão que se aglomerava para cumprimentá-lo. Lindbergh recebeu um prêmio de 25 mil dólares que era oferecido desde 1919, por um dono de hotel de Nova York para o primeiro aviador que fizesse esse voo sem escalas”.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Lindbergh

Apollonia e seus filhos ficaram admirados com a viagem corajosa do piloto e por ter sido tão rápida. Compararam com a viagem de navio feita de Trieste - Áustria-Hungria ao Rio de Janeiro, quando seus pais vieram da Alemanha, que demorou 22 dias. Considerando que a distância entre Nova York e Paris é a metade da distância da viagem que seus pais fizeram, concluíram que então de navio levaria pelo menos 11 dias. Naquela época, o que mais chamou a atenção de todos, foi Lindbergh ter sido tão rápido, pois a distância que levaria de navio 11 dias, ele fez de avião em menos de um dia e meio.

Tiro de chumbo no peito

Naquela época, era comum nos sítios ter espingarda de chumbo para caçar passarinhos e animais selvagens. Certo dia, um menino chamado Antônio Marques, filho do Manoel Marques, com uns 12 anos de idade, estava num sítio vizinho, na casa de uma família portuguesa e levava com ele uma espingarda já carregada de chumbo. Todos conversavam na varanda, quando o filho do casal, um rapaz um pouco mais velho que ele, apareceu na frente de todos que ali estavam reunidos e para brincar com o pessoal, abriu a camisa, mostrou o peito e disse: atire aqui. O menino Antônio Marques, que parece não ter percebido que era apenas uma brincadeira, levantou a espingarda e disparou um tiro no peito do rapaz. O tiro de chumbo se espalhou e acertou um pouco abaixo do peito e ele precisou ser socorrido às pressas. Foi levado para a cidade de Conchas e após retirar os chumbos, fez alguns curativos e ficou bom. A partir daquele dia o rapaz nunca mais brincou com coisa séria e nem mostrou o peito para ninguém, principalmente para o menino Antônio Marques.

O tucano

Com 12 anos de idade, Luiz estava com seu irmão João e sua irmã mais nova Maria (Marre) no meio da capoeira, próximo a sua casa, quando viram lá no alto de uma árvore de galhos secos, um tucano fazendo algum barulho com o seu enorme bico amarelo e um pouco avermelhado. Logo que viram o tucano, Luiz pediu para a Maria ir até a sua casa buscar a espingarda. Era muito raro aparecer aquele tipo de ave na região onde moravam e aquele tucano era muito bonito. Com a

espingarda já carregada de chumbo, Luiz escolheu um lugar que dava para avistar bem o tucano, mirou bem na ave e puxou o gatilho. Este tiro “*lenhou*”. Mirou uma segunda vez e desta vez disparou. Um dos chumbinhos acertou numa das asas e ele começou a cair batendo em alguns galhos e ramas que estavam ao redor da árvore, o que foi amortecendo a sua queda. Levaram o tucano para casa e tiveram que fazer alguns curativos na asa por vários dias. Como não tinham gaiola grande, puseram o tucano preso num viveiro junto com alguns passarinhos pequenos. Depois de mais ou menos 1 ano, o tucano já curado, matou uns dois pintinhos que entraram no viveiro por uma pequena fresta para comer a comida dos passarinhos. Chegou a matar também alguns passarinhos e então atendendo ao pedido de sua mãe, Luiz resolveu levar o tucano até a cidade de Conchas para vender. Sabia de dois homens gordos que ficavam próximo à prefeitura que compravam aves. Eles eram famosos na cidade por disputarem em algumas datas quem comia mais linguiça e tomava mais vinho. Talvez seja por isso que eles eram gordos demais. Lá chegando, como não os encontrou, resolveu oferecer o tucano para um senhor que estava ali na calçada. Na mesma hora foi feito o negócio e fecharam em 5 mil réis e mais um “*canivete de 8 folhas*” que seria entregue depois. Recebeu os 5 mil réis na hora e ouviu daquele senhor, que apesar de ele estar comprando o tucano, queria deixar claro que era proibido caçar aquele tipo de ave. Após alguns dias, Luiz voltou à cidade umas duas vezes para cobrar o “*canivete de 8 folhas*” e acabou deduzindo que o canivete prometido não existia. Depois, conversando com algumas pessoas conhecidas, ficou sabendo que aquele senhor que comprou o tucano era o prefeito da cidade.

Caça do tatu amarelo

De vez em quando, próximo da noite, vinha até o sítio de seu pai Rupert, o Pedro Silva, casado com a Maria do Dito Firmino, que morava num sítio vizinho, para caçar tatu amarelo, também conhecido como tatu milheiro. Luiz tinha 12 anos de idade e levavam junto o cachorro de seu pai, chamado “*Leão*”. Era um cachorro grande e muito bom de faro. A caça era feita à noite na capoeira que ficava ali próximo. Os tatus eram perseguidos pelo cachorro e logo se escondiam nos buracos que faziam.

Numa noite, quando começaram a caça dos tatus amarelos, após muito barulho devido aos latidos e correria do cachorro, com um enxadão, começaram a cavar perto de um formigueiro. Os tatus preferiam esse lugar porque gostavam de comer formigas. Às vezes, faziam silêncio para ouvir o barulho do tatu cavando debaixo da terra e a direção para onde ele estava indo. Quando o Pedro Silva cavava num lugar, o barulho começava no outro lado do formigueiro. E era um barulho meio estranho. Depois de acontecer isso várias vezes, o Pedro Silva ficou um pouco assustado e em silêncio por quase um minuto, criou um suspense. Já tinha passado

das 9h da noite. Lembrou que era quinta-feira Santa e então, rapidamente, pegou o enxadão, chamou o “Leão” e o Luiz e foram embora. Voltando para casa, o Pedro Silva comentou que *“comer carne de tatu é bom, mas não na Semana Santa”*.

O ronco do gato amarelo

Ainda com 12 anos de idade, Luiz tinha um gato amarelo que dormia encostado ao cobertor, nos pés de sua cama. Era um gato bonito, macho e manso, mas tinha um defeito. Roncava muito. O mais curioso é que, por volta das 10h da noite, Luiz começava a sentir dores nas pernas e então reclamava para a sua mãe dizendo que era o reumatismo. Logo em seguida, era chamado para dormir no outro quarto, na cama de seus pais que era mais quente, pois tinha travesseiro e cobertor de pena de pato. Após alguns minutos as dores passavam e então conseguia dormir bem até o dia amanhecer. E o gato amarelo ficava no outro quarto dormindo com os irmãos de Luiz, roncando a noite toda. Acredita que essa era uma forma de se livrar do ronco do gato, que atrapalhava o seu sono e não o deixava dormir, pois todos sabiam que ele não tinha reumatismo.

Fritando ovos na casa de Apollonia

Vizinho ao sítio onde Luiz morava, logo depois do córrego e de uma capoeira, ficava o sítio do Jaime, filho do senhor Joaquim Ruivo e da dona Izabel. Ele sempre foi amigo dos filhos de Apollonia e era chamado de Jaiminho. Frequentava a mesma escola do sítio e junto com o Tônico encenqueiro, eram os companheiros de Luiz para ir e voltar da escola. Pelo menos duas ou três vezes por semana, o Jaiminho, com 12 anos de idade, aparecia lá na casa de Luiz trazendo alguns ovos. Pedia para Apollonia emprestados uma frigideira e o fogão a lenha para fritar os ovos e dividir com todos. Dizia que sua mãe não podia saber que ele pegava os ovos dos cestos de seu sítio onde as galinhas botavam, porque ela costumava guardar os ovos para vender.

Apollonia não se importava que ele usasse o fogão e como sempre foi cúmplice dos meninos, fazia de conta que não sabia de nada. Depois de algumas vezes que o Jaiminho fritou os ovos no fogão de Apollonia, passou a ser uma coisa normal. E o mais importante é que, apesar de a dona Izabel ter desconfiado que os ovos estavam sumindo, ela nunca ficou sabendo que era o seu filho Jaiminho que estava aprontando e fritando os ovos para todos na casa de Apollonia.

Jogador de truco

Trabalhavam a semana toda na lavoura e nos fins de semana precisavam arrumar alguma diversão para passar o tempo. Na época nem rádio tinha no sítio. Ninguém é de ferro! E por que não jogar um truco?

Sempre jogavam em duplas e Rupert tinha um bom parceiro de truco. Era o Neco Marques, filho do Manoel Marques, que morava num sítio vizinho, próximo dali. Eles já tinham os sinais combinados e alguns eram com os pés por baixo da mesa. Luiz ainda era pequeno e não jogava. Ficava apenas observando as jogadas e dava para ver que eles jogavam bem, mas dava para perceber também que, às vezes, o Neco fazia trapanças e blefava muito. E o mais interessante e incrível é que dava certo. Era o maior “*cara de pau*” já visto.

Jogavam na casa de Rupert e, às vezes, na casa de outros jogadores. Gostavam de revezar a casa onde iam jogar e era só combinar o lugar.

Passavam horas jogando e sem muita briga.

Era só alguém pedir truco que virava uma gritaria e logo vinha 3, 6, 9 ...

Às vezes, alguns se empolgavam, davam uns gritos e chegavam a subir na mesa.

Quem batia, às vezes, se levantava e saía pulando e comemorando...

Entre uma “*trucada*” e outra, alguns tomavam um pequeno gole da “*branquinha*” para se descontraírem e o jogo não se tornar tão sério.

Ninguém queria perder e quando perdia saía resmungando.

E é assim mesmo e nem poderia ser diferente, pois são coisas do truco.

Conchas – 1928

Stefan e Eugênia casados

Stefan, irmão de Apollonia, continuava morando com os seus pais e trabalhando na fazenda do senhor José Gonçalves, próxima ao bairro do Varjão, no município de Conchas - SP.

Era uma pessoa muito alegre e divertida. Trabalhava muito e nos fins de semana gostava de passear e se divertir nos bairros vizinhos e na cidade de Conchas.

Por volta de 1928, num desses passeios, conheceu uma bela jovem chamada Eugênia de Lara, do bairro dos Rodeiros, que ficava próximo à fazenda onde morava. Eugênia nasceu em 02 de outubro de 1905 e ainda bem jovem, começou a ajudar os seus pais na lavoura. Depois de algum tempo de namoro, Stefan e Eugênia se casaram. Moraram alguns anos na mesma fazenda onde Stefan morava e trabalhava e ali nasceram os primeiros filhos.

Vaca assassina

Numa tarde, já quase escurecendo, Luiz avistou seu tio Stefan Maier vindo apressado a pé pelo caminho em direção a casa de Apollonia. Stefan foi logo dizendo que estava vindo da fazenda do senhor José Gonçalves e queria avisar Apollonia, sua irmã, que a sua mãe, estava entre a vida e a morte. Preocupada, Apollonia pediu para seu filho Luiz, na época com 14 anos de idade, para ir com ela até a casa de sua mãe. Saíram rapidamente em direção à fazenda e lá chegando viram Cataryna na cama bastante ferida, gemendo muito e em estado grave. Perceberam que ela estava com algumas perfurações no corpo e precisava de ajuda. Fizeram alguns curativos e o pai de Apollonia contou o que havia acontecido. Naquele final de tarde, como era de costume, Cataryna saiu para tocar as vacas e prender os bezerros no curral. Joham percebeu que ela estava demorando muito para voltar e resolveu ir procurá-la. Encontrou-a caída no chão próximo a uma copeira, muito ferida e desacordada. Cataryna tinha sido chifrada por uma das vacas em vários lugares do corpo. Sem muito recurso na época, apesar dos esforços para salvá-la, depois de 9 dias na cama, infelizmente, não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer. Logo em seguida, Apollonia levou seu pai para morar com ela no sítio do bairro dos Silva. Joham ainda morou alguns anos com a filha e ajudava em alguns serviços mais leves do sítio. Já com certa idade, um dia cortando lenha, passou mal e faleceu.

Alemanha – 1929

Família do irmão de Apollonia que ficou na Alemanha 1



1929 – **Grosp** com 40 anos, irmão de Apollonia, com a família.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

Em 1929, *Grosp*, um dos irmãos de Apollonia que havia ficado Alemanha, estava no exército alemão desde o início da primeira guerra e tinha 8 filhos.

Bairro dos Silva – Conchas – 1930

Todos na roça

Apollonia, além de trabalhar nos serviços de casa, também precisava ajudar o Rupert na lavoura. Contavam também com ajuda dos filhos, José que já estava com 24 anos e Roberto com 22. O José, além de trabalhar na lavoura, trabalhava também com a carroça para trazer a colheita para próximo da casa. O João com 17 anos, Luiz com 15 e Guilherme com 11 anos também ajudavam na lavoura. A Maria (Marre) com 9 anos e o Francisco (Puba) com apenas 6 também eram levados para a roça, principalmente na época do plantio e da colheita, quando Apollonia precisava ajudar Rupert. Os dois ficavam brincando na sombra de uma árvore. Os filhos começavam a ajudar os pais na roça por volta dos 10 anos de idade. Apollonia conversava muito com os filhos, estava sempre disposta e era muito companheira de todos. Era uma pessoa calma, muito amiga e dava abertura para conversar sobre qualquer assunto. Os filhos tinham uma admiração muito grande por ela. Rupert trabalhava muito e procurava sempre estar presente e próximo dos filhos, porém era uma pessoa mais reservada e falava menos.

Em 18 de novembro, Apollonia com 45 anos de idade, teve a última filha que recebeu o nome de Rosa Wagner (Ruse).

Apelidos

Carinhosamente Apollonia e Rupert chamavam os filhos por apelidos. O José (Josef) *de Sepp*, Roberto (Rupert) *de Pert*, João *de Hans*, Luiz (Ludwig) *de Luca*, Guilherme *de Tico*, Maria *de Marre*, Francisco *de Puba* e Rosa *de Ruse*. Rupert se referia à Apollonia chamando-a de “*mãe*” e Apollonia se referia a Rupert chamando-o de “*pai*”.

Apollonia ensinava alemão para os filhos, mesmo porque não sabia falar quase nada em português. Os filhos tinham que, inclusive, aprender a rezar o Pai Nosso em alemão. À noite, antes de dormir, ela ficava um pouco no quarto onde os filhos mais novos dormiam e além de ensinar alguns princípios da religião católica, pedia para os filhos rezarem o Pai Nosso. E todos repetiam assim:

*“Unser Vater im Himmel!
Dein Name werde geheiligt.
Dein Reich komme.
Dein Wille geschehe wie im Himmel so auf Erden.
Unser tägliches Brot gibt uns heute.
Und vergib uns unsere Schuld,
wie auch wir vergeben unsern Schuldigern.
Und führe uns nicht in Versuchung,
sondern erlöse uns von dem Bösen.
Denn dein ist das Reich und die Kraft und die Herrlichkeit in Ewigkeit.
Amen.”*

O meteorito

Quando a colheita de milho era muito boa, às vezes, Luiz ficava lá fora, próximo ao paiol, descascando milho até perto da meia noite, para adiantar o serviço. Nessa época, Luiz tinha um pouco mais de 15 anos de idade. Numa noite bem escura, acendeu um lampião a querosene próximo ao lugar onde descascava o milho. O céu estava estrelado e o silêncio era total. Ouvia-se apenas o barulho do grilo falante e do coaxar dos sapos. De repente viu um clarão no céu e uma bola grande e iluminada que caía numa velocidade muito rápida, bem próximo dali. Ficou imaginando o que poderia ser, mas acabou ficando sem resposta. Na época não se tinha muita informação e ninguém soube informar o que era aquilo. Ficaram sem saber que era apenas um meteorito.

O ataque das abelhas

Luiz, ainda bastante jovem, subiu numa árvore para pegar mel de abelha-arapuá. O “*ninho*” das abelhas tinha mais ou menos meio metro de diâmetro e parecia feito de terra meio escura, quase preta, e bastante dura. Ficava num galho meio alto cheio de cipós e após cutucar com um pedaço de pau, acabou derrubando o “*ninho*” inteiro na água de um riacho que passava ali embaixo. As abelhas eram pretas e sem ferrão e se enroscaram nos pelos e nos cabelos de Luiz. O João, seu irmão, que ficou no chão próximo à árvore teve de sair correndo, atropelando tudo o que encontrava pela frente e foi parar bem longe, no outro lado do riacho. Luiz desceu rapidamente da árvore e ficou com o cabelo, as sobrancelhas e os pelos dos braços cheios de abelhas grudadas e enroladas. Muitas tentavam penetrar nos ouvidos e no nariz. O jeito foi correr para dentro da água e mergulhar para dar um banho nas abelhas. Mas não teve jeito e precisou tirar uma por vez com a ajuda de seu irmão João. O pior da história é que o “*ninho*” das abelhas com boa quantidade de mel acabou se perdendo no fundo do riacho.

CAPÍTULO 10

Fenômenos da natureza

Quase todas as noites, principalmente quando não chovia, logo que escurecia, era comum aparecer por lá três ou quatro amigos que moravam nos sítios vizinhos. O Jaiminho e o Tônico encrenqueiro dificilmente faltavam. Quando não inventavam alguma brincadeira, ficavam contando histórias ou simplesmente conversando. Nos fins de semana também sempre aparecia alguém logo após o almoço.

Considerando que as pessoas que viviam ali no sítio estavam o tempo todo em contato com a natureza, era muito comum durante o dia ou à noite se depararem com alguns acontecimentos que ocorriam naturalmente e que ficaram em suas memórias.

Apollonia sempre estava por perto dos filhos e atenta a esses acontecimentos e não deixava de mostrar e explicar pra todos o que sabia sobre os *fenômenos da natureza*.

Figuras nas Estrelas



Fonte: astro.if.ufrgs.br/const.htm

Nas noites escuras, após o jantar, todos ficavam sentados no “*terreiro*” da casa, conversando e olhando para o céu, tentando com curiosidade imaginar e achar as *figuras nas estrelas*, ou seja, figuras de pessoas, animais e objetos, formadas pelas constelações (grupo de estrelas). Não era nada fácil, mas Apollonia conhecia bem as figuras e mostrava uma por uma com muita paciência para os filhos. Alguns tinham mais facilidade de enxergar e quando encontravam, comemoravam. Outros que tinham mais dificuldade para achar as figuras, apesar de muito esforço, não encontravam e iam dormir frustrados e chateados. Como consolo, pelo menos

achavam as *Três Marias*, o *Cruzeiro do Sul* e a *Estrela Dalva*. Estas eram mais simples e encontradas com mais facilidade.

Estrelas Cadentes



Fonte:

<https://www.colegioweb.com.br/curiosidades/curiosidades-das-estrelas-cadentes.html>

verruga na ponta do dedo. Hoje sabemos que na verdade as *estrelas cadentes* são os pequenos meteoritos, desprendidos dos asteroides e cometas pela ação do sol. Quando ele cruza o caminho da Terra, em contato com a atmosfera acaba causando o fenômeno luminoso no céu. Mas, mesmo agora sabendo que é um pedaço de “pedra” vindo do espaço e que não mais existirá em poucos segundos, não vamos deixar de fazer o nosso pedido. *É só acreditar! Quem sabe dá certo!*

E as *estrelas cadentes*? Quem via uma caindo, logo fazia um pedido. Numa noite estrelada, era muito frequente ver as estrelas caindo. Quando todos ficavam tentando encontrar as figuras formadas por grupos de estrelas, sempre alguém era pego de surpresa no momento que avistava uma estrela caindo. Era muito rápido e quem via queria mostrar para os outros. E, às vezes, não dava tempo.

Os mais velhos diziam que não podia apontar a estrela porque nascia uma

Figuras nas Nuvens



Fonte: <https://www.facebook.com/figurasnasnuvens1/>

Logo encontravam um animal, um anjo, um rosto, ou melhor, o que quisessem enxergar. O que valia mesmo era a imaginação, mas o mais interessante é que algumas figuras eram perfeitas. Apollonia nunca cansou de mostrar as *figuras nas nuvens* e dá para lembrar bem da cabeça de cachorro, da pomba, do anjo, e outras.

Quem nunca ficou observando as nuvens que se formavam no céu naquelas tardes ensolaradas, vendo figuras de rostos, animais e objetos? Quando as nuvens estavam mais carregadas, brancas como algodão, Apollonia chamava os filhos lá fora e todos viam e comentavam a formação das *figuras nas nuvens*. Alguns costumavam ficar deitados na sombra, num gramado próximo a casa e davam asas à imaginação.

São Jorge



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lua_cheia

Dizem que na Lua temos um *São Jorge* montado em seu cavalo apontando uma espada para um dragão. *São Jorge* e a Lua vêm de uma lenda antiga que acabou virando crença para muitos. Diz a tradição que as manchas apresentadas pela Lua representam o milagroso santo em seu cavalo e sua espada pronto para defender aqueles que buscam ajuda.

Na Lua cheia a criançada ficava lá fora tentando enxergar o *São Jorge*, o cavalo e o dragão. E estas figuras todos viam!

Eclipse Lunar



Fonte:

<https://www.vix.com/pt/comportamento/561991/eclipse-total-de-27-de-julho-vira-com-tudo-veja-como-afetara-o-seu-signo>

Este fenômeno sempre causou curiosidade e quando se tinha notícias que ocorreria, as crianças e mesmo os adultos ficavam acordados para ver. Na maioria das vezes tem a duração em torno de 1h40.

Aprenderam desde que eram bem pequenos que o *eclipse Lunar* acontece quando a Lua é ocultada pela sombra da Terra, ou seja, sempre que o Sol, a Terra e a Lua se encontram em um perfeito alinhamento, estando a Terra no meio,

entre o Sol e a Lua. E só ocorre na Lua cheia.

Era o inverno de 1935, mês de julho, dia 15, segunda-feira, quando foram informados que naquela noite aconteceria o eclipse total da Lua. Ficaram acordados até um pouco mais tarde para ver o eclipse. Tinham trabalhado o dia todo, mas apesar do cansaço, ficaram curiosos e não era todo dia que se tinha um eclipse daqueles. Já passava das 10h da noite e a Lua cheia clareava bem o “*terreiro*” da casa. Alguns ficaram sentados no único degrau da porta da sala e outros num murinho que separava o “*terreiro*” do gramado. Um pouco antes da meia noite puderam observar a sombra da Terra entrando sobre a Lua, deixando a Lua totalmente coberta, o que demorou, aproximadamente, 50 minutos. Em seguida, a Lua começou a reaparecer, o que levou, é claro, o mesmo tempo para

voltar a iluminar totalmente. E aí todos foram dormir, pensando no *eclipse Lunar* mais bonito já visto naqueles tempos.

Círculo ao redor da Lua



Fonte: <http://portaldoclima.blogspot.com/2011/11/halo-solar-um-fenomeno-surpreendente.html>

O *círculo ao redor da Lua* ocorria a qualquer hora do dia ou da noite e quase não se tinha notícias de quando iria acontecer. Quando menos esperava, o círculo aparecia e se alguém saía lá fora e coincidia de ver o círculo, então chamava os outros. Nos dias em que estavam na lavoura, viam com mais frequência. Este fenômeno natural ocorre quando existem cristais de gelo em nuvens altas. Este círculo também é conhecido como *Halo Lunar*.

Eclipse Solar



Fonte: <https://www.stoodi.com.br/blog/2018/11/01/eclipse-solar/>

O *eclipse do Sol* já tinha ocorrido várias vezes, mas o da tarde de 08 de junho de 1937, uma terça-feira, foi muito diferente e assustador. Nesse dia era aniversário de Luiz e ele estava completando 22 anos de idade. Todos sabiam que naquele dia teriam mais um eclipse, mas foram surpreendidos, quando a lua começou a ocultar o sol. Seus pais já tinham explicado sobre o eclipse e todos já

sabiam que só ocorre quando a Lua passa entre a Terra e o Sol.

Naquele dia o eclipse foi total e durou mais ou menos 7 minutos. Ficou totalmente escuro, transformando o dia em trevas, causando medo nas crianças e até os adultos ficaram apreensivos. Acredite se quiser, mas até as aves começaram a procurar o lugar de costume para dormir, pois parecia que já estava anoitecendo.

Os frangos, as galinhas e o galo começaram a se aproximar da goiabeira, que ficava próximo à cozinha, como faziam todos os dias ao escurecer. Subiram e ficaram empoleirados. De repente, aos poucos, voltou a clarear e parece que os frangos, as galinhas e o galo não entenderam nada. Todos desceram da goiabeira e

se espalharam pelo quintal. O eclipse terminou um pouco antes do pôr do sol. Esse *eclipse Solar* ninguém esqueceu.

Contam os mais antigos que, por falta de informação, ou seja, por ignorância, muito tempo atrás, quando ocorria um eclipse total do sol, algumas pessoas por muito medo, pegavam o terço e começavam a rezar porque acreditavam que era o “*fim do mundo*”.

Auréola em torno do Sol



Fonte:

https://www.gazetaonline.com.br/eu_aqui/2017/10/halo-solar-fenomeno-no-ceu-de-vila-velha-encanta-internauta-1014105449.html

No sítio era muito comum ver quando ocorria a *auréola ao redor do Sol*, porque as pessoas que ali moravam ficavam grande parte do tempo do dia fora de casa, ou seja, trabalhando na lavoura ou tratando dos animais.

Os mais velhos orientavam a criançada para não olhar direto para o sol senão poderia “*queimar a vista*”. Para não correr este risco, quem olhava ficava embaixo de árvores ou de coqueiros.

É um fenômeno natural igual ao da Lua, que ocorre quando existem cristais de gelo em nuvens altas, que dividem o raio

de luz solar nas cores encontradas no arco-íris. Chamam também de *Halo Solar*.

Raio

As chuvas mais pesadas acompanhadas de raios e trovões causavam um pouco de medo. Certo dia, Luiz estava vindo da escola que ficava a alguns km de sua casa, acompanhado de seu irmão João e alguns amigos. Caminhavam sem pressa, quando viram uma nuvem de chuva que se aproximava e estava bem carregada. Logo deu um estrondo muito forte e ensurdecedor. O *raio* caiu bem em cima de um pé de jatobá, uma árvore bastante alta, cortando uma parte da copa e partindo o tronco ao meio até embaixo. Este foi assustador. Quando estavam trabalhando na lavoura, às vezes, não tinha para onde correr para se esconder das chuvas mais pesadas, a não ser embaixo de alguma árvore. Outras vezes, arriscavam e todos corriam ou apertavam o passo para chegar em casa antes dos raios e da chuva pesada, mas nem sempre dava tempo e, às vezes, chegavam encharcados.



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/114138171778026281/?lp=true>

Chuva de Granizo



Fonte: Internet

matar alguns passarinhos. Este dia nunca ninguém esqueceu, pois passaram um sufoco e todos ficaram muito assustados.

Naquele dia a chuva veio de repente carregada de muito vento e granizo. Parecia que o mundo ia acabar. Deu uma escuridão e todos correram e se protegeram embaixo de uma figueira de tronco bem robusto. Era assustador, pois além de cair muito granizo, as pedras de gelo eram grandes demais.

A faixa por onde passou a *chuva de granizo* era de mais ou menos 500 metros de largura e foi varrendo tudo que encontrava pela frente. As árvores ficaram bem desfolhadas e chegou até a

Arco-íris



Fonte: <http://alimentodiario.net/voce-sabia-que-o-arco-iris-e-um-sinal-de-deus/>

Depois de fortes chuvas, o sol voltava a brilhar e aparecia o *arco-íris* com as suas 7 cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Era mais comum ver após as chuvas que caíam na parte da tarde e a impressão que dava era que ele sempre descia sobre algum rio ou riacho. Diziam que ele bebia a água do rio ou do riacho.

Luiz sempre ouvia de sua mãe para ir onde o *arco-íris* descia porque lá tinha ouro. Na verdade o *arco-íris* nada mais é

do que um fenômeno que separa a luz do sol, quando o sol brilha sobre gotas de chuva.

Redemoinho



Fonte:

<https://argosfoto.photoshelter.com/image/I0000FhMfo5cSLAc>

Era muito comum ver redemoinhos nas terras de lavoura de milho, após a colheita. Em dias de muito sol e sem nuvens, às vezes, a meninada corria atrás de redemoinhos e tentava ficar bem próximo deles. Faziam isso porque acreditavam que era o rastro do *saci-pererê* ou mesmo o diabo vagando pelos campos da lavoura ou de estradas de terra.

Diziam que o *saci-pererê* gira em torno de si feito um pião e provoca redemoinhos. Acreditavam até que se alguém entrasse no meio do *redemoinho* com uma garrafa e uma peneira conseguiria prender o *saci-pererê*. Havia também uma crença que se jogasse um terço bento no *redemoinho* conseguiria laçar o *saci-pererê*.

CAPÍTULO 11

Bairro dos Silva - Conchas -1931

Machado no joelho

Trabalhavam constantemente na lavoura e, às vezes, precisavam roçar o mato que crescia no pasto e cortar algumas árvores que faziam sombra nas plantações. Certo dia, quando roçavam o mato do pasto, José, seu irmão mais velho, resolveu cortar uma árvore taiuveira de dois troncos, que estava na divisa do sítio e fazia sombra sobre a lavoura. Assim que cortou um dos troncos, os galhos se enroscaram e ele tentou soltar o tronco cortado com a ponta do machado. De repente, o machado se soltou do cabo e desceu de uma só vez cortando o joelho de José. Foi uma correria porque sangrava muito e ali no meio do mato não tinha nenhum recurso para socorrer quem se acidentava. Luiz e seu pai fizeram uma cadeirinha com os braços e levaram o irmão José até a casa onde moravam, a uns 300 metros de distância. Foi apenas um susto, pois logo após alguns dias fazendo alguns curativos, seu irmão ficou bom e voltou a trabalhar. Sem o machado, é claro!

Tocador de gaitas

Rupert, seu pai, sabia tocar gaita de boca e era considerado um bom gaitista. Sempre que ia à cidade, costumava chegar à famosa loja “*Casa Caram e Moraes*” que ficava na Rua São Paulo, a principal da cidade de Conchas, onde vendiam um pouco de tudo. Gostava daquela loja porque era amigo do vendedor senhor Mário Moraes que sempre tinha novas gaitas como novidade e de várias marcas. O senhor Moraes pedia para ele testar as gaitas novas que chegavam e gostava de saber a sua opinião. Se fossem das boas e aprovadas pelo Rupert, ele dizia que então iria encomendar mais para revender na loja. Rupert fazia aquilo como diversão e porque gostava de tocar gaita de boca. E também pela consideração que tinha pelo senhor Moraes.

Bairro dos Silva - Conchas - 1932 e 1933

Roberto ferido por engano

Sempre aos sábados e domingos, seu irmão Roberto com 24 anos, gostava de ir a um sítio próximo e lá, num lugar coberto ao lado da casa, costumava ficar com alguns amigos e conhecidos tocando viola e puxando as “*carreiras de cururu*”. O cururu é cantado em versos e repentes, acompanhado de uma viola, sempre

desafiando o adversário. João com 19 anos e Luiz com 17, sempre iam junto porque gostavam de ouvir os versos inventados na hora. Faziam uma roda e passavam horas cantando e brincando com todos. Certo dia aconteceu uma encrenca entre algumas pessoas que estavam ali. O João reclamou para o seu irmão Roberto, dizendo que o Erasmo tinha cuspidado nele. O Erasmo estava acompanhado do irmão mais velho chamado Mário. Os dois eram da família Domingues e moravam num sítio próximo. Em seguida à cuspidada, como já estava meio tumultuado, um rapaz chamado José Roberto, conhecido como Zezinho Roberto, que nada tinha a ver com a cuspidada, meio disfarçado, deu uma bengalada na cabeça do Mário Domingues. O Zezinho, muito esperto, saiu dali logo em seguida e poucas pessoas viram que tinha sido ele o autor da bengalada. Nem mesmo o Mário Domingues sabia direito quem tinha acertado a sua cabeça. Como começaram a falar que tinha sido o Roberto, em vez de dizerem Zezinho Roberto, o Mário entendendo que era o Roberto, saiu correndo atrás dele que nada tinha a ver com a encrenca. Para escapar, o Roberto correu para a cozinha, pulou por cima de alguns bancos e cadeiras, voltou para a sala e procurou se defender com um caixote de madeira. O Mário dava alguns golpes de faca, tendo uma delas acertado no caixote e a última acertou na parte de trás da cintura do Roberto.

Roberto foi socorrido rapidamente e precisou ficar alguns dias de cama. Teve febre alta, delirou muito e *“chegou até a ver patos no telhado do quarto onde dormia”*. Após alguns curativos feitos por sua mãe, tomou alguns remédios e melhorou. Teve azar por ter sido esfaqueado sem merecer e sorte porque o ferimento não foi tão profundo. Roberto logo se recuperou e voltou a puxar as *“carreiras de cururu”* no mesmo sítio como fazia antes.

A partir daí, teve que aguentar os versos improvisados do cururu feitos pelos amigos sobre a encrenca que se meteu e a facada que levou sem merecer.

Burro chucro

Os burros comprados de algumas fazendas vinham chucros demais e precisavam ser domados. O domador era o Zezinho Roberto que morava num sítio ali perto, o mesmo rapaz que deu uma bengalada na cabeça do Mário Domingues na história contada anteriormente.

O Zezinho amarrava o burro num mourão e aos poucos ia aproximando os acessórios que precisa usar para arrear o animal. No começo o burro ficava muito arisco e se afastava para os lados. Depois de tanto insistir e dar alguns *“comandos”* ao animal, aos poucos o Zezinho conseguia deixar ele menos arisco. Quando conseguia dominar o burro, então arreava o animal e passava para a etapa seguinte que era a de montar. Esta era a parte mais difícil e precisava de muita paciência e cuidado. O animal estranhava muito e dava coices. Depois de várias tentativas, quando achava que o animal já estava mais calmo, montava nele e saía galopando

sem muita direção. Dava algumas voltas com o animal, montava e desmontava várias vezes e aos poucos o burro ia sendo domado. Repetia isso durante vários dias e depois entregava o animal para o dono e recebia o valor combinado. E o melhor de tudo é que se o animal não ficasse manso e bem domado, era só voltar lá no dia seguinte porque ele dava “*garantia do serviço*”.

Pescador do rio Tietê

Sempre que tinha oportunidade, Luiz costumava ir pescar no rio Tietê que ficava a 6 km do sítio onde morava. Lá onde passa o rio Tietê a água sempre foi muito limpa e o rio era muito bom de peixe. Aos domingos, preparava o burro e a tralha de pesca e saía bem cedo. Na maioria das vezes ia sozinho e quando estava lá no rio sempre aparecia alguém conhecido ou parente. Todos já conheciam o lugar do rio onde sempre pescavam. Às vezes, vinha o Roberto, seu irmão, ou o Paulo Bertin, que depois se tornou seu sogro. Os dois gostavam muito de pescar. Amarravam o burro numa árvore que ficava próximo a uma capoeira e fazia uma boa sombra. Preferiam pescar num trecho do rio já conhecido por todos com, aproximadamente, 80 metros de largura, onde tinha alguns poços mais profundos e era ali que dava muito peixe.

Naquele lugar desembocava um córrego e era um bom lugar para ficar. Às vezes, passavam de canoa para uma pequena ilha que ficava bem no meio do rio, onde tinha a “*Praia do Bom Cavallo*”. A canoa era empurrada com um bambu comprido e quando chegava ao lugar mais profundo então era preciso usar o remo. Para pescar, usavam varas de bambu-chinês e linha bem compridas.



Piracanjuba

Fonte: <https://www.cpt.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-piracanjuba-brycon-orbignyanus>

Sempre pegavam bons piracanjubas, peixe de escama que chega a medir até 80 cm de comprimento e a pesar mais de 8 kg. Ali no rio Tietê onde pescavam, os piracanjubas chegavam a pesar de 2 a 3 kg. De vez em quando vinha algum um pouco maior, de 3,5 kg e até de 4 kg.

Quando fispava um dos grandes, primeiro precisava cansar bem o peixe e aos poucos ir encostando para o lado do

barranco até tirar da água. Como já conheciam bem o lugar, sabiam que dava muito piracanjuba num poço do rio onde tinha um pé de ingá no barranco. Provavelmente os peixes gostavam dos ingás e ali tinha em grande quantidade nas pontas dos galhos que esbarravam na superfície da água. Muitos caíam na água, quando maduros. Em outros lugares do rio, às vezes, dava para saber onde estavam os piracanjubas, observando as bolhas de ar que vinham do fundo para a superfície da água. Na época, não precisava ficar muito tempo pescando porque tinha muito

peixe. Voltava logo após o almoço e chegava em casa por volta das 14h. O Roberto, às vezes, gostava de pescar numa canoa de madeira que ele tinha e deixava direto lá na beira do rio em uma corrente com cadeado, amarrada numa árvore.

Algumas vezes, na companhia de seu filho Zezinho que tinha mais ou menos 10 anos, o Roberto acabava dormindo dentro da canoa e rodava rio abaixo por uns 2 ou 3 km e quando acordava precisava remar ou empurrar a canoa com bambu até chegar de volta à “*Praia do Bom Cavalo*”. Muitas vezes, faziam pescarias à noite e saíam de casa antes do escurecer. Armavam o espinhal e usavam isca de mandioca cozida, milho verde e coquinho doce. O coquinho doce era encontrado ali mesmo nos coqueiros do meio do mato. O espinhal era feito com um fio bem forte e comprido, com vários anzóis amarrados em pedaços de linhas de pesca, incluindo uma chumbada, mantendo um bom espaço entre eles. Quem gostava de armar o espinhal era o Paulo Bertin, que contava com a ajuda da canoa do Roberto. Ele armava também uma rede para pegar alguns curimatás. Depois de armado o espinhal e a rede, ficavam pescando com varas de bambu. Costumavam fazer uma fogueira na “*Praia do Bom Cavalo*” e aproveitavam para fritar alguns peixes para matar a fome, pois ficavam ali até mais ou menos meia noite. Após recolher o espinhal e a rede, voltavam e chegavam em casa por volta da 1h da madrugada. Pegavam bons peixes, sendo a maioria o piracanjuba. Sempre traziam também curimatás e cascudos-espada que malhavam na rede do Paulo Bertin. Às vezes, traziam alguns dourados e pintados.

Numa dessas pescarias, seu irmão Roberto, tinha ido mais cedo para o rio e levou uma fisga emprestada de Luiz. Antes que Luiz chegasse ao local, o Roberto foi de canoa remando em direção a uma prainha onde desembocava um riacho e quando lá chegou viu um enorme peixe num lugar mais raso. Aproximou-se e lançou a fisga sobre o peixe, que após ter sido fisgado, começou a se debater e seguiu para um lugar mais profundo do rio, levando a fisga com cabo e tudo. Dizem que em pescaria o maior peixe sempre escapa. Pois é, conforme informação do Roberto era um pintado dos grandes e este também escapou!

Neste caso, apesar de ser história de pescador, o Roberto sempre contava esta aventura como sendo a mais pura verdade e nunca admitiu que ninguém duvidasse. *Então era verdade!*

Jogador de futebol

Quando ainda era solteiro, dos 17 aos 23 anos, jogava bola todos os sábados e domingos à tarde no campo de futebol do sítio do Neco Marques, filho do Manoel Marques. O Neco já estava casado e como gostava muito de jogar bola, fez um campo muito bom próximo da casa dele. Luiz jogava de beque, meia-direita, meia-esquerda e em outras posições. A posição que iria jogar dependia do dia e da

formação do time. Tinha bom fôlego, conseguia correr bastante e, modéstia à parte, jogava bem. Sempre marcava gols e na maioria das vezes o seu time ganhava a partida. Jogou com o Nico Pinto, um dos melhores jogadores do bairro na época. Depois de casado, como a maioria faz, parou de jogar.

Bugios barulhentos

Na capoeira perto de sua casa viviam 8 bugios e era só entrar um pouco pelo meio do mato para logo ver os macacos pulando nos galhos mais altos. Eles eram de tamanho médio e tinham os pelos avermelhados. Viviam em grupo e emitiam um som bastante alto e rouco e quando começavam a gritar dava para escutar da casa onde Luiz morava. Ficavam nas copas das árvores e nunca desciam ao chão. Comiam vários tipos de frutas que encontravam no meio do mato.

Diziam que o bugio era um dos maiores macacos da América, podendo medir até 80 cm e pesar até 10 kg.

Caça e pesca

Luiz, seus irmãos e alguns amigos saíam pelo mato e sempre carregavam estilingue, bodoque e varas de pescar. Para fazer os estilingues usavam boas forquilhas em forma de Y, boas tiras de borracha de câmaras de ar e malhas de couro mole. Encontravam boas forquilhas em goiabeiras e jabuticabeiras. O bodoque era feito de arco, duas cordas finas paralelas e uma malha de couro mole, onde alojava a pedra arredondada ou as pelotas de barro. O arco era feito de madeira cortada de goiabeiras e pitangueiras que tinham boas envergaduras e eram resistentes. Faziam as pelotas de barro e punham para secar na sombra porque no sol rachava. Sempre tinham boa quantidade de pelotas para não dar briga e carregavam em pequenas sacolas feitas de pano, penduradas no ombro de cada um, com uma alça cruzando o corpo na diagonal. As varas de pesca eram de bambu-chinês. Costumavam caçar e pescar com a meninada e a rapaziada dos sítios vizinhos.

Aparecia por lá o Dito Silva, companheiro de caça e pesca. Ele era irmão do Bento Silva que mais tarde casou-se com a sua irmã Maria (Marre). Na época tinha muita codorna nas imediações das plantações de milho e conheciam alguns riachos bons de peixes. Sempre que pescavam nos riachos e açudes da região, pegavam boa quantidade de lambaris e traíras. Dava muito bague e mandi quando chovia e sujava a água.

O mandi chorão era perigoso e, às vezes, o ferrão entrava no dedo de alguém. O chorãozinho, o menor de todos, era o pior, pois além de doer muito, chegava a dar febre. O seu irmão João gostava de atravessar o mato e ia brincar na casa do Joaquim Rosa, num sítio perto dali. Quando completavam 18 anos, começavam a

sair mais de casa e a frequentar festas e bailes porque já tinham interesse em namorar.

Festas e bailes

Nos fins de semana, perto da noite, arreavam as mulas e iam a festas e bailes que aconteciam nas casas de conhecidos dos sítios vizinhos. Luiz já estava acostumado e sabia em que sítio as pessoas iriam se reunir nos fins de semana. Às vezes, quando não tinha festas ou bailes, ficava na casa de alguém ouvindo músicas. Da mesma forma, às vezes, as pessoas se reuniam na casa de seus pais.

Como a sua mãe Apollonia não falava nada em português, ela ficava um pouco preocupada quando vinha alguém visitá-la ou quando as festas ou bailes eram em sua casa. Sempre pedia para Rupert ou para um filho ficar perto dela para traduzir o que perguntavam ou saber o que estavam falando. Rupert já “arranhava” bem o português, pois como ele ia sempre à cidade fazer as compras, aproveitava para treinar a pronúncia das palavras. Mas no começo não foi nada fácil e “apanhou” muito.

“Era um ET? ou Era o boitatá?”

Luiz, com 18 anos, encilhou a mula preta com a qual já estava acostumado e saiu logo que escureceu para ir a um baile num sítio que ficava a uns 7 km de distância de sua casa. Após caminhar um bom pedaço da estrada de terra, já estava bastante escuro, quando viu uma luz muito forte que vinha em sua direção. Parecia um lampião, mas quando chegou numa encruzilhada, próximo a uma capoeira, a luz virou “uma bicicleta com um homem em cima” e logo em seguida virou “duas bolas de fogo” que seguiram por cima de uma roça de milho numa distância de uns 5 metros uma da outra.

As duas bolas o acompanharam por mais ou menos 1 km beirando a estrada. Em seguida as “duas bolas de fogo” subiram, foram para bem longe e sumiram. Não sentiu medo, mas achou aquilo tudo muito estranho. Hoje, lembrando bem da “bicicleta com um homem em cima” e das “duas bolas de fogo”, ficam as perguntas: “era um ET? era o boitatá?” Então o que era?

Lenda do boitatá



“O Boitatá é um monstro com olhos de fogo enormes, de dia é quase cego, à noite vê tudo.

Diz a lenda que o Boitatá era uma espécie de cobra e foi o único sobrevivente de um grande dilúvio que cobriu a terra.

Para escapar ele entrou num buraco e lá ficou no escuro, assim, seus olhos cresceram. Desde então anda pelos campos em busca de restos de animais.

Algumas vezes, assume a forma de uma cobra com os olhos flamejantes do tamanho de sua cabeça e persegue os viajantes noturnos. Às vezes ele é visto como um facho cintilante de fogo correndo de um lado para outro da mata.

As pessoas que encontram com o boitatá ficam cegas, morrem ou ficam loucas. Por isso, segundo a lenda, toda pessoa que encontrar o monstro deve ficar parada, sem respirar e de olhos bem fechados.

A ciência diz que existe um fenômeno chamado fogo-fátuo, que são os gases inflamáveis que emanam dos pântanos, sepulturas e carcaças de grandes animais mortos, e que visto de longe parecem grandes tochas em movimento”.

Fonte: <https://lendasdobrasil.blogspot.com/2010/10/lenda-do-boitata.html>

“Era um gato pintado? ou Era uma onça pintada?”

Naquela mesma noite que viu a “*bicicleta com um homem em cima*” e as “*duas bolas de fogo*”, ficou apreensivo e pensando como iria fazer para voltar para casa. Lembrava toda hora do que viu na encruzilhada, mas não deixou de aproveitar o baile. Por volta da meia noite e meia, pegou a mula e seguiu pela mesma estrada de volta. Como era noite de lua cheia e ela já estava bem forte e no alto, o caminho estava bem iluminado. Quando chegou no mesmo lugar da encruzilhada cercado de muito mato, por volta de 1h da madrugada, não sabe de onde saiu um enorme “*gato pintado*”, que pulou na frente da mula, assustando ele e o animal. Em seguida, o bicho entrou na capoeira fechada, beirando o rio, e sumiu. O susto foi muito grande e até hoje não se sabe o que era e ficam as perguntas: “*era um gato pintado? era uma onça pintada?*” Então o que era?

Mais forte que a chuva

Era um dia de sol, o tempo estava seco e bom para colher algodão. Luiz e seu pai trabalharam muito o dia todo e antes do escurecer foram para casa, tomaram banho e resolveram ir a um baile na casa do senhor José Lopes, num sítio que ficava a uns 8 km da casa onde moravam. Na época, Luiz tinha 18 anos de idade e resolveram ir a pé. Precisavam de um pouco de distração e relaxamento. Queriam ouvir um pouco de música tocada por um bom sanfoneiro e tomar algumas cervejas.

Na hora de voltar, saíram de lá quase meia noite e a noite estava bem escura. Quando já estavam lá fora, puderam observar as nuvens bem carregadas, com muitos relâmpagos que clareavam o céu, com raios e trovões que faziam muito barulho, prometendo chuva pesada. Começou a ventar e as nuvens foram ficando cada vez mais cor de chumbo. Naquele mesmo instante, também ia embora um amigo de Rupert, o senhor Manoel Marques, que morava em um sítio vizinho ao

seu. Como já era tarde, não podiam esperar a chuva passar. Então, o senhor Manoel Marques levantou uma das mãos e começou a rezar, dizendo algumas palavras e “*mandando a chuva embora*” dali. Luiz e seu pai ficaram bem quietinhos e admirados com o que viram. Acredite se quiser! As nuvens começaram a contornar o sítio e em poucos minutos foram para o outro lado, bem longe dali. Não caiu nenhuma gota d’água ali e nem mesmo na estrada por onde voltaram. Puderam caminhar mais de uma hora sem pressa e chegaram em casa sem chuva e com a roupa bem seca, graças à reza “*mais forte que a chuva*” feita pelo senhor Manoel Marques.

Mutirão

A estrada de terra que ligava os sítios da região onde moravam, sempre precisava de reparos por causa dos buracos que se formavam pelas fortes chuvas que caíam e pelo uso constante das carroças e animais. De vez em quando o Firmino Belo, um homem bastante forte, do bairro do Parazão, fazia um *mutirão*, reunindo o pessoal de seu bairro, do bairro dos Silva e dos bairros vizinhos, para arrumar a estrada. O serviço era retirar as pedras maiores do caminho e tapar os buracos, com pás, picaretas, enxadas e outras ferramentas. Sempre tinha pelo menos uma pessoa de cada sítio colaborando. A estrada ficava arrumada, mas era só chover um pouco pesado que logo voltavam os buracos. O pessoal gostava do *mutirão*, porque além de arrumar a estrada, servia também para que as pessoas conversassem um pouco e fizessem novas e boas amizades com o pessoal da região.

Dupla alemã

Certo dia, numa tarde de verão, Rupert e seu cunhado Stefan Maier foram até a cidade de Conchas para fazer algumas compras. Quando voltaram no final da tarde, estavam bem descontraídos e alegres. Como fazia um pouco de calor, resolveram ficar lá fora, sentados na sombra próximo à varanda da sala e juntos começaram a cantar algumas músicas em alemão. Cantaram umas quatro ou cinco músicas e até que estavam bem afinados, mesmo sem o acompanhamento de instrumentos. Disseram que tinham tomado algumas cervejas e tudo indicava que estavam um pouco “*sapecados*”. Foi tudo muito engraçado e divertido e não dá para esquecer da boa *dupla alemã* daquela tarde de verão.



***Stefan Maier e seu cunhado Rupert examinando garrafas de cerveja.
Eram empalhadas e transportadas em sacos.***

Foto: acervo da família Wagner

Stefan e seu olho de vidro

Por ser muito alegre e brincalhão, às vezes, Stefan gostava de brincar até com a deficiência que tinha num dos olhos. Quem o conhecia bem, sabia que ele tinha um olho de vidro, o qual ele retirava e o colocava de volta com muita facilidade. Stefan contava que certo dia quando voltava da cidade de Conchas na companhia de seu cunhado Rupert, como tinham tomado algumas cervejas, sentiram um pouco de sono e então resolveram descansar numa boa sombra de uma árvore na beira da estrada. Tiraram uma soneca de mais ou menos meia hora e depois seguiram até a casa de Rupert. Quando lá chegaram, Stefan percebeu que estava sem o seu olho de vidro. Como já estava um pouco tarde e escuro resolveram dormir e combinaram que no dia seguinte voltariam para procurar o olho perdido. Levantaram-se bem cedo e voltaram até o local onde tiraram a soneca, pois o olho poderia ter caído por lá. Não é que chegando ao lugar, bem próximo ao tronco da árvore onde tinham deitado, tiveram uma grande surpresa. O olho estava lá. E Stefan dizia brincando: *“o olho olhava em minha direção e de vez em quando piscava para mim”*. Este era o nosso tio Stefan brincalhão.

Vacas morrem por engasgo

Luiz conta que, certa vez, tiveram um problema sério com as vacas do sítio de seu irmão Roberto. Nessa época, o Roberto já estava casado e morava num sítio que tinha comprado próximo ao de seu pai, do outro lado da estrada. No meio do pasto havia alguns pés de manga e as vacas comiam as mangas dos galhos mais baixos

ou aquelas que caíam no chão. Algumas vacas começaram a engasgar com os caroços e acabaram morrendo asfixiadas. Após perderem várias vacas, Roberto e seu pai decidiram cortar todos os pés de manga que ficavam no pasto. Roberto tinha outros pés próximos de sua casa num lugar cercado, produzindo bastante manga. E eles diziam: *“É melhor perder alguns pés de manga do que correr o risco de perder todas as vacas!”*

CAPÍTULO 12

São Paulo – 1934

Luiz e Roberto em São Paulo



1934 – **Luiz** com 19 anos e o irmão **Rupert** (Roberto) com 26 anos, num dos passeios a São Paulo.

Foto: acervo da família Wagner

São Paulo – 1935

Passeios na Capital

Com 20 anos de idade, de vez em quando Luiz viajava para São Paulo para visitar sua madrinha Rosa, irmã de Apollonia, e os primos que moravam no bairro Alto do Ipiranga. Viajava de Conchas para São Paulo de trem e descia na *Estação de São Paulo*, nome alterado depois para *Estação Júlio Prestes*. Ali pegava o bonde que ia até o bairro do Ipiranga, onde pegava um ônibus e logo estava no bairro Alto do Ipiranga. Costumava vir num dia bem cedo, dormia uma noite e voltava no dia seguinte.



1935 - **Luiz** no Jardim da Luz – São Paulo.

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

Na época, as pessoas viajavam de trem usando as melhores roupas e sempre bem arrumadas. Para viajar para São Paulo, Luiz colocava o melhor terno, camisa nova



Fotógrafo lambe-lambe

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,lambe-lambe-popularizou-o-retrato,11801,0.htm>

e gravata, um bom par de sapatos e um chapéu de feltro. Era chique colocar alguma coisa no bolso do paletó, pois era assim a moda da época. Carregava uma boa mala feita de Eucatex com proteção de metal nos cantos. Na tampa tinha dois fechos com molas para travar, também feitos de metal, com uma pequena chave.

Quando descia ou embarcava no trem da *Estrada de Ferro Sorocabana* na *Estação São Paulo*, passava pelo *Jardim da Luz*, que ficava bem próximo dali.

Aproveitava para tirar uma foto que era batida pelos fotógrafos apelidados de *lambe-lambe* e que ficavam na praça. Ofereciam seus serviços chamados de “*retratos*”, na época.

O fotógrafo *lambe-lambe* era um ambulante que trabalhava nos espaços públicos como jardins, praças e parques. O equipamento era uma “*máquina-caixote*” revestida com couro cru, madeira ou metal e coberto na parte de trás por um saco negro, com três aberturas: duas para as mãos e os braços e uma para enfiar a cabeça na hora de bater ou revelar os “*retratos*”. Ficava sobre um tripé e os “*retratos*” eram revelados ali mesmo na hora. Os dois primeiros banhos dos “*retratos*” eram dados em material líquido para a revelação e eram feitos no escuro, dentro do caixote. Ao lado do tripé eles tinham um balde de água limpa, para dar o terceiro e último banho nos “*retratos*”. Em seguida penduravam os “*retratos*” para secar. A maioria diz que o nome *lambe-lambe* surgiu porque para saber de que lado da placa de vidro estava o material sensível, eles usavam a própria saliva, lambendo a placa.

Para tirar o “*retrato*”, eles ajeitavam você na frente da “*máquina-caixote*”, pediam para não se mexer, corriam para a máquina, cobriam a cabeça e o pescoço com o pano negro preso na caixa, olhavam como estava a imagem e apertavam um botão. Depois era só esperar uns 10 minutos e os “*retratos*” já ficavam prontos. Mas era só em preto e branco.

Conhecendo a praia de Santos e o Monte Serrat



1935 - Luiz na Praia de Santos.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Numa dessas viagens para São Paulo, Luiz procurou saber com a sua madrinha Rosa, como fazia para ir conhecer a praia de Santos. Dormiu ali a primeira noite e no dia seguinte acordou bem cedo e foi até a *Estação da Luz* para pegar o trem que descia a serra em direção ao litoral. Embarcou no primeiro trem para a cidade de Cubatão e quando chegou ao ponto mais crítico da serra, achou interessante o sistema que era utilizado pelos trens para descer e subir a serra. Três vagões desciam deslizando pelos trilhos por um cabo de aço, enquanto no contrapeso em outro cabo de aço, outros três vagões subiam.

Quando chegou à *Estação de Cubatão* ainda era cedo, bem antes do almoço. Pegou um bonde e foi até um hotel que fica em Santos, próximo ao *Monte Serrat*. O hotel seria utilizado apenas para trocar de roupa, pois o retorno para São Paulo estava previsto para o final da tarde. Luiz vestiu um calção e uma camiseta regata, ambos de cor preta. Era o que se usava na praia na época. Tomou um ônibus e foi até a *Ponta da Praia*. Pegou uma balsa e passou para o Guarujá, cidade bem pequena na época. Ficou lá pouco tempo e como não tinha muita coisa para ver, pegou a balsa de volta para o lado de Santos. Saiu caminhando pela praia até chegar à praia do Gonzaga. Lá deu alguns mergulhos e nadou um pouco. Como sempre costumava fazer, aproveitou e tirou um “retrato” com o *lambe-lambe* e comprou um pôster de *Monte Serrat*. Dali foi caminhando até o hotel, trocou de roupa e pegou o bondinho turístico para subir até o *Monte Serrat*.



1935 - Monte Serrat – Santos.

Pôster: acervo pessoal de Luiz Wagner

Esse bondinho utilizava o mesmo sistema do trem que desceu a serra, ou seja, enquanto um bondinho sobe o outro desce, também no contrapeso, presos em cabos de aço. Lá em cima visitou o *Santuário de Nossa Senhora do Monte Serrat*, padroeira de Santos. Havia também o cassino, mas não chegou a entrar. O cassino

Monte Serrat foi inaugurado em junho de 1927 e foi fechado em abril de 1946, quando foi proibido o jogo de azar em todo o país. Entrou em uma sala e viu dois espelhos interessantes. Um deixava você bem gordo e defeituoso e o outro deixava você bem magro e também defeituoso. Gostou muito de lá porque a vista era muito bonita e do terraço dava para ver parte das cidades de Santos e Guarujá e o porto de Santos. Precisava voltar para São Paulo antes que ficasse noite. Pegou o bondinho que descia e procurou saber para que lado teria de caminhar para pegar o bonde de volta para a *Estação de Cubatão*. Começou a caminhar e errou o caminho várias vezes, porque ia para o lado errado. Ficou preocupado porque estava chegando a hora de o trem partir para São Paulo. Na última tentativa, resolveu ir para o outro lado e então deu certo. Pegou o bonde e quando chegou à estação, ouviu o apito do trem. Poderia ser o último apito e então correu e ainda conseguiu pegar o último trem, que já estava saindo, antes do escurecer. Passou um sufoco e quase teve que dormir no banco da estação. Quando chegou à *Estação da Luz* já estava bem escuro. Dormiu mais uma noite na casa de sua madrinha e retornou para Conchas no dia seguinte bem cedo. Estava contente e satisfeito porque já conhecia a *praia de Santos* e o *Monte Serrat*.

Pôsteres da Capital

Antigamente era muito raro alguém ter uma máquina fotográfica para registrar os momentos e os lugares que visitava e era muito comum comprar *pôsteres* para levar de lembrança e também para mostrar para os parentes e amigos. Poucas pessoas conheciam as grandes cidades. Nas visitas que fazia a São Paulo, Luiz costumava comprar em bancas de jornal ou em livrarias alguns *pôsteres* dos lugares que conhecia ou simplesmente dos lugares por onde passava.

A seguir estão reproduzidos alguns dos comprados por Luiz em suas viagens a São Paulo a passeio, no final da década de 1930.



Praça da Sé



Avenida São João



Viaduto do Chá



Jardim do Museu do Ipiranga



Monumento da Independência e Museu do Ipiranga



Jardim do Museu do Ipiranga



Anhangabaú



Edifício Martinelli

Pôsteres: acervo pessoal de Luiz Wagner

Família da irmã de Apollonia que ficou na Alemanha 1

Apollonia não esquecia da irmã Maria que havia ficado na Alemanha, casada e com 6 filhos.



1935 – **Maria** com 47 anos, irmã de Apollonia,
seu marido **Josef Antretter** e os filhos.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

CAPÍTULO 13

Conchas

Família Bertin



Paulo Bertin era filho de Inocência Bertin e Regina Bertin, imigrantes italianos.

Tinha 3 irmãos: Ângelo, Pepe e Batista. Dois deles nasceram na Itália e Paulo e mais um nasceram em um sítio no bairro do Parazinho, no município de Conchas, onde foram criados e trabalharam na lavoura ajudando seus pais.

Paulo Bertin nasceu em 25.01.1897.

Paulo Bertin

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



***Inocência Bertin e Regina Bertin,
pais de Paulo Bertin.***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Maria Rita

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Maria Rita Sampaio era filha adotiva de João Isidoro e Ana Isidoro, conhecida como *Inhana* ou *Nhá Ana*, uma costureira da cidade de Conchas. A mãe biológica, de família muito pobre e sem condições de criar a menina, maltratava muito a sua filha e por estar envolvida num namoro com intenção de efetivar casamento, resolveu doar a criança. Maria Rita com 3 anos de idade foi levada para a casa de *Inhana*, onde foi criada como filha legítima.

Maria Rita nasceu em 26.03.1900 e foi criada na cidade de Conchas.



Ana Isidoro (Inhana ou Nhá Ana) e João Isidoro,
pais adotivos de Maria Rita.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Chamada para cantar

Era um domingo e dia de missa na matriz. Maria Rita, ainda muito jovem e solteira, era muito religiosa e não deixava de ir às missas, sempre acompanhada de algumas amigas e de seus pais adotivos, *Inhana* e o senhor João Isidoro.

No início da missa, uma das coordenadoras da igreja pediu para a Maria Rita fazer a vez de uma moça que cantava todos os domingos e que naquele dia precisou se ausentar.

Quando chegou o momento de cantar, Maria Rita foi chamada lá na frente, bem próximo ao altar, e com muita vergonha e tremedeira iniciou a música. Como frequentava sempre a igreja, sabia todas as músicas de cabeça. Com toda modéstia à parte, Maria Rita comentava que conseguiu terminar a música sem desafinar e sem dar vexame. No final foi elogiada pela coordenadora e por algumas pessoas mais próximas. Foi um momento de apreensão, mas valeu como experiência e Maria Rita dizia ter ficado muito orgulhosa por ter ajudado na missa naquele domingo.

O casal Paulo Bertin e Maria Rita



Final de 1919 - Paulo Bertin e Maria Rita, com a primeira filha, Lázara (Lazinha).

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Paulo Bertin e Maria Rita namoraram pouco tempo e, ainda bastante jovens, casaram-se no início de 1918. Ele com 21 anos e ela próximo de completar 18.

No início de casados moraram na casa dos pais de Paulo Bertin, que ficava num sítio no bairro do Parazinho, no município de Conchas. Depois de pouco tempo, construíram uma casa de *pau-a-pique* no mesmo sítio, onde moraram por 6 anos e ali nasceram os 3 primeiros filhos. Com uma boa reserva de dinheiro, compraram um sítio no bairro do Pará, próximo ao bairro do Varjão a, aproximadamente, 6 km da cidade de Conchas, e construíram uma casa também de *pau-a-pique*, onde moraram por alguns anos. Em seguida, fizeram uma casa bem

ampla de alvenaria para onde mudaram e até 1936 já tinham 11 filhos.



*1º semestre de 1936 - Atrás: **Hermelinda, Lázara, Luiz, Mário e Benedito.**
Na frente: **João, José, Paulo Bertin, Rosa, Pedro, Maria Rita,**
Antonio (no colo) e Inocêncio.*

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Nos anos seguintes, nasceram mais 4 filhos, completando os 15 filhos que criaram no sítio onde moravam. São eles: Carmen, Carlos, Irene e Inês. Nesse sítio todos trabalhavam na lavoura e também criavam aves, porcos e gado, inclusive vacas leiteiras.

Porangaba - SP – 1936

Mudança de Stefan Maier para Porangaba

Um vizinho da fazenda próxima ao bairro do Varjão, município de Conchas, onde Stefan morava, chamado Benedito Rosa, conhecido como Dito Rosa, comentava muito de seu irmão que tinha se mudado para Porangaba e acreditava que lá era um ótimo lugar para iniciar um negócio. Stefan foi convidado pelo Dito Rosa para fazer uma sociedade e montar em Porangaba um moinho de beneficiamento de milho e arroz. Como Stefan tinha perfil de empreendedor não pensou duas vezes e topou fazer a sociedade. Nessa época Stefan estava com 46 anos, já era casado com a Eugênia e tinha 4 filhos: Maria, Aparecida, José e Rosa. Logo montaram um pequeno moinho e Stefan foi morar lá com a família. O moinho foi um sucesso, produzindo canjica, farinha de milho, fubá e fazendo também limpeza de arroz. Atendia toda a região e inclusive algumas cidades vizinhas. Stefan não media

esforços e pessoalmente chegou a fazer várias entregas, transportando de carroça até Conchas o que produzia no moinho. Aproveitava e esticava a viagem até o sítio de sua irmã Apollonia, no bairro dos Silva, e matava a saudade de todos. Tomava algumas cervejas com o seu cunhado Rupert, dormia por lá e no dia seguinte bem cedo preparava a carroça e voltava para Porangaba. Numa dessas viagens para Conchas, convidou o seu sobrinho Roberto para vir trabalhar com ele no moinho. Roberto, que já era moço e trabalhava na roça, aceitou o convite, mas após um ano no moinho não se adaptou ao serviço e acabou voltando para o sítio de Conchas. Após alguns anos, Stefan e seu sócio perceberam que o negócio estava indo bem e então compraram um bom terreno na rua que dá saída para a estrada que liga Porangaba ao lugarejo, na época, de Torre de Pedra. Construíram ali um barracão bem amplo para o moinho e uma casa atrás do barracão para a família de Stefan morar. Passando mais alguns anos, Stefan e Dito Rosa montaram outro moinho em Torre de Pedra. O sócio Dito Rosa passou a tomar conta do moinho de Torre de Pedra e Stefan ficou com o moinho de Porangaba. Mais alguns anos se passaram e Stefan construiu a sua casa definitiva num terreno ao lado do moinho. Em Porangaba nasceram mais 5 filhos: Terezinha, Estevam (Estevinho), Ana, Clara e Eugênia (Nena). Stefan ficou conhecido em Porangaba como Estevão alemão.

Conchas – 1937

Luiz Bertin e Guilherme Wagner no Tiro de Guerra

Nas cidades menores do interior, os adolescentes na idade de servirem o exército, faziam o *Tiro de Guerra*, através de um acordo entre as prefeituras e o *Comando da Região Militar*.

No início do ano, com 17 anos de idade, Luiz, o segundo filho de Paulo Bertin e, Guilherme, filho de Rupert Wagner fizeram o alistamento militar e foram classificados para o *Tiro de Guerra*. Na época, frequentaram e praticaram o *Tiro de Guerra* em Conchas, 3 vezes por semana.



Luiz Bertin e Guilherme Wagner

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Benedito Bertin no Tiro de Guerra em Campo Grande



Benedito Bertin

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Benedito, quinto filho de Paulo Bertin também fez o *Tiro de Guerra* e teve que servir no *18º Batalhão de Campo Grande*, na época, no estado do *Mato Grosso* e, hoje, capital do *Mato Grosso do Sul*.



18º Batalhão – Campo Grande – Mato Grosso (na época).

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Alemanha – 1937

Família da irmã de Apollonia que ficou na Alemanha 2



1937 – **Maria** com 49 anos, seu marido **Josef Antretter** e os filhos.
Aniversário de 25 anos de casamento.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

CAPÍTULO 14

Bairros dos Silva e Pará - Conchas – início de 1937

Namoro de Luiz e Hermelinda

Luiz com 21 anos de idade frequentava as festas e os bailes da região onde morava e sempre que eram realizados no sítio da família dos Bertin, não deixava de comparecer. Onde morava, no bairro dos Silva, não era tão longe do bairro do Pará, onde ficava o sítio da família Bertin e, às vezes, as famílias se visitavam. Os pais ficavam conversando na sala e os filhos iam conversar em algum lugar lá fora, na sombra de uma árvore ou no “*terreiro*”. Também costumavam ir para o pomar quando era época de frutas. Maria (Marre), irmã de Luiz, tinha muita amizade com as filhas de Paulo Bertin, principalmente com as duas mais velhas, Lázara e Hermelinda. Os jovens se encontravam nas visitas das famílias, nas festas, nas missas e nos bailes que frequentavam.

Em alguns bailes que aconteciam na casa de Rupert, pai de Luiz, sempre vinha um bom sanfoneiro chamado Isaltino, que morava lá pelos lados do rio Tietê e que tocava uma sanfona de 48 baixos. O Isaltino vinha a cavalo e sempre acompanhado de muitas damas e cavalheiros de sítios vizinhos que ficavam próximos à estrada por onde ele passava. Como ele já era bastante conhecido e famoso na região, o pessoal não deixava de comparecer, pois todos sabiam que o baile seria dos melhores. Para acompanhar, vinha também um irmão de Isaltino, o Gustavo que morava em Conchas e tocava muito bem clarinete. Na sala onde o pessoal dançava, colocavam uma mesa num canto, com duas cadeiras em cima, onde o Isaltino e o Gustavo ficavam sentados. Embaixo da cadeira sempre tinha um garrafão de cachaça e um pequeno copo para “*abastecer*” os músicos. Os bailes eram muito animados e a maioria das pessoas varava a noite dançando. A primeira música sempre era uma valsa e apenas os donos da casa dançavam, ou seja, neste caso, dançavam apenas Apollonia e Rupert. Por volta da meia noite, todos os convidados eram servidos com broas feitas em casa por Apollonia, num forno de barro. Os pedaços de broa eram colocados numa peneira grande forrada com uma pequena toalha de mesa e servidos com café.

Hermelinda nunca havia namorado, embora tivesse muitos pretendentes. Luiz e seus irmãos gostavam muita de dançar e no início de 1937, Luiz começou a se interessar por Hermelinda, que estava com apenas 15 anos de idade.



Hermelinda

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Hermelinda era uma jovem muito bonita, de olhos castanhos e cabelos escuros ondulados. Vestia-se muito bem e as roupas eram feitas nas costureiras. Usava vestidos compridos cobrindo os joelhos com algumas pregas. Alguns modelos tinham os botões forrados com o mesmo tecido. Usava cintos e bons sapatos. Passava pouca maquiagem e estava sempre bem perfumada. Pelas conversas que tinham durante as festas e bailes, Luiz logo percebeu também o interesse de Hermelinda por ele. Num sábado de baile na casa dos Bertin, chegou mais cedo e pediu ao pai dela para iniciar o namoro. Era costume na época pedir ao pai da moça para começar a namorar e não tinha outro jeito. Paulo Bertin já conhecia o Luiz e gostava do jeito dele. Com o

consentimento do pai de Hermelinda, começaram a namorar naquele baile e logo o namoro ficou sério.

Nessa mesma época, Guilherme, irmão um pouco mais novo de Luiz, fazia o tiro de guerra com um dos filhos de Paulo Bertin, também chamado Luiz e, às vezes, frequentava a casa dele. Logo também se interessou por uma das irmãs de Hermelinda, a mais velha, chamada Lázara. Era uma jovem bonita, alegre e simpática. Considerando que o Guilherme já era conhecido da família e o Paulo Bertin já gostava dele, o início do namoro ficou bem mais fácil. Mas não escapou e também precisou pedir para namorar. Começaram a namorar e sempre se encontravam nas festas, nos bailes e nas missas. As famílias costumavam frequentar a igreja da cidade de Conchas, onde participavam das missas aos domingos e assim todos aproveitavam para namorar e matar a saudade. À noite, ficavam sentados nos bancos da praça ou “*jardim*”, como era chamado, ou passeando, dando voltas e mais voltas na praça. Era um namoro de muito respeito e mantinham certa distância um do outro.

Luiz e Hermelinda namoraram 1 ano e meio e resolveram marcar a data do casamento.

Com a data do casamento já marcada, os pais de Hermelinda ofereceram o material para a construção de uma casa logo na entrada do sítio de Paulo Bertin. Para construir a casa, Luiz contratou o senhor Dante, um pedreiro morador da cidade de

Conchas. O senhor Dante era compadre de seu futuro sogro Paulo Bertin. Vinha junto, também de Conchas, outro pedreiro, amigo do senhor Dante. Luiz trabalhou como ajudante durante toda a construção. Foi construída uma casa de alvenaria bastante confortável, com uma boa sala, 2 dormitórios e uma cozinha com fogão a lenha. Hermelinda gostou da ideia porque continuaria morando no mesmo sítio, próximo de seus pais e irmãos.

Período antes do casamento

“Os preparativos para o casamento começavam com alguns meses de antecedência. As duas famílias se organizavam para que no dia do casamento não faltasse nada. Os documentos dos noivos para a igreja e para o cartório ficavam em ordem com bastante antecedência. Era um momento tão importante para os noivos e para as famílias. A noiva era preparada para assumir uma casa e ser uma boa ‘dona de casa’, pois desde menina era orientada por sua mãe e aprendia tudo sobre prendas domésticas. Na época, era importante ir à escola para aprender a ler e escrever, bem como ter a educação religiosa, mas o que era mais valorizado era a educação das moças para o lar. Para o início do casamento, tinha que estar preparada para a cozinha e saber corte e costura. Depois, em curto prazo, eram orientadas para cuidar dos filhos. Os namoros eram vigiados pelos familiares e pela comunidade, que precisavam preservar a ‘pureza’ da moça. A mentalidade da época incentivava o homem a demonstrar sua virilidade, aprovando experiências sexuais, antes do casamento e as moças permanecerem puras, como sinal de delicadeza e fragilidade. O noivado era considerado um atestado público das intenções de casamento. E, conseqüentemente, nesta fase os preparativos se intensificavam, com a busca de estabilidade financeira, enxoval, e tudo o que fosse necessário para construir um novo lar. Os cuidados com os encontros amorosos do casal não eram mais tão rígidos na fase do noivado. Afinal, entendia-se não ser mais necessários, com a oficialização do compromisso, que dava certa segurança aos pais de, realmente, casar os filhos. Além do enxoval, a noiva também levava um dote para a nova condição de vida. Esse dote poderia ser terras, vacas, novilhas, porcos, uma galinha com pintinhos, um jogo de quarto de dormir, uma mesa de jantar. O fogão era a lenha, feito de tijolo. A roupa era lavada no tanque feito de tijolo revestido de cimento. Na cozinha não tinha pia, era uma cômoda para guardar panelas e a louça era lavada na bacia. Ganhavam também roupas de cama e cobertas de penas. As mulheres da família e até vizinhos reuniam-se para o preparo dos alimentos que seriam oferecidos durante a festa.

Alguns itens precisavam ser garantidos, caso não ganhassem até a data do casamento:

- colchão de casal de palha de milho desfiada que precisava ser afofado antes do uso;
- cortinas para as janelas;
- cobertores de casal e travesseiros de penas de pato;
- tacho para a produção de sabão caseiro;
- tachos para ferver as roupas;
- ferro aquecido com brasas para passar roupas (estes pesavam de 3 a 5 kg);
- bacia grande para tomar banho. ”

Fonte: Internet

Conchas – julho de 1938

Casamento de Luiz e Hermelinda

No dia 23 de julho, num sábado ensolarado, por volta das 9h, Luiz, seus pais e seus irmãos foram para a casa de Paulo Bertin para o almoço em família. Stefan Maier também foi, pois tinha sido convidado para ser um dos padrinhos de casamento e veio de Porangaba no dia anterior. Ele foi chamado para ser padrinho de civil e de igreja, que seriam realizados no mesmo dia.

Na época, era costume, no dia do casamento, os pais da noiva oferecerem um almoço para as famílias, padrinhos e alguns convidados. O almoço foi servido por volta das 11h, com muita carne, macarronada, cerveja e refrigerante. Tudo já tinha sido preparado no dia anterior, com a ajuda de todos da casa e de alguns amigos de sítios vizinhos.

Perto do meio dia, todos já estavam prontos para o casamento e seguiram para a cidade de Conchas a, aproximadamente, 6 km de distância. Alguns foram a cavalo, outros montados em mulas, a maioria foi a pé e a noiva seguiu numa carroça com seus pais. Passaram próximo ao sítio do pai do noivo, pois era na mesma estrada que seguia em direção à cidade. Um pouco antes das 13h, as duas famílias já estavam no cartório da cidade de Conchas.

Com hora marcada, numa sala com uma enorme mesa, na presença do Juiz de Paz, de um auxiliar e dos padrinhos, às 14h foi celebrado o casamento de Luiz e Hermelinda. Os dois e as testemunhas assinaram o livro de registro.

Luiz estava com 23 anos de idade e Hermelinda com 16 anos, próximo de completar 17.

Após o casamento no civil, a noiva foi até a casa do senhor Dante e dona Ema, compadres de Paulo Bertin, que moravam na cidade, para a troca de roupa. O noivo que já estava de terno foi direto para a igreja. Diziam que o noivo não podia ver a noiva arrumada antes do casamento, porque dava azar e corria o risco de o casamento não dar certo. Os padrinhos também seguiram a pé até a igreja.

Com a ajuda de dona Ema, que tinha feito o vestido de noiva e de algumas mulheres conhecidas que estavam na casa do senhor Dante, Hermelinda ficou pronta.



***Igreja de Senhor Bom Jesus em Conchas,
demolida no final dos anos 1960.***

Foto: Oficina Cultural Joanino Maimone

A igreja matriz de *Senhor Bom Jesus* ainda era a antiga, mas estava bem conservada e internamente era muito bonita. Os convidados não eram muitos e estavam presentes as famílias dos noivos, os padrinhos e os amigos mais próximos. Os três irmãos mais velhos, José com 32 anos, Roberto com 30 e João próximo de completar 25, acompanhados de suas esposas e filhos, ainda crianças, ficaram nos primeiros bancos da igreja, próximos ao altar. O João

estava preocupado porque sua esposa Maria estava grávida e nos dias de dar à luz (a criança nasceu no dia seguinte e recebeu o nome de Clarice). Os outros quatro irmãos solteiros, Guilherme com 19 anos, Maria (Marre) com 17, Francisco (Puba) com 14 e Rosa (Ruse) com apenas 7 anos ficaram nos bancos laterais da frente, também próximos ao altar. Da família dos Bertin, pela ordem de idade, Hermelinda era a terceira filha, mas era a primeira que estava se casando. Todos os seus irmãos estavam presentes e eram ainda adolescentes e crianças, inclusive de colo. Os dois irmãos mais velhos eram a Lázara (Lazinha) com 19 anos e o Luiz com quase 18. Todos os convidados estavam muito bem arrumados e aguardando o tão esperado casamento. As mulheres com vestidos da época, ou seja, um pouco abaixo dos joelhos, cintos largos, bons sapatos e brincos. Os homens usavam ternos de linho feitos sob medida em alfaiate. A cerimônia de casamento estava marcada para as 16h e diziam que o padre era rigoroso e não tolerava atrasos. Às 16h, o noivo, os pais e os padrinhos já estavam em frente ao altar aguardando a noiva. O padre pontualmente entrou, tomou o seu lugar e também já estava esperando.

Luiz caprichou no terno escuro, também feito em alfaiate. Usava camisa e gravata borboleta brancas, tinha um lenço também branco despontando do bolso do paletó e um enfeite na lapela. Os sapatos eram pretos. Estava de barba feita, sem bigode e com o cabelo penteado para o lado.

E a noiva? Todos estavam apreensivos e aguardando o momento de sua entrada.

Da casa da dona Ema até a igreja, apesar de não ser muito longe, Hermelinda seguiu de carroça com seu pai.

De repente, com 10 minutos de atraso, as portas da igreja se abriram e lá estava a noiva com o seu pai dando os primeiros passos ao som de um piano que tocava a marcha nupcial.

E então todos puderam ver e conferir. A noiva estava de vestido branco e bem comprido, fechado até próximo ao pescoço, com mangas compridas até o punho e com uma faixa na cintura. Usava brincos bem discretos, tinha um enfeite grande e branco na cabeça e o véu bem comprido, o que era bastante usado na época. As meias e as sandálias com salto não muito altos, também eram brancas.

Hermelinda entrou ao lado de seu pai, que estava muito orgulhoso pela bela noiva que levava ao altar e por ser a primeira filha que se casava.

O casamento foi muito bonito, com duração de mais ou menos 1h. Quando terminou a cerimônia, todos puderam sair tranquilos da igreja, pois o padre apesar de ter falado bastante, estava alegre e em paz. O mais importante é que ele não deu nenhuma bronca pelo pequeno atraso da noiva.

Os noivos receberam os cumprimentos na porta da igreja e em seguida foram tirar alguns “retratos” no estúdio chamado “Foto Mafaraci”, que ficava na Rua São Paulo, a principal da cidade, para registrar o acontecimento e guardar de recordação. O dono era o senhor Salvador Mafaraci D'Urso. Ele, além de músico (tocava violino), era barbeiro e morava numa casa que na parte da frente funcionava a barbearia e o estúdio para tirar “retratos”. Os “retratos” eram tirados pelas filhas do senhor Mafaraci, a Angelina, a Mafalda e a Irene.



Hermelinda e Luiz

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Hermelinda e Luiz no estúdio do fotógrafo após o casamento.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Depois, por volta das 18h, todos seguiram para o sítio dos Bertin para comemorar com uma grande festa. O pai de Hermelinda havia combinado com o senhor Mizico, um dos melhores sanfoneiros da região, para tocar e realizar o tradicional baile “arrasta-pés”, previsto para iniciar perto da noite. O senhor Mizico era do bairro do Varjão que ficava próximo ao sítio de Paulo Bertin. Logo que escureceu, para começar o baile, o sanfoneiro tocou a primeira música que não poderia deixar de ser uma valsa. Todos que ali estavam, fizeram um grande círculo na sala e primeiro dançaram só os noivos. Em seguida o sanfoneiro tocou a segunda valsa e então dançaram os pais dos noivos, os padrinhos e os noivos. Depois puderam dançar todos os convidados. O baile seguiu muito animado, varou a noite e foi até altas horas da madrugada. Os noivos estavam felizes e Luiz muito contente por ter uma bela esposa e agora fazer parte da família Bertin, da qual gostava muito. Sentia-se muito querido por todos e lembra que já eram 23h, quando a sua sogra Maria Rita o chamou num cantinho e falou ao pé de seu ouvido: “*venha aqui na sala ao lado comer um pouco de macarronada*”. E como ele estava com muita fome, não pensou duas vezes, aceitou o convite e saboreou uma gostosa macarronada. Luiz confessa que nessa hora, sem saber, sua sogra “*ganhou*” mais ainda a sua simpatia.

Receberam alguns presentes. Dos pais da noiva, ganharam uma vaca leiteira e um bezerro, o que era um ótimo presente na época. Considerou também como presente a casa construída logo na entrada do sítio de Paulo Bertin para que morassem por algum tempo até que pudessem comprar um sítio.

Logo que mudaram para a nova casa, Luiz formou ali um pequeno pomar plantando vários tipos de frutas. Comprou duas éguas que receberam os nomes de “Palmeira” e “Princesa” e fez um pequeno curral próximo a casa. A “Princesa” foi comprada de seu sogro Paulo Bertin na troca de um cavalo pequeno no valor de 120 réis e pagando mais 180 réis.

No primeiro ano de casados, como ainda não tinha o poço de água próximo a casa, precisava carregar água do poço de seu sogro que ficava a uns 300 metros de distância. Logo, Luiz construiu um poço próximo à cozinha e a partir daí as coisas ficaram mais fáceis.

Luiz e Hermelinda costumavam frequentar a capela do bairro do Varjão, acompanhados da família de seu sogro Paulo Bertin, onde participavam das missas aos domingos. As roupas de missa eram as melhores que tinham e usavam apenas aos domingos para ir à capela ou à igreja matriz da cidade. Quando não havia missa na capela, todos andavam 6 km a pé ou a cavalo e iam até a matriz de Conchas.

Conchas – julho de 1939

Um ano de casados



Hermelinda e Luiz

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Um ano depois de casados, Luiz e Hermelinda, após a celebração do casamento de Guilherme, irmão de Luiz, com Lázara (Lazinha) irmã de Hermelinda, no dia 15 de julho, resolveram acompanhar os noivos até o estúdio da família Mafaraci e aproveitaram para tirar um “retrato”.

Os dois estavam muito bem vestidos para o casamento dos irmãos. Luiz estava de terno escuro, sapatos pretos, camisa branca, gravata com estampa xadrez, um lenço branco despontando do bolso do paletó e um broche na lapela. Hermelinda estava de vestido comprido de pregas, com botões dos grandes, mangas compridas, brincos de ouro e sapatos pretos. Era a moda da época.

CAPÍTULO 15

Europa - setembro de 1939

Início da Segunda Guerra Mundial

Em 1939 as coisas estavam bem no sítio de Rupert e Apollonia, pois trabalhavam por conta própria e não faltava nada. Nessa época Rupert estava com 57 anos e Apollonia com 54. Seus 8 filhos estavam todos praticamente criados, pois os mais velhos já estavam casados e alguns já eram adolescentes. Apenas a Rosa (Ruse) ainda era criança, com apenas 8 anos de idade.

Apollonia e seu pai Joham gostavam de estar sempre bem informados sobre as notícias da Alemanha e semanalmente recebiam e liam o jornal alemão. Apollonia costumava ler o jornal para os filhos e comentar as novidades. No correio que ficava próximo à estação de trem, na cidade de Conchas, tinha até uma caixa postal, onde era colocado o jornal pelo senhor Ernesto, logo que chegava.

No dia certo da semana, um dos filhos de Apollonia ia de bicicleta ou a cavalo buscar o jornal e aproveitava para levar manteiga feita em casa para vender para o senhor Ernesto. Apollonia tinha ensinado o Luiz a fazer manteiga da nata do leite que guardava diariamente.

As notícias recebidas durante o primeiro semestre de 1939 diziam que os conflitos na Europa tinham aumentado e que as coisas não andavam bem por lá.

Em setembro de 1939, receberam a notícia que a Alemanha nazista de *Hitler* havia invadido a Polônia. De imediato a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Era o início da *Segunda Guerra Mundial*.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL 1939 - 1945



A Segunda Guerra Mundial

Fonte: <http://bardoateu.blogspot.com/2013/04/a-segunda-guerra-mundial-no-facebook.html>

Com o início da guerra, as cartas eram censuradas e Apollonia parou de receber notícias dos irmãos. Sabia que as últimas cartas enviadas para a Alemanha também não tinham chegado e então achou melhor parar de escrever.

Apollonia sabia da possível participação de seus sobrinhos na guerra e agora só restava acompanhar os acontecimentos daqui e torcer para acabar logo o conflito.

Depois de, aproximadamente, 3 anos de guerra, as notícias que liam nos jornais já não agradavam mais, pois além de a Alemanha invadir os países vizinhos, criaram os campos de concentração e começaram com o extermínio de judeus. Logo mudaram de opinião e começaram a torcer contra a Alemanha, pois as notícias eram revoltantes e concluíram que *Hitler* era um líder louco que queria dominar o mundo.

Considerando que o Brasil, a princípio, tinha uma posição de neutralidade, a família de Rupert e Apollonia apenas acompanhava a guerra e estavam tranquilos porque eram bem tratados pelos moradores do município de Conchas.

No final do segundo semestre de 1942, a família de Apollonia começou a ficar preocupada, pois depois de alguns ataques a navios brasileiros, o governo brasileiro decidiu que o Brasil entraria na guerra. Na verdade, nessa época, o Brasil ainda não entrou na guerra, pois o primeiro grupo de militares brasileiros só participou do conflito a partir de julho de 1944.

CAPÍTULO 16

Conchas

Casamento dos Wagner – irmãos de Luiz



Antonieta e José

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

José (Josef), o primeiro irmão, quase 9 anos mais velho que Luiz, conheceu uma jovem chamada Antonia Maria Fiéri, conhecida como Antonieta, filha de Ângelo Fiéri, do bairro do Parazinho, município de Conchas. Namoraram pouco tempo e logo realizaram o casamento.

José comprou um sítio próximo ao sítio de seu pai, onde construíram uma casa e moraram ali muitos anos. Depois de algum tempo, mudaram-se para Porangaba, onde compraram uma casa com 2 alqueires próximo à cidade.

José e Antonieta tiveram 10 filhos: Maria, José, Martinho, Tereza, Antônio (Tonico), Paulo, Aparecido (Cido), Clara, Alice e Ana.



Roberto e Maria da Luz

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Roberto (Rupert), o segundo irmão, 7 anos mais velho que Luiz, casou-se com uma moça chamada Maria da Luz, da família Vieira, de origem portuguesa. Maria da Luz morava num sítio vizinho ao sítio do pai de Roberto, no município de Conchas. Moraram na casa dos pais de Roberto durante mais ou menos 1 ano e em seguida foram morar no sítio que compraram próximo dali.

Roberto e Maria da Luz tiveram 11 filhos: Maria, Rosa, Magdalena, Maria de Lourdes, Aparecida, José, Francisco, Benecdito, Elisa, Olga e Elza.



João e Maria

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

João, o terceiro irmão, 2 anos mais velho que Luiz, casou-se com uma moça chamada Maria Pires, da família dos Pontes, do bairro do Parazão, município de Conchas.

No início do casamento, moraram durante 1 ano em uma casa no sítio do pai de João e depois foram para um sítio próximo dali, onde Maria tinha recebido 1 alqueire de herança. Ficaram alguns anos nesse sítio e, em seguida, mudaram-se para o sítio de Luiz no bairro dos Poli, município de Porangaba.

João e Maria tiveram 3 filhos: José, Luiz e Clarice.



**Lázara (Lazinha) e
Guilherme**

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Guilherme, o irmão 4 anos mais novo que Luiz, casou-se com a jovem Lázara, conhecida como Lazinha, a primeira filha de Paulo Bertin, em 15 de julho de 1939.

Moraram alguns anos numa casa que já existia a 1 km de distância da casa de Paulo Bertin, no mesmo sítio, no bairro do Pará, município de Conchas. Depois de alguns anos compraram um sítio no bairro dos Florentino, no município de Porangaba, onde moraram muitos anos. Nos últimos anos moraram na cidade de Porangaba.

Guilherme e Lazinha tiveram 11 filhos: Olga, Mário, Guilherme, Luiz, Rosa, Mercedes, Elza, Aparecida, Paulo, Fátima e Roberto.



***Maria (Marre) e
Bento Silva***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Maria, chamada pela família de Marre, a irmã 6 anos mais nova que Luiz, casou-se com o jovem Bento, da família dos Silva.

Sempre moraram próximo ao sítio onde moravam os pais de Maria, no bairro dos Silva, município de Conchas.

Maria e Bento Silva tiveram 6 filhos: Francisco, Hilda, Érica, Luiz, José Miranda e Maria Helena.



***Carolina (Lina) e
Francisco (Puba)***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Francisco (Puba), o irmão quase 9 anos mais novo que Luiz, casou-se com a jovem Carolina (Lina), da família dos Silva. Carolina era irmã de Bento Silva, casado com Maria (Marre), irmã de Francisco.

Francisco comprou o sítio de seu irmão José, próximo ao sítio de seu pai, no município de Conchas, onde morou toda a sua vida de casado e mora até hoje. Sempre trabalhou na agricultura e na criação de gado.

Francisco e Lina tiveram 5 filhos: José Henrique, Maria Elizabeth (Bete), João, Roberto e Luiz Carlos.



***Rosa (Ruse) e
Belarmino (Ninito)***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Rosa, chamada pela família de Ruse, a irmã 15 anos mais nova que Luiz e a mais nova da família, casou-se com Belarmino (Ninito) Morgado, de família portuguesa que morava em São Paulo.

Logo que se casaram, moraram 1 ano no bairro Alto do Ipiranga, em São Paulo. Depois foram morar com os pais de Rosa no sítio em Conchas, onde trabalharam na lavoura por muitos anos.

Após o falecimento de sua mãe, Rosa e sua família voltaram a morar no bairro Alto do Ipiranga, em São Paulo e, em seguida, no Parque São Lucas.

Rosa e Ninito tiveram 3 filhos: Roberto Carlos (Nenê), Carlos (Carlinhos) e Rosemeire (Rose).

Casamento da última filha de Apollonia

Apollonia era muito apegada aos filhos e não dá para esquecer o quanto sofreu com o casamento da sua última filha, Rosa (Ruse). Após o casamento, como já estava planejado, Rosa e seu marido Belarmino (Ninito) deixaram o sítio do bairro dos Silva e viajaram para São Paulo, onde iriam morar. Logo em seguida, os filhos perceberam que Apollonia havia sumido. Roberto, seu filho, após procurá-la em vários lugares, encontrou Apollonia caída no chão da horta, chorando muito e meio desesperada. Este período de adaptação foi de muito sofrimento para ela, pois era muito apegada à filha, companheira de todos os dias naqueles últimos anos.

Dois filhos de Rupert Wagner, Luiz e Guilherme, foram casados com duas filhas de Paulo Bertin, Hermelinda e Lázara (Lazinha).

Outros dois filhos de Rupert Wagner, Maria (Marre) e Francisco (Puba), foram casados com dois irmãos da família dos Silva, Bento Silva e Carolina (Lina). Tereza, da mesma família dos Silva, foi casada com Benedito (Dito) Bertin, irmão de Hermelinda.

Nascimento dos dois primeiros filhos

Luiz e Hermelinda moraram na casa construída no sítio de Paulo Bertin durante 4 anos, onde nasceram os dois primeiros filhos. No final da primeira gravidez de Hermelinda, Luiz precisou sair logo pela manhã para ir buscar a parteira Firmina Belo, esposa do Firmino Belo, que morava no bairro do Parazão, a uma légua dali. Foi montado numa mula e, na volta, precisou vir a pé para que a parteira viesse na mula. Naquele dia, 06 de janeiro de 1940, num sábado, a parteira teve de ficar ali o dia todo porque a criança demorou muito para nascer. Nesse dia nasceu a primeira filha, batizada com o nome de Maria. Um ano e meio depois, em 23 de julho de 1941, numa quarta-feira, no dia que completaram 3 anos de casados, estava para nascer mais uma criança. Luiz precisou ir buscar a mesma parteira Firmina Belo para fazer o parto. Só que desta vez a criança não demorou muito para nascer. O segundo filho recebeu o nome de José Luiz. Consideraram o nascimento do filho como se fosse um presente de aniversário de casamento.

Nos primeiros anos de casados, Luiz trabalhou na lavoura com a família Bertin e, também, cuidava do gado e tirava leite das vacas.

Jogo de malha

Na manhã de um domingo, muitas famílias compareceram para a missa marcada para ser celebrada na casa do senhor Zé Antunes, morador da região. Na época, era costume chegar bem antes do horário, pois aproveitavam para conversar um pouco e tomar um café servido pelos donos da casa. Luiz e Hermelinda com os dois filhos ainda crianças chegaram cedo. Para passar o tempo até o início da missa, os homens inventavam alguma atividade.

Naquele dia era o jogo de malha que estava em andamento e algumas duplas já tinham jogado. É um jogo bastante conhecido, mas para aqueles que não o conhecem, consiste em, de uma distância razoável, lançar discos de metal em direção a um pino com a intenção de derrubá-lo ou deixar o disco (a malha) o mais próximo possível desse pino. É, portanto, um jogo de pontaria.

A dupla que seguia jogando era o João Diniz e o Dito Lúcio, até então declarados os campeões das duplas que já haviam jogado. O Manoel era o próximo escalado para jogar como adversário e escolheu o Luiz para fazer dupla. Logo no início do jogo dava para sentir o peso da responsabilidade e perceber que o João Diniz e o Dito Lúcio eram mesmo muito fortes, pois quando não derrubavam o pino, pelo menos colocavam as malhas dentro do círculo interno. Os pontos foram disputados pau-a-pau e no último lance, Luiz arremessou a malha, cravou-a na mosca, derrubando o pino e encerrando a partida com “*chave de ouro*”. O Manoel, seu

parceiro, festejou dando pulos de alegria e saiu gritando “*campeão*”. Luiz e Manoel foram cumprimentados por muitos que estavam ali assistindo e todos se apressaram para a missa que já estava para começar.

Esse dia ficou na história e o jogo foi bastante comentado pelos amigos durante muito tempo.

Corrida de cavalo

Às vezes, nas manhãs de domingo, inventavam corrida de cavalo lá pelos lados do sítio do Firmino Belo, no bairro do Parazão, a uns 6 km de distância da casa onde moravam. O Anibal Pedroso, vizinho do Firmino Belo, tinha um cavalo de corrida muito bom e o Zezinho, filho de Roberto (irmão de Luiz), resolveu se aventurar e marcou para correr na manhã de um domingo. Esta primeira vez que correu, fez muito sucesso, pois o cavalo do Anibal era mesmo dos bons e ganhou a corrida com boa vantagem. Num outro domingo, o Zezinho correu pela segunda vez num outro cavalo emprestado, mas como o cavalo não ajudou nem um pouco, acabou sendo derrotado e o Zezinho nunca mais quis correr. Todos acharam que foi uma pena o Zezinho ter desistido, pois levava jeito e tinha tudo para dar certo.

CAPÍTULO 17

Conchas

Casamento dos Bertin – irmãos de Hermelinda



Lázara (Lazinha) casou-se com Guilherme Wagner, irmão de Luiz, em 15 de julho de 1939.

Moraram alguns anos numa casa que já existia no sítio de Paulo Bertin, no bairro do Pará, no município de Conchas, depois muitos anos num sítio no bairro dos Florentino, no município de Porangaba - SP e nos últimos anos moraram na cidade de Porangaba.

Tiveram 11 filhos: Olga, Mário, Guilherme, Luiz, Rosa, Mercedes, Elza, Aparecida, Paulo, Fátima e Roberto.

Lázara (Lazinha) e Guilherme

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Luiz

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Luiz – ficou solteiro.

Morou muitos anos com seus pais num sítio no bairro do Pará, no município de Conchas e nos últimos anos morou na cidade de Conchas.



Mário e Adelaide

Foto: acervo pessoal da família de Mário Bertin

Mário casou-se com Adelaide, filha de Antônio Florentino. Moraram num sítio no bairro dos Florentino, no município de Porangaba - SP e depois durante muitos anos na cidade de Sorocaba - SP.

Tiveram 4 filhos: Antônio, Dirceu, Maria Lúcia e Mário



Tereza e Benedito (Dito)

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Benedito (Dito) casou-se com Tereza do Miranda, da família dos Silva, de um sítio do bairro dos Silva, no município de Conchas.

Moraram na cidade de Jacarezinho, no Estado do Paraná.

Tiveram 16 filhos: José, Milton, Aparecida, Mário, Irene, Paulo, Luiz, Maria de Fátima, Dulce, Olga, Rosely, Roberto, Maria das Graças, Irene, Olga e Pedrinho. Os nomes de Irene e Olga foram repetidos porque duas filhas receberam os mesmos nomes de duas filhas falecidas ainda crianças.



Malvina e José

Foto: acervo pessoal de Vilma Bertin

José casou-se com Malvina, filha de Lazinho Pinto, de uma família do sítio do município de Porangaba - SP.

Moraram alguns anos no bairro dos Florentino, no município de Porangaba e depois foram morar na cidade de Itaporanga - SP.

Tiveram 2 filhos: Ailton e Vilma.



Lúcia e Inocêncio

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Inocêncio casou-se com Lúcia, da cidade de Conchas. Sempre moraram na cidade de Conchas.

Tiveram 3 filhos: José (Zezinho), Maria Aparecida e Maria José.



Maria (Mariazinha) e João

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

João casou-se com Maria (Mariazinha), da família de Bento Rodeiro, de um sítio do município de Conchas. Mariazinha era sobrinha de Eugênia de Lara, casada com Stefan Maier.

Moraram alguns anos num sítio no município de Porangaba – SP e depois foram morar na cidade de Itaporanga - SP.

Tiveram 4 filhos: Aparecida, Maria Inês, João Antônio e Elisabete.



Rosa e Pedro

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Rosa casou-se com Pedro Alves, filho de Antônio Alves, de um sítio do município de Conchas.

Moraram muitos anos na cidade de Itararé – SP e, após o falecimento do marido, Rosa foi morar na cidade de Itapetininga - SP.

Tiveram 5 filhos: Maria Aparecida (Fíica), José Antônio, Luiz Carlos (Branquinho), Maria de Lourdes e Rosa Maria.



Terezinha e Pedro

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Pedro casou-se com Terezinha, filha de Arlindo Rosa.

Moraram nos primeiros anos de casados no bairro do Varjão, no município de Conchas e depois na cidade de Conchas. Em seguida moraram muito anos em Sorocaba - SP.

Tiveram 5 filhos: Maria Ivone, José Carlos, Luiz Carlos, Marlene e Sandra.



Celina e Antônio

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Antônio casou-se com Celina, filha de Juvenal e Benedita Cubas, família da cidade de Porangaba - SP. Moraram alguns anos no bairro do Pará, no município de Conchas, vizinhos do sítio de Paulo Bertin.

Depois moraram na cidade de Conchas.

Tiveram 3 filhos: Marilza, Antônio (Junior) e Leisa.



Carmen e João

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Carmen casou-se com João Carlos Fernandes, conhecido como João Manduca, da cidade de Conchas.

Sempre moraram na cidade de Conchas, onde Carmen continua morando até hoje.

Tiveram 8 filhos: Vilma, Carlos, Claudete, Cláudio, João, José Luiz, Maria Helena e Cláudia.



Dalva e Carlos

Foto: acervo pessoal de Fátima Wagner

Carlos casou-se com Dalva (Vênus Dalva).

Sempre moraram na cidade de Laranjal Paulista – SP.

Tiveram 3 filhos: Francisco, Adriano e Alessandra.



Irene e Palmiro (Miro)

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Irene casou-se com Palmiro (Miro) Alves, filho de Antônio Alves, de um sítio do município de Conchas. Moram num sítio do município de Conchas.

Tiveram 4 filhos: Maria Rita, Antônio (Toninho), Cristina e Palmiro (Mirinho).



Inês e Antônio

Foto: acervo pessoal de Antônio Carlos Rugolo

Inês casou-se com Antônio da Silva Rugolo.

Mora na cidade de Conchas.

Tiveram apenas 1 filho: Antônio Carlos (Toninho).

Duas filhas de Paulo Bertin, Lázara (Lazinha) e Hermelinda, foram casadas com dois filhos de Rupert Wagner, Guilherme e Luiz, e outras duas filhas, Rosa e Irene, se casaram com dois filhos de Antônio Alves, Pedro e Palmiro, sendo o último conhecido como Miro.

CAPÍTULO 18

Porangaba – 1942

Festeiros de São Roque - Stefan Maier e esposa

“Era mês de maio quando a igreja matriz de Porangaba recebeu o Padre Ambrósio Marks, com 37 anos de idade, como responsável pela paróquia da cidade junto com a paróquia de Cesário Lange (Passa Três). A partir de dezembro de 1943 ele ficou só com a paróquia de Porangaba, onde permaneceu por 10 anos. O Padre Ambrósio nasceu em Aub, Diocese de Würzburg, Alemanha, em agosto de 1904”.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

Logo que chegou à cidade, o Padre Ambrósio ficou muito amigo de Stefan, pois tinham muita coisa em comum. Conversavam sobre os assuntos da Alemanha e por coincidência os dois eram da mesma região, *Bavária*. Assim que o Padre Ambrósio assumiu a paróquia, convidou Stefan para ser o festeiro de São Roque, no dia 16 de agosto, dia do santo.

Stefan, nessa época, estava com 52 anos de idade e ficou muito contente, aceitando prontamente o convite. A única preocupação era que teria pouco tempo para organizar a festa, pois já estavam no mês de maio e, portanto, a apenas 3 meses da data. Até aquele momento a igreja não tinha a intenção de realizar a festa de São Roque e foi decidido meio em cima da hora com a vinda do Padre Ambrósio. Stefan gostava de desafios e acreditava que daria tudo certo.

Nessa época o moinho de Stefan ainda ficava na rua principal próximo a casa do Nhô Jango Mendes, do outro lado da rua. Stefan não mediu esforços para garantir uma grande festa no dia de São Roque. Fez o que pôde naquele curto intervalo de tempo e com a colaboração de alguns amigos, arrecadou as prendas e providenciou tudo para o dia do santo. O povo participou e colaborou muito.

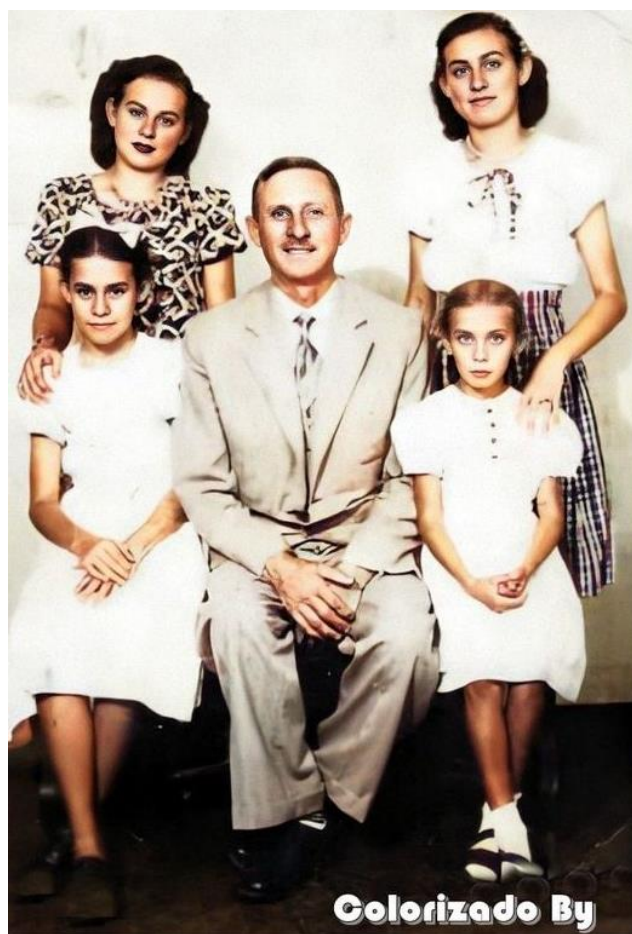
No início da noite teve a procissão saindo da igreja de São Roque, acompanhada da *“Banda Santo Antônio”*, com o maestro Toninho Cristovão no comando, passando pelas principais ruas da cidade. Em seguida foi celebrada a missa, realizada a quermesse com o famoso leilão e não faltou a fogueira e a queima de fogos.

Luiz e seu irmão Guilherme que ainda moravam em Conchas, na companhia de um amigo chamado Sebastião Diniz, vieram a cavalo para prestigiar o tio festeiro e a boa festa de São Roque que Porangaba prometia.

Para o nosso orgulho, o tio Stefan Maier era um exemplo na cidade por ser de bom caráter, carismático, alegre e querido de todos os porangabenses. Sempre que recebia visita de amigos e parentes, demonstrava muita satisfação, pois era carinhoso e atencioso com todos. Gostava muito de ficar com a família e de participar de festas e reuniões entre amigos. Parecia uma pessoa feliz, pois estava sempre de bem com a vida e sorridente. Ele era muito brincalhão e divertido. No seu moinho, conhecido como “Moinho do Alemão”, os motores funcionavam o dia todo, trabalhando sem parar, produzindo fubá, farelo, canjica, quirela e fazia também limpeza de arroz.

Stefan Maier tinha um coração enorme e ajudava muita gente. Quem nunca pediu para o tio Estevão ou para o seu Estevão alemão, como era chamado, o delicioso biju de milho? Com o seu sotaque um pouco carregado, ele atendia prontamente e pedia para descer para o local do forno onde ficavam as farinheiras dona Cecília e dona Jorgina produzindo farinha. O biju era feito na hora e saía bem quentinho. Além da dona Cecília e da dona Jorgina, ainda dá para lembrar de alguns que trabalharam no moinho do tio Stefan como o Antonio Cristóvão, o Nenê Teles e José Wagner (Zé Alemão, sobrinho de Stefan).

Quando alguém perguntava da *Primeira Guerra Mundial* da qual participou ativamente quando estava na Alemanha, ele contava como as coisas aconteceram e o sufoco que passou no exército alemão. Às vezes, ele tirava o olho de vidro e mostrava para nós na palma da mão e dizia que ficou cego daquele olho por causa de um tiro de raspão do soldado inimigo. Contava que ficavam nas trincheiras, que a luta era corpo a corpo e os soldados usavam o fuzil com uma baioneta na ponta. Quem não admirava o tio Estevão? Todos ficavam imaginando a coragem que ele teve ao enfrentar o inimigo cara a cara e como conseguiu sair vivo da guerra. Para nós, “*ele sempre foi um herói!*”



Odair J. de Oliveira

Stefan Maier com as 4 primeiras filhas: da esquerda para a direita, em pé ***Maria*** e ***Aparecida (Cida)*** e sentadas ***Rosa*** e ***Terezinha***.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

Irmãs de Apollonia - Elisa e Rosa



1942 – **Elisa**, com 45 anos e **Rosa**, com 44, as duas irmãs de Apollonia que ficaram morando em São Paulo.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

Elisa, a irmã de Apollonia que se casou em 1917 com o austríaco chamado Francisco, teve apenas uma filha que também se chamava Rosa, o mesmo nome de sua irmã. Foram proprietárias por muitos anos de uma pensão na Rua Bela Cintra, em São Paulo. Depois de alguns anos de casada, Elisa se separou do marido que se entregou à bebida e andava sem destino pelas ruas de São Paulo.

Rosa, a outra irmã de Apollonia, que também se casou em 1917 com o austríaco chamado Guilherme, teve 4 filhos: Clara, José, Francisco e Luiz (Luizinho). Moraram por muitos anos no bairro Alto do Ipiranga. Após o falecimento de Rosa, Guilherme se casou pela segunda vez e foi morar em Osasco, onde depois de muitos anos também faleceu.

CAPÍTULO 19

Bairro dos Poli - Porangaba – 1942

Compra do sítio em Porangaba

Era o início da primavera quando Luiz e Hermelinda resolveram procurar terras para comprar. Paulo Bertin, sogro de Luiz, sabendo da vontade dos dois, ofereceu ajuda para visitar alguns sítios que estavam à venda.

O primeiro que visitaram foi um sítio de 10 alqueires no município de Conchas, próximo ao sítio de Paulo Bertin, mas como não deu negócio, resolveram procurar terras na região do município de Porangaba, cidade vizinha de Conchas.

Luiz e seu sogro saíram a cavalo numa segunda-feira bem cedo, passaram pela cidade de Conchas e pegaram a estrada para Porangaba. Lá em Porangaba já estava morando e trabalhando no seu próprio moinho, havia 6 anos, o tio de Luiz, Stefan Maier, irmão de Apollonia. Quando chegaram, o tio Stefan muito receptivo e hospitaleiro pediu para que eles ficassem hospedados em sua casa.

No dia seguinte saíram bem cedo e visitaram alguns sítios que sabiam que estavam à venda. Fizeram assim também nos outros dias daquela semana e não se interessaram por nenhum. No último dia de procura, numa sexta-feira, seu tio Stefan se ofereceu para ir junto ver um sítio que estava à venda no bairro dos Poli. Este sítio tinha 20 alqueires e uma casa de *pau-a-pique* e ficava a um pouco mais de 6 km da cidade de Porangaba. Luiz foi apenas com o seu tio e o seu sogro ficou na cidade descansando. Gostaram do sítio e considerando que o preço estava bom, acabaram fechando negócio. Quando retornaram para a cidade já estava escurecendo.

No dia seguinte Luiz e Paulo Bertin voltaram para Conchas e contaram para Hermelinda sobre o bom negócio que fizeram. Luiz também combinou com a sua esposa que logo estariam mudando para o sítio de Porangaba.

Mudança para Porangaba

No início de outubro daquele mesmo ano, arrumaram a mudança em três carroças e usaram também um trole, ou seja, uma carroça de 4 rodas, todos puxados por burros e mulas. Naquela época quase não usavam cavalos.

Numa das carroças, acomodou todas as ferramentas usadas na lavoura, como arados, grades de gradear terra, enxadas, enxadões, foices e outras. Na outra carroça colocou todos os móveis, como cadeiras, baús, camas, colchões e as malas de roupas. E na terceira carroça colocou as galinhas, os frangos e alguns leitões, todos acomodados em engradados de madeira.

Como precisavam aproveitar bem o dia, combinaram de sair no dia seguinte bem cedo do sítio de Paulo Bertin, no bairro do Pará, no município de Conchas, onde moravam. Na época, a estrada que ligava as duas cidades, chegava a Porangaba pelo bairro dos Nunes. Era uma viagem demorada, com mais de 42 km de distância, sendo 6 km do sítio de Paulo Bertin até Conchas, depois mais 30 km até Porangaba e em seguida um pouco mais de 6 km até o sítio do bairro dos Poli, onde iriam morar.

No dia seguinte, após as despedidas, seguiram com as carroças e o trole pela estrada de terra em direção à cidade de Conchas. Um pouco antes de Conchas, cruzaram a linha de trem, passaram pela cidade e pegaram a estrada em direção a Porangaba.



*Tipo de **carroça** usada na época.*

Fonte: <http://bolorento.blogspot.com/2016/01/quando-as-mudancas-eram-feitas-de.html>

Uma das carroças foi levada por seu pai Rupert apenas até Conchas e de lá seguiu sendo levada por um amigo da família. As outras duas foram conduzidas por um irmão de Luiz, José e por um cunhado.



*Tipo de **trole** usado na época para as viagens.*

Fonte: Internet

O trole foi levado pelo próprio Luiz, no qual viajaram sua esposa Hermelinda e seus 2 filhos ainda pequenos. A Maria estava com quase 3 anos e o José Luiz com um pouco mais de 1 ano.

As três carroças seguiram na frente e o trole foi logo atrás. Durante a viagem, por excesso de cuidado com o cachorro chamado “Leão”, quase aconteceu o pior. “Leão” era um cachorro grande, branco, manso e muito esperto. Com medo de perder o cachorro na viagem, Luiz resolveu amarrá-lo com uma pequena corda, atrás do trole. Quando já estavam na estrada, logo que passaram a cidade de Conchas, perceberam que o “Leão” tossia muito e estava meio engasgado. Pararam as carroças e o trole e foram ver o que estava acontecendo. O “Leão” já estava quase sem ar, com a língua de fora e a boca cheia de areia. Perceberam que quando o trole andava um pouco mais rápido, a roda de trás jogava areia na boca do cachorro e o coitado não tinha outra escolha a não ser “comer areia”. Rapidamente lavaram a boca do “Leão” e então ele seguiu solto, acompanhando as carroças, chegando ao seu destino são e salvo. Quando chegaram ao sítio, no bairro dos Poli, já estava escurecendo. Foi o tempo que tiveram para descarregar as carroças e acomodar alguns móveis na casa. E o “Leão”, depois daquela tortura que passou “comendo areia”, agora no sítio corria de um lado para o outro pegando os lagartos pintados que apareciam por lá, tentando roubar os ovos do galinheiro.

Na semana seguinte, Luiz voltou montado em um burro ao sítio de seu sogro no município de Conchas e levou para o seu sítio de Porangaba a vaca e o bezerro que ganharam de presente de casamento. O bezerro já tinha virado novilha. Levou também mais algumas novilhas que havia comprado naqueles primeiros anos e as duas éguas, a “Palmeira” e a “Princesa”. Para levar toda essa criação para Porangaba, contou com a ajuda de um cunhado.



Porangaba – foto da época.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

Síntese de sua formação

“Surgiu como um vilarejo quando os tropeiros vinham da região oeste paulista, nas viagens que faziam pela trilha que ligava Botucatu a Sorocaba e pernoitavam ali para o descanso, na ida e na volta. Formou-se a partir de 1850, recebeu no início o nome de bairro de Santo Antônio do Rio Feio e pertenceu a Tatuí. Em 1870, aproximadamente, foi construída a capela de Santo Antônio, o padroeiro do lugar. Em 1885, passou a se chamar Bela Vista de Tatuí e em 1891 passou para o Distrito de Paz. Em 1927 recebeu o nome de Porangaba, tornando-se independente de Tatuí. A emancipação política ocorreu em 04 de junho de 1928, dia que se comemora o aniversário da cidade. Passou a ser Comarca em 30 de novembro de 2005”.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

Localização e população

“Porangaba fica no interior do estado de São Paulo, a 168 km da capital, seguindo pela Rodovia Presidente Castelo Branco. Em 1936, quando Stefan Maier deixou o município de Conchas e veio morar em Porangaba, a distância até a capital era de quase 210 km, pois como ainda não existia a Rodovia Presidente Castelo Branco, precisava seguir pela estrada velha que passava por Tatuí, Capela do Alto e Sorocaba, e depois pela rodovia Raposo Tavares passando por São Roque e Osasco. Na época contava com um pouco mais de 10.000 habitantes. Em 1942, ou seja, 6 anos depois, quando Luiz comprou seu sítio em Porangaba, o município tinha reduzido sua população para, aproximadamente, 9.500

habitantes. Em 1991, Porangaba teve sua população bastante diminuída quando da emancipação de Torre de Pedra. Em 1993 contava com apenas 5.657 habitantes. Com os loteamentos feitos para a formação de chácaras e condomínios, a população voltou a aumentar nos próximos anos. Em novembro de 2010 contava com 8.274 habitantes e a estimativa do IBGE para 2018 era de 9.779 habitantes”.

Fontes: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porangaba> e www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

Frequentando o cinema de Porangaba

A partir do final do ano de 1942, ano da mudança da família de Luiz de Conchas para Porangaba, morando no sítio, quando Luiz vinha à cidade, às vezes, aproveitava e ficava para assistir algum filme à noite. Para saber que filme estava programado, era só olhar nos cartazes que ficavam encostados e amarrados em alguns postes das principais esquinas da cidade. As sessões eram às quintas-feiras, sábados e domingos das 20h às 22h. Quando saía do cinema, pegava o cavalo e voltava para o sítio, chegando em casa por volta da meia noite.

Lembra que o cinema funcionava na rua principal, mas não era no mesmo local onde funcionou depois o “*Cine Santo Agostinho*”, de propriedade de Agostinho Angelini, conhecido como Gustão. Na época o cinema não tinha nenhum conforto, pois as cadeiras e os bancos de madeira eram muito duros e frios.

Em Porangaba Luiz ficou conhecido como Luiz Alemão.

CAPÍTULO 20

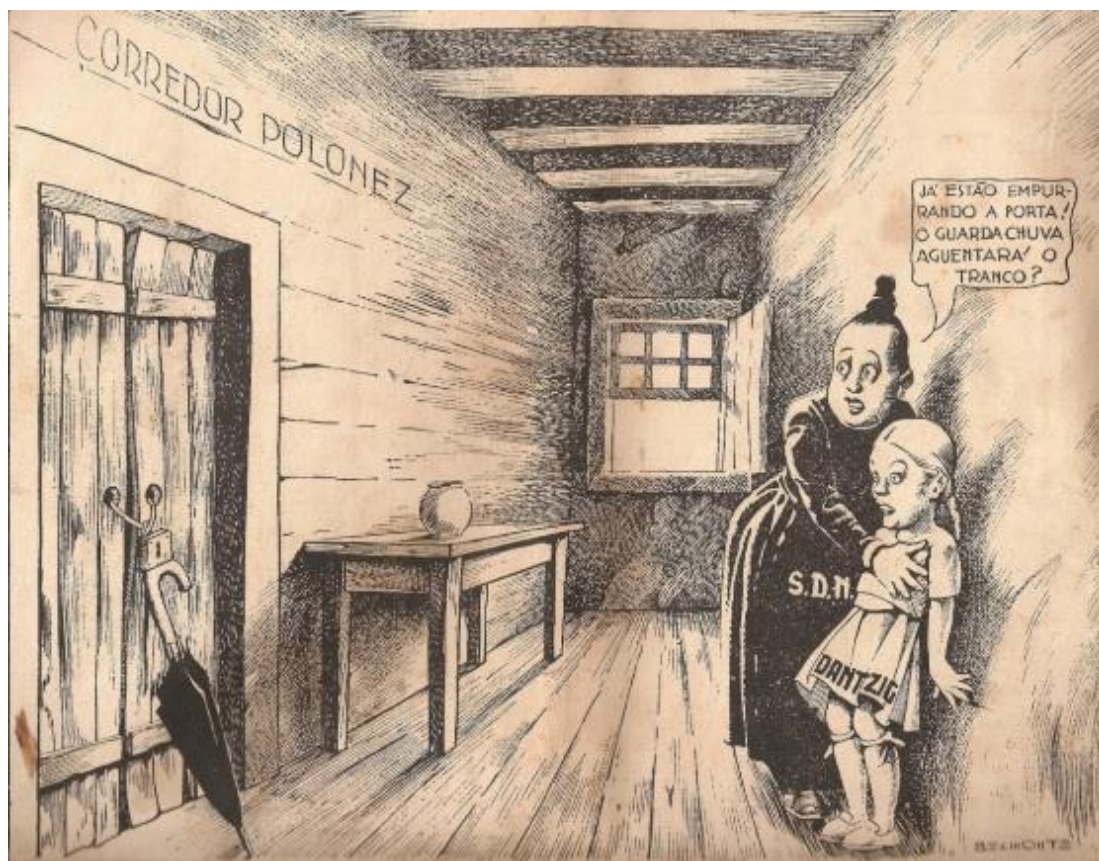
Porangaba – 1942

As charges da Segunda Guerra Mundial

Quando Luiz veio morar em Porangaba, deixou de ter notícias sobre o andamento da *Segunda Guerra Mundial*, que recebia através de sua mãe que lia os jornais recebidos em Conchas e mantinha todos da família bem informados.

No sítio não tinha notícias dos acontecimentos e quando vinha à cidade para saber as novidades, costumava frequentar o bar e armazém do Giocondo Rossi que ficava na rua principal. Ele era italiano, casado com uma argentina chamada Maria Catarina Cassetari e tinha sido capitão do exército italiano durante a *Primeira Guerra Mundial*. Giocondo comentava que na época foi preso pelos alemães, mas sempre ter sido bem tratado por eles. Era uma pessoa muito culta e atualizada sobre o que estava acontecendo na *Segunda Guerra Mundial*, em andamento na Europa, na época. Ele recebia o jornal “*Folha da Noite*” que trazia as notícias e um encarte com *charges* dos líderes dos países envolvidos na guerra, feitas pelo jornalista e caricaturista *Belmonte* (*Benedito Bastos Barreto*). Além das notícias publicadas, as *charges* com as caricaturas satirizavam e ironizavam o nazismo, relatando bem os acontecimentos, dando ideia de como andava a guerra. Luiz acompanhava as notícias porque estava preocupado com os tios que ficaram na Alemanha e alguns primos tinham sido convocados pelo exército alemão. Nessa época, Luiz plantava e colhia algodão no sítio e vendia tudo para o Giocondo, que era um dos maiores compradores de algodão do município. Pela amizade que tinham, o Giocondo resolveu fazer uma surpresa e dar um presente para o Luiz. Percebendo o interesse dele pelas notícias da *Segunda Guerra Mundial*, encadernou todas as *charges* de *Belmonte* do ano de 1939 e deu de presente para ele. Luiz ficou muito contente e achou que foi um bom presente, pois era uma coleção com mais de 80 *charges*. Luiz mantinha as *charges* guardadas e quando mostrava para as pessoas, fazia questão de citar quem eram os personagens e contar a história da *Segunda Guerra Mundial*, a qual conhecia bem.

Apenas para ilustrar, a seguir estão reproduzidas algumas dessas *charges*, com uma rápida análise sobre o que elas queriam expressar.



Folha da Noite – 1939

A frase da personagem: "Já estão empurrando a porta! O guarda-chuva aguentará o tranco?".

A charge faz crítica colocando em dúvida a resistência dos Britânicos para evitar a invasão da Polônia pela Alemanha.

A Alemanha invadindo a Polônia e, os Britânicos representados pelo guarda-chuva do Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain, resistindo na tentativa de proteger os poloneses.



Folha da Noite - 09.02.1939

A frase da personagem: “Está tudo acabado entre nós! Quero a minha liberdade!”.

Frase escrita ao lado da charge: “Liberdade – Uma ilusão como qualquer outra...”.

A Tchecoslováquia está dividida e em perigo!

A charge mostra que Hitler já está de olho na vizinha Tchecoslováquia e que, nas mãos dele, não haverá liberdade para ninguém.



Folha da Noite - 21.03.1939

A frase dita pelo Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain: “Eh! Moço! O senhor está me pisando no calo!!”.

Frase do rodapé: “Legenda: Gulliver em Lilliput...”

A charge é inspirada no romance “Viagens de Gulliver”.

Hitler está sobre o mapa da Europa, esmagando a Tchecoslováquia com uma das mãos, enquanto pisa no calo do Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain e olha interessado nas outras nações europeias, representadas por minúsculas e frágeis mulheres.



Folha da Noite - 03.06.1939

Frase escrita ao lado da charge: “O homem resolveu transformar as negociações em leilão...”.

A charge faz crítica à indecisão de Stalin.

Stalin, o ditador da antiga União Soviética, diante de Hitler e do Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain, sem saber quem apoiar, resolveu ver quem dá mais.



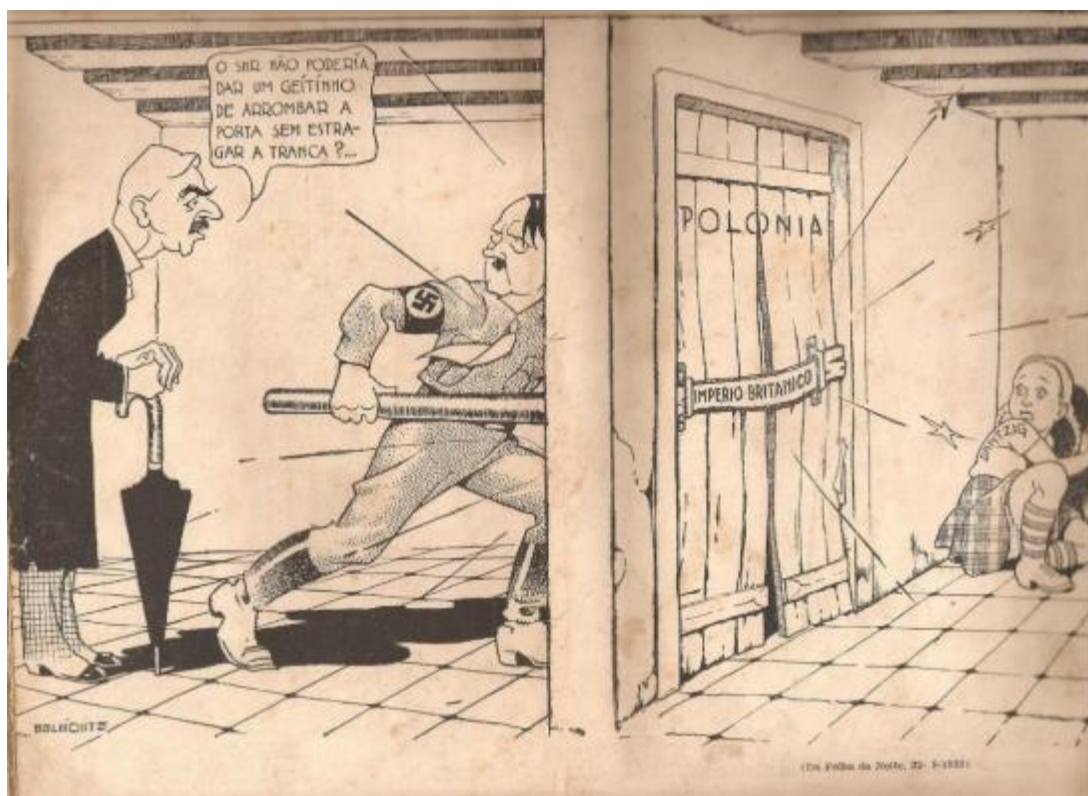
Folha da Noite - 29.07.1939

A frase do Juca Pato, personagem criado pelo jornalista e caricaturista: “Chi... seu Heródes está ficando tonto”.

Frase do rodapé: “As grandes cenas bíblicas – Salomé exige a cabeça”.

A charge faz referência a uma cena bíblica que envolve o rei Heródes e Salomé, quando a jovem pede a cabeça do profeta João Batista num prato, como recompensa por ter dançado para o rei no dia de seu aniversário.

A charge satiriza o fato histórico colocando Hitler na figura de Salomé, que exige a cabeça da Polônia e, o Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain, na figura do rei Heródes, assiste tudo “de camarote” e não faz nada para salvar o pequeno país.



Folha da Noite - 22.08.1939

A frase dita pelo Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain: "O senhor não poderia dar um jeitinho de arrombar a porta sem estragar a tranca?"

A charge faz crítica à oposição apaziguadora do Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain que pouco fez para proteger a Polônia, diante de Adolf Hitler. A Alemanha, representada por seu chanceler Adolf Hitler preparando a invasão do território polonês sob os olhares do Primeiro Ministro Britânico Neville Chamberlain.

Charges: acervo pessoal de Luiz Wagner

CAPÍTULO 21

Bairro dos Florentino - Porangaba – início de 1943

Guilherme, irmão de Luiz, compra sítio em Porangaba

No início do ano, Guilherme e Lázara (Lazinha), incentivados pelo irmão Luiz e seu tio Stefan Maier que já moravam em Porangaba, compraram um sítio no bairro dos Florentino, no município de Porangaba, a 6 km da cidade, localizado à beira da estrada que ligava Porangaba à Vila de Torre de Pedra. Na época, a Vila pertencia ao município de Porangaba, tornando-se município apenas em 1991. Torre de Pedra está a apenas 16 km de Porangaba. Guilherme e Lazinha tinham apenas 3 filhos, ainda crianças: Olga, Mário e Guilherme. O Guilherme ainda era criança de colo com apenas 2 meses de idade. A família deixou o sítio de Paulo Bertin, no bairro do Pará, e veio para o bairro dos Florentino em abril do mesmo ano. Guilherme montou uma “venda” (comércio de mantimentos e bebidas) na parte da frente da casa que funcionou por um bom tempo. Após alguns anos, construíram uma boa casa de alvenaria e formaram um bom pomar. Tinham uma boa “mangueira” (curral) onde, diariamente, antes de clarear o dia tiravam o leite das vacas e entregavam ao caminhão de leite que passava nos sítios da região. Usavam também um pouco do leite para o consumo da família. No engenho de moer cana que ficava próximo ao paiol faziam a gostosa garapa. Da garapa faziam o açúcar. Além da criação de gado, também criavam porcos e aves. Trabalhavam na agricultura plantando um pouco de tudo para comercializar e para o próprio consumo. Nesse sítio nasceram mais 8 filhos: Luiz, Rosa, Mercedes, Elza, Aparecida, Paulo, Fátima e Roberto. Depois de muitos anos, Guilherme construiu uma casa na rua principal da cidade e montou na parte da frente um armazém em sociedade com seu genro Deocacir, casado com a sua primeira filha, Olga. Na casa construída morou a família de sua filha Olga. Depois de muitos anos, mudou-se para a cidade e morou nessa mesma casa onde funcionava o armazém na parte da frente.

Guilherme era muito querido do povo porangabense, amigo de todos e estava sempre pronto para ajudar as pessoas menos favorecidas. Ficou conhecido em Porangaba como Guilherme Alemão.

Morando no sítio dos Poli, em 17 de julho, num sábado, nasceu o terceiro filho de Luiz e Hermelinda que foi batizado com o nome de João.

Viagens de Porangaba a Conchas

Trabalhando na lavoura, plantavam algodão e feijão, o que dava um bom dinheiro. Gastavam pouco porque tinham muita coisa de consumo produzida no próprio sítio. Luiz lembra bem das duas éguas “*Palmeira*” e “*Princesa*” que trouxe de Conchas, as quais eram muito espertas e ajudavam nos serviços da lavoura. Além de puxarem carroça e arado, também eram muito boas para tocar o gado e para as viagens da família. Foram as melhores éguas que já teve.

Como Luiz tinha que cuidar da lavoura e da criação, às vezes, Hermelinda viajava sozinha com os três filhos pequenos do sítio de Porangaba, onde moravam, até a casa de seus pais, no sítio no bairro do Pará, no município de Conchas. Viajavam nas duas éguas e faziam boa viagem, pois elas eram muito mansas. Hermelinda saía bem cedo com as crianças para chegar ao sítio de seu pai antes do escurecer, numa viagem de mais de 42 km de distância.

Na época, a estrada era de terra vermelha e saía de Porangaba pelo bairro dos Nunes seguindo em direção a Conchas. Era cheia de buracos e sem nenhuma conservação.

Das viagens que Luiz e Hermelinda fizeram juntos para visitar as suas famílias no município de Conchas, duas vezes foram de carrinho puxado pelas duas éguas. Uma vez Luiz emprestou o carrinho do Tó Cláudio, que era vizinho de sítio, e outra vez emprestou o carrinho do Lazinho Pinto. O carrinho, por ser um pouco menor, era mais confortável que a carroça e também era melhor que viajar montados sobre as duas éguas.

Nessas viagens, costumavam parar na sombra de algumas árvores na beira da estrada, numa capoeira próxima ao sítio do Nicolau, para descansar um pouco, comer algum lanche que traziam de casa e tomar água fresca de um riacho que ali passava. Também aproveitavam para dar água para as duas éguas.

Numa dessas viagens, quando seguiam para Conchas, próximo ao bairro dos Moquém, sem nenhum motivo aparente, de repente o carrinho virou e a família toda foi para o chão. Todos ficaram muito assustados, mas ninguém se machucou. Luiz conseguiu desvirar o carrinho e logo puderam seguir a viagem, chegando ao sítio de Paulo Bertin antes do escurecer. Foi apenas um susto!

“Bola de fogo”

Nos dois primeiros anos no sítio, moraram na casa de *pau-a-pique*, com os três primeiros filhos ainda bem pequenos.

Certo dia, Luiz saiu do sítio a cavalo antes do escurecer e foi até a cidade, como costumava fazer nos fins de semana. Voltava um pouco tarde e chegava em casa por volta da meia noite.

Era uma noite bem escura e, por volta das 22h, Hermelinda já estava deitada em seu quarto e as crianças no quarto ao lado. As paredes internas da casa que separavam os cômodos iam até certa altura, não chegando ao telhado que era aparente. De repente percebeu um clarão entrando pela sala. Parecia uma *“bola de fogo”* que andava de um lado para o outro e a claridade ficava cada vez mais forte. Hermelinda dizia que aquela coisa estranha poderia ter entrado por um buraco que tinha próximo à porta da sala, onde o reboco de barro havia caído. As crianças já estavam dormindo e ela ficou preocupada e com muito medo.

A luz se movimentava lentamente e a sombra dos móveis e das paredes se movimentava conforme o lado para onde ia a *“bola de fogo”*. Da sala foi para a cozinha, voltou para a sala, foi para o quarto ao lado onde as crianças dormiam e depois de alguns segundos voltou para a sala, saiu e sumiu. Tudo isso aconteceu no mais absoluto silêncio e como a porta estava trancada e tinha as dobradiças um pouco barulhentas, descartou a possibilidade de ter entrado alguém com uma luz ou lanterna. Também não era o Luiz porque não ouviu o barulho das patas do cavalo como sempre ouvia chegando. Um pouco antes da meia noite, aí sim ouviu o barulho do cavalo e era o Luiz retornando da cidade.

E o que era aquela *“bola de fogo”* que causou tanto medo?

Pois é, tem coisas que não têm explicação. E essa nunca teve!

Após os dois primeiros anos morando no sítio e já com três filhos, a família precisava de uma casa maior e então Luiz construiu uma casa de tábua, num lugar mais alto, onde moraram mais três anos. As tábuas eram de uma madeira bem resistente, que aguenta água de chuva e não apodrece fácil, conhecida na região como *“ximbó”*.

Escalando a Torre de Pedra

Próximo ao vilarejo de Torre de Pedra que, na época, contava com, aproximadamente, 900 habitantes, há uma elevação rochosa com cerca de setenta e cinco metros de altura, semelhante a uma *“torre”*. Fica na zona rural e está

localizada num relevo já considerado bastante alto. Na época, o vilarejo era um distrito de Porangaba e recebeu o nome de Torre de Pedra devido à existência dessa elevação rochosa.

O sítio onde Luiz morava, no bairro dos Poli, ficava próximo à estrada que ligava Porangaba ao vilarejo e estava a, aproximadamente, 10 km de Torre de Pedra. Hoje, é um município e fica a apenas 16 km de Porangaba.



Torre de Pedra

Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g3198959-d3483391-i73503573-Hotel_fazenda_Estancia_Torre_de_Pedra-Porangaba_State_of_Sao_Paulo.html

Luiz havia combinado com o Cornélio Constantino, seu compadre, o Melico Luzia e o Zé Alemão, seu irmão mais velho, para irem conhecer e escalar a “torre”. O Cornélio veio no dia anterior e dormiu no sítio. O Melico e o Zé Alemão vieram logo cedo, no dia do passeio.

Almoçaram um pouco mais cedo e saíram antes do meio dia, seguindo a cavalo pela única estrada de terra em direção à “torre”. Após quase uma hora e meia de estrada e cortando caminho por alguns sítios, chegaram ao local.

Estavam na base da “torre” e dava para ver que ela era imponente e parecia impossível subir até o seu topo. Contornaram a sua base e perceberam que dava para escalar pelo lado de trás onde tinha alguma vegetação.

O Luiz, o Cornélio e o Melico, sem nenhum equipamento ou mesmo um pedaço de corda, conseguiram escalar a “torre”. Apesar de alguma dificuldade em vários pontos da escalada, logo chegaram ao lugar mais alto, de onde dava para apreciar todos os lados, com uma vista de belezas naturais, de muita paz e tranquilidade. O Zé Alemão não quis subir e preferiu ficar aguardando numa sombra, próximo à base da “torre”. Não demoraram muito lá em cima e, assim que desceram, retornaram ao sítio de Luiz antes do escurecer e da forte chuva que já estava se formando.

Os 2 ouriços

Na plantação de milho próximo a uma capoeira do sítio do Ananias, os cachorros latiam sem parar e faziam muito barulho. Um dos cachorros era o “Leão”, aquele que veio de Conchas e o outro era um cachorro pequeno. Luiz foi ver o que estava acontecendo e viu que era um ouriço que vinha ali comer as espigas de milho verde. O “Leão” avançada sobre o bicho e depois recuava por causa dos espinhos

longos e aguçados. O ouriço tinha cor acastanhada, variando do amarelo-claro, passando para o marrom, até quase preto. O cachorro pequeno só latia, fazia muito barulho e não se aproximava muito. Luiz estava com uma garrucha de dois canos e como na época precisava proteger a lavoura, aproximou-se do ouriço e deu um tiro, matando o bicho. Saiu dali e quando estava voltando para casa, percebeu que os cachorros voltaram a latir no mesmo lugar. Achou melhor retornar para ver o que ainda estava incomodando os cachorros. Viu um segundo ouriço e não teve jeito, pois teve que fazer o mesmo que havia feito com o primeiro.

Quando chegou em casa, Luiz precisou cuidar do focinho do “*Leão*” que estava cheio de espinhos do ouriço. Já estava um pouco inchado e começando a inflamar. Precisou segurar a cabeça do “*Leão*” com os joelhos e usar um alicate para conseguir tirar todos os espinhos, um de cada vez. Depois de alguns dias o “*Leão*” já estava bom e pronto para novas aventuras.

CAPÍTULO 22

Europa - maio de 1945

Fim da Segunda Guerra Mundial



1945 – *Jornal Diário da Noite*

Fonte: <http://www.fab.mil.br/noticias/mostra/22062/DIA-DA-VIT%C3%93RIA---Cerim%C3%B4nia-celebra-o-fim-da-Segunda-Guerra-Mundial-na-Europa>

Era mês de abril e o jornal recebido por Apollonia trazia a notícia que as tropas aliadas – americanas, inglesas e russas - invadiram a Alemanha. A partir daí, com os bombardeios sobre toda a Alemanha, a família de Apollonia perdeu as esperanças e já não acreditava que os seus parentes ainda estivessem vivos.

O próximo jornal noticiou que no dia 30 de abril, *Hitler* se suicidou e no dia 08 de maio a Alemanha nazista estava derrotada e se rendeu.

Era o fim da *Segunda Guerra Mundial* e neste dia da rendição foi feriado nacional. Apollonia e Rupert ficaram mais tranquilos e aliviados com as notícias e foi como se tivessem tirado um peso de cima deles. Mas, ainda precisavam receber notícias de seus familiares que moravam na Alemanha.

Estavam muito preocupados porque seu irmão Gersp pertencia ao exército alemão desde a primeira guerra e havia feito carreira militar. Ele e a irmã Maria tinham formado família e os filhos já estavam moços. Todos sabiam que em situação de guerra, o governo alemão convocava os jovens e os adultos e, provavelmente, eles teriam lutado naqueles anos de batalha.

Logo que acabou a guerra, Apollonia escreveu uma carta para a sua irmã para saber de todos os seus parentes, mas não tinha certeza se as cartas já estavam chegando aos destinatários. Após algumas semanas, recebeu a resposta enviada por sua irmã Maria e então chorou pela perda de seis sobrinhos que lutaram na *Segunda Guerra Mundial*.

Rupert Wagner



Rupert Wagner, pai de Luiz, com 63 anos.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Era com muita alegria que Rupert, pai de Luiz, chamado por todos de Roberto, recebia os filhos, as noras e os netos em sua casa no sítio do bairro dos Silva, no município de Conchas. As conversas em alemão com os filhos eram prolongadas com muita história para contar. As noras e os netos ficavam curiosos e prestavam atenção para saber o que conversavam e não entendiam nada. Como Apollonia não falava nada a nossa língua, Rupert que aprendeu um pouco a falar o português, fazia o papel de intérprete e a conversa se estendia um pouco envolvendo as noras.

CAPÍTULO 23

Bairro dos Poli - Porangaba – 1945 e 1946

Ainda morando no sítio do bairro dos Poli, em 12 de agosto de 1945, num domingo, nasceu o quarto filho de Luiz e Hermelinda, que recebeu o nome de Antonio.

João, irmão de Luiz, vem morar no sítio do bairro dos Poli

No início de 1946, Luiz convidou seu irmão João que morava num sítio no município de Conchas, para vir trabalhar com ele no seu sítio no município de Porangaba. João, sua esposa e seus três filhos, Clarice, Luiz e José, com idade entre 8 e 12 anos, vieram e moraram na antiga casa, onde antes morava a família de Luiz. João ajudava Luiz no sítio e tinha liberdade para plantar por conta própria. Os três sobrinhos de Luiz, logo que chegaram ao sítio, estavam com vermes e foram curados tomando por vários dias a água salobra de um poço antigo que havia perto da casa.

João morou e trabalhou no sítio de Luiz durante, aproximadamente, seis anos. Depois comprou três terrenos do loteamento feito por Luiz na Vila, próximo à cidade de Porangaba, onde construiu a sua casa.

João ficou conhecido em Porangaba como João Alemão.

“Burrinho fujão”

Certa manhã, Luiz percebeu que a égua “Princesa”, aquela que havia comprado de seu sogro Paulo Bertin, estava sozinha e o burrinho havia sumido. Começou a procurar pelos sítios vizinhos e apesar de várias tentativas para encontrá-lo, acabou desistindo porque ninguém tinha visto o burrinho.

Sabendo da fama da dona Zulmira de encontrar coisas perdidas e sumidas, resolveu falar com ela e pedir ajuda. A dona Zulmira era a esposa do João Peixeiro que morava lá na entrada da cidade, na subida da rua, próximo a casa da Tirda. Após conversar com a dona Zulmira, foi informado que o “*burrinho fujão*” estava depois do sítio do Ananias, antes do bairro dos Luzias.

Luiz achou melhor não duvidar que a dona Zulmira estivesse certa e voltou para casa bastante animado, pois queria muito recuperar o burrinho. Mas não deixou de considerar que eram vários os sítios da região e ficou pensando como a dona Zulmira poderia ter tanta certeza indicando o local onde se encontrava o burrinho?

No dia seguinte, Luiz levou a égua para o lugar indicado pela dona Zulmira e após passar por vários sítios, quando cruzou a porteira do sítio do Ananias, antes do bairro dos Luzias, lá estava o “*burrinho fujão*”. Logo que o burrinho avistou a

égua, foi só fazer meia volta que ele já veio acompanhando a mãe na estrada em direção ao bairro dos Poli. Depois dessa ajuda, ficou aliviado por ter encontrado o burrinho e não ter duvidado da dona Zulmira.

Saci-pererê – “o cavaleiro da noite”

As duas éguas que tinha no pasto, a “*Palmeira*” e a “*Princesa*”, eram bem mansas e aos sábados e domingos Luiz costumava ir montado numa delas até a cidade. A égua “*Palmeira*” tinha a crina e o rabo bastante compridos e o pêlo era bem liso. Quem morava no sítio, às vezes, na boca da noite, via os animais correndo desembestados pelo pasto, de um lado para o outro, sem muita direção. Várias vezes, logo pela manhã quando ia buscar uma das éguas no pasto, Luiz percebia a crina muito bem trançada e no final da trança formava um pequeno estribo. A trança e o estribo eram muito bem feitos, sempre do mesmo lado da crina do pescoço do animal e eram difíceis de desmanchar. Provavelmente, o pequeno estribo era onde o *saci-pererê* colocava seu pezinho para ter apoio durante as cavalgadas noturnas.

As duas éguas sempre davam boas crias e a “*Palmeira*” estava nos dias de dar uma nova cria.

Numa dessas noites, a égua foi picada por uma cobra urutu no riacho que ficava próximo a casa onde seu irmão João Alemão morava.

Acredita-se que numa das desembestadas noturnas provocadas pelo “*cavaleiro da noite*”, a égua deve ter pisado numa urutu, que enrolada numa das patas, deu a picada venenosa e fatal. A cobra foi encontrada no dia seguinte numa das margens do riacho e estava enrolada e meio machucada.

Especialista em sacis no programa do Jô Soares

Para entender melhor as histórias de *saci-pererê* contadas por Luiz, veja o que o presidente da *Associação Nacional dos Criadores de Saci – ANCS*, de Botucatu - SP, cidade próxima a Porangaba, Engenheiro José Oswaldo Guimarães, especialista em sacis, explicou em 2010 na televisão, no programa do Jô Soares e aproveitou para esclarecer muitas dúvidas da plateia e do próprio Jô Soares. Disse que o saci é muito arisco e alertou a todos dizendo que não pode fotografar e nem filmar os sacis porque dá azar, além de tirar o pitoresco e o místico do saci e também para não invadir a privacidade deles. Pode perder todo aquele mistério que existe hoje. Eles não falam, assobiam bem forte, têm a feição de molequinho, riem bastante e fazem muita careta. Foi questionado pelo Jô se existe saci branco, albino ou gay. Comentou que não existe saci branco e nem albino e nunca viu um saci gay. Disse que são muito discretos na vida sexual deles. Existe o saci macho e o saci fêmea. O Jô muito curioso, perguntou como é “*uma sacia*” grávida, se ela não

se desequilibra numa perninha só. O especialista respondeu que não, pois elas são muito ágeis e se equilibram numa boa. Elas têm a gestação em torno de 10 meses. Esclareceu que eles são vegetarianos e só comem frutas, verduras e brotos de bambu. Suas traquinagens e estripulias são conhecidas pelos roubos de fumo e cachimbos das casas dos sítios, por mexer nas roupas dos varais e, às vezes, por derramar o leite que está no fogo para ferver. E, também, pela traquinagem mais conhecida, que é pelas tranças que faz na crina dos cavalos. Comentou que existe, além do *saci-pererê*, outra espécie de saci que é o *saci-pererê-açu*, um pouco maior que o *saci-pererê*.

Muita gente reclama que não consegue ver o saci, mas conforme informações do presidente da ANCS, qualquer pessoa pode ver o saci, desde que ela esteja disposta para vê-lo. Disse que, na verdade, depende mais da pessoa que quer ver o saci do que do próprio saci.

Disse ainda que com a chegada da luz elétrica nas casas dos sítios e fazendas, a iluminação acabou espantando os sacis e as sombras dos lampiões se afastaram das casas. Tudo isso fez diminuir bastante as chances de ver um saci e, principalmente, porque antes tinha os contadores de história e hoje não tem mais.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=g2KChO0aibs>

E o cavalo morreu

Numa das visitas de Paulo Bertin e Maria Rita, à família de Luiz e Hermelinda no sítio do bairro dos Poli, eles estavam de trole e usavam um cavalo bonito e bastante forte. Devido à distância e ao tempo de viagem, normalmente vinham num dia, ficavam um dia inteiro e no dia seguinte, voltavam para Conchas. Desta vez não foi diferente e na volta, saíram bem cedo, pois tinham de viajar o dia todo. Passaram pela cidade de Porangaba e seguiram pela longa estrada de terra pelo bairro dos Nunes até Conchas. Logo que passaram a cidade e a linha do trem, já na estrada em direção ao bairro do Pará, onde moravam, Paulo Bertin desceu do trole para ficar mais leve e forçou um pouco o cavalo na segunda subida que é conhecida como “*subida do Noé*”. O cavalo foi muito valente, aguentou firme e venceu a pior subida da estrada. Depois seguiram normalmente até o sítio. Lá chegando, Paulo Bertin cuidou bem do cavalo, mas logo em seguida teve uma triste surpresa. Acredita-se que devido ao excesso de cansaço pelo esforço que fez na “*subida do Noé*”, o cavalo não resistiu e acabou morrendo. Foi uma enorme perda, pois a família gostava muito do animal e era o melhor cavalo do sítio de Paulo Bertin.

“Chove ou não chove?”

Para quem trabalhava na lavoura e precisava de boas colheitas, tinha de conhecer bem as condições do clima e o melhor período para semear e colher. Algumas

sementes germinavam melhor em época de chuva, enquanto outras, o excesso de água resultava em apodrecê-las. Conhecer as condições do tempo para quem vivia do plantio, muitas vezes era uma questão de sobrevivência. Na época não tinha o radialista *Narciso Vernizzi*, "*O homem do tempo*", e muito menos toda esta tecnologia de hoje de previsão do tempo. Bem mais tarde quando apareceu o *Narciso Vernizzi* e fazia a previsão do tempo pelo rádio, dava para ver que ele era um bom observador do tempo e certamente tinha ótimo conhecimento sobre nuvens. Estaria sendo injusto com ele se dissesse que nunca acertava, mas, às vezes, enganava a gente. Para saber se iria chover era só olhar para o céu e observar como estavam as nuvens e as condições do vento. Durante o dia a previsão se fazia olhando as nuvens, a temperatura, o vento e a cor do céu e, à noite, era só observar as estrelas. Dava para prever o que iria acontecer à tarde e à noite e mesmo no dia seguinte. Luiz sabia quando vinha chuva forte ou chuva leve, tempestade com raios e trovões, chuviscos e garoas. E dificilmente errava.

A força da Lua

Além da previsão do tempo, para fazer as plantações, precisava também conhecer a melhor lua para semear e a melhor para colher. Conforme o tipo de semente, Luiz escolhia a fase da lua para preparar o solo e semear. Fazia o mesmo na época da colheita. Este cuidado era tomado para ter melhor qualidade de plantações e melhor colheita, evitando carunchos, pragas, brocas, lagartas, insetos, etc.

Porangaba -1946

Stefan Maier e a luz elétrica

“Antigamente, ainda quando era Vila ‘Bella Vista de Tatuhy’, as ruas eram pouco iluminadas e era na base dos lampiões a querosene. Para ter uma ideia, em 1930, a rua de cima tinha 5 lampiões e a rua de baixo 7. Eram instalados em pontos estratégicos, ou seja, nas esquinas em postes de madeira e no meio dos quarteirões nas paredes das casas. Ao escurecer, com o auxílio de uma escada, o responsável dava a manutenção completando o querosene e acendia os lampiões, um a um. À meia noite voltava para apagar.



1938 - **Lampião a querosene** instalado em poste de madeira que existia antigamente em **Porangaba**, quando ainda era vila “**Bella Vista de Tatuhy**”.

Quando da instalação de luz elétrica em Porangaba, em 1946, Stefan recebeu pedido da Prefeitura Municipal, que tinha na época como interventor o senhor Luiz Manoel Domingues (Luiz Cândido), para ajudar o pessoal na instalação dos geradores cedendo espaço das dependências de seu moinho, utilizando inclusive os seus motores a diesel que movimentavam as máquinas do moinho. Stefan deu total apoio e atendeu prontamente ao pedido para que a cidade recebesse luz elétrica.

A partir daí a cidade passou a ser mais bem iluminada, com os motores a diesel do moinho de Stefan tocando os geradores, ficando as luzes acesas das 18 às 24h. Então Porangaba passou a ter ‘luz elétrica tocada a motor a diesel’.

A ajuda de Stefan foi de grande importância para a concretização desse maior sonho dos porangabenses.

Na época, o Padre Ambrósio que já era muito querido por todos os porangabenses deu total apoio à instalação da luz elétrica na cidade e à instalação do telefone. Comandou as duas inaugurações em 1946, fazendo a primeira ligação telefônica e acionando a chave da luz elétrica.

O Padre Ambrósio era uma espécie de autoridade informal, respeitada e uma referência para a nossa pequena cidade.

Depois de 10 anos na paróquia de Porangaba, em junho de 1952 foi transferido para a Diocese de Jacarezinho, Paraná, e assumiu a paróquia de Iguaraçu, onde ficou até março de 1960. Dizem que faleceu no Estado do Paraná, mas não se sabe o local e a data de seu falecimento”.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues



1946 – Stefan, Eugênia e os filhos.

Da esquerda para a direita: Terezinha, Rosa, Aparecida, Maria, Eugênia de Lara Maier, Clara (no colo), Stefan Maier, Ana (no colo), Estevam (Estevinho) e José.

Foto: acervo pessoal de Marly Thibes (neta de Stefan e Eugênia)

Nessa época da instalação da luz elétrica em Porangaba, Stefan com 56 anos e Eugênia com 41 anos já tinham 8 filhos. Apenas a Eugênia (Nena) ainda não havia nascida.

Porangaba – Vila – início de 1947

José, irmão mais velho de Luiz, compra casa e terras na Vila

José e sua esposa Antonieta, moravam no bairro dos Silva, no município de Conchas. No início do ano, o seu tio Stefan Maier o convidou para vir trabalhar no seu moinho na cidade de Porangaba. Além de seu tio Stefan, já moravam em Porangaba três irmãos de José: Luiz, Guilherme e João.

José comprou uma casa com 2 alqueires da família Amaral, bem próximo à cidade, na Vila, localizados na estrada que segue para Torre de Pedra, logo depois do rio Feio.

Nessa época o casal já tinha 8 filhos: Maria, José, Martinho, Tereza, Antônio (Tonico), Paulo, Aparecido (Cido) e Clara.

Formou ali uma chácara, construiu um curral e um chiqueirão para a criação de porcos para vender. Após a mudança para Porangaba, nasceram as duas últimas filhas do casal, Alice e Ana.

José ficou conhecido em Porangaba como Zé Alemão.

“Cadê a parteira?”

No início do mês de setembro, Hermelinda estava no final de mais uma gravidez e Luiz tinha combinado com a parteira, esposa do Zé Caxangá, que morava num sítio próximo, para dormir na casa até o nascimento da criança. Após ficar ali em companhia de Hermelinda por quase uma semana, considerando que estava tudo bem e acreditando que a criança não nasceria nas próximas horas, a esposa do Zé Caxangá decidiu ir até a sua casa resolver algumas coisas. Era dia 13 de setembro e na ausência da parteira, Hermelinda começou a sentir algumas contrações e tudo indicava que a criança iria nascer. Era um sábado e por sorte o Luiz estava em casa. Nesse momento, ela não teve outra escolha a não ser pedir a ajuda de Luiz. Percebendo que as contrações estavam cada vez mais fortes, nessa hora, Luiz perguntou várias vezes para Hermelinda: “*cadê a parteira?*”. Estava bastante apreensivo e torcendo para a parteira voltar logo. Luiz também sem muita escolha, respirou fundo e ajudou no parto. Como Hermelinda já tinha experiência dos nascimentos dos quatro primeiros filhos sempre acompanhada de parteira, então pediu para Luiz cortar o cordão umbilical, medindo uns 4 dedos de distância do umbigo da criança. Luiz cortou o cordão umbilical, fez a limpeza e os curativos necessários e acabou dando tudo certo. Depois de mais ou menos 1h, tendo já passado o sufoco, a parteira voltou. Assim foi o nascimento da quinta filha de Luiz e Hermelinda, que recebeu o nome de Rosa.

Escola para os filhos

Considerando que os dois primeiros filhos já estavam na idade escolar, Luiz e Hermelinda resolveram procurar uma escola próxima ao sítio onde moravam.

A Maria e o José Luiz foram matriculados numa escola localizada num bairro vizinho e um pouco distante do sítio do bairro dos Poli. Precisavam caminhar muito tempo a pé, “*cortando*” caminho e passando por vários sítios até chegar ao local.

Chegaram a frequentar a escola daquele bairro vizinho durante apenas uma semana. Luiz não estava satisfeito e resolveu procurar uma chácara para comprar próximo à cidade, onde daria melhores condições para que os filhos pudessem estudar.

CAPÍTULO 24

Porangaba - Vila – 1947

Compra da chácara na Vila

Após morar no sítio no bairro dos Poli durante 5 anos, Luiz comprou do professor Antônio Freire de Souza 2 alqueires na Vila, a 1 km da cidade, na mesma estrada que ligava Porangaba ao seu sítio. Quando estava para construir uma casa de *pau-a-pique*, Antônio José Vieira conhecido como Tao, casado com a Ritinha Gomes, ofereceu a sua chácara de 4 alqueires, onde já tinha uma boa casa de tijolos construída, com vários quartos, uma sala e cozinha com um bom fogão a lenha. Tinha também um pequeno pomar e um pequeno açude. Essa chácara fazia divisa com os 2 alqueires que já havia comprado. Comprou a chácara do Tao e achou que tinha feito um bom negócio, pois ficou com 6 alqueires e poderia fazer ali boas plantações, ter alguns animais e, também, com a casa já pronta, mudaria logo.

A Vila era um pequeno lugarejo que estava se formando e ainda com poucas casas construídas. Ainda não tinha nome e era conhecido apenas por Vila. Agora os dois filhos poderiam estudar mais próximo de casa. Quanto a ficar longe do sítio, não haveria problemas, porque podia contar com a ajuda de seu irmão João que continuaria morando lá com a sua família. Deu a notícia para Hermelinda e disse que estariam mudando logo porque já era mês de setembro e precisavam garantir as matrículas das crianças na escola da cidade para o próximo ano. Hermelinda ficou muito contente, pois no sítio onde moravam, além do problema de escola, ficavam muito isolados e longe de tudo. Agora os filhos iriam para uma escola perto de casa e com mais segurança. A chácara tinha terra boa, era toda plana e bem localizada.

Mudança para a Vila

Era mês de outubro quando fizeram a mudança e aproveitaram para matricular, para o próximo ano, os dois filhos mais velhos no *Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”*, a única escola da cidade. Luiz estava com 32 anos e Hermelinda com 26 e já tinham 5 filhos. A Maria, primeira filha, estava próximo de completar 8 anos, o José Luiz com mais de 6, o João com 4, o Antonio com 2 e a Rosa tinha acabado de nascer, pois tinha apenas 1 mês.

Logo que chegaram à chácara, Luiz fez um curral para acomodar uma vaca leiteira, um bezerro e um cavalo que havia trazido do sítio. O leite era só para o consumo da família.

O açude recebia água de uma boa vertente que nascia lá em cima no meio do pasto. Para aumentar o tamanho do açude e a sua profundidade, Luiz combinou o serviço

com o Zé Suta, um vizinho que morava no outro lado da estrada em frente à chácara. Logo nos primeiros meses, plantou algumas mudas de bambu na beira do açude, pois precisa de mais sombra.

Luiz gostava muito de plantar árvores frutíferas e sempre que podia comprava boas mudas para aumentar o pomar. No primeiro ano aproveitou e plantou bastante muda de jabuticaba-sabará que ganhou do Nenê Teles. Eram mudas pequenas que tinham nascido numa capoeira. O pomar foi aumentando de tamanho e tinha uma variedade muito grande de frutas.

A terra era fértil e logo começou a produzir bastante laranja (tipos: pera, lima, da bahia ou laranja-de-umbigo, lima da pérsia e uma de casca grossa de fazer doce), mexerica, jabuticaba, manga (tipos: espada, coração de boi e rosa), limão galego, limão cravo (chamado também de caipira ou vinagre), abacaxi (3 tipos), uva, pera, maçã verde, marmelo, cidra, banana (tipos: nanica, maçã, prata e terra), abacate, mamão, pêssigo e batata doce. Tinha também espalhados pela chácara alguns pés de goiaba, amora, pitanga e chuchu. A rama de maracujá cobria desde a frente da porta da sala até o outro canto da casa. Tinha uma boa plantação de mandioca e um bom canavial.

Os cachorros – “Balão e Cuitelo”

O “Balão e o Cuitelo” latiam e corriam de um lado para outro e, às vezes, avançavam sobre os frangos, as galinhas, os patos e os gansos que eram criados soltos na chácara. Eles não eram bravos e avançavam nas aves apenas para brincar. Eram os dois cachorros que ajudavam a olhar e a cuidar da chácara e ficavam de olho nas pessoas estranhas que se aproximavam do portão. O “Balão” era um cachorro de tamanho grande, imponente e muito bonito. O “Cuitelo” era bem menor e além de ser muito esperto, também era bonito. Os dois eram muito bons para tocar a criação e cuidar bem dos limites da chácara.



Casa da chácara

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

Poço 1 - Anjos de plantão

Na chácara já tinha um poço de água próximo a casa, mas resolveram fazer outro próximo ao açude, para lavar roupa. Para ajudar a escavar a terra, Luiz contratou um conhecido seu que tinha vindo também de Conchas, chamado João Diniz. A terra não era muito dura e sabiam que logo encontrariam água.

A terra era puxada em um balde através de uma carretilha, sendo que um ficava lá embaixo escavando a terra e o outro em cima puxando o balde cheio. Com quase quatro metros de profundidade, quando Luiz puxava um balde cheio de terra, a corda arrebentou e caiu lá embaixo bem ao lado do João Diniz. Foi um grande susto e por pouco não causaram um grave acidente. Imagine um balde cheio de terra caindo de uma altura de quase quatro metros nas costas ou na cabeça de uma pessoa. De vez em quando revezavam e trocavam quem ficava lá embaixo. No mesmo dia, o João Diniz puxando um balde também cheio de terra, a corda também se soltou e caiu lá embaixo bem ao lado de Luiz. Também foi por pouco. Para escavar um pouco mais, reforçaram a corda e com mais meio metro de escavação já deu água. E era água boa. Luiz e o João Diniz nunca esqueceram o risco que correram e sempre comentavam que naquele dia os dois foram protegidos por seus “*anjos de plantão*”.

Poço 2 – Resgatado do fundo do poço

O poço de água que tinha próximo a casa, construído pelo antigo morador, já era bastante antigo e precisava de manutenção. Estava com pouca água e tinha um pouco de sujeira. Disseram também que lá no fundo daquele poço tinha uma cobra. Naquele mês estava chovendo pouco e como já tinha diminuído o nível de água do poço, então resolveram aproveitar para fazer a limpeza. Com a ajuda de Hermelinda, Luiz desceu amarrado em uma corda até o fundo do poço que tinha uns 7 metros de profundidade. “*Para descer todo santo ajuda*”. Lá embaixo era meio escuro, mas dava para enxergar um pouco com a claridade que vinha da boca do poço. Tiraram o pouco de água que restava e um pouco de sujeira. Não encontrou nenhuma cobra. Terminaram a limpeza e era hora de subir. Para subir, além da corda, as pessoas sempre contavam com a ajuda das paredes do poço, apoiando com os pés um de cada lado. Nesta hora aconteceu o inesperado. Percebeu que de uma altura para cima estava desbarrancado e os tijolos lá de cima que calçavam a borda do poço estavam soltos e sem apoio por baixo. Portanto, de certa altura para cima não podia contar com o apoio dos pés. Ficou bastante preocupado e tinha que encontrar um jeito de sair dali. Naquele momento não acreditava na besteira que tinha feito, por ter descido sem olhar as laterais do poço. Não havia outro jeito de sair daquele buraco a não ser do mesmo jeito que entrou, ou seja, apenas amarrado na corda. É claro que para subir amarrado era bem mais

difícil que descer e precisava confiar na esposa que estava lá em cima. Amarrou bem a corda no corpo e pediu para Hermelinda puxar a corda na carretilha. A sorte é que ele não era tão pesado e Hermelinda tinha força suficiente e conseguiu resgatá-lo com sucesso. Até hoje se arrepende de ter descido naquele poço desbarrancado e escuro e não esquece o risco que correu de cair de uma altura de 7 metros. Foi a primeira e a última vez. Nunca mais!

“O milagre do pó verde”

Luiz sempre mantinha lá no sítio de 20 a 30 vacas, algumas novilhas e um touro. O touro era dos grandes e bastante manso que dava para montar.

Morando na chácara, costumava ir ao sítio quase que diariamente para olhar o gado e cuidar da lavoura. Além de contar com o seu irmão João que morava no seu sítio, tinha também um caseiro que ajudava em todos os serviços, inclusive a tirar leite das vacas para entregar ao caminhão de leite.

Num desses anos, interessado em 20 novilhas do sitiante vizinho e amigo Antônio Cláudio da Cruz, conhecido como Tó Cláudio, na hora de fechar o negócio, percebeu que duas estavam doentes. Elas tinham diarreia, pois as fezes eram muito líquidas. Disse então que ficaria com apenas as 18, mas por insistência de um dos filhos do Tó Cláudio, oferecendo as duas pela metade do preço, acabou comprando as 20.

Levou todas as novilhas para o seu sítio e deu um “*pó verde*” misturado com sal grosso para as duas que estavam com diarreia. Bastou uma só vez e elas já estavam curadas.

O que Luiz não esperava é que a doença passasse para outras vacas e novilhas que já eram suas e se encontravam no mesmo pasto.

Algumas vacas e novilhas começaram a ficar doentes e mesmo com o “*pó verde*”, algumas morriam após uns 15 dias. Logo o touro também ficou doente e acabou morrendo.

Um dia, o José Suta, nosso vizinho na Vila, quando estava lá no sítio cortando lenha, largou tudo e veio avisar que as vacas e as novilhas estavam morrendo próximo à capoeira. Em poucos meses chegou a perder umas 10 cabeças.

Não sabia o motivo de o “*pó verde*” ter deixado de fazer efeito. Resolveu misturar o “*pó verde*” com água numa garrafa e, com o animal amarrado num mourão, enfiava o “*pó verde*” com água goela abaixo. Após algumas garrafadas o animal sarava. Era “*o milagre do pó verde*”.

Confiante no milagre da garrafada do “*pó verde*”, Luiz começou a comprar por um bom preço alguns animais mesmo com diarreia, pois em pouco tempo ficavam curados. O seu sítio até parecia um “*hospital de animais*”. Na época, apesar de ter perdido o touro, algumas vacas e novilhas, fez bons negócios e deu para ganhar um bom dinheiro!

O primeiro rádio

As notícias, as músicas e as histórias vinham através do rádio, aparelho importante na época por colocar as pessoas em contato como o mundo.

Como poucas casas tinham o rádio, os donos dos bares que possuíam o aparelho, ligavam o rádio em alguns horários dos programas conhecidos para que todos ouvissem as transmissões.

Todos que gostavam de ouvir rádio iam aos bares que já tinham o aparelho e já sabiam os horários dos programas de humor, de músicas, de cururus, de modas sertanejas, de futebol e de outros tipos de transmissões.

Nessa época, da família, apenas o Stefan Maier morava em Porangaba.

Com o passar dos anos, o aparelho passou a ser elétrico e foi sendo adquirido por um número maior de pessoas.

Luiz tinha um rádio dos grandes de pilha e ouvia as notícias e músicas sertanejas na maioria das vezes sintonizado na *Rádio Record*. Era a rádio mais sintonizada. Esse primeiro rádio, Luiz comprou do Martinho Ribeiro, um senhor de Tatuí, por 3 contos de réis e depois de algum tempo vendeu para um português que morava no bairro da Serrinha.

Depois comprou outro um pouco melhor. Era um rádio elétrico, também dos grandes, com muitas válvulas e a antena externa era um fio comprido esticado bem alto, amarrado na ponta de dois bambus que eram colocados na vertical, um em cada lado da casa. Mesmo com a antena externa, a estação precisava estar muito bem sintonizada para conseguir ouvir bem e não ter muita chiadeira e interferência. O rádio era a novidade da época e as pessoas tinham orgulho por terem um aparelho em casa.

Luiz gostava de ouvir também diariamente a “*Hora do Brasil*”, noticiário que informava sobre a política e os atos praticados pelo governo, que começou a ser transmitido em 1935 e está no ar até hoje. É transmitido através da *Rádio Nacional* de Brasília e é o programa de rádio mais antigo do Brasil. Em 1962 o seu nome foi alterado para “*A Voz do Brasil*”. Sempre foi obrigatório e entrava no ar em *Rede Nacional*, com duração de 1h, transmitido das 19 às 20h.

Quem não se recorda, principalmente os mais antigos, quando no início do programa, o locutor dizia “*Em Brasília, 19 horas*”. Depois mudou para “*7 da noite em Brasília*”. Também dá para lembrar que, na abertura do programa, por várias décadas, tocava a música “*O Guarani*”, de *Carlos Gomes*.

“*Em Porangaba, o primeiro rádio da cidade era um enorme aparelho com muitas válvulas e uma grande bateria, que foi instalado em 1936 num bar da rua principal, onde se reuniam crianças, jovens e idosos para ouvir a programação.*”

CAPÍTULO 25

Bairro dos Silva - Conchas – 1948

Sítio de Rupert e Apollonia



Novembro de 1948 – **Rupert**, com 66 anos, e **Apollonia**, com 63 anos, no sítio onde moraram.

Fotos: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado



*Casa de **Rupert** e **Apollonia**, no município de Conchas – SP*

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

No sítio de 7 alqueires comprado no bairro dos Silva em 1923, nos primeiros anos construíram uma casa de *pau-a-pique* que, depois de alguns anos, deu lugar a uma casa de alvenaria. Era uma casa com 3 quartos, sala e cozinha. Lá fora havia um paiol e uma “*privada*”. Em frente à sala havia um enorme “*terreiro*”, com piso de tijolos, onde secava e malhava as colheitas de feijão. Nesse sítio, Apollonia e Rupert viveram 52 anos e criaram os seus 8 filhos.

Bairro dos Silva - Conchas – março de 1948

Carta recebida da Alemanha



Quase 3 anos após o término da *Segunda Guerra Mundial*, em março de 1948, Apollonia recebe uma carta escrita por sua sobrinha Emma, com 20 anos de idade, filha de Grop. Nessa época, a Alemanha derrotada na guerra, ainda estava sendo reconstruída e as famílias passavam dificuldades. A foto ao lado foi recebida com a carta, a qual está reproduzida e traduzida a seguir.

***Emma, sobrinha de
Apollonia.***

*Foto: acervo pessoal de
Rosa (Ruse) Wagner Morgado*

Zahnposten 17, den 11. 3. 1948.

Liebe Tante und Onkel!

Nun will ich Euch mal paar Zeilen schreiben.

Ihr werdet zwar sehr erstaunt sein darüber. Nun ich bin
eine Nichte immer. Alle meine Schwestern und Brüder
sind verheiratet, wir wir 2 jüngsten Max und ich.

Wir sind beide zuhause. Max geht in die Lehre als
Maschinenbauingenieur, ich muß Vater + Mutter helfen.

Wir haben Hilfe nötig. Vor allem jetzt in der
Winterzeit um nicht ganz zu verhungern.

Manchmal bin ich sehr traurig wenn unsere Gedanken
in die jetzige Lage schweifen. Bin wir jetzt auch in
dem Alter wo man an die Zukunft denkt. Es ist ja
aber alles direkt aussichtslos irgend etwas zu bekommen.
Man kriegt ja nicht mal für unseren jetzigen Gebrauch
was. Textilien gar nicht dazu zu denken. Lebensmittel
doch man gerade nicht verhungert. Fast 10 Jahre kann
man schon nichts mehr kaufen. Onkel Stefan hat uns
voriges Jahr ein Päckchen geschickt ich schrieb ihm, danke
bekam aber keine Antwort. Das tut mir leid. Ich bin so-
wohl keine fürs schreiben, aber so hin und wieder mal

einen zu kriegen und den zu beantworten freut mich doch. Vor allem wenn er vom Ausland kommt.

Wie ist es denn bei Euch? Möchte zu gerne mal so zu Euch hinflicken können, aber leider geht das nicht.

Mutter und Vater haben uns schon viel erzählt. Die Briefe die Du geschrieben hast liebe Tante habe ich auch gelesen. Es war bestimmt nicht einfach für Euch ins fremden Land zu sein. So von Gefahr umdroht wird auch ein schreckliches Gefühl sein. Jetzt wird ja das zwar nicht mehr der Fall sein was? Habt Ihr nicht mehr Sehnsucht nach Deutschland. Nach dem jetzigen braucht Ihr es nicht zu haben. Mein will ich Euch alle dem will vor meinen Geschwister mitteilen die Tante hat es sich ja erbeten. Also Kaspar ist 34 Juni 36 Hans 28 Alois 24 Rosi 23 Frieda 21 Max 14 und ^{ich} 20 Jahre. Ich würde mich sehr freuen wenn eine meiner Cousins mich mit einem Brief beehren würde. 2 Bilder von den Cosa besitzen wir, es sind die Hochzeitsbilder. Bin stolz 2 so hübsche Cosa zu besitzen. Vielleicht kann ich Euch mal ein Bild von der ganzen Fam. schicken. Ein Bild von mir lege ich bei. Mein Wunsch Euch mal zu sehen wird nie in Erfüllung gehen. Es gehen ja zwar viele deutsche Mädels nach Amerika.

Ich glaub ich müßte dort vergehen vor Heimweh. Ich
kenne ja auch nichts anderes als zu Hause.
Weiß mir nichts mehr was ich schreiben soll. Hoffentlich
trifft euch mein Brief noch in bester Gesundheit an.

Nun grüßt euch alle von ganzem Herzen
eure Nichte und Cousine
Emma.
Viele Grüße von Mutter die schreibt
später einmal. Ebenso herzl. Grüße von
Mam

Carta recebida: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

“Zahnposten 17, 11 março 1948

Querida Tia e Tio!

Agora eu vou lhe escrever algumas linhas.

Deve ter sido uma grande surpresa para vocês. Eu sou a sua sobrinha Emma. Todas as minhas irmãs e irmãos já estão casados, somente nos dois mais novos, Max e eu, ainda não.

Ambos moramos em casa ainda. Max está aprendendo a profissão de mecânico de carros e eu preciso ajudar mãe e pai em casa. E eles necessitam de ajuda.

Especialmente agora na época do inverno para não morrerem de fome.

Às vezes fico muito triste, quando penso sobre a nossa situação atual.

Estou chegando a uma idade onde se começa a pensar no futuro. Mas tudo é tão impossível de receber qualquer coisa. Nem se consegue algo para nosso uso atual. Nem pensa em roupas. Alimentos para não morrer. Faz 10 anos que não pode se comprar nada. Tio Stefan mandou um pacote no ano passado. Eu escrevi de volta, mas não recebi nenhuma resposta. Isto me doía. Eu nem sou muito de escrever, mas às vezes se recebo uma carta, de responder me agrada. Especialmente se vem do exterior.

Como está aí onde vocês moram? Eu adoraria de poder ir até aí, mas infelizmente isto não pode ser.

Mãe e pai nos contaram muita coisa. As cartas que você me escreveu, querida tia, eu li. Com certeza não foi fácil de ir para um país estrangeiro. De viver ameaçado de perigos deve ser um sentimento horrível.

Vocês não têm mais saudades da Alemanha. Do jeito como está não devem ter mesmo.

Agora quero lhe informar sobre a idade dos meus irmãos como a tia desejou saber. Então, Kasper tem 37, Anni 36, Hans 28, Alois 27, Rosi 23, Frieda 21, Max 17 e eu 20 anos.

Alegria-me muito se uma das minhas primas me honrasse com uma carta. Duas fotos dos primos nós temos, são as fotos de casamento. Eu sou muito orgulhosa de ter 2 primos tão bonitos. Quem sabe um dia eu posso mandar uma foto da família inteira. Uma foto minha eu anexeï. Meu desejo de ver vocês, ele nunca se realizará. Embora muitas meninas alemãs se mudam para os Estados Unidos, eu acho que vou perecer de tanta saudade. Eu não conheço outra coisa senão a minha casa. Agora não sei mais o que escrever. Espero que a carta lhes alcance com vocês em plena saúde.

Agora saúdam todo mundo de todo o coração da sua sobrinha e prima, Emma.

Saudações da mãe, ela vai escrever depois. Também saudações de Max.”

Tradução feita gentilmente por Gernot Beutle.

Alemanha – agosto de 1948

Família do irmão de Apollonia que ficou na Alemanha 2



Agosto de 1948 – **Grosp** com 59 anos, com a esposa e os filhos.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado



Agosto de 1948 – **Frieda**, filha de Grosp, com o marido e o filho.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

CAPÍTULO 26

Porangaba – 1950

Nomeados festeiros de São Roque – Luiz, Guilherme e esposas

Na festa de 16 de agosto, Luiz com 35 anos e seu irmão Guilherme com 31, foram escolhidos e convidados pelo *Padre Ambrósio Marks* para serem os festeiros de *São Roque* na festa que se realizaria no próximo ano. Luiz e Guilherme gostavam muito do *Padre Ambrósio* e frequentavam as missas todos os domingos. Para a arrecadação das prendas, combinaram e dividiram a cidade e os sítios em duas partes e cada um ficou responsável por uma parte. Nessa época, Luiz e Guilherme, já eram bastante conhecidos no município e naquele mesmo ano começaram a pedir as prendas.

Em 01 de setembro, numa sexta-feira, nasceu a sexta filha de Luiz e Hermelinda, que recebeu o nome de Aparecida.

Bairro dos Florentino - Porangaba – 1951

Família de Guilherme Wagner



1951 – ***Guilherme Wagner*** (irmão de Luiz), ***Lázara*** (Lazinha) irmã de Hermelinda e os filhos: ***Rosa, Luiz, Mercedes, Elza*** no colo, ***Olga, Mário e Guilherme***. Os filhos ***Aparecida, Paulo, Fátima e Roberto***, ainda não tinham nascidos.

Foto: acervo pessoal de Carlos (Carlinhos) Alberto Morgado

Os festeiros de São Roque

No dia 16 de agosto, quinta-feira, a cidade ficou lotada de gente. Era o dia da festa de *São Roque* e os festeiros Luiz e Guilherme e suas esposas tinham trabalhado muito para que não faltasse nada. Além das famílias da cidade, o pessoal dos sítios também vinha em peso. As ruas foram enfeitadas com arcos de bambus e bandeirinhas de várias cores e o percurso da procissão já era conhecido pelo povo. A rua era de terra e havia muita pedra solta pelo chão, pois nessa época chovia pouco e por ali passavam as carroças e os animais.

A procissão estava marcada para as 17h30 e a missa seria celebrada às 18h na igreja matriz de *Santo Antônio*, pois a igreja de *São Roque* estava em péssimas condições de conservação e seria demolida. O sino da matriz tocou meia hora antes do horário marcado para a procissão e o povo começou a chegar. Os ministros da igreja já estavam com seus uniformes e prontos para o início. Os festeiros, os grupos das irmandades, a “*Banda Santo Antônio*” e o *Padre Ambrósio* também já estavam prontos, aguardando a saída. Todos já estavam acostumados e sabiam que as mulheres seguiam na fila do lado direito e os homens na fila do lado esquerdo.

Às 17h30 o sino tocou novamente e então deram início à procissão. Os ministros da igreja que carregavam o crucifixo de metal, as bandeiras dos santos e as velas acesas, vestiam um avental meio avermelhado com um bordado da igreja no lado esquerdo, sobre o peito.

O crucifixo de metal e as bandeiras dos santos eram colocados no alto de hastes compridas de madeira e as velas colocadas acesas dentro de “*porta velas*” de metal protegidos com vidros nas laterais, também com hastes de madeira um pouco mais curtas.



Os ministros da igreja conduzindo a procissão.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Eram vários os ministros e alguns nomes ainda são lembrados como o seu Chico Patrocínio, o Domingos Machado, o Abilião e o Antonio de Arruda.

Dos três ministros que foram na frente, o do meio carregava o crucifixo de metal e os outros dois das laterais carregavam as velas acesas, puxando a procissão. As crianças um pouco maiores eram as primeiras das duas filas. As meninas na fila do lado direito e os meninos na fila do lado esquerdo. As crianças pequenas iam com os adultos, mais atrás, no colo dos pais.



*As **Filhas de Maria** e os **Anjos** conduzindo a bandeira
com a **imagem de Nossa Senhora**.*

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Em seguida caminhavam as *crianças vestidas de Anjos*, os grupos da *Cruzada*, da *Congregação Mariana*, da *Irmandade do Santíssimo Sacramento* e da *Irmandade do Sagrado Coração de Jesus*. As *Filhas de Maria* vinham todas vestidas de branco e com um véu também branco na cabeça.



Os ministros da igreja conduzindo a bandeira do cálice da eucaristia.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Um pouco mais atrás vinham mais três ministros. O do meio carregava a bandeira do cálice da eucaristia e os outros dois das laterais, carregavam as velas acesas. Todos que frequentavam as missas iam bem vestidos. As mulheres usavam as melhores roupas e os melhores sapatos. Os homens usavam terno, gravata, bons sapatos e um chapéu de feltro. Os ternos da época eram de linho e muitos preferiam o branco. Costumavam dizer que “as melhores roupas que tinham eram as roupas de missa”.



Os festeiros carregando a bandeira com a imagem de São Roque.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Mais atrás, no meio da procissão, vinha a bandeira do santo, carregada pelos festeiros Luiz e seu irmão Guilherme, que se revezaram durante a procissão, acompanhados de suas esposas. Nas laterais, vinham os anjos acompanhados logo

atrás pelo padre e coroinhas. Não muito distante dos festeiros, logo atrás, quatro homens carregavam o andor com a imagem de *São Roque*, que ao longo da procissão foram se revezando com outros que também queriam carregar.



Os festeiros da esquerda para a direita: Hermelinda, Luiz, Guilherme e Lázara.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Por último, no final da procissão, vinha a “*Banda Santo Antônio*” com o maestro Cezarino Antunes Correa e os músicos, usando seus uniformes e seus quepes, caminhando aos mesmos passos e tocando seus dobrados num compasso perfeito das músicas, animando os fiéis durante toda a caminhada.

A procissão fez o caminho de sempre, saindo pelo lado direito da igreja matriz de *Santo Antônio* e após caminhar por dois quarteirões pela rua de cima até o local onde estava a igreja de *São Roque*, dobrou à esquerda descendo um quarteirão até a Rua 04 de junho, a principal da cidade. Depois dobrou mais uma vez à esquerda e então seguiu pela rua principal, passando em frente ao antigo cinema e ao lado da praça, seguindo até a esquina da farmácia do Oscar Avallone. Em seguida dobrou à esquerda mais uma vez e subiu um quarteirão até a rua de cima. Virou à esquerda e então chegou ao final do percurso, entrando na igreja. A procissão demorava em torno de 30 minutos e o percurso era de, aproximadamente, 1 km.

Durante todo o percurso da procissão, os fiéis cantaram as orações da igreja, já ensaiadas e conhecidas por todos. Só pararam de cantar quando o andor entrou na igreja e chegou ao pé do altar.

Em seguida, foi celebrada a missa com a igreja lotada. Os festeiros ficaram no primeiro banco, na parte central, bem próximo ao altar. Nesse dia a missa demorou um pouco mais, pois tinha mais gente para comungar e também porque o padre se estendeu mais no sermão.

Ao final da missa, com os festeiros e a comissão organizadora lá na frente em volta do altar, o *Padre Ambrósio* agradeceu a todos, elogiando e comentando a dedicação de cada um, dizendo que todos trabalharam muito para o sucesso da

feita. Agradeceu também ao povo pela participação e em seguida fez a nomeação dos novos festeiros para o próximo ano. Era sempre uma surpresa, pois esta informação era guardada a sete chaves pelo padre e pelos ministros da igreja, até a hora da revelação. Os nomeados foram chamados lá na frente, próximo ao altar, e apresentados ao povo. Todos aplaudiram e, em seguida, muitos se aproximaram para cumprimentar os novos festeiros. Nesse momento, na rua lateral da igreja, começaram a soltar os rojões de vareta, anunciando a todos da cidade que já tinham os nomes dos festeiros para o próximo ano.



Pessoas que participaram da procissão em frente à Matriz.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Depois da missa, quando já escurecia, com as luzes amareladas acesas nos postes de eucalipto das principais ruas da cidade, o povo seguiu para a quermesse num lugar reservado no pátio logo atrás da Matriz, onde estavam instaladas as barracas de comes e bebes, as de jogos e dos mascates que vinham apenas nessas datas de festas. Não faltou o pau-de-sebo e a grande fogueira com muita lenha para queimar. A “*Banda Santo Antônio*” tocou várias músicas antes do leilão e uma última já conhecida por todos para sinalizar que o leilão estava começando. Todos que ali estavam foram chegando mais próximo do tablado e então deram início ao leilão. O leiloeiro era o João Teles, uma pessoa muito engraçada e que sabia animar a festa. Ele já estava acostumado e conhecia a maioria das pessoas que participava do leilão, brincava com todos e fazia todo mundo rir. A cada prenda arrematada, a banda tocava um rápido trecho de uma música como se fosse a comemoração ou o agradecimento a quem deu a melhor oferta. As prendas recebidas dos sitiantes, comerciantes e do povo em geral eram bem variadas, tendo boa quantidade de assados, bolos, utensílios domésticos, etc. O leilão durou um bom tempo e era até engraçado como as pessoas disputavam algumas prendas. Às

vezes, parecia que estavam brincando e medindo para ver quem podia mais. Havia até um tom de provocação e um desafiava o outro. Era uma disputa saudável e os preços das prendas iam lá em cima. Não se importavam com o valor já que estavam ajudando a igreja. O leiloeiro era muito bom e divertido e sabia a hora certa de entregar a prenda. *“Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três...”*. Todas as prendas foram arrematadas e o leilão terminou quando já passava da meia noite.

O leilão de prendas vivas, ou seja, de bezerros, porcos, leitoas, cabritos, frangos, galinhas, patos, marrecos, perus e outras, bastante esperado pelo povo, principalmente pelos sitiantes e fazendeiros, foi realizado na tarde do mesmo dia na conhecida *“mangueira”* ou curral do Nhô Jango Mendes. Ficava lá embaixo, na rua principal, logo na entrada da cidade. As prendas eram arrematadas individualmente ou em lotes. A *“Banda Santo Antônio”* também marcou presença e animou o leilão de prendas vivas, tocando todos os tipos de músicas, como valsas, tangos, maxixes, mazurcas e marchas. Como demorava um pouco mais para arrematar as prendas e também pelos valores que eram bem mais altos, então a banda caprichava mais e tocava a música completa.

Padroeiro Santo Antônio de Pádua - “O Santo Casamenteiro”

Todos os anos, no dia 13 de junho, dia do santo padroeiro da cidade, era realizada (e é até hoje) a festa de *Santo Antônio* e as comemorações seguiam por três dias, começando no dia 11. A cidade ficava bem movimentada, cheia de gente que vinha de todas as partes.

Os registros feitos pelo porangabense Roque Miranda, no livro *“Porangaba e Meus Parceiros”*, descreve muito bem uma das festas de *Santo Antônio* de antigamente.

“Segunda-feira. O dia amanheceu vestido com o mais lindo sol de inverno. A cerração já dissipara e o burburinho começou cedo. Às cinco horas. Lá pelas seis, chegara a primeira carroça com bambus. Era preciso trabalhar depressa. Era dia 7 de junho e, portanto, na sexta-feira iniciava o tríduo (três dias de orações) de Santo Antônio, o padroeiro. Enfeitar as ruas não era tarefa fácil. Tinha-se de fazer buracos, de cinquenta em cinquenta metros, de lado a lado da rua, plantar os bambus, fazê-los em arcos e, depois, estender as bandeirinhas de seda. Os dias estavam contados, não se podia perder um minuto. A comissão dos festejos escolhida pelos festeiros começava naquele dia a prestar contas de seus trabalhos. A banda de música estava tinindo. Os arrecadadores de prendas haviam obtido o maior sucesso de todos os tempos, recolhendo as ofertas para o leilão. Do pessoal dos sítios vinham chegando os jacás (cesto feito de taquara trançada), troles, carroças e malas. Lembra-se que da relação que seu Lazinho fez na sexta-feira, dia onze, contavam: duas potrancas brancas gêmeas, cinco bois gordos, 23 vitelas, 275 leitoas, 1.225 galinhas, 36 patos, 53 perus, 191 cabritos, 15 marrecos, 5 galinhas d’angola, 11 galos de briga, 9 carneiros, 6 gaiolas com codornas, inhambus, sabiás, 2

macacos, 5 tatuetês, 43 sacos de arroz, 5 carros de milho, 18 sacas de feijão mulatinho, 201 sacos de laranja, 8 sacos de limão galego, 48 feixes de cana-de-açúcar, 8 sacas de açúcar batido, 5 sacas de farinha de milho, 252 abóboras madurinhas e mais de duas centenas de carros-de-boi carregados com lenha. Dezenas de queijos, rapaduras, requeijão, cuscuz, bolos, etc. As prendas ofertadas pelo comércio eram chapéus de feltro, tecidos para calças, camisas, cobertores, calçados, ferramentas para a roça, enxadas, foices, bicos de arado, martelos, bebidas, facões do mato. O povo em geral doava enxovais de noivas, de recém-nascidos, uma toalha bordada ou um objeto de estima qualquer. Dinheiro. Dinheiro, não, esse era para gastar na festa.

O Largo da Matriz já estava preparado para receber as barracas. Bem em frente à igreja, de um lado armava-se o balcão do leilão, com um tablado alto sobre as cabeças das pessoas. O lugar dos músicos vinha a seguir, com bancos, fechado, para não ser invadido pelo povo. Em frente, a grande e longa barraca da quermesse; ao lado desta, a barraca da festa; em seguida, vinham os exploradores com as mais diversas barracas: jogo de búzios, jogo de carrequinha. “Olha o jogo da careca, quem não jogar fica careca”, gritavam os banqueiros. Tiro ao alvo, tira prenda com argola, a barraca dos mágicos, proibida para as crianças, as tendas das ciganas que adivinhavam sobre as pessoas. Atrás da igreja, o espaço era reservado para a queima da fogueira de Santo Antônio, três dias e quatro noites seguidas e, ao lado dela, o grande circo de cavalinhos. Na quinta-feira, dia 10, abria-se a casa da festa. A casa da festa dava comida e bebida por quatro dias e noites a todos que a procurassem. Arroz com frango, arroz com suã, cabrito assado, leitões e churrasco de carne de boi; doce de abóbora, de cidra e de mamão; canjica com canela e pinga à vontade. O café com leite e o famoso pão de Santo Antônio eram distribuídos aos milhares, sendo pecado ao fiel recusar-se a comê-lo nos dias da festa do santo.

Tudo pronto, ruas enfeitadas, casas floridas. A igreja tinha sido cuidada com muito esmero e o andor do padroeiro havia recebido a carinhosa arte de famosas solteironas. Eram meu avô Isaias e meu padrinho Guri que promoviam a tourada naquele ano. O seu João Teles era efusivamente cumprimentado por onde passava, por ter sido escolhido o leiloeiro. O homem era um verdadeiro show com uma leitoa assada na bandeja em cima do tablado. Fazia o povo rir, chorar e era um grande sucessor do pároco para lembrar à multidão as forças do festejado. “Quanto me dão...dou-lhe uma...” E aí passava longos minutos fazendo o povo rir, era um comico nato. A banda tinha suas músicas certas e, no leilão, o seu João era o dono da batuta.

Primeiro dia de festa: sexta-feira, 5 horas da manhã. As 527 carroças de lenha já estavam nas diversas entradas da cidade aguardando o sinal. A banda esperava na porta da casa da festa. O Justiniano, fogueteiro, esperava a ordem do seu Chico Patrocínio, o festeiro. O povo já se levantava e, apressado, punha-se em condição de participar da abertura do tríduo. O Lazinho já havia distribuído as listas das pessoas que deveriam receber os carros de lenha; o dinheiro correspondente já fora arrecadado. Todos os carros vendidos.

O seu Patrocínio, em elegante terno preto, camisa branca e colete, chapéu coco e bela gravata azul com detalhes vermelhos e brancos, conversava com seus colaboradores. Homem de boa cepa portuguesa, educado, comerciante honesto e piedoso. Dona

Carolina, sorriso amigo e alegre, educadamente dava as últimas ordens. Seu Chico retira do bolso do colete o belo relógio Ômega, preso por reluzente corrente de prata e chama sua companheira. Voltam juntos, sobraçando como porta-estandarte a bandeira de Santo Antônio. Uma bandeira de fino cetim vermelho com a figura do santo bordada no centro e, nos cantos, delicados lírios brancos. Dá o sinal. Um foguete raspa a neblina e, com grande estrondo, acorda o Rio Feio. A banda inicia com o dobrado marcial “Feijão Queimado”; os grandes sinos de bronze, vindos de Portugal, repicam o toque de festa, os rojões sobem às dúzias e os carros de lenha iniciam a entrada na vila. Cada carroceiro ou carreiro, enfeitou seu veículo como pôde. Iam desfilar primeiro por todas as ruas principais, para depois entregar a lenha ao comprador já estipulado.

Os rojões subiam, a banda tocava, os sinos repicavam, o povo ia se juntando ao cortejo. O tilintar dos cincerros (sineta colocada no pescoço do animal), chocalhar de correntes, a batida dos cascos dos animais, o alarido dos cães e o vozerio do povo se confundiam numa alegria inolvidável. A gente do sítio já encerrava suas fainas ao pôr-do-sol do dia anterior e, a partir daquela hora, seria só festança. Até domingo, na hora do encerramento oficial da festa. Era eleita uma carroça ou carro que simbolizava os carros de lenha. Este ia à frente, logo atrás o povo, e pela rua principal dirigia-se à igreja, onde o pároco – um francês ranzinza, porém um santo padre – benzia os carroceiros, os carreiros e a lenha doada à festa. Aí terminava o desfile e começava a festança. A lenha era descarregada à porta de cada casa. Essa lenha era guardada por alguns e usada aos poucos. Uns chegavam a queimar o último tronco no ano seguinte, na mesma data. Dava sorte, diziam. Nesse dia, à noite, haveria o encerramento da novena do santo e depois o animado leilão e quermesse. Os moradores dos municípios vizinhos e dos sítios chegavam com a alvorada do dia onze e só arredavam pé no dia treze, às 17 horas, quando os últimos foguetes subiam ao céu anunciando o festeiro para o ano seguinte. Onze, doze, treze de junho, noite e dia, leilão e quermesse, jogos, correio elegante, bebedeiras, namoricos e sorrisos. Foram lindos esses dias do Rio Feio”.

Fonte: Livro “Porangaba e Meus Parceiros”, de Roque Miranda.

As Bandas musicais

Quando se fala em festas religiosas de Porangaba não tem como não lembrar das bandas de música que se formaram por lá, levando a cidade a ficar conhecida como “Cidade Sinfonia”.

Durante um longo período, o município contou com ótimos maestros e os principais foram: Toninho Cristóvão, Cezarino Antunes Correa, Roque Soares de Almeida, André de Almeida Machado e Lázaro Nogueira da Silva (Pingo). Os maestros eram dos bons e na função de professores musicais, ensinavam música gratuitamente para as crianças, adolescentes e adultos porangabenses, formando ótimos músicos para as bandas.

Em todas as festas religiosas e em datas comemorativas a banda tocava.

Dá para lembrar bem e com saudade das festas, leilões, procissões, novenas, bailes, quermesses, carnavais, circos, jogos de futebol, touradas e até enterros, onde a banda sempre se apresentava, tocava e marcava o momento. Tocavam, também, nas manifestações para homenagear figuras importantes, nos cortejos formados para comemorar vitórias políticas, nas despedidas de pessoas ilustres, em casamentos e nos desfiles cívicos.

Era muito requisitada e sempre se apresentava no coreto da praça principal ou em locais públicos, tocando as composições mais tradicionais solicitadas pelo povo, trazendo alegria e entretenimento aos porangabenses.

O maestro e os músicos usavam uniformes, incluindo um quepe.



Banda Santo Antônio

Fonte: Internet, foto postada por Cristina Angelini

“A ‘Banda Santo Antônio’ foi a primeira banda que se formou na época quando ainda era povoado do Rio Feio. Há registros que indicam a participação da ‘Banda Santo Antônio’ no ano de 1899 em evento religioso, com os músicos ligados à igreja católica. Permaneceu na ativa por muito tempo. O Toninho Cristovão foi maestro por um bom período e em seguida veio o maestro Cezarino.

Outra banda de música que se formou no município foi a ‘Corporação Musical Santa Cecília de Porangaba’. Inaugurada em 1950, concorria com a ‘Banda Santo Antônio’, tendo no início como maestro o Toninho Cristovão, que já havia deixado a ‘Banda Santo Antônio’, e em seguida o maestro Pingo.

Na época do Pingo como maestro, a ‘Corporação Musical Santa Cecília de Porangaba’ participou de 3 concursos estaduais de bandas realizados em 1964, 1965 e 1966, e ganhou as 3 vezes em primeiro lugar, tornando-se ‘Tricampeã do Estado de São Paulo’.

As duas bandas eram mantidas pelos dois grupos políticos locais, gerando alguns conflitos e certa rivalidade entre os músicos. Conviveram assim por muito tempo, até a ‘Banda Santo Antônio’ cessar temporariamente as suas atividades em 1963.

Em 1975 as duas bandas foram reunidas numa só e virou ‘Corporação Musical Porangabense’ tendo o Pingo como maestro. Com a fusão das duas bandas, aos poucos foram diminuindo as ‘diferenças’ e os ‘mal-entendidos’ do passado, acabando definitivamente com a rivalidade entre os músicos”.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

O Guilherme Wagner, irmão de Luiz, foi presidente da “*Banda Santo Antônio*” nos anos de 1961 e 1971.

O tempo passou e hoje temos boas recordações das famosas bandas de música que alegrou durante várias décadas o povo porangabense.

Porangaba - Vila – 1951

Velocidade máxima 1

Era um dia de sol e logo após o almoço Luiz resolveu testar uma égua que tinha comprado para puxar a carroça e também para os serviços da lavoura.

Colocou todos os acessórios na égua, verificou se a carroça estava bem presa e com tudo bem ajustado. O Zé Luiz, com 9 anos de idade, pediu para ir junto e os dois saíram seguindo pela estrada em direção à cidade.

De repente a égua desembestou e começou a ganhar velocidade. Em disparada, por mais que puxasse as rédeas e pisasse na alavanca que acionava a “*sapata do freio*”, a carroça seguia desgovernada e só se ouvia o barulho do atrito de ferro com ferro no lugar que ficava o freio. A carroça fazia zigue-zague pela estrada e por ser pequena e meio estreita, tinha pouca estabilidade, balançava muito e parecia que ia tombar. No meio da correria, Luiz gritava e dava sinal com uma das mãos para o Zé Poli, que vinha a pé de Porangaba, sair da frente e encostar à beira da estrada.

Quem estava por ali não tinha muito como ajudar e o jeito foi aguardar para ver o que iria acontecer. Depois de muita gritaria e atingir a “*velocidade máxima*” de uma carroça, de repente a égua resolveu parar na curva da estrada próximo à chácara do Ciro Alonso, embaixo de uma árvore aroeira.

Quando desceram da carroça, os dois estavam muito assustados pelo risco que correram e o sufoco que passaram. Em seguida constataram que a “*sapata do freio*” estava sem a borracha, ou seja, sem o pedaço de pneu que encosta na roda de ferro. Depois de algum tempo Luiz vendeu a égua para o irmão do Joãozinho Boqueirão por 350 “*cruzeiros*”. E chega de susto!

Espinho de cobra 1

Choveu muito durante vários dias, o “*rio Feio*” transbordou, as lagoas e os riachos estavam cheios e tudo indicava que estava “*bom de peixe*”. Luiz resolveu passar a peneira nas lagoas e nos riachos. Usar a peneira era um jeito fácil de pegar bons peixes. E pegou! Eram lambaris, traíras, bagres e saguirus.

De repente aconteceu o inesperado. Um espinho entrou em seu pé direito. Pensou que fosse um espinho qualquer ou de joá, uma planta baixa de pasto. Quando voltou para casa, descobriu que era um espinho de cobra (ponta da costela de uma

cobra em decomposição). No dia seguinte, o pé estava bastante inflamado e doía muito. Resolveu ir até a casa do senhor Luiz Moura, um homem que benzia e curava. Era um pouco longe, pois ficava num sítio a uns 3 km do outro lado da cidade. Levantou-se bem cedo e pediu para o seu filho José Luiz encilhar o cavalo para irem até a casa do curandeiro. O José Luiz foi montado na garupa. Saíram de casa, na Vila onde moravam, passaram pela cidade e depois de algum tempo chegaram ao sítio. Após examinar e benzer o lugar do espinho, o senhor Luiz Moura disse que ainda não estava no ponto de furar a pele do lugar inflamado. Como doía muito, Luiz insistiu que ele cutucasse o local inflamado, acreditando que em seguida vazaria e aliviaria a dor. Apesar de o senhor Luiz Moura não concordar, devido à insistência de Luiz, resolveu atendê-lo. Após furar a pele, a dor subiu pela perna e, em seguida, para o corpo todo e Luiz desmaiou. Foi levado para a cama e rapidamente o senhor Luiz Moura benzeu uma xícara com óleo morno e deu para Luiz tomar. Aos poucos ele foi melhorando e ainda com muita dor, conseguiu voltar para casa. Nos dias seguintes continuou indo para benzer e receber os cuidados do senhor Luiz Moura. Após alguns dias, o local inflamado vazou, saiu muita secreção de cor amarelada e ficou um buraco embaixo do pé. A inflamação durou mais de 20 dias e após lavar o pé durante vários dias seguidos com água morna, incluindo uma erva com talos indicada pelo curandeiro, a ferida foi cicatrizando e sarou.

Espinho de cobra 2

Os pés de mandioca tinham crescidos e como o mato já estava alto, precisava ser cortado. O José Luiz, com 10 anos de idade, pegou a enxada e resolveu fazer o serviço. Quando estava próximo a uma moita de bambu acabou pisando em um espinho de cobra coral. Sentiu algo estranho na sola de seu pé direito, mas olhou várias vezes e não encontrou nada. Após 3 dias, sentiu uma coceira no local e vendo que a pele estava amarelada, tentou localizar o espinho utilizando uma agulha, mas ainda não encontrou nada.

Hermelinda, sua mãe, começou a ficar preocupada, lembrando que uns 4 meses atrás, Luiz teve dificuldade para se livrar da inflamação também causada por espinho de cobra. Após mais 5 dias, o local inflamou e começou a doer. Depois de várias tentativas para encontrar o espinho, por volta do oitavo dia, o pé estava inchado e roxo. O José Luiz não dormia mais à noite e não parava de chorar de tanta dor.

Hermelinda pediu para Luiz chamar o farmacêutico da cidade, senhor Ataliba, que após examinar o local inflamado, disse que se levasse o José Luiz para o hospital, com certeza o pé seria amputado. Na tentativa de curar o José Luiz, o senhor Ataliba deu alguns comprimidos para ele tomar por vários dias, dizendo que poderia diminuir a inflamação.

José Luiz, ouvindo aquela conversa de seus pais com o farmacêutico, disse que preferia morrer em vez de amputar o pé e pediu para levá-lo ao senhor Luiz Moura, o curandeiro que havia curado seu pai.

Atendendo ao pedido do filho, Luiz encilhou 2 cavalos e seguiram para a casa do senhor Luiz Moura. Com o pé bastante inchado e roxo pendurado no cavalo, doía muito e tornava a viagem um sacrifício. Naqueles próximos 3 dias, o José Luiz não via a hora de clarear o dia para ir até a casa do curandeiro para benzer o pé inflamado com a esperança de que seria curado. Após 4 dias benzendo o local e 18 dias que o espinho estava ali, o José Luiz conseguiu dormir e quando acordou, não sentiu a mesma dor e nem latejar como antes. Havia vazado todo o pus e o local do lençol onde estava o pé inflamado, ficou bem sujo de secreção de cor amarelada e sangue escuro. O farmacêutico senhor Ataliba veio visitá-lo e disse para ir lavando o local com água oxigenada até fechar o buraco que ficou na sola do pé, onde dava para ver os nervos e os tendões dos dedos. Com a ajuda de sua mãe, o José Luiz lavava o local com água oxigenada duas ou três vezes por dia e enfaixava o pé para não entrar sujeira na ferida. No início não conseguia apoiar o pé no chão e usava uma bengala para andar um pouco. Depois de mais ou menos 3 meses, a ferida fechou e apesar de ainda sentir um pouco de dor, já conseguia apoiar o pé no chão.

Colaboração de José Luiz Wagner

Bico de pato

O José Luiz costumava nadar e tomar banho no “*poção da barra*”. Era um lugar conhecido, onde outro rio se encontrava com o “*rio Feio*” e formava um bom poço para nadar e pescar. Gostava de pegar peixes com as mãos em tocas formadas nos barrancos, embaixo de pedras, no meio de paus encostados nas margens e nos capins que ficavam na beira dos rios. O lugar onde pegava mais peixe era na toca, porém era, também, onde não se sabia o que iria encontrar. Além de vários tipos de peixes, como lambaris, bagres, traíras e cascudos, vinham também caranguejos e cobras d’água. Certo dia, o José Luiz estava um pouco depois da corredeira do “*poção da barra*”, enfiando a mão na toca e no solapão (cavidade feita por erosão nas ribanceiras dos rios), quando acabou pisando em um espinho chamado “*bico de pato*” que estava embaixo da água. E o pior aconteceu. O espinho entrou no mesmo pé e próximo ao lugar onde tinha entrado o espinho de cobra pouco tempo atrás. E não teve jeito. Inflamou de novo e foi outro sofrimento de vários dias até vazar muito pus e sangue escuro. Vendo o sofrimento do filho, Hermelinda que tinha *Nossa Senhora Aparecida* como a sua santa protetora, fez a promessa de levar um pé de cera até a cidade de Aparecida do Norte. O próprio José Luiz fez o pé de cera no tamanho real e, na primeira oportunidade que tiveram, foram até a cidade da padroeira do Brasil e pagaram a promessa.

Colaboração de José Luiz Wagner

CAPÍTULO 27

Bairro dos Poli – Porangaba – 1952

O burro Canário

Após 6 anos que o irmão de Luiz, João, estava morando no bairro dos Poli, o seu filho mais velho Zezinho, conhecido depois como Zé Cobra, com 18 anos de idade, pegou o “burro Canário” emprestado de Luiz para ir até a cidade. Próximo ao sítio do Sebastião Poli ele desceu do burro para “desaguar”. Quando resolveu montar novamente, puxou forte demais a rédea, assustando o animal, que levantou as patas e bateu com força no seu peito. Como sentiu muita dor, em vez de voltar para o sítio onde morava, resolveu ir até a cidade de Porangaba, na casa de seu tio Stefan Maier.



João e sua esposa Maria, com a filha Clarice ao lado do pai.

Foto: acervo pessoal de Carlos (Carlinhos) Alberto Morgado

de 1 ano, com apenas 15 anos de idade, em 15 de outubro de 1953, infelizmente, a Clarice veio a falecer.

Sua irmã Clarice, na época, com 14 anos, estava lá, porque no dia seguinte iria viajar para São Paulo com o tio Stefan para uma consulta médica. O Zezinho aproveitou e viajou também para passar pelo médico e saber se estava muito machucado. Em São Paulo, após as consultas, o médico disse que o Zezinho estava bem e que não tinha sido nada grave, mas que, infelizmente, sua irmã Clarice estava “condenada”, ou seja, estava com uma doença grave.

A Clarice teve de passar por uma cirurgia e quando retornou a Porangaba, como seus pais moravam no sítio, teve de ficar ainda algum tempo na casa do tio Stefan para os curativos, que eram feitos diariamente pelo farmacêutico Lauro. Após menos

Loteamento e formação da Vila

Após alguns anos morando na chácara, Luiz resolveu fazer um loteamento e, então, dividiu em lotes 2 alqueires das terras que ali havia comprado, o que contribuiu para o aumento do número de casas no vilarejo que era chamado simplesmente de Vila. Seu irmão João Alemão que ainda estava morando no sítio de Luiz, comprou 3 lotes um ao lado do outro e, em pouco tempo, construiu a sua casa, tornando-se também morador da Vila.

Em 23 de setembro, numa terça-feira, nasceu mais um menino, o sétimo filho de Luiz e Hermelinda, que recebeu o nome de Paulo.

Velocidade máxima 2

A Maria, primeira filha, com 14 anos de idade, resolveu dar uma volta numa bicicleta da família, daquelas grandes. Saiu empurrando a bicicleta pela estrada de terra e seguiu em direção à subida da Amásia. Foi até o ponto máximo da subida, onde hoje é a rotatória da estrada para Bofete, pois lá pegava um bom “*embalo*” na bicicleta e descia numa boa velocidade, como sempre fazia. Algumas pessoas e os irmãos mais novos estavam no portão da chácara aguardando a vinda da Maria que deveria chegar até ali pelo bom impulso da descida. Quando já estava lá em cima, pronta para disparar descida abaixo, o Zé Luiz, seu irmão, que estava dentro de casa, percebendo a falta da bicicleta, desconfiou de algo errado e saiu correndo em direção ao portão.

De repente, viu a Maria lá em cima, pronta para a largada. A Maria, após olhar e ter a certeza de que não vinha nenhuma carroça, nenhum cavaleiro e nenhuma vaca no laço, deu o impulso na bicicleta. Quando o José Luiz viu a Maria iniciando a descida e como era o único que sabia que ela corria perigo, saiu em disparada em direção à subida para avisá-la. Nesse momento, todos perceberam que ali havia algo estranho e apesar da gritaria para ela parar, já era tarde demais. Lá vinha a Maria em “*velocidade máxima*” de uma bicicleta. Quando ela chegou mais ou menos no meio da descida, aconteceu uma tragédia. A bicicleta começou a trepidar, a roda da frente saiu do garfo e o tombo foi feio demais. A Maria não era atleta e nem de circo, mas virou de ponta cabeça, deu um salto mortal e se

espatifou no chão cheio de pedras, pedriscos e terra vermelha. Todos correram até lá para socorrer a coitada da Maria. Ela ficou toda machucada, sem entender o que havia acontecido. A roupa estava toda avermelhada, a saia e o saiote bem rasgados e o rosto, os braços e as pernas bem esfolados. Já que o estrago tinha sido grande, precisava de uma explicação e o Zé Luiz estava ali pronto para explicar.

Disse que, às vezes, fazia a manutenção da bicicleta e passava um pouco de graxa nos eixos das rodas e ajustava os freios. Para isso, precisava soltar as porcas e os parafusos das rodas e dos freios. Naquele dia pela manhã havia iniciado o serviço, mas não havia terminado, ou seja, só faltou prender a roda dianteira no garfo, apertando as porcas e os parafusos. O resto já estava tudo em ordem. E a Maria sem saber que a bicicleta estava em manutenção, acabou levando a pior.

No dia seguinte, a pedido de sua mãe, a Maria foi até a cidade para comprar um carretel de linha da cor da saia para consertar o rasgo. Com o rosto, braços e pernas bem ralados, morrendo de vergonha e preocupada saiu em direção à cidade torcendo para ninguém perguntar o que havia acontecido. Na ida, procurou andar rápido e evitou cruzar com conhecidos na estrada e nas ruas da cidade. Quando finalmente chegou à loja de tecidos e acessórios para costuras do seu Chico Patrocínio, na rua principal, não deu outra, pois o próprio seu Chico Patrocínio, para brincar com a Maria fez a pergunta: “*e aí Chica Pereira, você caiu?*”. Chica Pereira era uma senhora já com certa idade, muito conhecida e que andava perambulando pelas ruas da cidade. Arrastava os pés, apoia-se nas paredes para se locomover, tinha um andar desengonçado, era toda torta e caia muito. A Maria ficou com muita vergonha e sem saber o que responder, pegou o carretel de linha e em poucos minutos já estava de volta para a sua casa.

Quanto à roupa rasgada, o que deu para consertar, foi consertado. Com relação aos machucados, não teve o que fazer e o jeito foi passar uma pomada e esperar o tempo certo para sarar.

Colaboração de Maria Wagner Bianchi

Circo no curral

A criançada gostava muito de brincar de circo e tudo era improvisado na própria casa em algum lugar escolhido. Lá na chácara o lugar mais apropriado era no curral porque tinha um bom espaço e dava para fazer mais variedades de apresentações. As crianças da vizinhança eram convidadas e o ingresso era um palito de fósforo. Tinha que ser palito bom, é claro, e não palito queimado. As apresentações eram feitas copiando o que se via no “*Circo do Piranha*” que vinha a Porangaba de vez em quando. Para ficar mais completo de apresentações, incluímos no nosso “circo” a trapezista. A Rosa, que na época tinha, aproximadamente, 7 anos de idade foi a escolhida e uns dias antes começou a ser treinada, tornando-se uma excelente trapezista. No dia da apresentação, com uma

corda passada por cima de uma viga roliça que ficava na horizontal sustentando as vigas do telhado do curral, ela prendeu um de seus pés numa argola amarrada em uma das pontas da corda e segurando bem firme na outra ponta com as duas mãos, foi puxando o seu corpo para cima. Quando chegou numa boa altura, precisava receber os aplausos da plateia e, por descuido, soltou a corda e abriu os braços. Nesse momento de suspense, todos levaram um susto. A Rosa caiu e o chão foi o limite, pois no nosso “circo” ainda não tinha rede de segurança. Todos preocupados correram para socorrer a Rosa, que levantou bem depressa como se nada tivesse acontecido. E o espetáculo continuou, pois não era justo parar o show que já estava quase no final e ter que devolver o palito de fósforo de cada um. E a Rosa? Coitada da Rosa que, além do susto, levou mais de uma semana para se recuperar das dores nas costas e foi curada com chás de ervas caseiras, preparados por sua mãe.

Colaboração de Rosa do Carmo Wagner Jorge

Porangaba – Vila – 1955

Curso Ginásial em Conchas

O José Luiz concluiu o curso primário no *Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”* e fez mais 1 ano de estudos em Porangaba, que na época era chamado de “*admissão*”, ou seja, os alunos se preparavam durante 1 ano para ingressar no ginásio. O curso ginásial tinha a duração de 4 anos, sendo da 1ª à 4ª série, hoje equivalente do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Em 1955, em Porangaba, ainda não funcionava o curso ginásial e para continuar os estudos, precisava viajar diariamente para a cidade vizinha de Conchas.

O José Luiz viajava no ônibus dos estudantes que saía de Porangaba bem cedo e tinha horário certo para voltar. A viagem era feita pela estrada de terra, sem nenhuma manutenção e cheia de buracos, que ligava Porangaba a Conchas. Às vezes, o ônibus quebrava e, quando chovia muito, ele atolava no barro que formava ou caía em algum buraco e não saía mais. Neste caso, não tinha outro jeito a não ser seguir a pé até Conchas ou voltar para Porangaba. Houve uma época que a estrada de terra estava tão ruim por causa de muita chuva e então o ônibus dos estudantes dava a volta por Cesário Lange (Passa Três) e Pereiras. O José Luiz estudou em Conchas até a 3ª série do ginásio e com a inauguração do curso em Porangaba em 1958, fez a transferência para estudar a 4ª e última série perto de casa.

Colaboração de José Luiz Wagner

CAPÍTULO 28

Porangaba - Vila – junho de 1955

Queda do cavalo 1

As crianças parecem todas iguais. Deve ser o espírito aventureiro ou por acharem que tudo pode. Mas, pensando bem, o que é que tem de mais dar uma volta em cima de um cavalo?

Era 25 de junho, um sábado, e logo após o almoço Luiz chegou do sítio com seu cavalo. Já era costume as crianças pedirem para dar uma volta no animal e não tinha nada de mais, mesmo porque aquele era bem manso. O Paulo e a Aparecida foram colocados em cima do cavalo para dar uma volta ali mesmo dentro da chácara. O Paulo com quase 3 anos, na frente, e a Aparecida, próximo de completar 5 anos, na garupa. A Rosa que tinha quase 8 anos era quem puxaria o cavalo. Tudo pronto e logo na saída o animal se assustou com alguma coisa, levantou as patas dianteiras, deu um pulo e correu para o lado. A Rosa que estava segurando as rédeas, muito assustada, correu para frente e não conseguiu segurar o cavalo. Lá se foram os dois para o chão, num tombo espetacular, bem em cima das cinzas e do resto de carvão da fogueira de *São João* da noite anterior. Ouvindo os gritos das crianças, Hermelinda saiu correndo de dentro da casa para socorrer os filhos. O Paulo e a Aparecida estavam bastante assustados, mas não se machucaram. Apenas estavam irreconhecíveis por terem caído bem no meio dos restos da fogueira. Os dois tinham cinzas e pedaços de carvão espalhados pela boca, cabelos, braços e pernas. A roupa estava toda suja e o jeito foi dar um bom banho nos dois e se recuperar do susto.

“E a canoa não virou!”

O açude estava bem cheio de água e era ali que o cavalo, a vaca e o bezerro matavam a sede. Um dos lados fazia divisa com a estrada que passava em frente à chácara e do outro lado havia uma pedra grande chapada que era usada para lavar a roupa. Havia também um bom gramado e o capim mais alto que serviam para deixar a roupa um pouco no sol, para “*quarar*”. Entre duas árvores, um varal bem comprido era usado para secar a roupa. Numa das laterais do açude estava um bambuzal bem formado e algumas árvores bem encopadas que faziam bastante sombra. Os patos e os gansos ficavam por ali e se refrescavam nas águas do açude. Nos fins de semana, o açude virava atração e o pessoal vinha para passear de canoa, a qual tinha, aproximadamente, 3 metros de comprimento. A canoa tinha sido feita pelo Zé Suta de um tronco de uma paineira “*bem gorda*”, que tinha sido cortada da própria chácara. No corte de 5 paineiras que ficavam logo na entrada da

chácara, 4 foram vendidas para o Erasmo Pedroso para fazer pranchas para cobrir mudas de café e a mais encorpada Luiz reservou para fazer a canoa.

O açude era de tamanho médio e tinha um lado que era mais raso de onde saía a canoa. Do outro lado próximo à estrada, onde havia um “*ladrão*”, era bem mais profundo.

Era um sábado à tarde e vários primos e amigos vieram para o passeio de canoa. O passeio combinado, para que todos pudessem participar e aproveitar, era uma volta completa pelo açude. A canoa comportava no máximo 4 pessoas e as turmas iam se revezando. Era a vez do Zezinho do João Alemão, sobrinho de Luiz, que depois ficou conhecido como Zé Cobra, e das filhas de Luiz, Maria, Rosa e Aparecida. Quando já estavam iniciando o passeio, mal deram duas ou três remadas, com um movimento brusco de alguém, fez a canoa pender um pouco para o lado e a Maria assustada e preocupada com as irmãs que ainda eram bem pequenas, saltou para dentro da água. O Zezinho, a Rosa e a Aparecida continuaram na canoa bem secos, mas a Maria, coitada, estava dentro do açude, com água fria até a cintura e bem molhada. Foi um momento de muita gritaria e um grande susto. A Maria foi resgatada rapidamente pelas pessoas que se encontravam no barranco. Em seguida, fizeram algumas trocas de lugares dentro da canoa, dividindo melhor o peso e, com mais cuidado, iniciaram o novo passeio pelo açude. Todos que estavam ali ficaram bem apreensivos e torcendo para a canoa não virar. “*E a canoa não virou!*”.

PRP, o cavalo ensinado

Ali na rua principal da cidade, sempre vinha de um sítio, montado a cavalo, o Avelino Albino, um senhor com, aproximadamente, 80 anos e ficava nas imediações da casa do conhecido Dassás. Tomava umas cachaças num bar próximo e conversava um pouco com todos os conhecidos. Gostava de fazer algumas brincadeiras com o seu cavalo nas ruas da cidade, o que virou atração para todos. Quando resolvia ir embora, parecia ter um pouco de dificuldade para subir no cavalo, talvez pela sua idade e pelas cachaças que havia tomado. Diante da dificuldade, ele chamava o cavalo pelo nome e dizia: “*PRP, de joelhos*”. Acreditem, pois o cavalo obediente ficava de joelhos, ele montava e ia embora. Diziam que o cavalo era chamado de *PRP* em homenagem ao “*Partido Republicano Paulista*”, da época.

Certo dia de muita chuva, depois de fazer algumas demonstrações com seu cavalo, ao escurecer ele foi embora e sumiu dobrando a primeira esquina da rua principal. A família ficou preocupada porque ele não voltou para casa e naquela noite a chuva tinha sido muito pesada em toda região.

No dia seguinte, por acaso, uma senhora chamada Chica Leme e mais algumas mulheres estavam tirando lenha de um mato e após atravessarem um córrego,

próximo a uma barroca, acharam o homem caído. E o cavalo *PRP* estava ali parado ao lado de seu dono esperando por socorro. Depois de ter passado a noite toda na chuva e no frio, o *PRP* perdeu o seu dono e nunca mais foi atração com as suas interessantes demonstrações nas ruas de Porangaba.

Bairro do Pará - Conchas – agosto de 1955

Excursão para Vila Pirapora (Pirapora do Bom Jesus – SP)



Igreja de Bom Jesus de Pirapora

Fonte:

http://www.caminhodesantiago.com.br/walter_jorge/peregrinacao_brasil/25_peregrinacao_brasil_pirapora_24.htm

Pirapora do Bom Jesus é um município da Região Metropolitana de São Paulo, no estado de São Paulo. No dia 06 de agosto é comemorado o dia do *Santo Padroeiro* que dá nome a cidade. Naquela época, as romarias eram constantes e as igrejas organizavam as viagens pelo menos uma vez por ano. Era para lá que seguia a maior parte das romarias de todo o Brasil e já era conhecida como a “*Cidade dos Milagres*”.

Na época, o lugar ainda era a *Vila Pirapora* e apenas em 1959 é que foi emancipada de Santana de Parnaíba e passou a categoria de município. Os devotos visitavam a *Vila*, faziam os seus pedidos, agradeciam pelas graças alcançadas e pagavam as suas promessas. Aproveitavam e banhavam nas águas do *rio Tietê* que eram bastante limpas

e consideradas pelos peregrinos como milagrosas.

Em 1955, o pai de Hermelinda, Paulo Bertin, resolveu fazer uma excursão para *Vila Pirapora* para levar algumas pessoas de sua família e o pessoal de sítios vizinhos. Além dos familiares, os que combinaram a viagem eram todos amigos ou conhecidos de Paulo Bertin. Para facilitar para a maioria, foi combinado com o motorista da jardineira contratada da empresa “*Expresso Azul*” para sair do sítio de Paulo Bertin, no bairro do Pará, município de Conchas.

Luiz e Hermelinda moravam na chácara, em Porangaba, e decidiram aproveitar para levar todos os filhos. A saída estava programada para as 6h da manhã do dia 06 de agosto, num sábado, dia do santo. Saíram de casa bem cedo na quinta-feira, antes de clarear o dia, e com os filhos viajaram de jardineira que fazia a linha de Porangaba a Conchas. De lá ainda caminharam 6 km a pé, chegando ao sítio de Paulo Bertin um pouco depois do almoço.

Tiveram a sexta-feira para conversar bastante e matar a saudade dos familiares. No sábado, bem cedo, todos que iriam para *Vila Pirapora* já estavam reunidos, aguardando a chegada da jardineira.

Além dos pais de Hermelinda, foram também seus irmãos Antônio, Irene e José com a esposa Malvina. O Guilherme, irmão de Luiz, e a esposa Lazineha, irmã de Hermelinda, também acompanharam o grupo.

A lotação estava completa, com 46 pessoas, sendo 28 adultos e 18 entre jovens e crianças. As crianças menores precisaram viajar no colo dos pais. Eram 190 km de distância e a viagem levaria umas 4h. Saíram por volta das 6h da manhã e após passarem pela cidade de Conchas, seguiram em direção à *Vila Pirapora*. Passaram por Laranjal Paulista, Jumirim, Tietê, Porto Feliz, Itu, Cabreúva e finalmente chegaram à *Vila Pirapora*, próximo às 10h. A estrada era cheia de curvas e alguns trechos ainda eram de terra. Já havia uma programação a ser cumprida e o primeiro compromisso era assistir à missa na igreja do padroeiro da *Vila*.



1955 - *Excursão para Vila Pirapora* (Pirapora do Bom Jesus – SP).

Luiz é o 4º da esquerda para a direita, com uma criança no colo (Paulo).

Hermelinda está com duas meninas na frente (Rosa e Aparecida). Ao lado, as duas de vestidos estampados são suas irmãs, **Irene** e **Lazineha**. A filha **Maria** está atrás de Lazineha. **José Bertin**, irmão de Hermelinda, está ao lado de sua esposa **Malvina**, de sapatos brancos. **Guilherme**, irmão de Luiz, está de terno escuro, no centro da foto, ao lado de José Bertin. Em cima do ônibus, o **Antônio**, irmão de Hermelinda, é o 3º da esquerda para a direita e os 3 meninos sem chapéu, da direita para a esquerda, são os filhos **José Luiz** (1º), **Antonio** (3º) e **João** (6º).

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Logo que chegaram à *Vila Pirapora* e desceram da jardineira, foram chamados por um *lambe-lambe* para tirar um “*retrato*”, pois assim ele teria tempo para entregar uma cópia para cada família antes do retorno.

Na igreja, que estava bem cheia, dava para ver a fé dos peregrinos que vieram de todas as partes. Alguns entravam na igreja de joelhos e devagar seguiam até o altar. Outros carregavam uma cruz nas costas que, provavelmente, teriam vindo a pé de suas cidades. Estes eram os pagadores de promessas e, apesar de parecerem muito cansados, seguiam pelo corredor central formado pelos bancos até chegar ao pé do altar. As missas eram celebradas de hora em hora. Todos assistiram à missa das 11h e em seguida almoçaram num restaurante bem simples, preparado para servir refeições aos romeiros. Muitos aproveitaram a parte da tarde para entrar no *rio Tietê*, num trecho mais raso, apenas para molhar os pés. A beira do rio, onde tinha várias árvores e boa sombra, era muito frequentada pelos peregrinos.



1955 - **Luiz e Hermelinda** com os filhos.

Atrás: **Antonio, José Luiz e Maria**

Na frente: **Rosa, Aparecida, Paulo e João.**

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Mais tarde alguns foram com as famílias até um estúdio da *Vila* para tirar “*retratos*”. Era costume, tirar pelo menos um “*retrato*” da família no estúdio do local que visitavam, para guardar de recordação.

A volta estava marcada para sair às 16h e todos nesse horário já estavam no lugar combinado, onde a jardineira estava estacionada. A volta foi cansativa e chegaram

à cidade de Conchas por volta das 20h. Depois a jardineira seguiu mais 6 km de estrada até o sítio de Paulo Bertin. Estavam felizes porque renovaram a fé que tinham no *Senhor Bom Jesus de Pirapora*. Luiz, Hermelinda e os filhos ficaram mais um dia no sítio de Paulo Bertin e no dia seguinte retornaram a Porangaba na jardineira que fazia linha entre as duas cidades.

Porangaba – Vila – 1956

Último ano na chácara da Vila



1956 – Atrás: **Stefan Maier**, **Luiz**, **Hermelinda**, **Antônio** (irmão de Hermelinda) e **Kurt Degenhardt** (genro de Elisa, irmã de Stefan).

Na frente: **José Luiz** e **João** – sentados: **Rosa** e **Paulo**.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

As 3 mulheres com “papo”

Ainda era cedo, antes das 9h, quando três mulheres montadas uma em cada cavalo vieram pela estrada do lado do bairro da Serrinha, passaram por um quarteirão da rua principal da cidade, dobraram à esquerda, passaram em frente a nossa chácara e seguiram pela estrada em direção a Torre de Pedra, um vilarejo que na época pertencia a Porangaba. Todos diziam que elas vinham do bairro da Serrinha e viajavam 18 km até Torre de Pedra. Na época era a estrada antiga de terra, pois ainda não existia a *Rodovia Presidente Castelo Branco*, que depois encurtou um

pouco a distância. Eram pessoas desconhecidas na cidade e muito estranhas. Elas eram muito sérias e usavam lenços enrolados no pescoço. Depois de repetirem a viagem diversas vezes, passando por ali sempre no mesmo horário, descobriram que as três visitavam um curandeiro chamado Alfredinho, que morava no vilarejo de Torre de Pedra. O lenço enrolado no pescoço era para esconder o “*papo*” que as três tinham, por ser muito feio e elas sentiam vergonha. Era um caroço grande do tamanho de uma manga, um de cada lado do pescoço. Talvez por terem vergonha, seja o motivo de nunca frequentarem a cidade e serem desconhecidas. Disseram que depois de várias visitas feitas ao curandeiro Alfredinho, as três estavam curadas. Comentavam que “*a água do bairro da Serrinha formava os papos nas mulheres*”. Provavelmente o que elas tinham era o bócio, ou seja, aumento da glândula tireoide. Hoje sabemos que, conforme pesquisas feitas, uma das causas do bócio é a ingestão inadequada de iodo, na água. Tudo indica que os comentários da época estavam certos, pois a água do sítio da Serrinha, onde moravam, continha baixo nível de iodo.

O “Cuitelo” ficou estranho

Num sábado à tarde, Luiz e Hermelinda receberam a visita de um morador da Vila chamado Ciro Alonso, acompanhado de sua esposa. Depois de boa conversa e um bom café, na saída da chácara, sem nenhum motivo o cachorro “*Cuitelo*” estranhou a presença do casal, ameaçando avançar sobre o Ciro Alonso. Luiz afastou o “*Cuitelo*” do casal e um pouco assustado, o Ciro Alonso sacou a arma e apontou para o cachorro, ameaçando atirar. Em seguida Luiz pediu para o Ciro Alonso guardar a arma, dizendo que depois seria dado um jeito no cachorro. Logo que o casal saiu da chácara, por desconfiarem que o “*Cuitelo*” estava louco, ou seja, com a doença “*raiva*”, acabaram sacrificando o cachorro.

A Fiíca e o ganso

Na época, a Fiíca, filha do Juvenal Franco, tinha mais ou menos 12 anos de idade, morava numa casa próxima a nossa chácara e sempre vinha para brincar com as meninas. Ela tinha o seu jeito todo “*engraçado e destramelado*” de falar. Era alegre, gesticulava bastante e, também, era das mais levadas. Certo dia ela apareceu por lá e resolveu mexer com a fêmea do ganso que estava com uma ninhada recente. Todos já sabem como são as fêmeas quando mexem com as suas ninhadas. A fêmea saiu correndo atrás da Fiíca e com o bico preso na barra de seu vestido que era bem rodado e meio comprido, puxava para cá e ela puxava para lá. A Fiíca que já era branquela demais ficou pálida de medo e depois de passar um sufoco conseguiu escapar. A partir desse dia sempre que ela vinha à chácara,

primeiro olhava onde estavam os gansos, principalmente as fêmeas com as ninhadas e, como ficou esperta, dava uma enorme volta e passava bem longe deles.

O tatu vermelho

Numa das pescarias lá pelos lados do bairro das Partes, no sítio do João Rosa que depois passou para o filho Chico Rosa, o Zé Luiz e o Antonio pegaram um filhote de tatu milheiro que parecia abandonado e mal podia andar.

O filhote foi trazido para a chácara e tratado com leite e depois com angu de fubá. Parecia ter gostado da comida, pois ficou forte e começou a crescer rapidamente.

Era um tatuzinho vermelho que desde que chegou ficava solto no quintal e fazia buraco em todos os cantos da chácara. Recebeu o nome de *Tico* e ficou muito manso por ter sido criado ali solto, próximo às pessoas. Era só bater na porta do buraco onde ele morava e chamar o seu nome que logo ele aparecia para comer. De vez em quando, ele vinha próximo à cozinha procurar alguma comida. Além de comer fubá molhado com leite, comia também laranja e outras frutas. Com o passar do tempo, após alguns anos, ele cresceu e já estava grande, pesando por volta de 5 kg. Certo dia o tatu atravessou a cerca de lasca de madeira que fazia divisa com a estrada e saiu. Fez alguns buracos no barranco ali próximo e depois sumiu. Todos passaram a procurar o *Tico* e depois de uns 2 dias ficamos sabendo que algumas pessoas tinham visto a carcaça do tatu na casa de um rapaz chamado Sebastião que sempre passava em frente à chácara ouvindo um rádio de pilha. No mesmo dia que ficamos sabendo sobre a carcaça, foi só apertar um pouco o suspeito que logo ele confessou o “crime”. O pior é que ele sabia que o tatu tinha sido criado na nossa chácara e era de estimação da família. A revolta foi grande e não dava para acreditar que o “*cara de pau e morto de fome*” tinha comido o *Tico*.

O “olho gordo”

É isso mesmo, ela tinha “*olho gordo*”. Estava comprovado. Nome dela: Altina. Todo cuidado é pouco!

Hermelinda tinha conseguido colocar uma galinha para chocar ovos de pata. Nasceram 11 patinhos e todos com apenas alguns dias de vida, corriam atrás da galinha quando o “*olho gordo*” apareceu lá na chácara. Começou a falar que nunca tinha visto tanta beleza como aquela ninhada de patinhos e estava surpresa por ter sido uma galinha que havia chocado e não uma pata. Não deu outra. No dia seguinte os 11 patinhos amanheceram mortos, todos com os pezinhos para cima. Se não foi “*olho gordo*”, então o que foi?

“Diziam que o ‘olho gordo’ tinha o poder de emitir energias destrutivas, através de uma energia interna gerada pelo desejo de possuir o que é dos outros, pela

inveja. O espírito do invejoso lança olhares de maldade, pelo ‘olho que tudo vê’, pela terceira visão (mau-olhado) e começa a desejar que aquilo que está vendo definhe, tudo movido pelo mesmo veneno chamado inveja.”

Fonte: Internet

Queda do cavalo 2

Numa tarde de sol, Luiz e Hermelinda resolveram visitar uns amigos numa chácara não muito longe de onde moravam. Hermelinda resolveu ir a pé com o Paulo que tinha apenas 4 anos de idade. Luiz decidiu ir a cavalo para aproveitar levar a Cida, com 6 anos e a Rosa com 9. Após montar no cavalo, Luiz colocou a Cida na frente e a Rosa na garupa. Na saída, próximo à porteira da chácara, por causa de algumas valetas mais profundas feitas pela enxurrada da chuva do dia anterior, o cavalo escorregou e perdeu o equilíbrio. A sorte é que o cavalo era muito forte e para não causar um acidente, ele desceu de barriga até o chão. Em seguida o cavalo conseguiu se levantar, sem que ninguém se machucasse. A queda foi só do cavalo, mas o susto foi de todos.

Juramento negado

Certa vez, alguém da cidade resolveu formar um grupo de pessoas para ir até a cidade de Atibaia para receber a benção de um “*padre*” chamado José, que tinha a fama de fazer parar de beber bebida alcoólica. Esse “*padre*” era casado e tinha vários filhos. Com certeza ele deve ter deixado a batina para constituir família e agora se dedicava a atender as pessoas fazendo suas curas pela fé.

Conseguiram reunir um número de pessoas suficiente para lotar duas peruas Kombi. Uma delas era do Acácio Domingues, conhecido como Acácio Cândido.

Ainda dá para lembrar que na turma estavam o Ataliba da farmácia e o seu Chico Patrocínio, muito conhecidos na cidade. Pode ser que foram eles que organizaram o grupo. O seu Chico Patrocínio era dono de uma loja de tecidos e calçados na rua principal. Nessa viagem foi também o Beraldo, que trabalhava no matadouro da prefeitura, que ficava na Vila.

Quando chegaram à cidade de Atibaia, seguiram ainda por uns 6 km numa estrada cercada de mato até a casa do “*padre*” José. Logo que o “*padre*” começou a atender, formaram uma fila e precisava passar um por vez. O “*padre*” fazia algumas orações e em seguida pedia que fizesse o juramento, repetindo algumas palavras e, no final, precisava prometer, dizendo: “*eu nunca mais vou beber bebida alcoólica*”.

A fila foi andando e todos faziam o juramento, mas quando chegou a vez do Beraldo, este se negou a fazer, virou as costas e saiu da casa do “*padre*” pisando duro, pegando a estrada de terra a pé e retornando em direção a Atibaia.

Todos ficaram preocupados com a reação do Beraldo, mas quem estava na fila nada pôde fazer porque ainda precisava passar pelo “*padre*”.

Em seguida compraram algumas ervas e um preparado feito de cascas que estavam ali na sala ao lado para vender, recomendado pelo “*padre*”.

Na volta, quando estavam quase chegando a Atibaia, alcançaram o Beraldo que seguia a pé e então ele entrou na perua Kombi para seguir a viagem de retorno.

Alguns da turma foram solidários e comentaram que o Beraldo estava certo. Pelo menos ele tinha sido honesto e coerente com ele mesmo, pois se fizesse o juramento, como iria beber as suas cachaças quando voltasse para Porangaba?

“Reza das bravas”

Do outro lado da estrada, vizinho da nossa chácara, numa pequena casa de *pau-a-pique*, morava um homem conhecido como Toninho da Braulina. Ele era meio estranho, já tinha perto de 60 anos e morava com a sua mãe, também já com uma certa idade. Era uma família bem pobre. Ele era bem magro, tinha uma cintura fina, era feio, desdentado, falava meio cantando e tentava sempre com as suas conversas envolver as pessoas nos assuntos e se fazer amigo de todos. Parecia uma “*serpente*”. Diziam que ele tinha um livro do mal, o qual usava em parceria com a sua mãe para fazer alguns trabalhos e conseguir tudo o que queria. Muitos que ali moravam tinham medo deles e procuravam ficar o mais distante possível.

Diziam que num dos trabalhos que fez, conseguiu trazer para morar com ele na Vila, a filha da Tirda, uma moça ainda bem nova, com 17 ou 18 anos de idade. Ela morou com ele uns 2 anos. A Tirda morava na subida de uma rua logo na entrada da cidade e dizia ser curandeira. Ela tinha a fama de fazer alguns trabalhos pesados e também rogar pragas nas pessoas. Fazia propaganda de outra filha que vivia numa cadeira de rodas e era excepcional, dizendo que ela tinha o poder da cura. Muitos tinham tanto medo também da Tirda, que até evitavam passar na frente da casa dela.

E o que ficou mais estranho nessa história do Toninho da Braulina é como ele conseguiu levar a filha da Tirda para a casa dele, se a Tirda também era de “*rezas das pesadas*”. Por aí você pode avaliar como os trabalhos do Toninho da Braulina eram poderosos e fortes.

Nessas horas, o melhor que se podia fazer era ficar bem longe do Toninho da Braulina e de sua mãe e, também, bem distante da Tirda. E não esquecer de rezar bastante e pedir proteção!

CAPÍTULO 29

Porangaba – Vila – outubro de 1956

Excursão para Aparecida do Norte – SP

Aparecida do Norte é um município do Estado de São Paulo, localizado a 170 km de distância da capital.

Todos já conhecem a história de *Nossa Senhora Aparecida*, mas vale a pena relembrar.

“A imagem da santa apareceu em outubro de 1717, quando, na Vila de Guaratinguetá, a população organizou uma festa para receber o Conde de Assumar que por ali passava na viagem que fazia para Vila Rica, hoje Ouro Preto, MG. Para prepararem a comida, três pescadores foram para o rio Paraíba do Sul com a difícil missão de conseguirem muitos peixes para a comitiva do governador, mesmo não sendo tempo de pesca. Sentindo o peso da responsabilidade, fizeram uma oração pedindo a ajuda da Mãe de Deus. Depois de tentar várias vezes sem sucesso, na altura do Porto Itaguaçu, já desistindo da pescaria, um dos pescadores lançou a rede novamente. Não pegou nenhum peixe, mas apanhou a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Porém, faltando a cabeça. Emocionado, lançou de novo a rede e, desta vez, pegou a cabeça que se encaixou perfeitamente na pequena imagem. Só este fato, já foi um grande milagre. Mas, após esse achado, eles apanharam tamanha quantidade de peixes que tiveram que retornar ao porto com medo de a canoa virar. Os pescadores chegaram à Vila de Guaratinguetá, eufóricos e emocionados com o que presenciaram e toda a população entendeu o fato como intervenção divina. Assim aconteceu o primeiro de muitos milagres pela ação de Nossa Senhora Aparecida. Graças à misericórdia de Deus, Maria apareceu no Brasil na forma de uma imagem negra, na época em que a escravidão no país estava em alta”.

Fonte: <https://diocesedebarreiras.org.br/noticias/novenario-e-festa-de-nossa-senhora-aparecida>



Matriz antiga de Aparecida do Norte

Fonte: <https://www.porai.tv.br/single-post/12-curiosidades-basilica-velha-aparecida>

Em 1956 o *Padre Antônio Dragone*, responsável pela paróquia de Porangaba, organizou uma excursão para a cidade de Aparecida do Norte e Luiz resolveu incluir o seu nome na lista, pois queria visitar a cidade de Aparecida do Norte e rezar na igreja da padroeira do Brasil. Desta vez não levaria a família por ser uma viagem muito longa, cansativa e demorada. Eram mais de 380 km de distância e a saída estava prevista para as 5h da

manhã da sexta-feira, dia 12 de outubro, dia da padroeira. A ideia era sair bem cedo e retornar no mesmo dia, à noite.

Contrataram duas jardineiras, que na época não eram tão confortáveis e grandes como os ônibus de hoje, para levar 65 pessoas, sendo 59 adultos e 6 crianças. A lotação estava completa e o *Padre Antônio* pediu para que ninguém se atrasasse.

No horário marcado as jardineiras saíram de frente da matriz de Porangaba e seguiram pela estrada de terra, a única na época (a *Rodovia Presidente Castelo Branco* ainda não existia) passando por Cesário Lange (Passa Três), Tatuí, Capela do Alto, Araçoiaba da Serra e chegaram a Sorocaba, quando fizeram a primeira parada. Em seguida passaram por Alumínio, Mairinque, São Roque, Vargem Grande Paulista, Cotia e finalmente chegaram à capital de São Paulo, onde fizeram mais uma parada. As paradas eram rápidas, com tempo apenas para tomar um café e ir ao banheiro.

Já eram 9h da manhã e ainda tinha muito chão pela frente. Seguindo pela Via Dutra precisavam rodar mais 170 km, por mais 2h. Sem muita demora, seguiram para Aparecida do Norte, chegando lá por volta das 11h. Por ser o dia da padroeira a igreja estava lotada de peregrinos. Seguindo a programação e sempre acompanhados do padre, inicialmente assistiram à missa na matriz antiga e visitaram a sala dos milagres. Ali puderam sentir a força da fé dos devotos de *Nossa Senhora Aparecida*. Nessa sala estavam expostos muitos objetos trazidos por fiéis, feitos de madeira, barro, gesso, tecido, cera, fotos, além de bilhetes e cartas contando milagres atribuídos a Nossa Senhora, entre tantos outros.

Na época, a nova *Basílica de Nossa Senhora Aparecida* tinha começado a ser construída. Teve seu início em novembro de 1955 e foi inaugurada apenas em julho de 1980.



1956 – ***Peregrinos de Porangaba em frente ao Cruzeiro.***
Luiz está à esquerda, atrás da moça de preto que está ao lado do padre.
Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



1956 – ***Em frente à capela do morro do Cruzeiro.***
Luiz está à direita, na última fileira, de terno branco e gravata.
Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Após visitar a sala dos milagres todos almoçaram e seguiram nas duas jardineiras até o cruzeiro que ficava num morro ali perto. Era um lugar bastante alto, de onde dava para avistar toda a cidade de Aparecida. Como era de costume, aproveitaram e tiraram “retratos” com um fotógrafo *lambe-lambe* que ficava ali, para guardar de recordação. Saíram de Aparecida já no escurecer, por volta das 18h. Todos estavam muito cansados e precisaram viajar à noite. Muitos acabaram dormindo durante a viagem. Fizeram apenas uma parada e quando chegaram a Porangaba já era sábado e o relógio já marcava 1h da madrugada. Foi uma viagem inesquecível e que contribuiu para estreitar os laços de amizade entre os porangabenses que viajaram juntos para Aparecida.



**Padre Antônio
Dragone**

Fonte: Internet, foto postada por
Marcelo Arruda

“É importante registrar que o Padre Antônio Dragone em apenas 6 anos que permaneceu em Porangaba, de 1956 a dezembro de 1962, conquistou o povo porangabense pela sua simplicidade, humildade e dedicação.

O Padre Antônio Dragone nasceu em 30 de novembro de 1917 em Vicoforte, diocese de Mondovi, Itália. Quando deixou Porangaba, tornou-se o primeiro pároco da nova paróquia de Guapiara, Estado de São Paulo, onde permaneceu por 27 anos, até 1990. Aposentado, retornou à Itália em 1993, onde faleceu em 24 de maio do mesmo ano, com 75 anos de idade”.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

Visitando o João Jeca na cadeia

O João Jeca, morador do bairro dos Arruda era conhecido de todos os porangabenses e era a pessoa que sabia castrar os porcos para evitar novas crias, passando-os para a fase de engorda.

Não se sabe muito bem o que aconteceu entre o João Jeca e o filho de uma mulher com quem ele estava tendo um caso. Apenas ficaram sabendo que a encrenca foi feia e o João Jeca acabou matando o rapaz. No dia seguinte o João Jeca estava preso.

Luiz conhecia o João Jeca e mantinham certa amizade, pois ele tinha feito vários serviços de castrar os porcos de sua chácara.

Ficou sabendo da tragédia e então resolveu ir visitar o preso na cadeia.

Na época ainda não tinham construído a cadeia nova e a visita foi na cadeia antiga. Quando lá chegou encontrou o João Jeca sozinho numa sala ampla fechada com grades. Tinha apenas outra presa fechada numa sala ao lado, uma mulher que provavelmente teria vindo transferida de Tatuí. A maior parte do tempo as salas destinadas aos presos ficavam vazias porque em Porangaba quase não se tinha motivos para prender ninguém.

O João Jeca ficou na cadeia apenas 2 dias e foi solto talvez pelo fato de não ter sido preso na hora que aconteceu o crime, ou seja, não houve o flagrante.

Logo que saiu da prisão, voltou para o seu sítio e, por incrível que pareça, a mãe do rapaz, cúmplice e “*cara de pau*”, foi morar com o assassino de seu filho.

Pelo que se sabe, o caso caiu no esquecimento e o João Jeca nunca mais voltou para a cadeia.

CAPÍTULO 30

Porangaba – Vila – início de 1957

Venda da chácara

Com a venda da chácara no início do ano, Luiz e Hermelinda resolveram alugar uma chácara ali mesmo na Vila, a qual ficou conhecida como “*chácara do Antônio Paulino*”, fazendo referência ao nome do proprietário. Era um bom terreno, com uma casa simples de alvenaria que ficava em frente à chácara do Chico Rosa, na saída da estrada que seguia para o bairro das Partes. Morar ali era uma situação provisória até resolver o que comprar.

Porangaba – abril de 1957

Os “13 apóstolos”

Na quinta-feira da *Semana Santa*, assim como hoje, era celebrada a missa do *lava-pés* e neste dia a igreja ficava lotada. O *lava-pés* é o ato religioso no qual num gesto de humildade o padre lava os pés de 12 homens escolhidos que representam os 12 apóstolos de Jesus Cristo: Pedro, João, André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Judas Tadeu, Simão, Tiago, filho de Zebedeu, Tiago, filho de Alfeu e finalmente Judas, o traidor.

Antes do início da missa, o Padre Antônio Dragone escolheu os 12 homens para o *lava-pés*. Além de alguns ministros da igreja, sempre participavam do *lava-pés* outros fiéis presentes, completando os 12 apóstolos.

Durante a missa, havia muita movimentação dos fiéis que estavam próximos ao altar, quando chegou a momento de lavar os pés dos 12 apóstolos. Os apóstolos estavam enfileirados e foram ocupando seus lugares num banco colocado próximo ao altar e tiraram os sapatos e as meias. Luiz que estava em pé aproveitou para ocupar o último lugar do banco dos apóstolos, que estava sobrando. Sabia que ali era o banco dos apóstolos para o *lava-pés*, mas que mal tinha ocupar um lugar que estava vazio e sobrando? O Padre Antônio já vinha lavando os pés dos apóstolos e quando estava no segundo, o 12º e último apóstolo falou para Luiz que estava sentado ao lado, em tom de brincadeira: “*Ué, eu não sabia que Jesus tinha 13 apóstolos*”. Não dá para lembrar bem, mas parece que foi o seu Chico Patrocínio ou o Abilião, ministros da igreja, quem fez a brincadeira. Mais do que depressa Luiz disfarçou, levantou-se e foi para outro banco. Nesse momento é que percebeu que já era a hora do *lava-pés* e que ele jamais poderia ser o “*13º apóstolo*”, se Jesus só teve os 12. Disse que “*estava apenas um pouco distraído e que jamais teve a intenção de mudar a história da igreja*”.

Criação da primeira turma do Curso Ginásial

No início do ano foi criado o curso ginásial em Porangaba, sendo a 4ª série composta por alunos que se deslocaram no ano anterior para cursarem a 3ª série na cidade de Conchas ou em outras cidades vizinhas. Além dos alunos de Porangaba, para completar o número mínimo exigido, vieram alguns alunos das cidades de Bofete e Cesário Lange (Passa Três), onde ainda não funcionava o curso ginásial. Essa turma com apenas 17 alunos foi realizada no *Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”*, pois o prédio que estava sendo construído para funcionar o curso ginásial ainda não estava pronto.

Além do José Luiz, estudaram nessa turma a Maria Olívia do Antônio Sebastião, a Elza do Armando Português, o Francisco (Kico) do Chico Patrocínio e a Cecília do “Nhô” do Correio. De Tatuí vinha a Cinthia. Dá para recordar de alguns professores como a Dona Terezinha do Chico Patrocínio e a Dona Idinha.

Nesse ano tivemos a conclusão da primeira turma de alunos da 4ª série ginásial em Porangaba, hoje equivalente ao 9º e último ano do ensino fundamental. O prédio construído recebeu o nome de *Ginásio Estadual “Aldo Angelini”* em homenagem ao falecido professor Aldo Angelini, de tradicional família porangabense.

Colaboração de José Luiz Wagner

Desfile dos estudantes 1

Dia 04 de junho era dia de festa em Porangaba e esta data não podia passar em branco. Neste dia comemora-se o aniversário da cidade, fundada em 1928. Todos os anos os professores preparavam o desfile dos estudantes, sempre acompanhado da fanfarra que dava o tom e o compasso da marcha, passando pelas principais ruas da cidade. A fanfarra era simples, mas muito bem ensaiada e fazia bastante barulho. Algumas semanas antes do dia 04 de junho, começavam os ensaios e os professores passavam algumas orientações. Além de marchar direito, precisava manter a distância certa do colega da frente e ficar sempre bem alinhado com os que marchavam nas fileiras laterais. Ensinavam também a fazer as curvas nas esquinas. Quem não sabia marchar direito, aprendia na marra e precisava acompanhar o ritmo da fanfarra.

Desfilavam todos os alunos do *Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”* e do *Ginásio Estadual “Aldo Angelini”*.

Todos queriam assistir ao desfile e a cidade ficava bem cheia nesse dia. Era o pessoal da própria cidade, de todos os sítios do município e de cidades vizinhas. O horário do desfile era divulgado com antecedência e as famílias vinham em peso

para prestigiarem os seus filhos. Era um orgulho para os pais terem seus filhos como estudantes e fazerem parte do desfile.



Ginásio Estadual “Aldo Angelini”



1958 - Desfile dos Estudantes - 1ª turma de formandos do curso ginásial.

José Luiz à direita, segurando a faixa.

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

Porangaba – Vila – 1958

Maria, a primeira filha, vem trabalhar em São Paulo

Morando na “*chácara do Antônio Paulino*”, a Maria, primeira filha, com 18 anos de idade, foi convidada para trabalhar numa pensão em São Paulo, na Rua Bela Cintra, onde trabalhavam 5 primas, filhas de Roberto, irmão de Luiz: Maria, Rosa, Magdalena, Maria de Lourdes e Aparecida.



Cartão: acervo pessoal de Luiz Wagner

A pensão era da prima de Luiz chamada Rosa, casada com Kurt Degenhardt, filha de Elisa (irmã de Apollonia), e atendia muita gente estrangeira que chegava a São Paulo. Elisa ajudava nos serviços da pensão da filha e tinha falecido naquele ano. Como a Maria já havia trabalhado na pensão aos 16 anos, substituindo por 2 meses a sua prima Magdalena que estava de férias, a Rosa, dona da pensão, pediu para ela voltar.



1958 - **Rosa, Maria** (primeira filha de Luiz),
Magdalena, Aparecida e
Maria de Lourdes.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Desta vez, quando completou 4 meses de trabalho na pensão, precisou retornar para casa para ajudar sua mãe que estava grávida de alguns meses.

Na noite de 22 de novembro, num sábado, Luiz foi chamar a parteira Cotinha, com quem já havia combinado anteriormente. Ela morava ali perto, na mesma rua da Vila e veio imediatamente. As parteiras não mediam esforços e vinham a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo debaixo de chuva e de raios. *“As crianças não esperam para nascer”*.

Nessa noite nasceu mais uma menina que recebeu o nome de Irene, a oitava e última filha de Luiz e Hermelinda. A família morou durante dois anos nessa chácara.

Colaboração de Maria Wagner Bianchi

O “Balão” quase morreu de fome

Logo que viemos morar na *“chácara do Antônio Paulino”*, um sitiante que morava no bairro das Partes pediu para levar o nosso cachorro *“Balão”* para morar com ele para caçar codornas. O sítio para onde o *“Balão”* foi levado ficava a alguns km de distância, seguindo na mesma estrada que passava em frente à chácara onde morávamos. Após mais ou menos dois meses, o sitiante estava vindo para a cidade de Porangaba e o *“Balão”* o acompanhava. Quando passavam em frente à chácara,

logo que reconheceu a nossa casa, o “Balão” entrou pelo portão que estava aberto e dali não saiu mais. Vendo o “Balão” tão magro e fraco, não parecendo ser o mesmo cachorro de dois meses atrás, Luiz ficou muito bravo com sitiante. Hermelinda começou a cuidar do “Balão”, dando comida diariamente e fazia até polenta para ele. Em menos de um mês o cachorro já tinha se recuperado e estava esperto e forte como antes.

O Telefone

Para fazer uma ligação telefônica precisava ir até o posto telefônico que ficava na Rua 04 de junho, a principal da cidade, numa casa ao lado do *Clube Recreativo 21 de Abril*.

Na época o equipamento era manual e o serviço era feito pela operadora de mesa, ou seja, pela telefonista. Você precisava passar o número do telefone e a cidade para onde queria ligar e então tinha de esperar sentado até conseguir fazer as conexões. Uma ligação para São Paulo demorava por volta de 5h. Primeiro a telefonista tentava conectar com Tatuí, depois a telefonista de Tatuí tentava conectar com a de Sorocaba e depois, se tudo estivesse bem e a pessoa com muita sorte, a de Sorocaba conectava com a de São Paulo. Para completar a ligação, finalmente, a de São Paulo ligava para o número solicitado. Às vezes, a demora era maior ainda porque já tinha alguém no posto telefônico aguardando completar a ligação e você precisava esperar a sua vez ou, ainda, acontecia de as linhas de Sorocaba a São Paulo estarem todas ocupadas. Quando completava a ligação, precisava gritar para tentar fazer entender o que estava falando e fazer muito silêncio para ouvir o que estavam dizendo do outro lado da linha. A essa altura da conversa, a cidade inteira já sabia com quem você estava falando, qual era o assunto e o que tinha falado.

Pelas dificuldades que tinham de se comunicar por telefone, com o longo tempo de espera, a incerteza de completar as ligações, sempre cheias de chiados e, às vezes, interrompidas, era mais fácil pegar um ônibus, ir até a cidade e conversar com a pessoa pessoalmente. E era o que a maioria fazia. Quando era parente, aproveitava para matar a saudade e acabava dormindo por lá.

Ter telefone em casa era um luxo e era só para os que tinham mais dinheiro.

Para ter uma ideia, “*quando da inauguração do centro telefônico em 1946, juntamente com a luz elétrica, Porangaba tinha no máximo 30 casas com telefone. A inauguração do centro telefônico foi feita pelo Padre Ambrósio Marks que, no mesmo dia, às 18h, acionou a chave iluminando pela primeira vez a cidade, através dos geradores tocados pelos motores do moinho de Stefan Maier*”.

Fonte: www.porangabasuahistoria.com, de Júlio Manoel Domingues

“Casa em frente ao armazém do Gildo Ramos”

No final do ano, Luiz resolveu comprar casa na cidade e logo encontrou uma que acomodava bem a família. Comprou uma casa do senhor Mário Mendes na rua principal, que depois ficou conhecida pela família como a *“casa em frente ao armazém do Gildo Ramos”*. Como pagamento deu sete vacas leiteiras e o restante pagou em dinheiro. Era uma casa com bom espaço, muito bem localizada, feita de alvenaria, mas tinha pouco quintal. Quanto ao cachorro *“Balão”*, por falta de espaço, não pôde continuar morando com a nossa família e teve de seguir para a fazenda do Manélito. A família morou nessa casa durante um ano.

Conclusão da primeira turma do Curso Ginásial

No final do ano, tivemos a conclusão da primeira turma do curso ginásial com a participação do José Luiz. O baile de formatura aconteceu no *Clube Recreativo 21 de Abril*, na rua principal de Porangaba, tendo sido escolhida para dançar a valsa, a Cecília do Chico Patrocínio, uma das princesas de Porangaba. Era chamada de princesa porque fazia parte do grupo das meninas mais bonitas da cidade. Na verdade, era a mais bonita de todas.

Alguns formandos ficaram apreensivos porque achavam que não sabiam dançar a valsa ou não dançavam bem. Para baixar a ansiedade do grupo, marcaram algumas reuniões para o treinamento na casa de José Luiz, que na época morava na rua principal, na *“casa em frente ao armazém do Gildo Ramos”*. No ensaio, a regra básica era a seguinte: *“quem sabe ensina e quem não sabe aprende!”*. Como colaboradoras vieram algumas professoras que davam aula no ginásio e algumas colegas que também estavam se formando como a Maria Olívia do Antônio Sebastião, a Elza do Armando Português e outras que agora, depois de tanto tempo, não dá para lembrar os seus nomes.

No dia da formatura todos já estavam bem treinados, pois já dominavam bem os passos da valsa. Orgulhosos pela formatura, todos puderam entrar no salão do Clube, confiantes e seguros, acreditando que dariam um show na hora certa.

E deram! Ninguém pisou nos pés de suas madrinhas e dançaram ocupando todo o espaço do salão. Quando terminou a valsa, todos foram muito aplaudidos.

Colaboração de José Luiz Wagner

Bar na cidade

Havia uma preocupação de Luiz com relação a sua saúde, principalmente porque estava com 45 anos de idade e devido a um problema que teve nos olhos, não enxergava nada com a vista direita. Precisava pagar a previdência social para ter direito a utilizar o serviço médico do *Instituto* e também para ter direito à aposentadoria no futuro.

Luiz comprou o ponto de um bar e alugou a casa que ficava na mesma construção, com um bom quintal na parte de trás. Como proprietário do bar, começou a recolher mensalmente para o *Instituto* e a ter direito aos serviços de saúde. O bar ficava na esquina da rua principal, próximo ao “*Cine Santo Agostinho*”, o único cinema da cidade, que era do Gustão. Nessa época, Luiz contava com a ajuda de seu filho José Luiz no balcão, o que era uma forma de ele se manter ocupado, uma vez que já havia terminado o curso ginásial e estava parado, pois na cidade ainda não funcionava o curso de ensino médio. Luiz manteve o negócio por um pouco mais de um ano e meio.

Porangaba – década de 1960

O “Jardim” (ou Praça)



“Jardim” (ou Praça) de Porangaba

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/154033798114570/user/1846449253>

Na década de 60, nos fins de semana ou em dia santo, após a missa das 6 da tarde, o “*jardim*” como era chamado em Porangaba, ficava bem cheio de gente, pois era lá que o pessoal se encontrava. Alguns aproveitavam para paquerar e outros para “*jogar conversa fora*”. Muitos ficavam sentados nos bancos, principalmente as famílias com crianças pequenas e também os mais idosos. O “*jardim*” ocupava e ainda ocupa um quarteirão inteiro, desde a rua de cima, onde fica a igreja, até a rua de baixo, a principal.

Os jovens paqueravam seguindo um ritual da época, ou seja, ficavam andando em círculo ao longo da parte interna do “*jardim*”, em grupinhos de 3 ou 4 amigos ou amigas, sendo as moças no sentido horário e os rapazes no sentido anti-horário. Isto permitia que para cada volta ao

redor do “jardim”, os grupinhos se encontrassem duas vezes. Nessas voltas é que aconteciam as olhadas e as piscadinhas, demonstrando interesse um pelo outro.



“Jardim” (ou Praça) de Porangaba

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/154033798114570/user/1846449253>

Alguns rapazes preferiam ficar um ao lado do outro, parados em algum lugar por onde as moças passavam, para dar as suas paqueradas e observar o interesse das moças por eles. Depois de algum tempo, alguns mais corajosos se aventuravam e “chegavam” nas moças para conversar. Quando a moça aceitava, os dois saíam dos grupinhos, sentavam-se num banco do “jardim” ou iam conversar em algum lugar mais isolado. Se a conversa acontecia antes das 8h da noite, ainda tinha a opção de arriscar um convite para pegar a única

sessão do cinema. E neste caso, quando a moça concordava, às vezes, dava até namoro.

Família de Stefan Maier



1960 – da esquerda para a direita, em pé: **Terezinha, Maria, Ana, Carlos** (genro, filho do Tó Cláudio), **Clara, Estevam** (Estevinho), **José, Gui Luís** (genro).
sentados: **Rosa, Eugênia de Lara Maier, Stefan Maier, Aparecida** (Cida) e **Eugênia** (Nena) em pé.
crianças: **Carlinhos** (filho da Rosa e Carlos), **Rosinha e Luiz Roberto** (filhos da Cida e Gui Luís).

Foto: acervo pessoal de Marly Thibes (neta de Stefan e Eugênia)



Stefan Maier e Eugênia de Lara Maier

Foto: acervo pessoal de Marly Thibes (neta de Stefan e Eugênia)

Stefan e Eugênia tiveram 9 filhos: Maria, Aparecida, José, Rosa, Terezinha, Estevam (Estevinho), Ana, Clara e Eugênia (Nena).

Porangaba – início de 1961

Debandada de jovens para São Paulo

Ao concluir o curso ginasial, os jovens não encontravam emprego em Porangaba, por ser uma cidade muito pequena e que vivia praticamente da agricultura e do comércio. Também não davam sequência aos estudos porque na cidade ainda não tinha o curso de ensino médio. Muitos, sem nenhuma perspectiva de trabalho e sem condições de continuar os estudos, começavam a deixar a cidade e iam tentar emprego e continuar os estudos nos grandes centros, como Sorocaba e São Paulo. A maioria partia para São Paulo.

No início de 1961, muitos resolveram procurar emprego em São Paulo e foi uma debandada geral. Além de José Luiz, foram também para São Paulo o Irineu Cristóvão, o Benedito (Dito) Leme e o Estevam Maier Junior (Estevinho), filho de Stefan Maier. Pouco tempo depois seguiram para a capital o José Almiro Correa, do Cezarino, o José Cláudio Martins, do Tó Cláudio, o Urbano Valêncio, o Joaquim, do Fernando Victor Hugo, o Francisco (Kico), do Chico Patrocínio, e o Levi, do João do Jango.

Depois de 2 ou 3 anos, foram também mais dois filhos de Luiz, o Antonio e o João, os sobrinhos Guilherme Wagner Filho e Mário Wagner Sobrinho, filhos do Guilherme Wagner. Dá para lembrar também que nessa mesma época ainda deixaram Porangaba o Francisco Matias, conhecido como Chico do Zé Matias e o Manuel, do João Colombara.

Colaboração de José Luiz Wagner

CAPÍTULO 31

São Paulo – 1961 a 1966

Filhos ingressam na Guarda Civil de São Paulo



José Luiz

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

Os 3 filhos mais velhos de Luiz, José Luiz, João e Antonio, ingressam na respeitada *Guarda Civil de São Paulo* e fazem carreira.

No início de 1961, antes de completar 20 anos de idade, o José Luiz prestou concurso para a *Guarda Civil de São Paulo* e, em maio, ingressou na corporação.

Em novembro do mesmo ano, formou-se Guarda Civil de 3ª Classe e em 1963 foi promovido por concurso interno a Guarda Civil de 1ª Classe.



Antonio como estagiário e ***José Luiz*** como Guarda Civil de 1ª Classe, aprovado no concurso de "CD" (Classe Distinta) e cursando o 1º ano da Escola de Polícia.

1964

Foto: acervo pessoal de Antonio Domingos Wagner



***Antonio, no ano que ingressou na
Guarda Civil de São Paulo.***

Foto: acervo pessoal de Antonio Domingos Wagner

Em 1964, com 19 anos de idade, o Antonio também prestou concurso para a *Guarda Civil de São Paulo* e, em novembro, ingressou na corporação.



***Formatura da Escola de CDs da Guarda Civil de São Paulo
(equivalente a 1º Sargento na PM) - Rua São Joaquim em São Paulo.
José Luiz é o 1º do lado direito da última fileira - 1º semestre de 1965.***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Em 1964 o José Luiz entrou para a *Escola de Classe Distinta da Guarda Civil de São Paulo*, curso que durou um ano e a formatura foi realizada no início de 1965. Logo em seguida foi promovido à Classe Distinta da Guarda Civil.



José Cláudio, filho do Tó Cláudio, também de Porangaba, e José Luiz.



José Luiz e José Almiro, filho do Cezarino Correa, também de Porangaba.

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

Nas duas fotos acima, o José Luiz já como Classe Distinta “CD” da Guarda Civil de São Paulo.

O José Cláudio e o José Almiro moraram com o José Luiz na mesma casa, que era apenas um dormitório e uma cozinha, alugada nos fundos da casa de Dona Avenina, mãe de um colega da *Guarda Civil*, chamado Renê. Ficava na Rua Corrêa de Lemos, 543, próximo à Praça da Árvore, na Vila Mariana, em São Paulo.



João

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Em 1963, com 20 anos de idade, o João deixou Porangaba e veio para São Paulo trabalhar na *Fábrica de Relógios Brasil*, em Santo Amaro. Era um trabalho bastante puxado, pois saía de casa por volta das 6h e retornava próximo às 20h. Ficou lá, aproximadamente, 2 anos e, em seguida, resolveu também ingressar na *Guarda Civil de São Paulo*.

Fez a inscrição e para agilizar o processo, pediu apoio ao Joaquim Miranda da Silva, Chefe de Agrupamento da *Guarda Civil de São Paulo*, na época. O Joaquim também era porangabense e amigo da família. Logo o João foi convocado para os exames sendo aprovado em quase tudo. Sim, aprovado em quase tudo, não passando apenas na

altura. Para ter uma idéia, a altura mínima exigida era de 1,70 m para atuar na função de guarda civil e de 1,68 m para atuar como motorista da corporação. Pois é, acreditem, faltou apenas 1 cm.

Com 1,67 m o João foi orientado pelo “CD” João Batista, que assessorava o Chefe Miranda, para voltar para Porangaba, fazer exercícios de barra para aumentar a altura e tirar a “*habilitação de motorista*”. Depois de quase 1 ano, deveria se apresentar novamente e então estaria resolvido o problema.

O João retornou para Porangaba, montou uma barra de ferro para exercícios próximo a casa onde morava e, durante quase um ano, fez tanto exercício que parecia um atleta. Nesse tempo, para não ficar parado, trabalhou no armazém do Deocacir, genro de seu tio Guilherme, na rua principal da cidade.

Valeu o esforço, pois em novembro de 1966 o João já fazia parte da *Guarda Civil de São Paulo* e nem precisou trabalhar como motorista da corporação.

A *Guarda Civil de São Paulo* era considerada a guardiã da sociedade por prestar serviço de orientação à população e atuar de forma exemplar no controle do trânsito da cidade, na Rádio Patrulha e no policiamento de rua. Era muito respeitada pelas pessoas e sua farda azul chamava bastante atenção pela beleza e elegância. Deixou saudade pela confiança e respeito junto à população da capital paulistana e grandes cidades do Estado. Possuía efetivos em algumas cidades do Estado de São Paulo, tais como: São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Jundiaí, Mogi das Cruzes, Piracicaba, Santos e São Carlos. Realizava o policiamento urbano preventivo e ostensivo, fazia patrulhas, policiamento de diversões públicas, de reuniões políticas, de solenidades, de controle de tráfego, de proteção de escolares, garantia a segurança de comícios políticos, policiamento de prédios públicos como a *Assembléia Legislativa*, *Câmara Municipal* e outros. Trabalhava no policiamento a cavalo, de motocicleta, de bicicleta, a pé, motorizado, etc.

Em abril de 1970 houve a fusão da *Guarda Civil* e a *Força Pública*, formando a *Polícia Militar* que assumiu todo o policiamento do Estado de São Paulo. Além de sua abrangente atuação junto à sociedade, passou por força de lei a ser força auxiliar e reserva do *Exército Brasileiro*.

Com a fusão das duas polícias, os três filhos de Luiz que estavam na *Guarda Civil*, decidiram passar para a *Polícia Civil*, uma das opções oferecidas. O Antonio e o

João decidiram pela função de investigador de polícia e o José Luiz pela função de escrivão de polícia.

O Antonio trabalhou algum tempo em São Paulo e depois de casado pediu transferência para Itapetininga. Em 1977 foi transferido para Porangaba, onde se aposentou em 01 de abril de 1995.

O João continuou trabalhando em São Paulo até se aposentar em novembro de 1996.

O José Luiz atuou durante cinco anos na *Polícia Civil* como escrivão de polícia e mais onze anos como investigador de polícia, que acumulando com o tempo de *Guarda Civil*, completou vinte e cinco anos de carreira policial.

Em 1986 o José Luiz tendo sido aprovado no concurso para *Fiscal da Secretaria da Fazenda de São Paulo*, deixou a *Polícia Civil* e passou a trabalhar na *Secretaria* como *Fiscal de ICM*, inicialmente nas divisas do estado. Trabalhou em Florínia, Ourinhos, Ubatuba e Bragança Paulista. Em 1989 trabalhou em Campinas. A partir de 1990 trabalhou em São Paulo como encarregado de serviço, depois nas funções de instrutor, chefe e finalmente como corregedor fiscal, completando mais onze anos de serviço, quando se aposentou.

Em paralelo ao seu trabalho na *Secretaria da Fazenda*, trabalhou como psicólogo na seleção de pessoal para empresas e em exames psicotécnicos credenciados pelo *Detran de São Paulo* e, nos últimos anos, como psicólogo terapeuta.

Colaboração de José Luiz Wagner

CAPÍTULO 32

Porangaba – 2º semestre de 1961

Sobrado da cadeia velha

Depois que Luiz vendeu o ponto do bar, precisava desocupar a casa onde morava, pois era alugada e ficava na mesma construção do bar.

Na mesma Rua 04 de junho, próximo ao moinho de seu tio Stefan Maier, tinha sido desocupado o casarão onde funcionou por muitos anos a antiga cadeia da cidade, que foi transferida para um prédio novo e moderno construído num terreno de esquina, ao lado. O casarão, um sobrado enorme, tinha sido dividido em dois e colocado para alugar. Como moradia provisória, Luiz alugou o lado do sobrado, cujo terreno fazia divisa com o cartório. Era muito esquisito morar na cadeia e o lugar parecia meio assombrado. Tinha as paredes bem largas e no final de um corredor havia uma escada com degraus que não acabavam mais e que chegavam num quarto enorme. As grades tinham sido retiradas e então deduzimos que era ali que os presos ficavam. Imaginem o constrangimento nas conversas da escola e nas rodinhas de amigos, quando descobriam que tínhamos vendido o bar e mudado de lá. Não demorava muito e vinha a pergunta. *“Onde você está morando agora?”*. Resposta: *“Na cadeia”*. E, então, era preciso explicar logo o que era *“morando na cadeia”*, para que não ficasse um mal-entendido. A sorte é que a família *“ficou apenas alguns meses na cadeia”*, ou melhor, *“ficou apenas alguns meses morando no sobrado da cadeia velha”*.

Com 21 anos de idade, a Maria, primeira filha, vem trabalhar nas *Indústrias Farmacêuticas Fontoura*, em São Bernardo do Campo, onde ficou um pouco mais de 4 anos. Em seguida trabalhou em São Caetano do Sul numa indústria de macarrão, durante apenas 7 meses. Casou-se em 1966.

Colaboração de Maria Wagner Bianchi

Porangaba - Vila - final de 1961

Mudança para a “chácara próxima ao Ciro Alonso”

O período de três anos morando na cidade valeu como experiência, mas a família gostava mesmo era de levar uma vida mais simples e precisava de mais espaço. Voltar a morar na Vila era uma boa alternativa, pois poderiam voltar a criar porcos

e aves. Luiz soube que seu irmão José (Zé Alemão), queria vender uma parte de sua chácara na Vila. Conversou com ele e escolheu um pedaço de terra que fazia divisa com a chácara do Ciro Alonso, onde já tinha um antigo poço de água dentro do terreno beirando a cerca da estrada e daria para formar ali uma boa chácara. Após fechar negócio com seu irmão, cercou o pedaço de terra comprado e construiu ali uma casa de *pau-a-pique*. A casa era muito simples, com 3 dormitórios, uma sala comprida no meio e uma cozinha com fogão a lenha. As paredes internas não chegavam até o telhado e não tinha forro. Dava para ver o telhado feito de caibros roliços de eucalipto e a claridade que entrava pelos vãos entre o final da parede e as telhas. O “*banheiro*”, que era chamado de privada, ficava lá fora, a uns 10 metros de distância da casa. Não era banheiro porque não tinha chuveiro e nem lavatório. Era uma construção pequena, talvez medindo 1,5 m por 1,5 m, com um assoalho de tábuas, telhado a vista, uma porta de tábuas com pequenas frestas e sem janela. Tinha também um paiol próximo a casa para guardar as espigas de milho que vinham do sítio, que era para alimentar as galinhas e os porcos. Servia também para guardar algumas ferramentas que eram usadas na chácara. Para deixar de pagar o aluguel do sobrado da cadeia velha, a família veio logo morar na casa da Vila. Voltaram a criar frangos e galinhas e a engordar porcos. Tinha até uma égua, para ir ao sítio. Depois de algum tempo, Luiz comprou também uma cabra da qual tirava o leite para o consumo.

A chácara ficou conhecida pela família como “*chácara próxima ao Ciro Alonso*”. A família gostava muito de mexer com a terra e criação. Luiz gostava de plantar mudas de árvores frutíferas e Hermelinda gostava de cuidar da horta e do jardim. No espaço entre a casa e o portão da estrada, beirando uma cerca de divisa da casa ao lado, a família formou um bonito jardim com muita variedade de flores. Hermelinda gostava muito de roseiras, dando preferência para as rosas vermelhas. Cercaram uma parte do terreno nos fundos atrás da casa, ao lado do paiol, e fizeram uma boa horta onde tinha um pouco de tudo. A terra era boa e os canteiros recebiam uma mistura de esterco que era trazido do curral da chácara do Zé Alemão. Produzia muito alface da lisa, couve, almeirão, tomate comum, rabanete do comprido e bolinha, cenoura, cebolinha e quiabo. Na cerca da horta, que era feita de bambu, dava muito chuchu e boas buchas das compridas. Para regar as verduras foi feito um poço de água no meio da horta e que nunca faltou água. Para evitar criar bichinhos e micróbios na água, sempre tinha ali pequenas traíras que ficavam em algumas saliências nas laterais do poço e outros peixes menores. O que produzia na horta era para o consumo e Hermelinda ainda dava um pouco para alguns parentes e vizinhos da Vila. Num ano que produziu muita alface, chegamos a vender um pouco na cidade, sendo uma cabeça de alface por 3 “*cruzeiros*” e duas por 5.

De árvores frutíferas, tinha um pé de pêssago, um de limão vinagre e alguns pés de mexerica da “fedidinha”. Levava esse nome porque quando era descascada, a casca era meio “fedidinha”. Os pés eram pequenos, mas ficavam carregados. Elas eram pequenas e não muito doces, mas mesmo assim eram gostosas. Às vezes, era só inventar e chupar as mexericas com um pouco de sal. Tinha também uma enorme rama de maracujá bem formada na cerca de divisa com a chácara do Ciro Alonso, onde dava muito maracujá do amarelo.

Além dos dois poços de água, o antigo beirando a cerca da estrada e o de dentro da horta, havia mais um poço de água entre a casa e a estrada, de onde vinha a água para o consumo tirada no balde através da carretilha. Ao lado do poço tinha um tanque de lavar roupa, coberto com um pequeno telhado.

Do sítio sempre vinha alguma coisa, como cachos de banana nanica, arroz, feijão, mandioca, milho e, às vezes, café em grãos.

As paredes da casa de *pau-a-pique*, aos poucos, talvez uma ou duas por ano, foram sendo substituídas por paredes de tijolos e a casa ficou com uma aparência melhor.

Fogão a lenha e carne na banha

Tudo era feito no *fogão a lenha* que tinha uma chapa de ferro de 3 bocas de tamanhos diferentes. Cada boca tinha sua tampa que ficava aberta ou fechada, dependendo de como estava o fogo. A chaminé era aberta ou fechada através de uma pequena chapa retangular feita de lata, embutida num corte feito na parede. O café, mesmo depois de servido, ficava sobre a chapa do fogão e estava sempre quentinho. A comida tinha um sabor muito bom e diferente e as panelas eram mantidas sobre o fogão para quem chegasse depois e quisesse comer.

De vez em quando, Luiz matava um porco criado ali na chácara e como não tinha geladeira, a carne era cortada em pedaços, fritada e colocada em uma lata grande cheia de banha derretida, ainda quente. Depois de esfriar, a banha ficava branca e meio endurecida. A lata era muito bem tampada e a carne era consumida aos poucos. Para servir parte daquela carne, era só colocar alguns pedaços com um pouco de banha na frigideira e depois de alguns minutos no fogo do *fogão a lenha* já estava quente e pronta para servir. A banha derretia e a carne ficava quentinha. Assim a *carne na banha* era conservada e consumida durante vários meses.

A linguiça de carne moída, a linguiça branca e o chouriço eram feitos em casa. Para fazer os dois tipos de linguiça, usava a máquina de moer carne, feita de ferro, que ficava presa na mesa e tinha uma manivela. Depois de temperar bem a carne, as tripas eram cheias com a ajuda de um funil pequeno. A linguiça de carne moída ficava pendurada no alto, enrolada em um bambu de uns 2 metros de comprimento, amarrado na horizontal em dois caibros do telhado da cozinha e ia sendo consumida aos poucos. A linguiça branca era feita de miúdos em menor quantidade

e consumida em pouco tempo. O chouriço era feito do sangue do porco misturado com alguns temperos e era consumido em apenas um ou dois dias.

Torradeira de café

Quando vinha café em grãos do sítio, precisava torrar e moer. Os grãos já sem a casca eram colhidos e isso garantia um bom pó de café. Para torrar os grãos de café, era usado o sistema antigo, utilizando uma “*torradeira de bola*”, que era colocada no fogo do *fogão a lenha*. A torradeira tinha um suporte de ferro onde encaixava a bola feita de folha de lata e uma manivela para virar, também de ferro. Era colocada direto sobre a primeira boca do *fogão a lenha*, que era a maior. Tinha uma pequena portinhola de correr por onde colocava os grãos e depois de fechada era só travar. Não podia parar de virar a manivela senão queimava os grãos de café. Depois de torrado, os grãos eram colocados em uma peneira para esfriar. Passado algum tempo, os grãos eram socados em pilão e o pó de café estava pronto para o consumo. O sabor era muito diferente do café encontrado para vender, pois era puro e de boa qualidade.

Doce de goiaba

E os pés de goiabeira do chiqueirão de criação de porcos do Zé Alemão? O terreno era bem amplo e fazia divisa com a nossa chácara. Havia um córrego que vinha do açude da chácara do Ciro Alonso, onde os porcos se refrescavam e bebiam água. Ali tinha grande quantidade de pés de goiaba e a maioria era das vermelhas. O Zé Alemão não se importava que apanhássemos as goiabas, pois produzia muito, apodreciam nos pés e, as que caíam, os porcos comiam. Na época da fruta, quase toda semana, dava para encher uma bacia de goiaba vermelha e fazer o delicioso *doce de goiaba*, que era consumido por todos durante vários dias.

Covo de bambu

O córrego que vinha do açude da chácara do Ciro Alonso, depois que passava o bambuzal de divisa, descia pelo chiqueirão de porcos da chácara do Zé Alemão, passava para o nosso chiqueirão e seguia em paralelo em linha reta junto à cerca de divisa por uns 80 metros e depois voltava para o lado do chiqueirão do Zé Alemão. Na verdade, quando foi feita a cerca de divisa, como a nossa chácara precisava de água para os porcos, foi autorizado pelo Zé Alemão para desviar o córrego. Com a ajuda do Joaquim Tamanduá, Luiz fez um pequeno açude e uma valeta extensa descendo ao lado da cerca de divisa. Sempre que chovia e o córrego enchia um pouco, os peixes subiam em direção ao açude do Ciro Alonso. Era só armar um *covo de bambu* de duas bocas e deixar amanhecer de um dia para outro. No dia seguinte o covo estava com bastante lambari, traíra, cará e bagre. Pegava também

um peixinho meio cascudo, curto e arredondado, que por não saber o seu nome, todos o chamavam de “*ditinho*”. Este a gente soltava por ser pequeno e cascudo. De vez em quando vinha uma cobra dentro do covo. Neste caso, soltava tudo, pois não sabia se a cobra tinha envenenado os peixes. Os covos de bambu eram feitos pelo pai do Joaquim Tamanduá, que vendia também balaios e cestos de bambu. Outra forma fácil de pegar peixe nas enchentes ali no córrego era passando a peneira. Cada peneirada que dava eram dois ou três lambaris que ficavam pulando no meio da peneira. Às vezes, vinha algum bagre ou alguma traíra das boas.

Cobras peçonhentas

O capim crescia e em alguns lugares o mato ficava um pouco mais alto, principalmente em época de muita chuva. Era ali que apareciam algumas cobras do tipo jararaca-preta, urutu, jararacuçu, cobra-coral e outras. Algumas ficavam rodeando e de olho nos pintinhos que ciscavam e acompanhavam a galinha. Não demorava muito para as galinhas e o galo fazerem barulho. Alguém tinha que tomar iniciativa e ter coragem para achar e matar a cobra no meio do capinzal ou do mato. Hermelinda pegava um pedaço de pau e sempre encontrava as *cobras peçonhentas* que ficavam meio camufladas e escondidas. Era só dar duas ou três pauladas e logo resolvia o problema.

Peste das galinhas

Com muito espaço na chácara, dava para criar bons frangos e boas galinhas. Tinha também um galo de penas avermelhadas, bem encorpado e muito bonito. Só tinha um defeito: cantava cedo demais. Algumas galinhas botavam ovos e, às vezes, davam boas ninhadas de pintinhos. Entre frangos e galinhas eram mais de 40.

Tinha um vizinho chamado Mauro, comprador de aves e ovos, que estava morando na casa onde morava o Ciro Alonso.

Certo dia, passando por alguns sítios, ele comprou vários frangos e galinhas, sem saber que uma delas estava com uma doença que matava as galinhas em 1 ou 2 dias.

Logo no primeiro dia que a galinha estava ali solta no quintal do vizinho, a doença se alastrou e as galinhas de toda a vizinhança começaram a morrer.

As galinhas que contraíam a doença começavam a ficar sonolentas, tinham diarreia, ficavam fracas e “*encorujadas*” e morriam. Em menos de uma semana, morreram todos os frangos e todas as galinhas da nossa chácara. Foi perda total.

O Nestorzinho da Amásia, morador da Vila, para salvar o galo, acreditando que ele ainda não estava doente, naqueles dias que as galinhas estavam morrendo, conversou com o Luiz e levou o galo para vender na cidade. Achava que quem comprasse o galo, iria comê-lo naquele mesmo dia ou no dia seguinte. Mas, na

verdade, quem comprou o galo, não tinha a intenção de comê-lo. E com razão, pois quem iria comer um galo tão bonito como aquele? Após alguns dias o galo também morreu e então veio a reclamação.

O Deocacir do Tó Cláudio, casado com a Olga, sobrinha de Luiz, que na época também morava na Vila e criava galinhas, não perdeu nenhuma. Ele havia vacinado todas as galinhas alguns meses antes.

Desta vez, o prejuízo foi grande na chácara de Luiz, pois não sobrou nenhum frango, nem para os almoços de domingo.

Sapos matracas

Pelo silêncio que se tinha, era muito bom dormir naquela chácara. A casa ficava um pouco afastada da estrada e então o silêncio era perfeito. Na cidade quase não tinha carros e de vez em quando passava um na estrada. Porém, no início de um verão, após dias de muita chuva, quando se deitava para dormir era difícil pegar no sono devido aos *sapos matracas* que ficavam matracando até altas horas da noite. Os *sapos matracas* eram muito feios, dos grandes e de pele bastante áspera. Certa noite, Luiz resolveu dar um jeito na coisa e com a ajuda de um rapaz chamado Armandinho, que morava na Vila, pegou uma lanterna e uma fisga e saiu à procura dos sapos. Primeiro foram lá pelos lados da lagoa do Simão Diniz, no terreno da olaria, onde tinha um brejão e uma lagoa bastante extensa. Para localizar os barulhentos *sapos matracas*, caminharam bem devagar ouvindo de onde vinha o barulho. Ali, conseguiram fisgar vários e calar os malditos barulhentos. Depois, voltaram para o outro lado da estrada e seguiram beirando o chiqueirão do Zé Alemão. Chegaram até o açude do Ciro Alonso, logo depois do bambuzal de divisa, onde ouviram e mataram outros *sapos matracas*. Daquela noite em diante, durante todo o verão, foi um silêncio total, sem aqueles irritantes, barulhentos e malditos sapos matracando até altas horas da noite.

De bar em bar

Todo mundo se conhecia na cidade e na Vila. “*Matar o bicho*” era uma expressão usada para tomar uma bebida alcoólica. Para a alegria dos cachaceiros, bar é o que não faltava. Era o que mais tinha na cidade e na Vila. Na cidade era um bar em cada esquina e ainda alguns no meio dos quarteirões. Na Vila eram 6: o do Osvaldinho Poli, do Dito do Martinho Ribeiro, do Tônico do Zé Alemão, do Lico do Silvio Florentino, do Zé Lobo e a conhecida “*venda*” (comércio de mantimentos e bebidas) do Zico Serafim. A “*venda*” do Zico Serafim existia ali desde o início da formação da Vila. Mais antiga que esta “*venda*”, era o bar do Lico que antes pertenceu a Luiz e antes ao Cesário Neco. E os amigos? Depois de algumas doses, todo mundo era amigo e um queria contar mais história que o

outro. Quando um pagava uma rodada de cachaça, o outro queria pagar a outra. Diziam que era a última, mas não era. Era só uma desculpa para tomar mais uma. E aí iam ficando cada vez mais bêbados. A impressão que dava é que os cachaceiros eram espertos e escolhiam o bar mais distante de suas casas para começar a bebedeira, ou seja, sempre o último bar. Parecia até que já era meio pensado, pois assim, na volta, poderiam ir chegando “*de bar em bar*”. O que era mais curioso é quando iam beber a primeira dose, um pouquinho era para o santo. Pegavam o copo, viravam para o lado da parede e jogavam um pouco no canto ou, quando não achavam um canto, jogavam em qualquer lugar da parede. Mas era só um pouquinho e só na primeira dose. Era um ritual engraçado e nunca o santo era esquecido. Tinha ainda aqueles “*mais católicos*” que antes falavam baixinho algumas palavras para o santo e em seguida jogavam um pouquinho na parede. No bar escolhido para começar a bebedeira, tomavam as primeiras doses e depois vinham chegando “*de bar em bar*”, onde sempre estavam alguns amigos também cachaceiros “*jogando conversa fora*”. Era impossível passar direto, porque da porta do bar os amigos intimavam quem passasse por ali a chegar para fazer companhia. Parecia ter um imã e era como se todos tivessem a obrigação de “*marcar o ponto*” em todos os bares. Não tinha o dia certo, mas sábados, domingos e feriados eram os melhores, porque vinham também os amigos dos sítios e deixavam a cidade e a Vila mais movimentadas.

Assunto era o que não faltava e as pessoas faziam negócios a toda hora e com a maior facilidade. Faziam muitas trocas o que chamavam de “*barganhas*”. Muita coisa era comprada para pagar depois, ou seja, ficava na confiança. “*Valia mais a palavra do que um pedaço de papel assinado*”. Em alguns armazéns e em algumas “*vendas*” havia uma caderneta para marcar as compras de mantimentos e só pagava no final do mês. Para essas cadernetas havia uma regra: “*nela não podia marcar as cachaças*”.

“Malemá”

Pelo menos uma vez por semana e, às vezes, a cada quinze dias, vinha lá em casa uma mulher de meia idade, acompanhada de seus filhos ainda muito pequenos. Não me lembro quantos, mas eram uns 4 ou 5. Não sabíamos onde ela morava e nem o seu nome, mas era conhecida como “*Malemá*”. Dava para ver que era bem pobre e seu vestido já era bem “*batido*”. Sempre estava de chinelo e com um lenço na cabeça. Era muito simples, de pouca conversa e parecia ser gente boa. Como já estava acostumada e era conhecida, abria o portão que ficava a uns 40 metros da casa, na beira da estrada, e vinha com as crianças até a porta da sala. Mesmo convidada para entrar, não entrava e ficava encostada no batente da porta. Sempre carregava uma sacola de pano para colocar os mantimentos ou as coisas que ganhava. Também não pedia nada, pois a sua vinda ali já era entendida como um

pedido de ajuda. Hermelinda sempre ajudava com algum mantimento e de vez em quando dava alguma roupa já usada em bom estado para as crianças. Logo que ela chegava, Hermelinda costumava perguntar como ela estava e a resposta era sempre a mesma: “*malemá*”, ou seja, “*mais ou menos*”.

Daí o seu apelido, que não poderia ser outro!

A caminho do matadouro

Quando você menos esperava, vinha pela estrada uma vaca no laço, a caminho do matadouro que ficava localizado na Vila. Normalmente vinham dois cavaleiros, um na frente com um laço bem comprido, com uma ponta amarrada no arreio do cavalo e a outra ponta, onde tinha um gancho com uma argola, presa no focinho da vaca. O outro cavaleiro vinha atrás, tocando o animal. Quando a vaca aparecia, era gente correndo para todos os lados e “*salve-se quem puder*”. O jeito era passar a cerca de arame farpado para se proteger e esperar o animal passar. Parecia que a vaca sabia que estava indo para o matadouro, pois ficava muito brava, babava e berrava muito. Uma vez, para fugir da vaca, quem vinha pela estrada, pulou a cerca, passou o arame farpado ou entrou embaixo da ponte para se esconder. Na pressa, um rapaz não teve outra escolha a não ser largar a sua bicicleta que era das grandes na beira da estrada e atravessar uma cerca rapidamente. Não deu outra. A vaca que vinha bufando e chifrando o que encontrasse pela frente, que corria de um lado para outro, pisoteou a bicicleta, se enroscou nos raios das rodas e imagine o que deu. Pois é, “*deu perda total*”.

Outra vez, uma vaca muito brava escapou do laço e foi um “*Deus nos acuda*”, fechando o tempo na Vila. A vaca ficou completamente desnorreada e foi entrando em todas as ruas da Vila. Na verdade, a Vila era formada por duas estradas e apenas uma rua. Uma estrada era a que seguia para o bairro das Partes e a outra considerada a principal era a que ligava a cidade ao povoado de Torre de Pedra. A única rua da Vila saía desta estrada principal, fazendo esquina com o terreno reservado para a construção da capela.

A vaca ameaçou entrar na “*venda*” do Zico Serafim que sempre ficava com as duas pequenas portas bem escancaradas. Até quem já tinha tomado umas cachaças e estava meio “*sapecado*” teve a agilidade para pular por cima do balcão. Outros se esconderam atrás das portas. Foi mais uma vez um “*corre-corre*” e “*salve-se quem puder*”. A sorte é que o cavaleiro era muito bom. Deu um bom galope no cavalo e, depois de algum tempo, alcançou a vaca e acertou o laço reserva de primeira, segurando o animal.

O estouro da boiada

Em algum dia da semana, quando menos esperava, vinha uma boiada pela estrada e pegava todo mundo de surpresa. Certo dia veio uma boiada das grandes e tinha boi que não acabava mais. A boiada era tocada por 6 boiadeiros. Na “*testa*” da boiada seguiam 2 boiadeiros, que puxavam a boiada e serviam de guias. Um deles era o que tocava o “*berrante*” de vez em quando para chamar a boiada, indicando o caminho a ser seguido. Os que iam à frente também evitavam o “*arranco*” ou mais conhecido como estouro da boiada. Nos lados da boiada e atrás seguiam outros boiadeiros para evitar a dispersão. Também para orientar os animais, junto aos 2 boiadeiros da frente seguiam algumas mulas, com uma delas carregando um “*cincerro*” pendurado no pescoço tocando o badalo. O “*cincerro*” é uma sineta de metal, colocado no pescoço do animal através de uma coleira, que serve de guia para reunir os outros animais. De vez em quando escapava uma vaca, que desorientada se distanciava do grupo. Nessa hora, um boiadeiro saía em disparada e trazia a vaca de volta.

Normalmente as boiadas vinham pela estrada que liga Torre de Pedra a Porangaba e, na altura da Vila por onde passa o *rio Feio*, costumavam seguir por debaixo da ponte para matar a sede do gado e dos cavalos.

O pior de tudo era o “*arranco*” e nesse dia aconteceu antes da ponte. Algum boi assustado provocou a correria do gado e foi um desastre só. O gado saiu em disparada e sem muita direção. Parte do gado seguiu por debaixo da ponte e a outra parte se afunilou passando por cima. Os boiadeiros saíram em disparada e muito agitados tiveram que trabalhar depressa. Depois de algum tempo, conseguiram acalmar o gado que arrastava, quebrava e destruía tudo que encontrava pela frente. Não pouparam as cercas e as árvores menores dos dois lados da estrada. Depois que a boiada passou, ficou a poeira e deu para ver a sujeira e a destruição que fez nas cercas e na vegetação próximo à ponte do *rio Feio*.

CAPÍTULO 33

Alemanha – 1962

Famílias de Grosp e Maria, irmãos de Apollonia que ficaram na Alemanha



1962 – **Grosp** com 74 anos, com os netos **Hansi** (atrás), **Evi** (menina) e **Gerhard** (de gravata).

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado



1962 – **Maria** com 75 anos, e o marido **Josef Antretter**.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado



Maria e o marido Josef Antretter.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

CAPÍTULO 34

Porangaba – Vila – 1963

Homenageado

Quando do loteamento de 2 alqueires da chácara, em 1952, Luiz reservou um bom lote na esquina da rua que inicia na estrada que segue para Torre de Pedra e fez doação para a igreja para a construção de uma capela.

Em 1963, os moradores da Vila, orientados pelo padre da cidade, começaram a pensar no início da construção da capela, que seria de *São João Batista*.

Como reconhecimento à contribuição de Luiz para a formação da Vila, desde a formação da sua primeira chácara com o loteamento de parte das terras, a doação do lote para a igreja e a formação da sua segunda chácara, onde morava, o senhor Ozório Paes, tabelião do cartório de Porangaba, chamou Luiz e disse que nada seria mais justo que a Vila levasse o seu nome. Então, como já estava decidido que a capela seria de *São João Batista*, a Vila receberia o nome de *Vila São Luiz*.

No começo da formação da Vila, apenas as casas da chácara do Ciro Alonso e da primeira chácara de Luiz eram de alvenaria, sendo as demais de *pau-a-pique*.

Eram poucas casas construídas e os primeiros moradores da Vila foram: Zé Pequeno, Ciro Alonso, Luiz Alemão, Zé Alemão, Nestorzinho da Amásia, Zé Suta, Cornélio Suta, Toninho da Braulina, João Leme, Mingo Candido, Dita Pinto, e Teodoro e Maria. Logo após o loteamento, outros começaram a construir suas casas e ainda dá para lembrar do Zico Serafim (da Maria da “venda”) com a “venda” na parte da frente, do Anísio da Cotinha, do Raul Pinto (construiu para a sua mãe Dita Pinto) e do Lico Pulim. Tinha apenas uma casa de tábuas, com um bar na frente, que era do Cezário Neco. Este bar foi comprado por Luiz, onde ele trabalhou durante mais ou menos 1 ano e meio e depois foi vendido para o Silvio Florentino e seu filho Lico.

De acordo com o poder aquisitivo das famílias que moravam na Vila, que era baixo, a maioria das casas era feita de *pau-a-pique*. Poucas foram construídas de tijolos, que são: do Antônio Paulino, do Zé Alemão, da chácara do João Rosa (pai do professor e dentista Chico Rosa), do Paulinho, do Tônico do Zé Alemão (com o bar na frente), do Martinho Ribeiro, do Nego do Zé Pequeno e do Cristino Miranda.

Colaboração de José Luiz Wagner

O cachorro Jádisse



Paulo e o Jádisse.

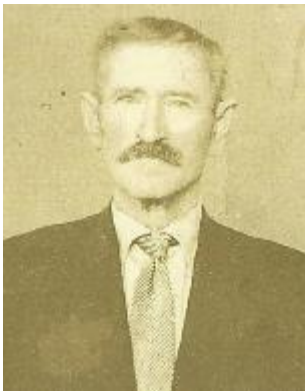
Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Como poderia esquecer o *Jádisse*? Veio para a nossa casa ainda filhote e foi só crescer um pouco para tornar o melhor vira-lata da Vila. Era de tamanho médio, branco com poucas manchas escuras. Ele era muito esperto, companheiro de todas as horas e bom caçador. Gostava muito de brincar e correr pelo gramado do quintal. Era só atizar ou jogar alguma coisa para ir buscar que ele logo obedecia e saía correndo. A ideia de seu nome surgiu para tentar uma pegadinha que as crianças gostavam de fazer. Todos concordaram que o nome seria *Jádisse* e a pegadinha aconteceria sempre que alguém

perguntasse o nome do cachorro. E deu certo.

Sempre que o Paulo saía pelos sítios para caçar ou caminhava até o rio para pescar, o *Jádisse* ficava muito agitado e corria muito. Ele ia na frente e não demorava muito para achar alguma caça. Entrava em qualquer mato e no rio era um bom nadador. Nas moitas, sempre que encontrava alguma caça, dava umas voltas ao redor e logo “*amarrava*”. Não demorava muito para levantar uma codorna ou sair um coelho. Aí era a vez do estilingue. Mas, às vezes, também tinha alguma surpresa. Poderia ser uma cobra. Neste caso, ele era esperto e logo abandonava a moita. O último dia de caça, foi quando o *Jádisse* numa tarde, depois de correr bastante pelo mato, voltou para casa muito quieto. Todos que conheciam bem o *Jádisse* perceberam que o seu comportamento estava muito estranho. Logo que chegou em casa, ele entrou na sua casinha e lá ficou. Logo deu para desconfiar que tinha sido picado por uma cobra e estava envenenado. Mas poderia ser também outra doença que disseram deixar o cachorro naquelas condições. Lá não tinha veterinário e ninguém que pudesse cuidar para salvar o cachorro. Disseram que cortando as pontas das orelhas, haveria um pouco de sangramento, diminuiria o efeito do veneno e o cachorro não morreria. As pontas das orelhas foram cortadas, sangrou um pouco, mas não teve jeito, pois no dia seguinte o *Jádisse* amanheceu morto. Tinha apenas 5 anos de idade.

Falecimento de Rupert



Rupert Wagner

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

Rupert, pai de Luiz, conhecido por todos como Roberto, sempre foi uma pessoa bastante ativa e não media esforços para o trabalho. Dedicou a vida toda aos serviços da lavoura e à criação de animais em seu sítio no bairro dos Silva, no município de Conchas - SP.

Era bastante calmo, gostava de conversar e recebia os parentes e amigos em sua casa com muita alegria. Foi bom companheiro de Apollonia e um pai exemplar.

Era 14 de novembro, uma quinta-feira, e como fazia todos os dias, Roberto levantou cedo e tomou o seu café. Todos perceberam algo meio estranho quando ele disse que não estava se sentindo bem, que sentia um pouco de frio e resolveu voltar para a cama. Logo em seguida correram até o curral e chamaram a Apollonia que estava tirando leite, mas quando ela chegou ao quarto ele já havia falecido. Roberto tinha 81 anos de idade e deixou muita saudade.

Porangaba – 1964

Guilherme na política



***Estrada antiga de Porangaba a
Torre de Pedra***

*Foto: acervo pessoal de Roberto Wagner Neto
(filho de Guilherme)*

Guilherme, irmão de Luiz, gostava de política e era incentivado pelos amigos para se candidatar a algum cargo político para ajudar o município de Porangaba.

Após o golpe militar de 1964, quando se falava em política, o clima subia na cidade e na época das eleições para prefeito e vereador a situação ficava tensa e a rivalidade aumentava. Quem não se lembra dos dois antigos partidos, o *MDB - Movimento Democrático Brasileiro*, partido de oposição e a *ARENA - Aliança Renovadora Nacional*, partido de situação, o lado governista, que disputavam a prefeitura de

Porangaba? Os eleitores já eram bem definidos quanto aos dois partidos, mas mesmo assim um tentava convencer o outro que o seu partido era o melhor. A provocação vinha dos dois lados e ninguém queria ficar por baixo. No auge da

campanha, era rojão o tempo todo e chegavam até a dar alguns tiros, o que era uma forma de inibir o adversário. O Guilherme que foi eleito várias vezes vereador pelo *MDB*, sempre militou junto com o Mário Mendes, que era um político bastante popular e com boa liderança no município. Faziam forte oposição ao partido *ARENA*, que por várias vezes teve o Mário Antônio Nogueira como candidato a prefeito. Por pouca diferença de votos, o candidato da *ARENA* sempre ganhava as eleições. Mas sempre alguns vereadores do *MDB* eram eleitos e inclusive o Mário Mendes que ganhou várias vezes quando se candidatou a vereador, ocupou a presidência da *Câmara* por diversas legislaturas.

O Guilherme chegou a se candidatar ao cargo de prefeito numa das eleições, mas não obteve sucesso nos resultados.

Guilherme na pescaria

Guilherme gostava muito de pescaria e era considerado um ótimo pescador.

Sempre que podia, viajava de Porangaba a Conchas em sua perua Kombi e ficava um ou dois dias na casa de seu sogro Paulo Bertin, que na época ainda morava no sítio no bairro do Pará. Como já existia a estrada que ligava as duas cidades por dentro, sem passar por Cesário Lange, rodava apenas 26 km para chegar a Conchas.



Luiz Bertin, Toninho Navarro, Mário Bertin e Guilherme.

Foto: acervo pessoal de Roberto Wagner Neto (filho de Guilherme)

Na companhia de seu cunhado Luiz Bertin, Guilherme pescava no *rio Tietê*, onde pegavam curimatás, piracanjubas, mandis, pintadinhos e cascudos-espada.

Anos depois, na companhia de seu irmão João, pescou no mesmo *rio Tietê*, próximo à cidade de Anhembi, a 66 km de Porangaba, num rancho que tinha na beira do rio.

Em 1976, em sociedade com seu sobrinho José Luiz, construiu um rancho de pesca no loteamento chamado *Recanto dos Cambarás*, na beira do *rio Paranapanema* represado, na altura do *rio dos Veados*, próximo dos rios *Santo Inácio e Jacu*, a 30 km do município de Itatinga, que está a 228 km de São Paulo. Seu companheiro de pesca continuou sendo o seu irmão João. Pescaram ali durante vários anos boas traíras, bons curimbatás, mandis, piavas e lambaris.

Guilherme e suas histórias de pescador

Guilherme, além de ser um bom pescador, era também um bom contador de histórias. Todas eram bastante interessantes e algumas delas chegavam a causar um pouco de medo nas pessoas. Uma dessas histórias era sobre a cabeça de uma mulher que ele encontrou quando puxou um chumaço de cabelo que flutuava nas águas do rio Paranapanema. Uma outra era sobre a cobra sucuri que descansava na beira desse mesmo rio, depois de ter engolido um homem e deixado apenas com a cabeça para fora.

Colaboração de Eliane Wagner Thomé (neta de Guilherme)

A “sereia do rio Tietê”

A história da “*sereia do rio Tietê*”, ele não deixava de contar e sempre começava dizendo: “*esta é verdadeira! Se eu ‘contá’ ninguém acredita*”.

Numa das pescarias lá pelas bandas do *rio Tietê*, no município de Conchas, na companhia de seu irmão João Alemão e de seu cunhado Luiz Bertin, armaram a rede de pesca num lugar bastante profundo e no dia seguinte quando foram retirá-la perceberam que estava cheia de peixes.

Guilherme era quem remava e mantinha o barco bem próximo à rede para a retirada dos peixes. Além dos peixes “malhados”, havia algo muito estranho que puxava a rede com muita força para o fundo do rio.

Luiz que estava na outra ponta do barco começou a recolher a rede e os peixes e para a surpresa de todos, acreditem, pegaram também uma linda sereia. Era a coisa mais linda do mundo, com um longo cabelo preto, de olhos azuis, corpo muito bonito e um lindo sorriso contagiante. Com os peixes e a sereia já dentro do barco, o Guilherme e o João pediram para que Luiz devolvesse a sereia para o rio, mas ele resistiu e disse que queria levar a sereia para casa. Percebendo o interesse de Luiz pela sereia, o Guilherme e o João tentaram convencê-lo dizendo que, na volta, a polícia poderia parar o carro e então iriam todos presos. Após conversarem bastante com o Luiz, finalmente a sereia foi solta. Ela foi colocada de volta na água e depois de um longo mergulho, voltou para a superfície, deu um pequeno salto e sumiu.

Luiz voltou para casa bastante chateado porque era o único solteiro daquela pescaria, tinha boas intenções e que mal teria em trazer a sereia para morar com ele?

Depois desse dia, voltaram a pescar outras vezes nesse mesmo lugar do *rio Tietê* e nunca mais viram a linda sereia. Aquela imagem da linda “*sereia do rio Tietê*” ficou gravada na memória dos três e por várias vezes chegaram a ouvir próximo aquele lugar o belo e encantador som do “*canto da sereia*”.

Guilherme gostava muito de contar essa história e tinha sempre o seu irmão João Alemão e seu cunhado Luiz Bertin como testemunhas para provar que não era mentira. Então, com duas testemunhas, essa história de pescador só poderia mesmo ser “*bastante verdadeira*”.

Colaboração de Roberto Wagner Neto (filho de Guilherme)

Guilherme nas viagens mais longas



Guilherme, Cirilo e família porangabense.

Foto: acervo pessoal de Rui Marcelino Leite (filho de Cirilo)

No início da década de 60, o Guilherme já tinha uma Kombi e, às vezes, era procurado por algumas famílias que queriam visitar, principalmente, as “*idades santas*” de *Pirapora do Bom Jesus e Aparecida do Norte*. As datas que os fiéis mais viajavam para essas cidades eram 06 de agosto, dia de Bom Jesus de Pirapora e 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida.

As pessoas preferiam viajar de Kombi porque podiam levar a família inteira e até contar com

outras famílias para completar a lotação. Também porque permitia programar os horários de saída e de volta, pois saíam bem cedo e voltavam perto do anoitecer, sem precisar dormir fora.

Nessas viagens mais longas o Guilherme contava com a ajuda do amigo Cirilo (Cyrilio Marcelino Leite), que já tinha boa experiência de estrada e dirigia bem. Para viajar para Aparecida do Norte precisa atravessar a cidade de São Paulo e “pegar” a Via Dutra com trânsito bastante intenso e o Cirilo já estava acostumado. O Cirilo era proprietário do “*snooker bar*” que ficava na esquina em frente ao “*Cine Santo Agostinho*”, conhecido como cinema do Gustão e, sempre que podia, atendia ao pedido de Guilherme. O Cirilo também dirigia veículos de outros proprietários e com o tempo comprou a sua própria Kombi, passando a ser também contratado pelas famílias para essas viagens.

Colaboração de Rui Marcelino Leite e Inês Marcelino (filhos de Cirilo)

CAPÍTULO 35

Porangaba – 1964

As missas na Matriz



1964 – Matriz de Santo Antônio

Fonte: Internet, foto postada por Uno Almeida

O povo porangabense sempre foi muito religioso e as famílias compareciam às missas celebradas aos sábados e domingos. Muitos chegavam um pouco antes do início da missa para a confissão. Considerando que a cidade sempre estava em paz, exceto na época das eleições, poderíamos dizer que ali não tinha grandes pecadores. Mesmo assim, as filas do confessionário ficavam um pouco extensas e muitos faziam as suas confissões antes da missa. As filas para a comunhão durante a missa também eram compridas.

As leituras bíblicas eram feitas, na maioria das vezes, pelo Manoel Carlos,

conhecido como “*Mané Carlos*”, filho do famoso farmacêutico seu Oscar Avallone. Além das leituras bíblicas, ele também puxava os cantos durante as missas.

As famílias de Luiz e de seu irmão Guilherme, sempre após as missas, aproveitavam e faziam algumas visitas. Os homens costumavam ficar conversando na praça ou “*jardim*” como se falava, nas calçadas ou mesmo no meio das ruas e as mulheres se reuniam no “*jardim*” em frente à igreja por algum tempo.

Hermelinda e sua irmã Lazineha gostavam de ir com as crianças na casa da dona Dita Cubas que ficava próximo ao “*jardim*”, na mesma rua da igreja. As mulheres ficavam conversando na cozinha, onde a dona Dita Cubas, muito receptiva, gentilmente sempre servia um café dos bons e bem forte. A criançada ficava brincando na sala da frente e na calçada que era bem iluminada pelas luzes dos postes da rua.

Vila São Luiz - Porangaba – junho de 1964

Festeiros de São João – Luiz e Hermelinda

Como 24 de junho, dia de *São João Batista*, caiu numa quarta-feira, então, apenas na missa do domingo na matriz de Porangaba é que o *Padre Luiz Bazzo* comunicou que no próximo ano seria realizada a primeira festa do santo na Vila São Luiz. Aproveitou o momento e comunicou a todos que o Luiz e sua esposa foram os escolhidos para serem os primeiros festeiros de *São João Batista*, na Vila.

A escolha dos festeiros era feita considerando a participação das pessoas nos assuntos da igreja e a presença nas missas nos fins de semana. Os festeiros ficavam como os responsáveis por organizar a festa e pedir as prendas para o leilão.

A partir do momento que foi nomeado festeiro, nos meses seguintes Luiz começou a trabalhar pedindo as prendas para o pessoal da Vila, da cidade e dos sítios do município. Não teve dificuldade porque era muito conhecido no município e tinha boas amizades.

A ideia de começar a fazer festas na Vila, além de atender a vontade dos moradores, também tinha o objetivo de arrecadar fundos para a construção de uma capela, pois até então tinha apenas o terreno, doado por Luiz por ocasião do loteamento em 1952.

Vila São Luiz - Porangaba – junho de 1965

Primeira festa de São João



*Cobertura improvisada para a celebração da primeira missa na Vila.
Local onde foi construída a capela em 1969.*

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Era mês de junho e na semana anterior à festa, com a ajuda de moradores da Vila, foi construída uma cobertura utilizando estacas e caibros de eucaliptos com um encerado amarrado nas pontas. Ali seria celebrada a primeira missa na Vila.

Montaram um altar bastante simples, formado por apenas uma mesa com uma toalha branca e dois vasos de samambaias.

O pátio foi enfeitado com bandeirinhas de várias cores e algumas varas de bambus.



Os festeiros **Hermelinda** e **Luiz** e a bandeira para o mastro.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Dia da festa: **Luiz**, **Hermelinda**, Amásia, Aparecida, João, Rosa, Maria, Irene, Paulo e Gilberto.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Luiz providenciou a bandeira de *São João*, feita em uma tela quadrada com a pintura da imagem de meio corpo do santo, o mastro onde seria afixada a bandeira na ponta, a lenha para a *fogueira*, caixas de fogos e o *pau-de-sebo*.

O dia 24 de junho, uma quinta-feira, feriado de *São João*, amanheceu ensolarado e sem ameaça de chuva.

Logo pela manhã, soltaram alguns fogos para anunciar o início da festa e lembrar a todos que se aproximava o horário da missa, a qual estava programada para as 10h da manhã. Escolheram este horário porque ainda não havia eletricidade no local e então não seria possível realizar a missa à noite. O povo compareceu em peso, vindo o pessoal da própria Vila São Luiz, da cidade de Porangaba e dos sítios do município. Algumas pessoas começaram a chegar a partir das 9h e no início da missa o pátio já estava bem cheio. Nesta primeira festa não realizaram a procissão e a missa começou no horário programado. A bandeira com a imagem de *São João* já tinha sido colocada no mastro no meio do pátio logo nas primeiras horas da manhã.

Nesse ano já tinha sido colocada em prática a renovação litúrgica e então o *Padre Luiz Bazzo* celebrou a missa em português e voltado de frente para o povo.

No final da missa, o *Padre Luiz Bazzo* agradeceu aos festeiros e a todos que contribuíram para a boa festa de *São João* e pela quantidade de prendas arrecadadas. Em seguida nomeou o festeiro para o ano seguinte. O escolhido foi o senhor Raul Gomes, antigo morador da Vila.

O leilão



Leilão

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

O *leilão* foi iniciado logo em seguida e o leiloeiro não tinha tablado, andando pelo chão entre as pessoas e oferecendo as prendas para ver quem dava mais. O leiloeiro era o famoso João Teles, alegre e muito engraçado. Sabia como animar o *leilão* e prender a atenção das pessoas. Durante o *leilão*, às vezes, o fogueteiro soltava alguns rojões. Os de vareta eram os melhores e subiam bastante. Por volta das 14h, o leiloeiro anunciou as últimas prendas e em seguida encerrou o *leilão*.

Para a noite, programaram o restante da festa, com a tradicional *fogueira* de São João e o *pau-de-sebo*. Os fogos continuaram em espaços de tempo e quando o pátio já estava cheio de pessoas, por volta das 19h, acenderam a grande *fogueira*.

Nas festas religiosas da cidade de Porangaba e dos sítios do município a banda sempre marcou presença apresentando suas famosas músicas já conhecidas pelo povo, principalmente nas procissões e durante o *leilão*. Não se sabe muito bem o motivo, mas infelizmente nesse dia a banda não compareceu. Nessa época existia apenas a “Banda Santa Cecília”, pois a “Banda Santo Antônio” tinha sido desativada em 1963.

A fogueira

Logo que acenderam a *fogueira*, o fogo ficou bastante alto e lenha é o que não faltava para queimar.

Após os mais corajosos terem pulado a *fogueira*, algumas pessoas decidiram caminhar sobre as brasas como demonstração de muita fé, como já era esperado. Ao lado da *fogueira*, fizeram um “*corredor de brasas*” de mais ou menos meio metro de largura por 3 metros de comprimento. Antes de começar a caminhada dos candidatos, tinha um rapaz por ali que parecia ser o “*São Tomé*”, ou seja, precisava “*ver para crer*”. Além de parecer o “*São Tomé*”, ele também tinha um lado meio sádico. Ele abanava as brasas com um pedaço de papelão para que elas ficassem ainda mais acesas. Eram 8 os candidatos, sendo homens e mulheres, jovens e adultos. Muitos já tinham experiência de outras festas realizadas em anos anteriores. Quando ficaram em fila próximos ao início do “*corredor de brasas*”, todos já estavam descalços. Os homens arregaçaram a calça até próximo ao joelho para não ter o perigo de alguma brasa pular para dentro da dobra. As mulheres estavam de vestido. Primeiro ficaram concentrados e em silêncio fazendo algumas orações. Em seguida caminhava um por vez em silêncio em passos curtos e lentos por cima das brasas espalhadas pelo chão. Cada um que terminava a caminhada, quando saía do outro lado era muito aplaudido por todos. Parecia que algumas pessoas que assistiam não queriam acreditar no que estavam vendo e quando todos acabaram de passar, pediram para que passassem novamente, pois queriam conferir o que tinham acabado de ver. Com certeza esses deveriam ser os parentes do rapaz “*São Tomé*”.

Alguns mais experientes e de muita fé, com muita calma e em silêncio, voltaram e passaram mais uma vez.

Um fato interessante e engraçado aconteceu quando todos passaram a primeira vez. Um rapaz que ficou por último, iniciou a caminhada bem devagar e calmo. De repente, saiu desesperado pulando igual a um macaco e saltou para um dos lados das brasas. Os seus pés estavam chamuscados e cheios de brasas meio grudadas na pele. Sentou-se no chão e rapidamente limpou os pés com as mãos. Sua cara parecia de alguém que sentia muita dor. Mostrou as enormes bolhas que se formaram nos dois pés para algumas pessoas que se aproximaram e uma delas era o rapaz “*São Tomé*” que segurava a barriga com as duas mãos de tanto rir. Até hoje não se sabe muito bem o que aconteceu para não ter dado certo a caminhada do rapaz. Seria a falta de fé? Ou a pouca concentração? Ou a falta de experiência? Não sabemos! Só sabemos que, apesar da gravidade do que aconteceu, foi também muito engraçado e muitos que ali estavam riram juntos com o rapaz “*São Tomé*”.

O pau-de-sebo

O *pau-de-sebo*, um varão roliço de eucalipto descascado, com uma altura beirando 6 metros, já estava untado de sebo. É uma brincadeira desafiando para ver quem consegue subir e alcançar o prêmio colocado no topo do varão. Tinham colocado lá em cima, algumas notas da época em “*cruzeiros*”, amarradas num barbante. Não divulgaram quanto, mas era um bom valor e o desafio estava lançado. Foi muito divertido ver o esforço de cada um que tentava subir para pegar o dinheiro. Como o *pau-de-sebo* era muito liso, os que tentavam subir, passavam areia nas mãos e nos pés. Alguns mal conseguiam iniciar a subida e outros conseguiam chegar só até a metade do *pau-de-sebo*. Depois de algum tempo, um rapaz morador de um sítio do município, após ter tentado várias vezes, já estava bastante suado e com a pele meio esfolada, tirou a camisa, passou areia nas mãos, nos pés, no peito e na barriga e disse que seria a última tentativa. Parecia um filé à milanesa. Aproximou-



Dinheiro da época - “cruzeiros”

*Cédulas antigas: acervo pessoal de
Paulo Roberto Wagner*

se do *pau-de-sebo* e não sei como, aos poucos foi subindo com muita firmeza e acabou chegando ao topo. Com uma das mãos, arrancou o barbante e pegou todo o dinheiro. Enquanto descia, o rapaz foi bastante aplaudido pela torcida e considerado o campeão da noite. Logo que tocou o chão, foi cercado por curiosos que queriam saber qual era o valor do prêmio. Para decepção de todos, o dinheiro já estava no bolso e ele não quis revelar o valor da bolada que embolsou.

Luiz e Hermelinda com os oito filhos



1965 - Luiz e Hermelinda com os filhos: Maria, José Luiz, João, Antonio, Rosa, Aparecida, Paulo e Irene.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Mazzaropi – “o caipira que parecia ser de Porangaba”

De vez em quando o único cinema da cidade, o “*Cine Santo Agostinho*”, anunciava a projeção dos filmes do *Mazzaropi*.

Normalmente, os filmes passavam apenas uma vez, mas os do *Mazzaropi* que faziam muito sucesso na cidade, precisavam de duas sessões, uma no sábado e outra no domingo. As duas sessões ficaram lotadas com o pessoal da cidade, dos sítios e até de cidades vizinhas. Era um dos humoristas mais engraçados do cinema e falava muito parecido com o nosso povo porangabense.

Ainda dá para lembrar dos filmes de sucesso da época como o “*Jeca Tatu*”, “*O Gato da Madame*”, “*As Aventuras de Pedro Malasartes*” e “*Tristeza do Jeca*”. Estes chegaram a lotar o cinema.

No horário da única sessão da noite, das 20h às 22h, a cidade parava e as ruas ficavam vazias.

Muitos que gostavam e admiravam o *Mazzaropi*, após assistirem aos filmes, nos dias seguintes faziam algumas brincadeiras, falando do jeito caipira e imitando o andar desengonçado do personagem.

King Kong – lotação completa e os “blecautes”

Para matar a curiosidade de todos os porangabenses que já tinham ouvido falar do gorila gigante, o cinema da cidade trouxe o filme do *King Kong* e anunciou nos cartazes colocados nas tabuletas amarradas nos postes das principais ruas, a apresentação do gorila que tinha 8 metros de altura. Os cartazes diziam que, apaixonado pela “*estrela*” do filme, o *King Kong* faria um grande estrago na cidade de *Nova York*.

Programaram apenas uma sessão para as 20h do sábado e, 10 minutos antes do início, o cinema já estava lotado.

Com mais ou menos 30 minutos de projeção do filme, parou a energia e a escuridão dentro do cinema era total. Na época, os “*blecautes*” eram demorados e o cinema não tinha nenhum recurso de emergência. Então o jeito era sair dali segurando nas cadeiras de madeira e apalpando para não derrubar ninguém. Algumas pessoas riscavam palitos de fósforo, outros acendiam isqueiros, mas pouco adiantava.

Quando as pessoas chegavam à porta de saída para a rua, com a iluminação de um lampião, pegavam o ingresso que estava sendo devolvido pelo porteiro para retornar num outro dia. O porteiro era o seu Paschoal, um senhor de meia idade e cego de um olho.

Todos aguardaram um pouco e não deu nem 10 minutos, a energia voltou.

Na hora de entrar, na pressa e meio tumultuado, no empurra-empurra, a maioria entrou sem entregar o ingresso e o filme continuou.

Com mais meia hora de projeção, o filme foi novamente interrompido devido a mais um “*blecaute*”.

Todos saíram devagar, de uma forma disciplinada e aconteceu como da primeira vez, ou seja, o porteiro devolveu o ingresso para cada um que por ali saiu.

Mais 5 minutos de espera, a energia voltou e todos apressadamente entraram para continuar o filme. Na pressa e mais uma vez tumultuado, quase ninguém conseguiu entregar o ingresso.

Desta vez o filme continuou até o fim e não houve mais “*blecaute*”.

Quando terminou o filme, todos saíram impressionados com o tamanho do gorila e com o caos e o pânico que ele causou em *Nova York*. Muitos ficaram tão envolvidos com as cenas do filme que só perceberam que estavam com dois ingressos no bolso, ou seja, com mais duas sessões de cinema garantidas, quando chegaram a suas casas. Este filme foi considerado o maior filme de monstros da época e que chegou a impressionar os porangabenses.

“El Cid” – o melhor filme

Os anúncios colocados nas tabuletas das principais ruas anunciavam um dos maiores sucessos do cinema – *“El Cid”*, estrelando *Charlton Heston* e *Sofhia Loren*, com 3h15 de duração. Para este filme também programaram duas sessões, uma para o sábado e outra para o domingo, com início às 20h. Teria um intervalo no meio das projeções para a pipoca e para a troca dos rolos das fitas que vinham separadas em duas partes.

O anúncio começou a ser feito uma semana antes, criando grande expectativa no povo porangabense.

Os cartazes diziam que era a história romanceada da vida do cristão e maior herói da Espanha, o cavaleiro *Don Rodrigo Diaz de Vivar* chamado *“El Cid”* que lutou contra o *Norte-Africano Almorávides* e contribuiu para a unificação da Espanha.

Na sessão do sábado a fila para a compra do ingresso ficou um pouco extensa que chegou até a porta da Padaria Central, conhecida como padaria do Juarez Soares, e meia hora antes do início, o cinema já estava lotado.

Parece que houve certo descontrole na venda dos ingressos, pois muita gente se sentou no chão dos dois corredores que davam acesso às cadeiras. Muitos levaram almofadas para ter um pouco de conforto, pois mesmo que não se sentassem no chão, as cadeiras eram de madeira e, além de duras, eram frias.

Sem nenhum atraso, a sessão começou exatamente às 20h, com dois pequenos trailers em preto e branco, sendo um sobre política, informando os principais acontecimentos de Brasília e outro sobre futebol, mostrando os gols de alguns times famosos do Rio de Janeiro. Em seguida veio o filme e todos puderam ver em cores uma das maiores produções do cinema, que terminou quase meia noite.

A sessão de domingo foi mais ou menos igual, com fila para a compra de ingressos, lotação completa e intervalo no meio da projeção.

“El Cid” foi o maior sucesso da época e o melhor filme que o cinema de Porangaba trouxe para os porangabenses.

O “coice” de espingarda

O José Luiz, morando e trabalhando em São Paulo, a cada 2 meses, vinha a Porangaba para visitar os parentes, rever seus amigos e aproveitava para pescar e caçar.

Numa dessas vezes, trouxe uma espingarda para caçar rolinhas, codornas e outros passarinhos.

Ele e o Paulo, com 13 anos de idade, saíram após o almoço e foram caçar lá pelos lados do sítio do Zé Benedito, onde tinha uma plantação de milho. Além de caçar, queriam também testar a espingarda.

Estava na época da colheita e os donos dos sítios com lavouras tinham acabado de colher o milho. Após a colheita do milho as rolinhas formavam aos bandos e vinham comer o que sobrou da plantação.

Logo que chegaram ao local, viram uma árvore um pouco alta, sem muita folha e com alguns galhos meio secos. Como bons caçadores e observadores que eram, logo perceberam que algumas rolinhas que estavam ali na árvore voaram. Era naquela árvore que as rolinhas pousavam quando não estavam comendo a sobra da lavoura de milho.

A uns 10 metros da árvore tinha uma pequena moita com um espaço interno e era um bom lugar de se esconder para esperar as rolinhas. O José Luiz fechou alguns buracos que tinha na moita com as sobras dos pés de milho e a moita virou um bom esconderijo.

Ele e o Paulo ficaram lá dentro da moita esperando um pouco e vendo a chegada das rolinhas que pousavam nos galhos mais secos da árvore.

Enquanto elas iam chegando, a espingarda foi sendo preparada pelo José Luiz que colocou no cano um pouco de pólvora, a quantidade certa de chumbinhos e bucha. Em seguida usou uma vareta de ferro da espingarda que foi colocada dentro do cano para bater um pouco e compilar tudo que estava lá dentro. Fizeram silêncio total e alguns minutos depois já tinha um bando de rolinhas nos galhos mais altos. Precisavam aproveitar aquele momento antes que elas se assustassem e voassem.

O José Luiz ficou de joelhos, mirou bem no meio do bando e puxou o gatilho. O tiro saiu, o baque foi alto e assustador. A espingarda que estava com o cabo apoiado no ombro, deu um “coice” muito forte que chegou a derrubar o José Luiz para trás.

Muito assustados e sem saberem o que havia acontecido, restava agora apenas ir ver se conseguiram algumas rolinhas. Os dois saíram da moita e foram verificar embaixo da árvore, onde acharam 8 rolinhas e ficaram surpresos por encontrarem também ali no chão a vareta de ferro da espingarda.

Apenas nesse momento é que tiveram uma explicação para o “coice de espingarda” tão forte no ombro do José Luiz.

Lembraram que tinham esquecido a vareta de ferro dentro do cano da espingarda e o tiro tinha sido disparado com vareta e tudo. Ficaram surpresos também por não ter estourado o cano da espingarda.

Observaram que as rolinhas não atingidas ficaram muito assustadas com a vareta batendo forte nos galhos e voavam sem muita direção. Depois de muito tempo pousaram em uma cerca bem distante e naquela tarde não pousaram mais naquela árvore.

E o José Luiz? Apesar da dor no ombro, com apenas um tiro garantiu a mistura do jantar daquele dia, que foi a melhor fritada de rolinhas já feita.

Pescadoras do rio Feio

A tia Eugênia, esposa do tio Stefan Maier, era muito querida por todos nós e era com muito carinho e alegria que recebia as pessoas em sua casa. Gostava muito de pescar e era pescadora do *rio Feio* que passa nas imediações da cidade de Porangaba. Os filhos já estavam criados e casados. Quase toda tarde, perto do escurecer, a tia Eugênia pegava as suas varas de pesca de bambu-chinês e com a sua vizinha dona Vitória, esposa do senhor João Rosa, também com as varas de pesca, saíam pela estrada descendo em direção ao rio para pescar. O *rio Feio* é um rio de corredeiras e, portanto, existem vários poços, onde se concentra a maior parte dos peixes. Cada dia elas escolhiam um poço do rio para pescar, dando preferência para o trecho do terreno da olaria do Simão Diniz, onde ficavam as *lagoas*. O *rio Feio* era muito bom de peixe na época de muita chuva e, quando transbordava, aumentava o volume de água das *lagoas*. Após as enchentes, as *lagoas* ficavam boas para pescar traíras. No *rio Feio*, sem as enchentes, dava apenas para brincar um pouco, pescando lambaris, bagres e mandis. Não posso negar que quando encontrava com elas na estrada voltando das pescarias e pedia para ver o que tinham pescado, sempre mostravam os peixes fígados. Eram lambaris, bagres e mandis. Às vezes, traziam também algumas traíras que eram pescadas nas *lagoas* do Simão Diniz.

Zé Cobra 1

O sobrinho de Luiz, José Wagner, filho do João Alemão, conhecido como Zé Cobra, era um bom pescador. Mas era um pescador diferente de todos, pois gostava mesmo de ter o desafio de pegar os peixes com as mãos. Quando o *rio Feio* enchia um pouco e a água ficava turva ou avermelhada era a hora de pescar na beira do barranco enfiando as mãos nas tocas, mexendo no capinzal e nas tranqueiras. Os buracos formados nos barrancos eram os lugares preferidos pelos peixes. Nesse momento o medo ficava para trás e o Zé Cobra tirava todo tipo de peixe das tocas e ia jogando para cima do barranco. Quando a aventura era perto da ponte que ligava a Vila à cidade, tinha até uma plateia curiosa de pessoas que ficava olhando as tentativas do Zé Cobra pegar os peixes. Às vezes, quando a toca era mais no fundo, ele mergulhava e após algum tempo aparecia na superfície da água com alguns peixes nas mãos. Pegava tudo que encontrava. Lambaris, bagres, mandis, traíras e outros peixes. Um dia, com uma boa plateia assistindo próximo à ponte e também de cima da ponte, o Zé Cobra mergulhou e saiu com alguma coisa estranha nas mãos. Para sacanear, não pensou duas vezes e jogou aquela coisa sobre a plateia, provocando uma gritaria e a correria de pessoas para todos os lados. Teve gente que até pulou de cima da ponte. Como era um lugar mais baixo, fora da direção onde passava o rio, os que pularam acabaram caindo sobre um capinzal. Aquela coisa era uma cobra d'água, meio escura e de barriga amarela,

que media, aproximadamente, 70 cm. Ele sabia que aquela cobra não era agressiva e que suas mordidas eram inofensivas, pois não era venenosa. O Zé Cobra já tinha tirado da toca outras cobras daquele tipo em outras pescarias. São cobras que se alimentam de peixes e pequenas rãs. Quando estão à procura de peixes, elas entram nas tocas e conseguem ficar submersas vários minutos apenas com o oxigênio dos seus pulmões. Depois deste “*salve-se quem puder*”, as pessoas da plateia curiosa do Zé Cobra ficaram bem mais espertas e quando assistiam essas pescarias diferentes, ficavam um pouco mais longe.

Zé Cobra 2

Um dia, já escurecendo, o Zé Cobra voltava do sítio do Zé Benedito e, quando vinha pelo meio do mato, próximo a um brejão que ficava ao lado de uma plantação de eucaliptos, ouviu várias rãs “*falando*”. Pelo tipo de som que ouviu, acreditava que eram rãs-pimenta. Logo que escureceu, para não ir sozinho, o Zé Cobra convidou o Paulo e os dois foram atrás das rãs. Levaram apenas uma boa lanterna e um saco. Não gostavam de usar a fisga para não “*estragar*” a rã. Naquele dia tinha chovido muito e perto da noite o tempo tinha esquentado um pouco. Na ida, foram beirando as *lagoas* do Simão Diniz e pegaram 4 rãs-paulistinhas das graúdas. Quando chegaram próximo ao brejão, logo ouviram as rãs-pimenta “*falando*”. Essas rãs são muito grandes e bem robustas. Os machos possuem os braços maiores que os das fêmeas e a força embaixo dos braços é bastante forte. Não demorou muito para o Zé Cobra encontrar a primeira rã-pimenta. Com uma das mãos segurando a lanterna e com o foco bem na frente da rã, com a outra mão o Zé Cobra segurou a rã com muita força. Era uma “*montanha*” de rã e a maior já vista por aquelas bandas. Não deu para saber quanto pesava e o Zé Cobra, orgulhoso de ter caçado uma das grandes, disse que duvidava que alguém encontrasse uma maior que aquela. Tinha uma cor avermelhada nas pernas e um monte de pintas da mesma cor embaixo do corpo. O cheiro era muito forte que parecia ser mesmo de pimenta, chegando a arder os olhos e provocar muitos espirros. Após colocar a rã dentro do saco, seguiram procurando outras e para a surpresa do Zé Cobra, o Paulo encontrou mais uma rã-pimenta e era das grandes. Com muita coragem, o Zé Cobra pegou mais uma com as mãos e, por incrível que pareça, essa era maior que a primeira. Ele mesmo dizia ter sido muito corajoso ter caçado as duas com as mãos, porque pelo tamanho das rãs, dava até medo de chegar perto. Voltaram para a chácara por volta das 23h e precisaram ainda limpar todas as rãs. As “*pimentas*” deram mais trabalho porque além de terem a couraça grossa, o cheiro de pimenta era muito forte. Enquanto limpavam as rãs, os dois pareciam que estavam chorando e davam um espirro atrás do outro. Depois de limpas, dividiram as rãs e fizeram uma boa fritada no almoço do dia seguinte.

Zé Cobra 3

Muitos achavam que o Zé Cobra ganhou este apelido porque quando pegava os peixes com as mãos, tirava também algumas cobras das tocas. Na verdade, o Zé Cobra, além de ser um bom pescador e de muita coragem, era também um excelente sanfoneiro e sempre era chamado para tocar nos bailes promovidos na cidade, na Vila e nos sítios. Os bailes que tinham o Zé Cobra como sanfoneiro eram os mais animados e estavam sempre lotados. Todos dançavam até altas horas da noite e diziam que só faltava a “*sanfona falar*”. Quando alguém era muito bom naquilo que fazia, costumavam dizer que a pessoa era “*cobra*” no assunto. Então, por ser muito bom na sanfona, ganhou o apelido e gostava de ser chamado de Zé Cobra. Na cidade, era só perguntar pelo Zé Cobra que todo mundo o conhecia. Nos últimos anos que morou em Porangaba, costumava tocar aos sábados e domingos, ao escurecer, nos bares do Lico e do Osvaldinho Poli, na Vila São Luiz. Foi casado com Maria Luiza, filha de Jorgina da Conceição Correa e Domingos da Cruz São Pedro, família tradicional de Porangaba. Tiveram 7 filhos: Mariza, Maria José, Miriam, Wanderley, Marcelo Vito, Débora e Fabiana. Após deixar Porangaba, foi morar com a sua família na cidade de Mogi das Cruzes, próximo a São Paulo, onde faleceu em 28 de outubro de 2005, aos 71 anos de idade. Está sepultado na cidade de Mogi das Cruzes.

Hoje temos muita saudade do bom pescador, do corajoso caçador de rãs e do melhor sanfoneiro que Porangaba já teve. A nossa homenagem ao José Wagner, conhecido e chamado carinhosamente de Zé Cobra.

CAPÍTULO 36

Conchas – julho de 1965

Visita de netos de Porangaba à avó Apollonia



*Julho de 1965 - **Apollonia** com os netos, filhos de Luiz, Guilherme, Francisco (Puba) e Rosa (Ruse), e um bisneto.*

*Na frente: **Paulo, Irene, Valdir** (bisneto) dando a mão para a sua mãe, **Apollonia, Carlinhos, Roberto, Fátima, Aparecida, Roberto Carlos** (Nenê) e **João**.*

*Atrás: **Olga, Rosa, José Luiz, Mercedes, Elza, Luiz, Paulo** e **José Henrique**.*

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Visita dos filhos Luiz e Guilherme e das noras à Apollonia



*Julho de 1965 – Na frente: **Lazinha, Guilherme, Apollonia, Luiz e Hermelinda.**
Atrás: **Francisco (Puba), Belarmino (Ninito) e Rosa (Ruse).***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Após o falecimento de Rupert, Apollonia continuou vivendo ali no sítio com a filha mais nova, Rosa (Ruse), com seu genro Belarmino (Ninito) e com os 3 netos, Roberto Carlos (Nenê), Carlinhos e Rosemeire (Rose).

Porangaba – 1965

O circo

A chegada de um circo na cidade trazia alegria ao povo e todos ficavam na expectativa aguardando o dia da inauguração. O povo quase não tinha diversão a não ser passear no “*jardim*” (praça) e assistir algum filme no único cinema da cidade. Na época, existia um terreno enorme no final da rua principal, onde ficava

a “*mangueira*” do Nhô Jango Mendes. “*Mangueira*” era o nome dado ao curral onde recolhia as vacas e tirava o leite. Era ali, próximo à “*mangueira*” que armavam o circo. No dia que o circo chegava à cidade, você via tudo no chão e de repente a lona já estava levantada.

O circo era o assunto daqueles dias e não se falava em outra coisa. Parecia um momento mágico e que trazia mais vida para os moradores. À tarde, os artistas passavam pelas ruas da cidade com um alto-falante num caminhãozinho, acompanhados de uma pequena banda, anunciando a chegada do circo, informando o dia da inauguração e as atrações que seriam apresentadas.

O alto-falante anunciava: “*é hoje minha gente, venha ver o grande espetáculo! Venham e tragam as crianças para ver o melhor palhaço do Brasil, os melhores trapezistas, o homem que engole espada*”, e assim iam anunciando. Nos locais por onde o pessoal do circo passava, a criançada ia aumentando e os moradores saíam nas calçadas para prestigiar os artistas.

O local onde estava armado o circo chamava a atenção porque era todo iluminado e horas antes do espetáculo começava a tocar músicas nos alto-falantes que ficavam nos dois mastros principais que sustentavam a lona. Todos ficavam animados e compravam seus ingressos, escolhendo as arquibancadas ou cadeiras.

As arquibancadas eram feitas de vigas inclinadas com tábuas bem amarradas. Quem não queria ver os palhaços, os acrobatas, o homem que engolia espada, os trapezistas e outras atrações anunciadas? O curioso era que ninguém queria perder o espetáculo e a criançada sem dinheiro ficava na tentativa de entrar sem pagar, passando debaixo da lona que cercava o circo.

Alguns mais espertos ou por pura sorte de não ter ninguém olhando naquele momento, conseguiam passar. Outros eram pegos, frustrando aquela primeira tentativa, mas não desistiam. Antes do espetáculo, vinham os vendedores de doces, pipoca, amendoim torrado, algodão doce e salgadinhos.

Cada espetáculo apresentado era melhor que os anteriores e era assunto para o dia seguinte. A cidade ficava bem movimentada e o pessoal ficava acordado até mais tarde.

O Circo do Piranha



Cortando jornal no chicote

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

lembrar de alguns como *Tonico e Tinoco*, *Cascatinha e Inhana*, *Tião Carreiro e Pardinho*, *Pedro Bento e Zé da Estrada* e o gaúcho *Teixeirinha*.

Quando vinha a dupla *Tonico e Tinoco*, o circo ficava pequeno demais que “*saía gente pelo ladrão*”. A dupla *Pedro Bento e Zé da Estrada* também era muito boa e eles usavam as roupas e os chapelões típicos mexicanos. Os instrumentos que acompanhavam essa dupla eram dos melhores e os trompetes (pistão) se destacavam. Na noite do *Teixeirinha*, o circo também ficava lotado. No final de 1965, ele veio e se apresentou no *Circo do Piranha*, trazendo dentre as suas músicas já conhecidas, a de maior sucesso desde 1961, “*Coração de Luto*”. Essa música foi apelidada na época de “*Churrasquinho de Mãe*” e a história está baseada na vida do cantor que depois virou filme.

O pessoal do circo era muito criativo e chegou a montar duas boas peças teatrais. Uma com o título “*Coração de Luto*”, contando a história do *Teixeirinha* que perdeu sua mãe numa morte trágica queimada na casa onde moravam, quando ele tinha apenas 9 anos de idade. Essa peça foi apresentada no fim de semana que o *Teixeirinha* veio e se apresentou com as suas músicas. Ele também participou da peça teatral. A outra peça se chamava “*O Direito de Nascer*”, copiando a história de uma novela de sucesso que tinha acabado de ser apresentada pela *TV Tupi São Paulo*. Nesses dias de peças teatrais o circo lotava. O circo permanecia na cidade durante, aproximadamente, 1 mês e meio, anunciava e apresentava o último espetáculo e ia embora. Quando o circo partia, ficavam as boas lembranças e os comentários do que cada um assistiu.

O circo que mais vinha visitar Porangaba era o *Circo do Piranha*. O nome do palhaço era *Piranha* e era ele o dono do circo. Era um dos melhores palhaços da época, pois já era muito engraçado até sem falar nada. Imaginem quando ele abria a boca. Você ria tanto que chegava até a doer a barriga. O espetáculo começava às 8h da noite e terminava lá pelas 10 e meia. Depois de alguns dias, o circo anunciava espetáculos com a apresentação de duplas famosas de músicas sertanejas. Era uma dupla em cada fim de semana. Ainda dá para

O Globo da Morte



Globo da Morte

Fonte: <http://maisexpressao.com.br/noticia/unimart-shopping-campinas-recebe-circo-fantastico-17914.html>

Morte, o circo apresentava várias outras atrações. Após um rápido intervalo, o apresentador anunciava os nomes dos melhores motoqueiros do *Globo da Morte*. Vinha um por vez e entrava com sua moto para dentro do globo. Em seguida, todas as luzes do circo se apagavam e apenas o globo ficava iluminado. A plateia toda ficava em silêncio. Quando aceleravam as motos o barulho era muito alto. Todos ficavam na expectativa e torcendo para que não acontecesse nenhum acidente.

Começava o show e as motos rodavam em velocidade média primeiro na horizontal e depois uma delas cruzava as outras, em maior velocidade, rodando na vertical. De repente duas rodavam na vertical e uma na horizontal. Na plateia ninguém se mexia. Os destemidos pilotos faziam manobras radicais e despertavam no público um sentimento de apreensão, medo e suspense. Mas eles eram mesmo muito bons e tudo acabava bem. Era pura adrenalina e quando o show acabava, acendiam as luzes e todos saíam aliviados, comentando o belo espetáculo que assistiram.

Apenas como curiosidade, hoje nos Estados Unidos já se apresentam no *Globo da Morte* com 10 motos.

Tinha um circo que trazia como principal atração o *Globo da Morte*. Era uma espécie de jaula em forma de esfera de aço onde os motoqueiros andavam com suas motos por dentro dela. Em Porangaba, apresentavam o *Globo da Morte* com 3 motos. Duas de tamanho médio e uma menor. Era um dos momentos mais aguardados pela plateia do circo e sempre anunciavam como a principal atração, reservada para ser a última da noite.

Antes do espetáculo do *Globo da*

Vila São Luiz - Porangaba – 1966

A primeira televisão

Poucas famílias tinham televisão na cidade e na época era só em preto e branco. Luiz adquiriu a primeira televisão da família, usada, da marca *Philco*, em 1966, num negócio feito com o senhor Erasmo Pedroso, recebendo o aparelho no pagamento de uma dívida. Era de seletor de canais num botão maior e outros

menores para sintonia de imagem e controle do volume. A antena “*espinha de peixe*” era das grandes e foi colocada na ponta de um varão bem comprido de eucalipto trazido do sítio. Mesmo com a antena bem alta, a imagem não era boa e tinha muito chuvisco. Devido ao comprimento do varão, para evitar acidente quando ventasse muito, ele foi amarrado com 4 arames compridos, esticados um para cada lado, em mourões da cerca. Às vezes, precisava ir lá fora e virar o varão para que a antena ficasse voltada para o lado que a imagem sintonizasse melhor. Dava para assistir na *TV Record*, com bastante chuvisco na tela, o programa do *Chacrinha* e na *Rede Globo*, o programa do *Silvio Santos*, canais onde eram exibidos os programas na época. As notícias e a novela das 8 da noite eram acompanhadas através da *Rede Globo*. Muitos anos depois resolveram colocar um retransmissor no morro do Manélito para melhorar um pouco a imagem. A partir daí a imagem melhorou e outros canais também puderam ser sintonizados com melhor qualidade.

Vila São Luiz - Porangaba – 1967

A luta da “Pantera”

Durante a construção da *Rodovia Presidente Castelo Branco*, era muito comum empregados da *Companhia Andrade Gutierrez* serem transferidos de outras cidades, onde terminavam as obras, para a nossa cidade de Porangaba.

Apesar de a companhia ter construído dezenas de casas de tábua num loteamento cedido pela prefeitura, próximo ao ginásio, para acomodar as famílias, por ter um número limitado de moradias, muitos eram obrigados a morar em casas alugadas.

Por volta de 1967, Luiz já tinha cinco casas construídas no terreno de sua chácara, além da sua. Duas eram de alvenaria, 1 de tábua e duas de *pau-a-pique*, sendo todas alugadas para o pessoal da *Andrade Gutierrez*. Como a procura por moradia ainda era grande, Luiz resolveu construir mais uma casa de *pau-a-pique*, a qual foi alugada para um casal também da *Companhia*, que tinha acabado de chegar à cidade. Apenas o marido trabalhava de empregado da *Andrade Gutierrez*.

A mulher com, aproximadamente, 30 anos de idade, tinha o apelido de “*Crioula*”. Ela era magra e um pouco alta. Não era bonita e os braços e as pernas dela impunham respeito. Parecia não ter “*bons modos*” e bom senso, pois andava por ali usando blusas e shortinhos bem curtos mostrando parte da barriga e o tamanho de suas coxas e pernas. No início chegou a incomodar as mulheres da Vila São Luiz e, principalmente, as mulheres das casas vizinhas que ficavam no mesmo terreno da nossa chácara. As mulheres da Vila e mesmo as da cidade eram bem discretas e costumavam usar vestidos na altura dos joelhos ou um pouco abaixo.

Nessa época tinha chegado um pequeno circo na cidade e depois de vários dias de espetáculos, com as atrações já saturadas, para atrair o público, começaram a anunciar nos alto-falantes do circo e do carro que circulava pela região, divulgando uma nova atração. Diziam que no próximo sábado teriam a apresentação da primeira luta livre, além das atrações normais do circo. O que mais chamava a atenção era que a luta livre envolvia uma mulher chamada “*Pantera*” contra um lutador do próprio circo bastante forte e de tamanho avantajado.

Todos ficavam se perguntando quem seria essa tal de “*Pantera*” e de onde veio.

Pois é, para a nossa surpresa, para surpresa dos vizinhos que ali moravam e de todo o pessoal da Vila, a “*Pantera*” era a própria “*Crioula*”, a nossa vizinha.

Todos ficaram na expectativa e, a partir desse dia, pelos comentários da própria “*Crioula*”, dava para perceber que ela já estava acostumada com a luta livre, pois já tinha lutado em outras cidades onde morou.

No sábado programado o circo ficou lotado e, durante mais ou menos 1 hora e meia, foram apresentadas as atrações de costume, ficando a luta livre para a segunda parte, após um rápido intervalo.

Para iniciar o show tão esperado, o apresentador acompanhado de música de uma pequena banda do circo, chamou primeiro para o centro do palco o lutador representando o circo. Era um homem bastante forte, com cara de bravo e que parecia meio furioso. Andava de um lado para o outro, batia as mãos e esmurrava o próprio peito. Todos ficaram pensando na “*Pantera*” e imaginando a surra que ela iria levar naquela noite. Comentavam que ela não tinha a mínima chance.

Em seguida, ainda acompanhado de música, o apresentador chamou a desafiante da noite, dizendo que ela representava o povo porangabense.

Então a “*Pantera*” apareceu lá no fundo do circo, cercada de algumas pessoas e com os focos de luzes direcionados para ela. Fazia gestos de mulher forte e demonstrava muita vontade de lutar. Estava com um short bem minúsculo e na parte de cima tinha uma faixa trançada em X, muito bem amarrada e que protegia os seus peitos. Tudo na “*Pantera*” brilhava sob as luzes a caminho do palco. O seu corpo parecia bastante liso e sua pele escura tinha recebido algum tipo de óleo. Quanto ao seu cabelo, nem precisou de muito preparo, por ser curto e pixaim.

A torcida fazia muito barulho e não poupou aplausos para a desconhecida “*Pantera*”, que subiu ao palco bastante agitada.

Logo em seguida, o apresentador chamou um homem de terno preto, camisa branca e gravata borboleta também preta, dizendo que ele seria o juiz.

Rapidamente o juiz estabeleceu algumas regras e autorizou o início da luta.

Quando a coisa começou, deu para perceber que o negócio não era brincadeira. Era pancadaria para todos os lados, chaves de pernas e braços, cabeçadas, joelhadas e outros lances para derrubar o adversário. A luta seguia bem equilibrada, quando de repente a “*Pantera*” começou a levar desvantagem. Parecia um pouco cansada,

sem muito preparo e, às vezes, ficava imobilizada junto ao chão, presa nas chaves de pernas e de braços do adversário.

Depois de mais ou menos vinte minutos de luta, a “*Pantera*” começou a reagir, dando golpes nunca vistos iguais e também travava o adversário com suas enormes coxas e braços. A plateia torcia muito e a partir daí começam a mudar de opinião e a achar que ela ainda tinha alguma chance.

Nos últimos dez minutos de luta, a “*Pantera*” deu um show, demonstrando muita habilidade nos saltos que dava derrubando o adversário. No lance final, pulou com os pés e as pernas sobre o pescoço do adversário, derrubou-o no chão e numa chave de pernas, deixou o homem imobilizado. Após alguns segundos o adversário bateu no chão e então o juiz puxou a “*Pantera*” para ficar em pé e levantou o braço direito dela, declarando que era a grande vencedora da noite. A plateia gritou muito, fez muito barulho e aplaudiu a vencedora. Todos pareciam muito envolvidos e satisfeitos com o resultado. Alguns diziam que ela mereceu porque reagiu no meio da luta e tinha sido muito melhor que o adversário.

O adversário levou uma boa surra, estava bastante abatido e ficou no chão. Depois de alguns minutos, levantou-se e reconheceu a vitória da “*Pantera*”. Alguns sentiram pena do derrotado, mas muitos vaiaram.

Não dá para lembrar quantos “*cruzeiros*” pagaram de prêmio para a “*Pantera*”, mas comentaram que foi um bom valor em dinheiro.

Como já era de se esperar, no dia seguinte veio a revanche.

As lutas eram sempre aos sábados e aconteceram durante algumas semanas. A cada luta realizada, trocava o vencedor. É claro que tudo era combinado, pois precisavam criar os desafios e garantir o circo sempre lotado. Mesmo assim, as lutas não deixavam de ser interessantes e engraçadas. Nessas lutas que se seguiram, quando a “*Pantera*” teve duas vitórias consecutivas, anunciaram a luta de dois homens contra a “*Pantera*”. Um deles era o próprio adversário que já vinha lutando contra ela e o outro era um crioulo forte, empregado da *Companhia Andrade Gutierrez*.

E acreditem! A “*Pantera*” deu um show e os dois apanharam feio.

A “*Pantera*” ficou muito conhecida e famosa na cidade. Após completar mais ou menos 10 lutas, o circo foi desarmado e partiu para outra cidade. Logo em seguida, a *Companhia Andrade Gutierrez* terminou a construção da *Rodovia Presidente Castelo Branco* e a “*Pantera*” também foi embora.

A melhor carne de “codorna”

O Antonio era bom caçador e bom pescador. Naquele dia tudo indicava que estava mais para a caça do que para a pesca. Passou a tarde toda fora de casa e deveria estar lá pelo meio do mato, caçando ou pescando. Voltou um pouco antes do horário da janta e dizia que tinha garantido a mistura do jantar. Tinha conseguido

fazer uma boa caça e trazia várias codornas. Disse também que aproveitou para limpar as codornas lá na água corrente do *rio Feio*. Já estavam todas cortadas em pedaços e a carne era branquinha e fresca.

No horário da janta Hermelinda fez uma boa fritada e serviu com arroz e feijão. Acompanhou também uma boa salada de alface lisa colhida da horta. Tinha uma boa quantidade de carne e então todos puderam comer à vontade. Acharam a carne muito boa, deliciosa e não sobrou nenhum pedaço na panela. Algumas das irmãs chegaram até a comentar que era “*a melhor carne de codorna que já tinham comido*”. A cara do Antonio estava meio estranha e, às vezes, ele comentava alguma coisa e dava uma risadinha. Todos começaram a desconfiar e, apertando um pouco a conversa, logo veio a revelação. Ele contou a todos que era carne de rã. Essa manobra do Antonio foi feita porque na época ninguém da nossa família comia carne de rã. Todos achavam que rã era sapo e lá ninguém comia sapo. E o Antonio sabia que não era bem assim. Alguns se retorceram para cá e para lá, mas não tinha mais jeito, pois já tinham saboreado a melhor carne de “*codorna*”, quer dizer, a melhor carne de rã. Não passou nem uma semana e todos já estavam aceitando a ideia de continuar comendo carne de rã. Então, logo vieram os pedidos ao Antonio para ver se caçava mais algumas “*codornas*”, ou melhor, mais algumas rãs. E o Antonio, para matar a vontade de todos, trouxe mais algumas rãs na semana seguinte.

Colaboração de Antonio Domingos Wagner

Caçador de rãs

As *lagos* próximas à olaria do Simão Diniz, além de serem muito boas de traíra, quando chovia parecia um ranário. No meio das *lagos* formavam pequenas ilhas flutuantes, bem estreitas, cobertas de capim e aguapés. Ali, após muita chuva, era só ter um pouco de sol que as rãs ficavam se esquentando sobre o capim. Eram rãs-paulistinhas e das graúdas. As que ficavam nas pequenas ilhas, dificilmente você conseguia pegar, pois quando você tentava passar para o lado das ilhas, elas mergulhavam e ficavam no fundo da *lagoa*, num lugar mais profundo e no meio dos aguapés. Nos lugares mais rasos, beirando as *lagos*, mesmo durante o dia, as rãs ficavam “*falando*” e formava um círculo de espumas ao seu redor. Todos conheciam o coaxar da rã como “*falar*”. Então diziam que as rãs estavam “*falando*”. Quando você se aproximava, elas paravam de “*falar*” e afundavam, mas ficavam ali mesmo embaixo do círculo de espumas. Com água na altura dos joelhos ou, às vezes, um pouco mais, com as duas mãos juntas, era só descer até o fundo e, no meio do capim, chegava a pegar até duas rãs de uma só vez. Os machos tinham mais força embaixo dos braços que, às vezes, assustava e os dedos chegavam a doer.

Um dia à tarde, depois de uma semana de muita chuva, saiu um pouco de sol e estava começando a esquentar. O Paulo, na época, com 15 anos de idade, saiu atrás de rã e foi lá pelos lados das *lagoas* do Simão Diniz. Foi nessa época que começaram a dizer que a carne de rã era muito boa para comer e muito saborosa. Mas todos ainda tinham um pouco de receio e viam as rãs como se fossem sapos. Como ninguém caçava as rãs, a quantidade criada ali nas *lagoas* era grande. Naquele dia, até antes do escurecer, o Paulo caçou 36 rãs-paulistinhas, das graúdas e das médias. O que fazer com tanta rã? Colocadas em uma fieira, quando já estava escurecendo, o Paulo foi até a cidade e ofereceu as rãs para um japonês que estava na rua principal com a sua barraca de vendedor ambulante, onde vendia roupas, sapatos, chinelos, etc. A barraca estava armada em frente ao cartório e à sapataria do Cezarino. O japonês logo disse que queria as rãs e comprou todas pelo valor de 30 “*cruzeiros*”.

Pensando bem, foi um excelente negócio para os dois, pois a família do japonês deve ter se deliciado com as 36 rãs e o Paulo embolsou um bom dinheiro.

CAPÍTULO 37

Filipe do grão de café

(é *Filipe* mesmo!...e não Felipe)

“O Filipe do grão de café consiste na formação de um grão de café colado no outro, que podem ser dois, três ou mais. Quando encontrado nas lavouras de café ou nas sacas cheias, vale uma prenda, um presente simples, mas de significado para quem o achou. Varia desde uma roupa, um livro e até mesmo um beijo.

Geralmente esse achado fica escondido dos olhares e saberes da família. Só assim, tem a magia de ser passado para outra pessoa sem que ela espere e sem que os outros se atentem ao acontecimento. Quem tem um Filipe o esconde por vários dias até que encontre a maneira ideal de passá-lo.

O encantamento da brincadeira é saber que algum grão de Filipe está passando de mão em mão, só não se sabe para quem, com quem, quando e aonde. Às vezes ele é passado dentro de um pão, debaixo do travesseiro, ou até mesmo às pessoas ao se cumprimentarem com as mãos. O que recebe fica quieto, porque senão será ignorado em brincadeiras, conversas e encontros familiares, pelo simples fato de não ter a condição de passar um Filipe. Quando a pessoa consegue sua façanha, geralmente bem planejada, fala em sussurro para o escolhido: ‘paga meu Filipe’. E tinha que pagar!

O Filipe também era encontrado quando o café era mexido com um rodo grande para a secagem no sol. O rodo era passado várias vezes ao dia. Um detalhe... o café tem de ser puxado no sentido da sombra do trabalhador. Só assim secará mais rápido. Sabedoria dos antigos.

Era sempre nesse ato de ‘rodar’ os grãos que eu procurava e, sempre achava, meu grão de Filipe”.

Fonte: <http://palavrasdeseda.blogspot.com.br/2011/01/cultura-sul-mineira.html>
(incluído aqui apenas parte do texto)

Nas colheitas de café precisava ficar bem atento e contar com a sorte para de repente encontrar um *Filipe*. Isso acontecia quando estava colhendo o café ou durante a secagem dos grãos no sol esparramados no “*terreiro*” ou ainda nas sacas de café.

Quem achava um *Filipe* guardava logo no bolso e ficava em segredo, pois na primeira oportunidade estaria passando, escondido das demais pessoas, para alguém da família ou para um amigo dizendo “*paga meu Filipe*”. E quem recebia o *Filipe*, não estava esperando e era pego de surpresa. Para pagar o *Filipe* era

preciso dar algum presente para a pessoa de quem recebeu. Sempre em segredo, sem ninguém perceber, o *Filipe* ia passando de mão em mão.



Filipe do grão de café

Fonte: Internet

Muitos *Filipes* foram encontrados nos sítios de Conchas e Porangaba e agora só nos resta a lembrança da nossa alegria ao encontrar um *Filipe* e das brincadeiras que fizemos causando boas surpresas ao passar o *Filipe* em segredo.

Porangaba – 1967 e 1968

Formaturas do curso ginásial

No final de 1967 tivemos a realização de mais uma formatura dos alunos do *Ginásio Estadual “Aldo Angelini”* e a Rosa e a Aparecida faziam parte da turma. A missa solene em ação de graça foi realizada na igreja matriz e a cerimônia de entrega do diploma aconteceu no *Grêmio da Juventude Porangabense*, que funcionava no salão paroquial. Neste mesmo salão foi realizado o baile com a participação de todos os formandos.

Ainda dá para lembrar de alguns amigos de classe como o Tereziano da Silva, a Maria Francisca de Oliveira, filha do Zé Benedito, o Irineu, que se casou com a Maria Francisca, a Clara Maier, filha do tio Stefan, a Maria José e a Nadir.

Alguns professores ficaram na memória, como a dona Sonia, professora de matemática, a dona Paulina, professora de Artes e Desenho, o Francisco de Oliveira Rosa (Chico Rosa), professor de Ciências, e a dona Gilda, que lecionava Francês.

Colaboração de Rosa do Carmo Wagner Jorge e Aparecida do Carmo Wagner Jorge

Em 1968, num sábado do mês de dezembro, foi realizada a formatura de mais uma turma e o Paulo era um dos formandos. Após a celebração da missa solene em ação de graça, foi realizada a cerimônia de entrega do diploma no *Clube Recreativo 21 de Abril*, que teve o Joaquim do Veríssimo Machado como orador da turma.

No mesmo sábado, às 23h, foi realizado o baile de formatura no *Grêmio da Juventude Porangabense*, animado por um conjunto contratado de Tatuí.

Eram 26 formandos: Abel Luiz de Paula, Joaquim da Costa Machado Neto, Teresinha da Costa Machado, filhos do Veríssimo Machado, Maurício José Barreto, filho da Dona Carminha, José da Silva (Zé Mumuia), José Antonio Cassemiro (Bronho), Ênio José de Moraes, filho do Quinzinho Moraes, José Nunes de Miranda, Marcos Vinício Costa, José Paulo Ferreira, Francisco de Assis Vaz, Rui Marcelino Leite, filho do Cirilo, Wilma Nogueira, Célia Maria de Almeida, Nair Soares Ramos, Adiles Martins de Almeida, João Martins, José Edson de Arruda Campos, Cleide da Cruz, Helena Maria de Oliveira, Dulce de Almeida Sobrinha, Lourdes de Almeida, Maria Aparecida Carvalho Ramos, Zilma Antunes, Maria Zilda dos Santos e Paulo Roberto Wagner. O Adiles e mais alguns estudantes eram de Torre de Pedra e o João Martins era do sítio e vinham no ônibus que fazia a linha de Torre de Pedra a Porangaba.

Alguns professores também ficaram na memória como o Francisco de Oliveira Rosa (Chico Rosa), o Lázaro Bertrami, a dona Geny Coimbra, o Gilberto Radicci (Gil), o João José Ribeiro (Fio), Wanderlei Myr e a dona Ida Miranda Angelini.

Como em todas as formaturas, tem aqueles formandos que não sabem dançar ou que dançam muito mal e, então, precisam de um bom treinamento.

Para fazer bonito no dia do baile, os alunos começaram os ensaios três semanas antes na casa do Joaquim e da Teresinha, que moravam na rua principal da cidade, próximo ao “*jardim*” (praça). O ensaio foi muito bom, pois as meninas que sabiam dançar bem, ensinaram os meninos que não sabiam e melhoraram os passos dos que dançavam mal. Mesmo os que eram mais travados, aos poucos foram se soltando e todos deram o maior show no dia do baile.

Porangaba – final de 1968

Seguindo para São Paulo 1

Com o término do curso ginásial, como a cidade de Porangaba não oferecia nenhuma perspectiva de trabalho, em dezembro de 1968, o Paulo com 16 anos de idade seguiu para São Paulo para trabalhar no escritório de exames psicotécnicos credenciado pelo Detran de São Paulo que o José Luiz, seu irmão, havia montado na Rua 25 de março. Nessa época morou durante dois anos com seus 3 irmãos num apartamento na Rua Santo Amaro, no bairro Bela Vista, São Paulo.

No início de 1971 foi trabalhar em Piracicaba – SP, junto com o seu primo José Henrique, num outro escritório de exames psicotécnicos, também montado por seu irmão José Luiz. Os dois moravam numa pensão e estudavam no *Colégio Piracicabano*. O Paulo cursava o segundo ano colegial e o José Henrique o terceiro.

No início de 1972, o Paulo retornou para o escritório de São Paulo e voltou a morar com os seus pais que tinham acabado de se mudar para o bairro Alto do Ipiranga.

Vila São Luiz – Porangaba – 1969

Construção da capela de São João Batista na Vila São Luiz



Capela de São João Batista

Foto: acervo pessoal de Paulo Roberto Wagner

Com a iniciativa da igreja de começar a realizar as festas de *São João* na Vila, os moradores dali resolveram construir a capela. Os recursos eram escassos e precisa da ajuda de todos. Alguns moradores da Vila ficaram sabendo que a capela do bairro das Partes estava abandonada e que uma das alternativas era a sua demolição para reaproveitar todo material na construção da capela de *São João*. Com a autorização do padre da igreja de Porangaba para iniciar a demolição, era hora de fazer um mutirão e qualquer ajuda seria bem vinda e aceita.

Luiz contou com a ajuda de vários moradores da Vila e lembra bem que o seu sobrinho, o Tonico do Zé Alemão, era um dos voluntários. Conversaram com o senhor Horácio Manoel Domingues, conhecido como Horácio Candido e ele, gentilmente, transportou com o seu caminhão todo o material da demolição da capela para a Vila. Trouxe os tijolos, toda a madeira do telhado, as telhas, as portas, os bancos e outros materiais que seriam reaproveitados.

Na construção, além de alguns pedreiros e ajudantes voluntários, estava lá presente o Nego do Zé Pequeno, pedreiro e morador da Vila.

A imagem de *São João* foi doada pelo senhor Raul Gomes, morador da Vila e que tinha sido um dos festeiros nos últimos anos.

Uma cruz de metal que veio da capela do bairro das Partes foi colocada pelo Nego no ponto mais alto da capela.

E assim, com a ajuda de muitos moradores, a capela foi construída no terreno de esquina doado por Luiz, quando fez o loteamento em 1952. A partir daí, as missas começaram a ser celebradas com mais frequência num local agora bem mais confortável.

Vila São Luiz – Porangaba – julho de 1969

“O homem pisou ou não na lua?”

Um dos grandes acontecimentos dessa época foi a missão da *Apolo 11* que levou a nave *Columbia*, tripulada por três astronautas, com a promessa de que o homem pisaria na lua nos próximos dias. Os astronautas eram *Neil Armstrong*, *Edwin Aldrin* e *Michael Collins*.

Era o principal comentário na cidade de Porangaba e ninguém queria acreditar, pois achavam impossível alguém viajar para um lugar tão distante no espaço e mais impossível ainda seria alguém pisar na lua. A notícia chegava pelo rádio e através de poucos aparelhos de televisão da cidade. Luiz já tinha a sua televisão em preto e branco, mas a imagem ainda era muito ruim. À noite a imagem melhorava um pouco e dava para acompanhar as notícias pelo *Jornal da Globo* e em seguida assistir à novela da *Rede Globo*.



Julho de 1969 – O homem pisando no solo lunar.

Fonte: <https://www.aeroflap.com.br/ha-46-anos-atras-o-homem-pisava-pela-primeira-vez-na-lua/>

No dia 20 de julho de 1969, domingo, todos estavam na expectativa e apreensivos para ver pela televisão o homem pisando no solo lunar. Muitos que não tinham televisão em casa procuraram ver as imagens na casa de algum parente ou de

conhecidos que tinham o aparelho. Outros preferiram ouvir a notícia pelo rádio em casa ou nos bares da cidade e da Vila São Luiz.

Enquanto *Armstrong e Aldrin* desciam na lua a bordo do *Módulo Lunar Eagle*, *Michael Collins* ficou no *Módulo Columbia*, numa órbita a cem km acima do satélite.

Como todos sabem, o momento histórico coube a *Neil Armstrong*, o primeiro a caminhar na Lua e disse a conhecida frase:

“É um pequeno passo para o homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”.

Em seguida desceu o seu colega de missão *Edwin Aldrin*.

Este acontecimento foi o comentário na cidade durante toda a semana e as opiniões ficaram divididas, gerando grande polêmica. Muitos ainda não acreditavam naquela notícia.

O Guilherme, irmão de Luiz, era um dos que não acreditava. Luiz ficou na dúvida e preferiu ficar quieto.

Muitos diziam que era tudo montagem e que as imagens eram do deserto do Saara. Outros diziam que os Estados Unidos tinham inventado a notícia para mostrar que estavam na frente da União Soviética.

Alguns até faziam uma piadinha para debochar, dizendo que quando o astronauta desceu na lua, não encontrou o *São Jorge* e seu cavalo, muito menos o dragão.

Afinal de contas, “*o homem pisou ou não na lua?*”

Porangaba – final de 1970

Formatura do curso de Formação de Professores

Com a criação do curso de *Formação de Professores* no início de 1967, no ano seguinte, a Rosa e a Aparecida puderam participar da segunda turma, cuja formatura foi realizada no final de 1970. Era chamado na época de curso Normal e recebeu o nome de *Escola Normal “Professor Francisco Pássaro”*. Os colegas e os professores eram quase todos os mesmos do curso ginásial e o curso foi realizado no mesmo prédio que funcionava o ginásio. O Padre Eugênio de Camargo Barros lecionava Psicologia e o diretor era o professor Wanderlei Myr que vinha da cidade de Bofete.

Colaboração de Rosa do Carmo Wagner Jorge e Aparecida do Carmo Wagner Jorge

Desfile dos estudantes 2

A partir de 1967, os desfiles passaram a contar com um número maior de participantes, pois além de todos os alunos do *Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda”* e do *Ginásio Estadual “Aldo Angelini”*, desfilavam também os alunos do curso de *Formação de Professores*.



Desfile dos estudantes com a participação dos alunos do curso de Formação de Professores.

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

CAPÍTULO 38

Vila São Luiz - Porangaba – de 1964 a 1970

Fotos na “chácara próxima ao Ciro Alonso”



Paulo e Aparecida



José Luiz e Aparecida



João e Aparecida



Rosa, José Luiz e Aparecida



Rosa e Irene



Antonio



Maria e Hermelinda



***Hermelinda com a primeira neta,
Bete, e a primeira filha, Maria***



*Casa na Vila
Aparecida, João e Bete da Maria, ainda criança.
(Jipão do Gilberto, marido da Maria)*

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

Hermelinda e suas habilidades

Antigamente, para ser considerada uma boa dona de casa, as meninas, desde cedo, aprendiam as atividades de cozinhar e precisavam saber também corte e costura. Chegavam a fazer cursos com boas costureiras da cidade, quando aprendiam a cortar roupas usando os moldes e a trabalhar na máquina de costura. Poderiam ficar até sem estudar, mas precisavam saber cozinhar e costurar. Aprendiam também a fazer bordados, tricô e crochê.

Além dos serviços de cuidar da casa, preparar as refeições e dos cuidados com os filhos, dedicavam-se também à tarefa de costurar as roupas que eram feitas em casa. Com Hermelinda não foi diferente, tanto na época do casamento como durante todo o período que criou seus filhos, desde que eram crianças até a idade adulta. Costurava vestidos, saias, blusas, calças compridas, calças curtas, camisas, paletós e outras roupas.

Sempre se dedicou a costurar as roupas de todos de casa e era considerada uma boa costureira. Além de costurar para a família, costurava também para pessoas conhecidas e alguns parentes. Mantinha em casa algumas revistas de modas, onde

eram escolhidos os modelos das roupas. As medidas eram tiradas e marcadas em um caderninho.

Quando costurava para o pessoal de fora, costumava marcar o dia para a prova. Com muita atenção, fazia o corte do tecido e em pouco tempo a roupa já estava pronta. Após a prova, fazia os ajustes e o acabamento. Às vezes, pela urgência da encomenda, precisava trabalhar um pouco mais e avançava o horário da noite. A máquina de costura era da marca *Singer*, uma das melhores da época. Ainda não existia máquina de costura com motor elétrico e para movimentar os pedais exigia bastante esforço dos pés.

Como costureira era bastante elogiada, pois fazia as roupas com muito capricho e com ótimo acabamento. Parecia que gostava de costurar e sentia orgulho do que fazia. Apesar de cobrar pouco pelas roupas que costurava, sempre dava para ganhar algum dinheiro. Tinha também muita facilidade para fazer tapetinhos e colchas de retalhos que, depois de prontos, ficavam muito bonitos.



Toalhas de mesa e enfeite de crochê, feitos por Hermelinda.

Nas artes de bordados, crochês e pintura em tecido, fazia com prazer as toalhas bordadas, rendadas e pintadas, bonitos enfeites de crochês e bicos de crochês em toalhas de mesa e em panos de prato. Às vezes, quando era visitada, gostava de presentear as filhas, as noras ou alguns parentes e pessoas conhecidas, entregando uma de suas artes e dizendo: *“este é seu”* ou *“este eu fiz para você”*. Quando tinha mais de um, então dizia: *“escolha um para você”*.

E não ficava por aí, pois nos últimos anos ainda arrumava tempo para fazer algumas pinturas em panos de prato, que também dava de presente.

Fez alguns arranjos de flores e chegou até a arriscar pintura em tela, reproduzindo vários quadros.



Pinturas em tela feitas por Hermelinda.



***Reprodução em tela da imagem da casa do sítio de seu pai
no bairro do Pará - município de Conchas.***

Quadros: acervo pessoal de Luiz Wagner

Hermelinda tinha outros talentos e um deles era voltado à música. Aprendeu a tocar violão e acordeon (sanfona) “*de ouvido*”. Tinha duas sanfonas de 80 baixos, sendo uma delas da marca *Capri*, compradas por Luiz. Tinha também um violão que ganhou de um dos filhos em 1964, da marca *Di Giorgio*, série ouro, modelo espanhol. Sempre que tinha oportunidade ou alguém pedia para tocar, não deixava de mostrar as suas habilidades na música. Pensando bem, deveria “*estar no sangue*”, pois alguns da família Bertin foram bons sanfoneiros e animaram muitos bailes nos sítios do município de Conchas e cidades vizinhas. Os irmãos que se destacaram tocando sanfona foram: Pedro, Luiz, José e Antônio.



Rosa (irmã) e Hermelinda

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Hermelinda

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Pedro Bertin

Foto: acervo da família de Pedro Bertin



Antônio Bertin

Foto: acervo pessoal de Marilza Bertin



Luiz Bertin e Pedro Bertin

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



José Bertin

Foto: acervo pessoal de Vilma Bertin

Porangaba – maio de 1970

O Adeus ao tio Stefan Maier



Stefan Maier

Foto: acervo pessoal de
Rosa (Ruse) Wagner
Morgado

Temos muito orgulho do tio *Stefan* ou *Estevão*, nome pelo qual era chamado, pelo bom exemplo que foi para todos nós e por ter feito parte de nossa história e da história de Porangaba, onde morou durante 34 anos.

Jamais vamos esquecer as impressionantes histórias contadas sobre a sua participação na *Primeira Guerra Mundial* e do seu carinho ao nos receber sempre de braços abertos em sua casa e no moinho onde, muitas vezes, comemos um pouco do gostoso biju.

Ficam aqui as nossas homenagens e a certeza de que sempre será lembrado por todos nós e por todos os porangabenses com muito carinho.

O nosso estimado tio *Stefan Maier*, faleceu em 22 de maio, aos 80 anos de idade, deixando boas recordações e a imagem de um homem bom, carismático, bom caráter, alegre e divertido.

A sua esposa, a tia Eugênia, também muito carinhosa com todos, faleceu em 19 de outubro de 1991, com 86 anos, ou seja, 21 anos depois, e também deixou muita saudade.

Conchas – 1970

Paulo Bertin e Maria Rita vêm morar na cidade de Conchas

Paulo Bertin e Maria Rita moraram quase a vida toda no sítio do bairro do Pará, no município de Conchas, onde criaram e viram casar todos os filhos, menos um que ficou solteiro, o Luiz.

Por volta de 1970, resolveram comprar uma casa na cidade, deixaram o sítio do bairro do Pará e vieram morar em Conchas.

CAPÍTULO 39

Vila São Luiz – Porangaba – 1970

José Luiz e suas pescarias



Pescaria no rio do Peixe
Cezarino, Antonio, José Almiro e José Luiz

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Quando se fala em pescaria, logo pensamos numa boa tralha de pesca que envolve varas com carretilhas e molinetes ou varas de bambu-chinês, com linhas indianas, chumbadas, anzóis e iscas. Mas quando se fala em uma pescaria diferente, pensamos numa tralha mais completa que envolve, além de varas de pescar, também redes de diversos tamanhos, tarrafas e linhadas e, inclusive, barco e motor. Neste caso, lembramos das pescarias do José Luiz que gostava e gosta muito de pescar e se aventurar na beira de *rios, riachos, represas e lagoas*.

Até algum tempo atrás, quando as pescarias com redes, tarrafas e linhadas não eram proibidas, era assim que muitos pescavam, além das pescarias com varas. Eram pescarias mais “*selvagens*” e para quem gostava de se aventurar, pois além de ter de entrar na água, às vezes, precisava nadar em lugares mais profundos do rio para passar a rede ou deixar a rede armada e aguardar algum tempo para o peixe “*malhar*” (expressão usada para “*ficar preso na malha*”). Às vezes, em poços dos rios que não havia muita correnteza, em lugares represados ou em

lagoas, as redes ficavam armadas a noite toda e só eram retiradas no dia seguinte bem cedo com os peixes já “malhados”.

O José Luiz aprendeu a fazer redes de pesca usando uma “régua” e uma “agulha” feitas de bambu e, com linha indiana, produzia as “malhas” de diversos tamanhos. Depois montava as redes usando cordinhas, boias e chumbadas. Tinha redes e tarrafas de diversos tamanhos que variavam na altura e no comprimento.



Pescaria no rio do Peixe

**Luiz, Cezarino, Paulo, José Almiro,
Gilberto, filho mais novo do
Cezarino e João.**

**Hora do lanche - Antonio, José Luiz,
filho mais novo do Cezarino, José
Almiro, Cezarino e Paulo.**

Fotos: acervo pessoal de Luiz Wagner

Na época que já morava em São Paulo e ainda era solteiro, sempre que podia, visitava a sua família em Porangaba e aproveitava para pescar no *rio Feio* que fica no município de Porangaba e, às vezes, no *rio do Peixe*, que pertence ao município de Bofete.

Conhecia bem os pontos dos rios onde ficavam os peixes e, com a ajuda de uma ou mais pessoas, passava as redes e pegava uma boa variedade e quantidade de peixes. No *rio Feio*, um dos lugares preferidos era o “*poço da barra*”, onde desembocava outro rio que vinha do lado do sítio do Zé Benedito. Era um poço com maior volume de água e bom de peixe. Quando deixava as redes armadas, como precisava esperar algum tempo até o peixe “malhar”, o José Luiz aproveitava para arremessar a tarrafa e pegar alguns peixes. Aproveitava também para se aventurar nas margens dos rios e pegar os peixes com as mãos. É isso mesmo! Pegar os peixes com as mãos. Nos lugares mais rasos, com água até a cintura, enfiava as mãos nas tocas que ficavam embaixo d’água na beira dos barrancos, passava as mãos nas tranqueiras formadas por folhas e troncos de árvores e na beira do

capinzal. No caso de algumas tocas que ficavam em lugares mais profundos, precisava mergulhar para verificar se lá tinha alguns peixes. Sempre pegava lambaris, bagres e mesmo mandis, aqueles de ferrão. Após algum tempo de se aventurar nas margens dos rios, era hora de retirar as redes e, na maioria das vezes, vinha uma boa quantidade de peixe. Além de lambaris, bagres e mandis, pegava também algumas traíras e cascudos.



José Luiz no rio Jacu,
Paranapanema – Itatinga - SP

Foto: acervo pessoal de José Luiz Wagner

Depois de casado e com a mudança de seus pais para São Paulo, em sociedade com seu tio Guilherme, o José Luiz, em 1976, construiu um rancho de pesca no loteamento *Recanto dos Cambarás*, na beira do rio *Paranapanema*. O rancho fica onde o rio *Paranapanema* está represado, na altura do rio dos *Veados*, próximo dos rios *Santo Inácio* e *Jacu*. Está a 30 km do município de Itatinga - SP, que fica a 228 km de São Paulo. Lá, na companhia de parentes e amigos, fez boas pescarias, pescando lambaris, piavas, curimatás, mandis e traíras.



Menon e José Luiz,
no rio Miranda,
Mato Grosso do Sul

*Foto: acervo pessoal de
José Luiz Wagner*

Em algumas ocasiões, costumava pescar na companhia dos amigos Menon, Ênio, “seu” Faria e outros nos rios *Miranda*, *Coxim* e *Taquari*, no estado de *Mato Grosso do Sul*. Em outubro de 1998 esteve pescando em *Corumbá* e *Porto da Manga*, no rio *Paraguai*, também no *Mato Grosso do Sul*. Nesses rios sempre pescou bons pintados, dourados e pacus.

Muitos anos atrás, algumas vezes, com alguns amigos e irmãos, fez pescarias nas “*praias do litoral paulista*”, pegando boas tainhas, corvinas, robalos e outros peixes menores.

Esteve também no “*canal de Bertioga*”, pescando de barco e com vara de carretilha e molinete.

Nesses últimos anos, o José Luiz vem pescando no rio *Paranapanema*, no município de Itatinga, onde mantém o seu rancho no *Recanto dos Cambarás*, tendo como companheiro de pesca o seu irmão Antonio que mora em Porangaba.



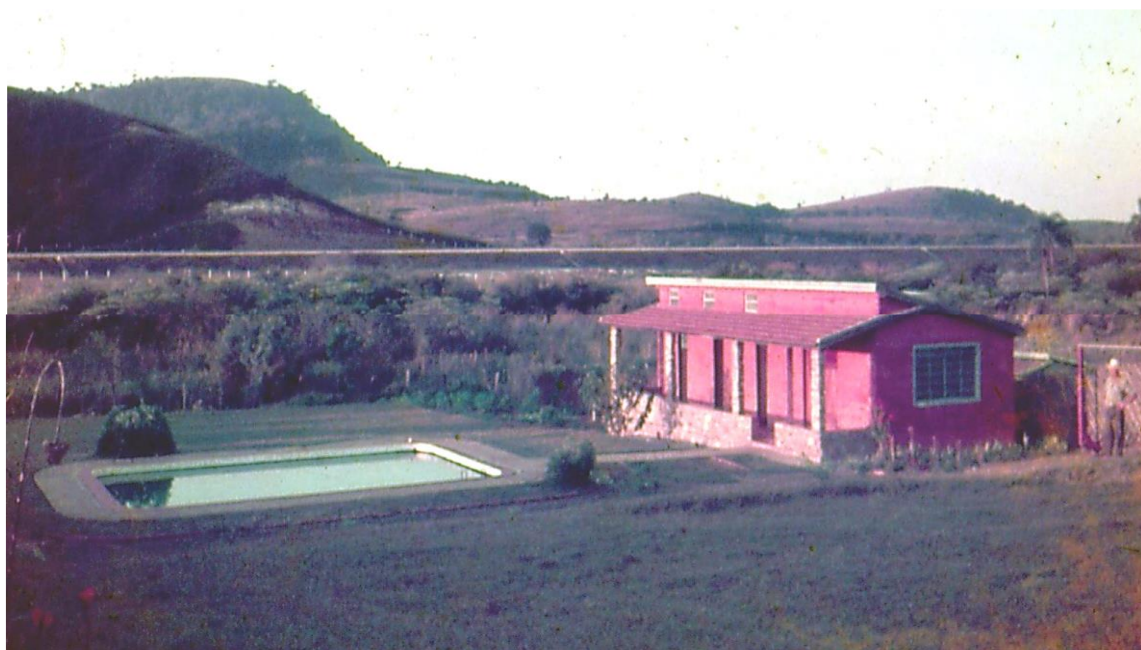
**Ênio, Dario (piloteiro) e José Luiz,
no rio Taquari, Mato Grosso do Sul**

Foto: acervo pessoal de José Luiz Wagner

Colaboração de José Luiz Wagner

“Mina”

A “Mina” ficou conhecida em 1963, quando a *Companhia Andrade Gutierrez* iniciou a construção da *Rodovia Presidente Castelo Branco* e fez ali uma área de lazer para os empregados. A história conta que naquele lugar foram feitos trabalhos de perfuração e sondagem na tentativa de encontrar petróleo em 1927. Os trabalhos foram paralisados em janeiro de 1929 devido à quebra das brocas.



1970 - Piscina e vestiários da “Mina”.

*Fonte: Foto de Eugênio C. Barros, do livro "Porangaba Sua História",
de Júlio Manoel Domingues*



Zé Alemão e João Alemão (irmãos de Luiz) e Maria (esposa de João).

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Por volta de 1970, João Alemão já trabalhava na *Companhia Andrade Gutierrez* nos serviços de construção da *Rodovia Presidente Castelo Branco* e ainda morava na Vila São Luiz. Quando inauguraram a área de lazer na beira da rodovia, João Alemão foi convidado para ir morar lá e fazer a manutenção do local. A “*Mina*” está localizada a, aproximadamente, 20 km de Porangaba. Na época, construíram lá uma piscina de tamanho médio, vestiários, banheiros e um chuveiro na área externa. A água que era usada na piscina e a que saía no chuveiro era meio grossa, tinha cheiro de enxofre e chamavam de “*água sulfurosa*”. Diziam que fazia bem para a saúde.

A área de lazer era bastante frequentada nos fins de semana pelas famílias dos empregados da Companhia. Além do pessoal da *Andrade Gutierrez*, às vezes, algumas pessoas da cidade de Porangaba também frequentavam com a autorização do encarregado da Companhia. Nós, como parentes do João Alemão, também estávamos liberados, desde que o pessoal da Companhia não estivesse lá. E assim todos aproveitavam da área de lazer conhecida como “*Mina*”.

Vila São Luiz – Porangaba – início de 1971

Seguindo para São Paulo 2

Sem nenhuma perspectiva de trabalho em Porangaba, logo que concluíram o curso de *Formação de Professores*, a Rosa e a Aparecida seguiram para São Paulo e, também, trabalharam durante alguns anos no escritório de exames psicotécnicos credenciado pelo Detran de São Paulo, de seu irmão José Luiz, na Rua 25 de Março. No primeiro ano moraram em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo –

SP, na casa da irmã já casada, Maria, primeira filha de Luiz e Hermelina. Depois, no início de 1972, voltaram a morar com os seus pais que tinham acabado de se mudar para o bairro Alto do Ipiranga, São Paulo.

Conchas – agosto de 1971

Falecimento de Maria Rita



Maria Rita

Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner

Maria Rita, mãe de Hermelinda, era carinhosamente chamada pela maioria dos netos de “*madrinha Maria*” e não de avó Maria. A substituição de avó por “*madrinha*” deve ter acontecido pelo fato de, na época, ter o costume de o primeiro filho do casal ser batizado pelos avós maternos. Como o primeiro filho chamava os avós de “*padrinho e madrinha*”, então os demais irmãos acabavam fazendo o mesmo. Que neto não gostava de passar alguns dias do período de férias escolares no sítio da “*madrinha Maria*”? Como era bom tomar o café misturado com o leite tirado bem cedinho das vacas, chupar manga apanhada na hora sentado em algum galho bem no alto e comer amendoim já sem casca que ficava em boa quantidade num baú da despensa. As refeições eram preparadas no fogão a lenha e o almoço saía ali pelas 10h30 da manhã e o jantar por volta das 16h. Logo que escurecia, usavam lamparinas a querosene e costumavam ir dormir perto das 21h, porque no dia seguinte precisavam pular bem cedo para tirar o leite das vacas, tratar da criação e ir para a lavoura.

Maria Rita faleceu na cidade de Conchas, em 06 de agosto, com 71 anos de idade. Hoje, temos boas recordações e sentimos muita saudade dos períodos de férias e das datas de festas que passamos em sua companhia no seu sítio no bairro do Pará, no município de Conchas. É com muito carinho que lembramos da nossa querida “*madrinha Maria*” (avó). A saudade é imensa.

CAPÍTULO 40

São Paulo – início de 1972

Mudança para a Capital

Com 6 filhos trabalhando em São Paulo e uma filha casada morando em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo - SP, Luiz e Hermelinda ficavam muito sozinhos, pois tinham apenas a filha mais nova, Irene, de 13 anos, morando com eles na “chácara próxima ao *Ciro Alonso*”.

Os quatro filhos moravam num apartamento na Rua Santo Amaro, no bairro Bela Vista, e duas filhas moravam com a única filha casada, Maria, em Rudge Ramos. No final de 1971, Luiz e Hermelinda resolveram vender uma parte do sítio do bairro dos Poli e comprar uma casa na capital, no bairro Alto do Ipiranga, para reunir novamente a maioria dos filhos.



***Luiz e Hermelinda e os 8 filhos.
Paulo, João, Antonio, José Luiz, Maria, Irene,
Aparecida e Rosa.***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

No início do ano seguinte, vieram morar no bairro Alto do Ipiranga e em seguida fizeram algumas modificações no imóvel para acomodar melhor a família. Precisaram mudar logo porque a Irene tinha passado para a 7ª série ginásial e precisava fazer a matrícula para continuar seus estudos.

Logo após a mudança, todos os filhos solteiros voltaram a morar com os pais.

A maioria dos filhos conseguiu continuar os estudos e todos se casaram no decorrer dos próximos anos.

Luiz e Hermelinda ficaram sozinhos novamente, mas tinham os filhos casados

morando por perto. Apenas um dos filhos, o Antonio, após o casamento, morou algum tempo em Itapetininga e depois fixou residência em Porangaba.

Mordido por cachorro bravo

Em 1974, morando em São Paulo, Luiz precisou passar alguns dias na cidade de Porangaba para alugar o seu sítio.

Quando estava na Vila São Luiz, na casa de seu irmão João, lembrou que precisava ir ao Banco retirar um pouco de dinheiro e saiu meio apressado porque já estava quase na hora de encerrar o expediente.

Numa das ruas da cidade, bem próximo ao Banco, talvez por estar andando muito rápido, quase correndo, um cachorro policial dos grandes que estava solto por ali, avançou para o seu lado e mordeu gravemente a sua perna direita. Para se livrar do cachorro, Luiz bateu com as mãos por cima da calça e o cachorro logo soltou a sua perna.

As pessoas que estavam por perto e moradores das casas próximas socorreram Luiz e, depois de muita gritaria, conseguiram segurar e prender o cachorro.

Enquanto Luiz era atendido por um médico da cidade, avisaram o pessoal da prefeitura e o cachorro foi levado para um lugar reservado.

Por acreditarem que o cachorro estava louco, resolveram sacrificar o animal.

Luiz foi informado por algumas pessoas que, duas semanas antes, o cachorro tinha sido levado pelo Lazinho Pinto para o seu sítio, porém, alguns dias depois, ele foi devolvido para a cidade porque tinha mordido o seu filho.

No dia seguinte ao acidente, Luiz retornou para São Paulo e devido ao tamanho do ferimento em sua perna, precisou passar por procedimento cirúrgico, fazer enxerto no local e tomar muitas injeções contra “*raiva*” no *Instituto Pasteur* que fica na Avenida Paulista.

Conchas – setembro de 1974

Visita da família de Luiz e Hermelinda à Apollonia



***Apollonia com 3 filhos, Francisco, Rosa e Luiz,
o Genro Belarmino (Ninito), a nora Hermelinda e alguns netos.***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Porangaba – novembro de 1974

Família de Guilherme Wagner



***Guilherme e Lázara (Lazinha) com os 11 filhos: Fátima, Aparecida, Elza,
Mercedes, Rosa, Olga, Mário, Guilherme, Luiz, Paulo e Roberto.***

Foto: acervo pessoal de Roberto Wagner Neto (filho de Guilherme)

Falecimento de Apollonia



Apollonia

*Foto: acervo pessoal de
Rosa (Ruse) Wagner Morgado*

Ainda lembramos bem das visitas que fazíamos aos nossos avós alemães e do esforço da avó Apollonia quando tentava falar alguma palavra para se dirigir de forma carinhosa aos netos. Nessa hora contava com a ajuda do nosso avô Rupert ou de algum filho que também falava alemão e traduzia para o português. Para nós, as visitas aos nossos avós sempre foram de muita alegria e era com curiosidade que ficávamos olhando e ouvindo aquela conversa estranha e que nada entendíamos.

No início de abril, Apollonia, mãe de Luiz, foi vítima de um AVC, adoeceu e veio a falecer no dia 17 do mesmo mês, com 90 anos de idade.

A sua história conta tristes tragédias, como a morte de 3 filhos ainda pequenos em apenas uma semana, os 6 sobrinhos que morreram na guerra, a morte de 2 irmãos, sendo um deles assassinado e o outro picado por cascavel, a morte de sua mãe brutalmente chifrada por uma vaca, a morte de seu pai e, por último, a de seu marido onze anos antes de seu falecimento. Mas conta também os bons acontecimentos do período que viveu na Alemanha e no sítio de Conchas onde criou todos os seus filhos. Foi boa esposa, companheira de muito trabalho, boa mãe, conselheira e amiga. Deixou muita saudade!

Apollonia e Rupert tiveram 57 netos.

Conchas – maio e junho de 1975

Recebimento de duas cartas da Alemanha

Logo após o falecimento de Apollonia, Rosa (Ruse) a filha com quem morava no sítio do bairro dos Silva, no município de Conchas, escreveu para a sua tia Maria que ficou na Alemanha dando a triste notícia. Em resposta, Rosa recebeu duas cartas, as quais estão reproduzidas e traduzidas a seguir.



Maria, irmã de Apollonia que ficou na Alemanha.

Foto: acervo pessoal de Rosa (Ruse) Wagner Morgado

Aiblingerau, am 1. Mai 75

Liebe Rosa und alle Kinder!

! Vor allem seid von mir und meinen Kindern recht herzlich gegesst. So wie ich mich freute, von euch wieder Nachricht zu bekommen, so schwer war ich enttäuscht von meiner einzigen Schwester Tod zu erfahren, ja es ist schwer zu schreiben.

Jung mussten wir 1913 Abschied nehmen 63 Jahre sind es, o wie weh das thut.

Könnt ihr gar nicht verstehen, aber auch ihr werdet sie stark vermissen, denn sie war euch immer eine gute, verständige Mutter der ja auch die vielen Jahre an Verdruß und Leid nicht erspart blieb.

Und so möchte ich euch allen Kindern
mein tiefstes Beileid ausdrücken. So wie ich
zu Hause, wir wollen für Sie beten, beten für
Ruhe und Frieden. Sie soll es im Jenseits
besser haben, schläft neben ihrem Mann, den sie
ja nicht vergessen könnte. Sie hat ja schmerzliches
zu ertragen gehabt, Eltern, Geschwister ihre
Kinder ins Grab nachzuschauen, das alles musste
sie erleben, Auch ich habe vier Kinder verloren
das vergisst man nicht, so lange man lebt.

Das seht ihr an meinem Schreiben, wie zer-
streut ich schreibe. So bitte ich euch liebe Kinder
betet für alle die dahingeschieden sind besucht
sie recht oft am Grabe, so wie auch wir zu Hause.
Seid alle Kinder herzlich begrüßt von eurer
Tante Marie mit Kindern.

Lasst wieder was hören

“Aiblingerau, 1º de maio 1975

Querida Rosa e todas as crianças!

Afetuosas saudações de mim e minhas crianças a vocês. Como eu me alegrei em receber notícias de novo de vocês, mesmo sendo profundamente desapontada em ouvir a notícia da morte da minha única irmã, é difícil para mim, ter de escrever. Muito novas tivemos que nos separar no ano 1913.

São 63 anos, vocês nem imaginam como é dolorido, mas vocês vão sentir muito a falta dela também, porque ela era sempre uma boa mãe muito compreensível, que não foi poupada de anos de decepções e sofrimento.

E assim quero passar os meus pêsames profundos a você e suas crianças.

Como eu em casa, vamos rezar por calma e paz. Ela deverá estar melhor na vida após a morte, dormindo ao lado do seu marido, que ela não esqueceu. Ela teve que aguentar muito de ver os seus pais, os irmãos e as suas crianças sendo enterrados, tudo isto ela teve que aguentar. Eu também perdi 4 crianças, isto a gente não esquece a vida toda.

Assim se vê neste parágrafo como estou escrevendo distraidamente. Peço-lhes queridas crianças, rezem por todos que morreram e visitem os túmulos com frequência como nós em casa.

Afetuosas saudações minhas crianças.

Da tia Marie com crianças.

Vamos manter contato.”

Tradução feita gentilmente por Gernot Beutle.

Carta resposta recebida em junho de 1975

grüsse von der Anna Gerda
von Aiblingerau, am 19. Juni.

Liebe Rosa und alle im Hause!

Vor allem seid ihr von mir alle recht herzlich gegrüsst.
Habe heute mir fest vorgenommen an dich zu schreiben, und so sitze ich hier um von mir und uns zu berichten. Heute mittag ist für frick ein Brief abgegangen, der auch wartet und jetzt komst du dran. Vor allem bedanke ich mich recht herzlich bei dir, weil du so gut warst mit deiner Mutter, meiner lieben Schwester. Und so soll es der liebe Gott dir vergelten, es findet sich in Dankbarkeit auch bei deinen Kindern zurück, so war mir Gott helfe. Unser Briefwechsel wäre so schön dahin-gegangen, aber es hat nicht wollen sein. Wir beide wussten, dass wir alt sind, dass die Stunde kommt wo wir Abschied nehmen müssen, aber es ist schwer sich dreinzufinden. Das könnt ihr gar nicht verstehen was das heisst, nach 62 Jahren kins wie das andere nicht mehr zu sehen Eltern sowie Geschwister. Es hat mich schwer gekränkt dass Toni das Glückwunschtelegramm nicht erhalten hat, ich wollte ihr ja eine grosse Freude machen. Mit Bedauern kam es zurück unauffindbar. Ich traute mir nicht, durch Radio durchzugeben, Rosa ich hab von dir noch keinen Brief bekommen, darum hab ich nicht geschrieben. Auch von München ist kein Verwandter zu mir gekommen. Wir haben am Fronleichnamstag 9 Uhr für Eltern und Geschwister Amt gehabt und am Sonntag für Toni das Seelenamt gebetet, wozu alle meine Verwandten alle gekommen sind um für die Verstorbenen zu beten und Toni war auch christlich dazu. Möge ihr die Erde leichter sein als sie es auf Erden hatte. Und nun was anderes. Erich hat am 14. Juni geschrieben, am 13. Juni abgeschickt und am 16. hab ich ihn schon erhalten, hat Glück gehabt. Nun es geht wieder weiter.

Eure Ernte war gut, das hört man gern. Dass man weiss
warum man arbeitet. Wir haben feuer viel Regen u. Kalt.
Verschieden mal hat der Hagel geschlagen, wehe wem das
trifft. Obst zeigt sich ganz viel. Heu viel u. steht noch viel zum
mähen, weil das Wetter nicht mag. Bei Rosa sind wir schon fertig
aber wir haben jeden Sonntag gearbeitet, wurde mit zwei bulldogg
gefahren Heulader sind ganz praktisch Greifer u. wurde viel zu
Silo verwendet. Das Getreide wird mit Mähndrescher abgeschnitten
Ein Wagen steht bereit für Körner, ein Wagen ladet die Heu auf.
Rosa ist gut versorgt mit Maschinen, aber sie muss viel arbeiten
Daher fahren Seb u. ich zu ihr u. helfen. Seb ist seit Dezember
Rentner. Rosa ihr Mann ist angestellt als Schafför im Fliegerhorst.
Kommt Mittag zum Essen heim um 12.5 Feiabend verdient gut. Der
Sohn ist 25 Jähr alt u. es kommt die Zeit dass er heiraten muss.
Eine Bitte hab ich Rosa für mein Patenkind Bertl Grüsse zu
bestellen ich hab ihm nicht vergessen, so auch an Seb er ist 68 Jhr
alt u. kann mich noch an die Taufe erinnern. Liebe Grüsse für beide
das sind noch gebohrne Bayern, wie sich das anhört? Ich nehme
an der Hans u. der Ludwig sind auch noch Bayern ich glaub schon?
Heute hat Seb ein neues Tonband eingesteckt, so werde ich wieder
zu sprechen anfangen. Dann kommt jeder dran, damit Keiner
beleidigt ist? So jetzt hab ich dir viel geschrieben, bist du zufrieden?
Wenn der E. Rich zu euch kommt, dann hat er was zu lesen.
E. rich redet so deutlich er denkt zuvor was er sagt. Respekt.
Und jetzt Schluss. Leid alle alle recht herzlich gegrüsst
von eurer

Tante Marie

o o o o o o o o o o

“Aiblingrau, 19 junho (1975)

Querida Rosa e todos em casa!

Afetuosas saudações de mim e minhas crianças a vocês. Eu me fiz uma promessa fixa de escrever para você hoje e assim estou sentada aqui para dar conta de nós. Hoje ao meio dia saiu uma carta para Erich, que estava esperando uma carta também, agora é a sua vez. Primeiramente quero agradecer de todo o coração, porque você foi tão boa com a sua mãe, a minha querida irmã. Deus deve lhe pagar em dobro, este agradecimento se estende também as suas crianças, Deus é o meu testemunho. A nossa troca de carta tinha um fluxo bom, mas foi interrompido. Ambos sabíamos que com a idade avançada a hora chegará onde precisamos dar o adeus, mas é difícil de se contentar com isto. Vocês nem tem como entender como é difícil após 62 anos de não se ver mais, pais como irmãos. Eu estava muito chateada em saber que a Loni (Apollonia) não recebeu mais o meu telegrama de parabéns, eu queria lhe dar uma grande alegria. Voltou com pesar por não achar o endereço. Eu estava receosa em enviar por rádio. Rosa eu ainda não recebi nenhuma carta, por causa disto não escrevi. De Munique nenhum parente me visitou também. No Corpus Christi, 9h, tivemos uma missa para os pais e irmãos e no domingo tinha a missa do sétimo dia da Loni e todos os parentes apareceram para rezar e a Loni era cristã. Que a terra dará uma vida após a morte mais leve que aquela que teve.

E agora algo diferente. O Erich escreveu dia 11 de junho e enviou no dia 13. E no dia 16 eu já recebi, tivemos sorte. Agora estamos continuando.

A sua colheita foi boa, é bom saber. Assim a gente sabe por qual motivo trabalhamos. Este ano tivemos muita chuva e estava frio.

Várias vezes o granizo apareceu, ai aquele que foi atingido. Há muita fruta. Há bastante feno e muita coisa ainda para cortar, por causa do mal tempo. Na Rosa terminamos, mas trabalhamos todos os domingos, duas escavadeiras, carregadores de feno com garras que foi coletado para o silo. Os grãos foram coletados com ceifeiras. Um veículo está a posto para receber os grãos e o outro para a palha. A Rosa está bem abastecida com maquinário, mas precisa trabalhar bastante. Por causa disto, o Seb e eu vamos para lá ajudar. Desde dezembro o Seb é aposentado. O marido da Rosa é empregado como motorista na base aérea. Volta no almoço e sai as 4h30, ganha bem. O filho deles tem 25 anos e chega a idade de se casar. Por favor, manda um abraço ao Berti, meu afilhado e um abraço ao Seb, mesmo com os seus 68 anos, que ainda pode se lembrar do batismo dele e eu também. Saudações a ambos, ainda são Bavarianos de berço, como isto tem um som estranho? Penso que o Hans e o Ludwig também são Bavarianos, acho que sim?

Hoje eu deixei uma fita cassete com o Seb, assim vou voltar a falar. Assim todo mundo pode uma vez para ninguém ficar bravo? Quando o Erich visitar vocês, ele terá coisas para ler. Erich fala muito claramente, ele pensa antes de falar. Respeito.

E agora termino. Saudações de coração da sua Tia Marie.

Saudações de Seb, Alois, Gerdi, Helga e Rosa.”

Tradução feita gentilmente por Gernot Beutle.

CAPÍTULO 41

Conchas – janeiro de 1977

Paulo Bertin e sua filha Hermelinda



*Janeiro de 1977- **Hermelinda** com seu pai **Paulo Bertin** aos 80 anos de idade.*

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Porangaba – novembro de 1977

Caçador de paturis por acaso

O Antonio já estava casado quando pediu transferência na polícia civil para a cidade de Itapetininga – SP e de lá, não demorou muito, conseguiu ser transferido para Porangaba, sua terra natal.

Com a fama de bom pescador e bom caçador, conhecia bem a região de Porangaba e sempre que tinha oportunidade saía atrás de alguns peixes e algumas caças.

Por volta de 1977, era mês de novembro, após vários dias de muita chuva, quando já estava escurecendo, resolveu ir até a *Campininha*, lá pelos lados do bairro das Partes, atrás de umas rãs. O brejo da *Campininha* estava bem alagado e tinha rã “falando”. Tinha levado uma boa lanterna e uma fiska de 3 pontas.

Quando lá chegou, já estava bem escuro e então, com a lanterna acesa numa das mãos e a fisga na outra, começou a caminhar em silêncio beirando o brejo e a *lagoa*, procurando as rãs. Após caminhar, aproximadamente, 10 metros pela água num lado mais raso, só encontrava alguns sapinhos e algumas rãs muito pequenas. Persistiu mais um pouco, sempre iluminando ao seu redor e a uns 2 metros a sua frente. De repente, ouviu um barulho na água próximo a um capinzal. Eram 4 *paturis* que estavam juntos e meio assustados. Pareciam hipnotizados com o foco da lanterna. *Paturis* são patos da *lagoa*, de cor escura com manchas brancas na cabeça e atingem o tamanho médio de uma ave.

Bem devagar e sem muito barulho, deu mais alguns passos para ficar mais próximo dos *paturis* que estavam no meio de alguns talos de capim. Já segurando na ponta do cabo da fisga, com um pouco de força, passou o ferro da fisga na horizontal como se fosse uma foice, para acertar os *paturis*. E acertou! Acreditem! Os 4 de uma só vez.

Rapidamente foi pegando os *paturis* um a um, destroncando o pescoço e jogando para fora da *lagoa*, num lugar mais seco. Conseguiu fazer isso com 3 *paturis* e quando estava pronto para pegar o último, este já tinha se recuperado da pancada e ainda meio atordoado, saiu voando sem muita direção. E é assim mesmo, nessa hora, é o “*salve-se quem puder!*”.

Com 3 *paturis* garantidos nem precisa mais continuar atrás das rãs. Mesmo assim resolveu seguir pela beira do brejo atrás das rãs, pois o que valia mesmo era a aventura. Não demorou muito e um pouco mais à frente, começou a encontrar as rãs maiores. Este era um dia de sorte, ou melhor, uma noite de sorte. Acreditem! Pegou ainda 4 rãs-paulistinhas e 4 rãs-pimenta. E duas das rãs-pimenta eram bem graúdas. Esta foi uma das melhores aventuras do Antonio, pois voltou para casa com as 8 rãs e os 3 *paturis*. E, pensando bem, não é qualquer um que consegue caçar *paturis* à noite e, ainda mais, usando apenas uma fisga.

Colaboração de Antonio Domingos Wagner

CAPÍTULO 42

Conchas – julho de 1979

O pouso do Divino

A Festa do *Divino Espírito Santo* é um culto ao *Espírito Santo*, considerada uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo popular, de origem portuguesa.

Na região de Conchas, temos três irmandades: a de “*Anhembi*”, em Anhembi, a do “*bairro de São João*”, em Conchas, e a da “*capela de São Sebastião*”, em Laranjal Paulista.

As *Irmandades do Divino* são recebidas em sítios da região e as visitas se repetem todo ano. Duram quase um mês de caminhada, indo de sítio em sítio para os almoços e pousos.

Na *Irmandade do Divino do bairro de São João* há, aproximadamente, 40 homens, entre meninos, adultos e idosos. O uniforme é camisa azul de mangas compridas, com detalhes vermelhos na gola e nas mangas na altura do punho, calça jeans, lenço vermelho comprido no pescoço e botinas.

Caminham em procissão de um sítio a outro, com as cantorias do divino, acompanhadas da batida da viola, pandeiro e triângulo.

Do conforto de casa a um trajeto incerto, os irmãos sequer imaginam as condições que enfrentarão na caminhada.

No período católico que celebram o *Divino Espírito Santo*, os grupos de religiosos formados na região, chamados de irmandades, fazem visitas à população.

Os irmãos iniciam uma caminhada desgastante, levando de casa em casa, a benção do *Divino Espírito Santo* aos moradores.

Em troca, os anfitriões oferecem uma refeição, que pode ser o almoço ou o pouso. O pouso inclui o jantar, passar a noite ali e, no dia seguinte, o café da manhã.

As visitas para os almoços e pousos são programadas com antecedência pela irmandade e combinadas com os moradores dos sítios.

Os pagadores de promessa

Luiz e Hermelinda precisavam pagar uma promessa e já havia passado muito tempo.

Aos 35 anos de idade, Luiz começou a perder a visão do olho direito e apesar de várias consultas e tratamentos com bons oftalmologistas de uma clínica da cidade de Campinas, acabou perdendo totalmente aquela vista.

Depois de pouco tempo, Luiz percebeu que a vista esquerda também estava diminuindo a visão e toda a família ficou muito preocupada.

Após várias consultas com oftalmologistas, a mãe de Hermelinda, Maria Rita, fez o pedido ao *Divino Espírito Santo* e a promessa de dar o pouso. A promessa deveria ser paga e cumprida por Luiz e Hermelinda.

Após mais algumas consultas e passado algum tempo, sem saber muito bem como, aquela vista que também corria risco, começou a melhorar. A visão não voltou a ser total, mas ficou estabilizada.

Nessa época, por volta de 1950, moravam na primeira chácara na Vila que depois recebeu o nome de Vila São Luiz.

O tempo foi passando e Hermelinda não esquecia a promessa feita por sua mãe.

Depois de algum tempo, a mãe de Hermelinda faleceu e a promessa ainda não tinha sido paga.

Em 1979, Hermelinda pediu para o seu pai que já morava na cidade de Conchas, para fazer o pouso em seu sítio no bairro do Pará, onde morava antes.

O pouso foi combinado com antecedência com a *Irmandade do Divino do bairro de São João*, município de Conchas. Como Hermelinda e Luiz moravam em São Paulo, para a realização do pouso, contaram com a ajuda de alguns irmãos de Hermelinda e de alguns conhecidos que moravam em Conchas, que já tinham experiência em pousos do *Divino*.

Era um sábado ensolarado do mês de julho de 1979, quando, logo pela manhã, toda a família de Luiz viajou para a cidade de Conchas e depois seguiu para o sítio. O pouso tinha sido programado para a noite de sábado para domingo para que todos da família que trabalhavam durante a semana também pudessem ir.

Tudo foi organizado e preparado com antecedência para receber a *Irmandade do Divino* para o pouso.

A chegada do Divino

Um pouco antes de escurecer, por volta das 18h, a *Irmandade do Divino do bairro de São João* apareceu em procissão na curva da estrada e vinha caminhando em duas filas, cantando as orações tradicionais do *Divino*.

Na frente, carregavam uma bandeira vermelha quadrada, esticada e pregada num quadro de madeira, com a figura de uma pomba branca, simbolizando o *Divino Espírito Santo*, que depois seria colocada no mastro do sítio. Carregavam também outra bandeira vermelha de cetim, bem maior, num varão com uma pomba no topo, com fotos, fitas e bilhetes pendurados, colocados por pessoas que pagaram promessas por onde a irmandade já tinha passado nos dias e noites anteriores.

Faça sol, frio ou chuva, as irmandades não deixam de cumprir a missão.

Sob o estouro do trabuco, uma espécie de espingarda de cano grosso, a irmandade anunciou a chegada do *Divino* no sítio. Para dar o tiro, o trabuco é segurado com uma das mãos no final do cano e a outra na altura do gatilho, e posicionado na lateral e longe do corpo, devido ao “coice” que ele dá.

O barulho do tiro do trabuco é bastante forte e ensurdecedor e alguns integrantes da irmandade que seguem na procissão, por estarem muito próximos, chegam a proteger os ouvidos com os dedos na hora dos disparos.

Assim que os anfitriões ouviram os tiros do trabuco, saíram da casa e seguiram em direção à porteira que ficava a, aproximadamente, 100 metros de distância, para encontrar e receber a irmandade e a bandeira do *Divino Espírito Santo*. Todos que ali estavam foram atrás em procissão e seguindo em silêncio.

Para dar as boas vindas e comemorar a chegada do *Divino*, o fogueteiro começou a soltar os rojões. Os de vareta eram os que mais subiam, riscando a escuridão com seus jatos de faíscas e explodiam bem no alto. Rojão de vareta era o que não faltava, pois Luiz, quando passou pela cidade de Conchas, havia comprado 5 dúzias para comemorar a chegada do *Divino* e soltar durante a noite toda. Na chegada, o fogueteiro soltou um rojão atrás do outro e durante a noite toda soltou 1 a cada 10 ou 15 minutos.



Hermelinda e Luiz na chegada do Divino.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Luiz e Hermelinda encontraram com a irmandade logo na entrada do sítio, próximo à porteira, onde receberam a bandeira do *Divino*.

Todos da irmandade cantavam as orações do *Divino*, anunciando a chegada, cumprimentando e saudando os donos da casa e agradecendo a presença de todos.

Em seguida, já carregando a bandeira, Luiz e Hermelinda, acompanhados de seus familiares e junto com o povo e a irmandade, seguiram em procissão até a casa.

Cantando em versos, a irmandade pediu licença para entrar na casa, formaram um círculo na sala e, ao som da viola, cantaram as orações que duraram, aproximadamente, 20 minutos.

O jantar

O pouso tem início assim que o sol se põe, mas a família já começa a preparar tudo, inclusive a comida, na madrugada anterior.

Pelo número de pessoas que vem para o pouso, além de muita batata, mandioca e arroz, precisa também de muita carne.

Luiz e Hermelinda mandaram matar uma vaca, exclusivamente, para o jantar do pouso, o que foi providenciado no dia anterior.



***Voluntários “limpando” a vaca
para o jantar do pouso.***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



Voluntários preparando a carne moída com batata no curral.
Luiz Bertin, irmão de Hermelinda, é o 4º da esquerda para a direita.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Durante a tarde toda até o início da noite, vários voluntários trabalharam no preparo do jantar e a comida era das mais simples, mas era de lamber os beiços. Prepararam um tacho de mandioca com costela, outro de carne moída com batata e outro de arroz. Tudo é feito em grandes tachos para servir o grande número de pessoas da irmandade e o povo que vem espontaneamente. Nas noites de pouso do *Divino*, as casas ficam lotadas, pois vem gente de todo lado, tudo é de graça e abençoado pelo *Divino Espírito Santo*.

Por volta das 20h começou a ser servido o jantar e como precisava de muito espaço, tudo foi preparado lá fora, em lugar coberto do curral.

Primeiro serviram todos da irmandade, que em fila, com os pratos e garfos nas mãos, receberam a refeição e se sentaram em algum lugar improvisado.

Em seguida todos os demais foram servidos, que também em fila, foram passando próximo aos tachos e recebendo uma porção de comida. Pelo número de pessoas, fica impossível pensar em mesas e cadeiras e, então, como manda a tradição, todos receberam as refeições e comeram em pé ou sentados em algum canto do quintal. E espaço é o que não faltava.

Os voluntários trabalharam bastante, pois precisaram lavar a louça rapidamente para continuar servindo a fila que parecia não acabar mais. Foi desgastante, mas todos se dedicaram com alegria e satisfação.

Em seguida, a irmandade agradeceu o jantar oferecido pela casa, fazendo suas cantorias religiosas acompanhadas pelo som da viola.

E é após o jantar, que o “*bicho pega*”. O povo fica na expectativa porque é o momento de iniciar o verdadeiro cururu.

Cururu

O *cururu* é o canto de versos improvisados, feitos pelos *cururueiros*.

Um *cururueiro* começa cantando versos improvisados em forma de desafio a outro *cururueiro*. O outro *cururueiro* presta bastante atenção em tudo que é cantado e em seguida responde a provocação, sem deixar escapar nada. Eles são acompanhados pelo som da viola caipira de dez ou doze cordas, instrumento típico do interior brasileiro, pelo pandeiro e, às vezes, tem até o triângulo. Os principais *cururueiros* são encontrados em Conchas, Laranjal Paulista, Piracicaba, Porto Feliz, Tietê, Sorocaba, Tatuí, e em outras localidades da região. Tinha um também de Porangaba.

Os mais antigos e famosos eram Zico Moreira, de Conchas, Pedro Chiquito, Parafuso, Nhô Serra, Horácio Neto e Nhô Chico, todos de Piracicaba, Dito Silva, Silvio Paes e Narciso Correia, todos de Sorocaba e Luizinho Rosa, de Porangaba.

O famoso Parafuso era o Antônio Cândido, seu nome de batismo, nascido a 19 de fevereiro de 1920 em Recreio, distrito de Piracicaba, e falecido a 02 de dezembro de 1973. Ele foi imortalizado por Tião Carreiro & Pardinho com a música Negrinho Parafuso, e era conhecido como o “*caçoísta*” (sarrista), tendo recebido o apelido por rodopiar num salto como um parafuso ao arrematar um repente bem-sucedido. Era uma forma de comemorar.

As rimas dos versos obedecem às carreiras, que podem ser do “a”, que implica como rimas no verbo “...ar”, por exemplo: “*dançá*” e “*cantá*”; do Sagrado, com rimas em “...ado”, por exemplo: “*cansado*” e “*desajeitado*”; do ano (*ano*); do presumido (*ido*), do divino (*ino*); de São João (*ão*); carreira do Navio (*o*); temos também a carreira do Pai Eterno (*erno*), de Santa Rita (*ita*), do Divino Amante (*ante*), do S, de São Roque, São Bento, São Benedito, Santa Catarina, Santa Teresa e muitas outras.

É importante em meio à apresentação a participação do público, que geralmente se manifesta aplaudindo uma boa combinação de versos e rimas, ou então criticando o “*cantador*” quando este faz o contrário, ou seja, no jargão tradicional “*perde a batida*”.

O cururu da noite

Para o pouso foram convidados bons *cururueiros* da região de Sorocaba e teve início por volta das 21h. O pessoal que estava ali assistindo, acompanhava a

cantoria improvisada e ria muito. Um *cururueiro* era mais engraçado que o outro. O que valia mesmo era a resposta que um dava em cima do desafio e da provocação do outro. Quando uma dupla finalizava, faziam uma pausa e logo começava outra dupla. As carreiras eram escolhidas e iam alternando no decorrer do cururu.

A noite estava um pouco fria, mas por respeito ao *Divino Espírito Santo* teoricamente não se deve tomar bebida alcoólica, mas na prática, para manter os *cururueiros* animados e aquecidos, sempre tem um litro de cachaça em algum canto, escondido ali por perto.

O *cururu* seguiu até altas horas da noite e finalizaram quando bateu o cansaço e o sono em todos. A maioria dos convidados voltou para suas casas e a irmandade dormiu ali mesmo na sala e nos lugares cobertos do sítio. Todos usaram seus colchonetes e cobertores que trouxeram enrolados e amarrados nas costas.

A despedida

Quando começou clarear o dia, o galo cantou e todos já estavam prontos para o café da manhã. Alguns moradores dos sítios vizinhos retornaram bem cedo para a despedida da irmandade e do *Divino Espírito Santo*. Luiz e Hermelinda, com a ajuda dos voluntários e de alguns irmãos de Hermelinda, serviram o café da manhã, no qual tinha café, leite e pão com manteiga.

Era hora de partir. Todos da irmandade formaram duas filas no “*terreiro*” que havia em frente a casa e ao som da viola, cantaram as orações de despedida.

Fizeram os agradecimentos e pediram para que o *Divino Espírito Santo* protegesse aquela casa e a família que deu o pouso.

Luiz e Hermelinda levaram a bandeira do *Divino* até o chefe da irmandade, fizeram orações também de agradecimentos e se despediram.

Neste momento aconteceu o primeiro tiro do trabuco e deu para ver de perto como aquela arma era mesmo bastante forte.

No disparo do tiro a arma veio para trás, desviando para a lateral do atirador, como se fosse mesmo um “*coice*”.

A irmandade saiu em procissão cantando as orações acompanhadas da viola e após caminhar mais ou menos uns 50 metros deram outro tiro de trabuco.

Seguiram em direção ao sítio vizinho, no qual seria oferecido o almoço.

Todos que ficaram, aguardaram em frente a casa vendo a procissão se distanciar e após alguns instantes a irmandade cruzou a porteira do sítio, deram o último tiro e sumiram na primeira curva da estrada.

Após 29 anos, finalmente a promessa foi paga. Apesar da demora, o importante é que agora, Luiz e Hermelinda estavam aliviados e com a sensação de dever cumprido.

CAPÍTULO 43

Conchas – março de 1985

Falecimento da irmã Maria (Marre)



Maria Wagner

*Foto: Recuperada por
Elza Wagner Anselmo*

Maria, conhecida na família como “*Marre*”, era 6 anos mais nova que Luiz.

Depois de casada, continuou vivendo num sítio no mesmo bairro dos Silva, no município de Conchas – SP.

Faleceu em 24 de março, aos 63 anos de idade.

Seu marido Bento Silva, faleceu em 29 de agosto de 1997, com 74 anos de idade, ou seja, 12 anos após o seu falecimento.

Deixaram saudade.

Conchas – dezembro de 1985

Falecimento do sogro Paulo Bertin



Paulo Bertin

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

Paulo Bertin, pai de Hermelinda, era chamado carinhosamente pela maioria dos netos de “*padrinho Paulo*”. Passar alguns dias das férias escolares em seu sítio era muito bom e cheio de novidades. Às vezes, em algum dia da semana, precisava ajudá-lo a preparar a charrete e o cavalo para ir até a cidade de Conchas que ficava a uma légua dali, para fazer compra de mantimentos. Uma das diversões dos netos era andar de charrete e em alguma altura da estrada poder conduzi-la enquanto o “*padrinho*” fazia o seu cigarro de palha. Até que ele cortasse o fumo, amaciasse nas mãos, enrolasse na palha e acendesse o cigarro, demorava um bom

tempo e então dava para aproveitar e “*dirigir*” a charrete pela já conhecida estrada de areia e terra. Tinha também o momento de suspense quando se aproximava da linha do trem, logo depois da “*descida do Noé*”. Ali havia um cruzamento de nível da linha férrea e como não tinha porteira, a passagem era livre. Era preciso parar a charrete um pouco antes da placa “*Pare, Olhe, Escute*” e ficar em silêncio absoluto para ouvir se o trem estava vindo. Nessa hora o “*padrinho Paulo*” preferia ficar com as rédeas nas mãos e, às vezes, acontecia de o trem passar. Dá para lembrar bem do apito prolongado do trem que vinha numa velocidade

reduzida, com a sua locomotiva puxando com força os seus inúmeros vagões e contornando a curva da linha férrea próxima ao cruzamento. Enquanto o trem passava, os vagões eram contados para saber a sua extensão e ter história para contar para os primos e irmãos. Após fazer as compras e comer algum doce na cidade, na volta a torcida era grande para que o trem passasse de novo. E para a nossa alegria, às vezes, passava.

Paulo Bertin morou muitos anos no bairro do Pará, próximo ao bairro do Varjão, no município de Conchas – SP, e nos últimos anos morou na cidade de Conchas.

Paulo Bertin faleceu em 02 de dezembro, com 88 anos de idade. Sua esposa Maria Rita já havia falecido 14 anos antes, aos 71 anos.

Ao Paulo Bertin, nossos agradecimentos pelos inesquecíveis momentos que passamos em sua companhia e obrigado por ter sido o nosso querido “*padrinho Paulo*” (avô). Deixou muita saudade!

Os 15 irmãos da família Bertin

Paulo Bertin e Maria Rita tiveram 15 filhos, sendo 9 homens e 6 mulheres.



03.12.1985 – os **15 irmãos** da família, na data do sepultamento de **Paulo Bertin**.
Pela ordem de idade, da direita para a esquerda, em pé: **Lázara** (Lazinha), **Luiz**,
Hermelinda, **Mário**, **Benedito**, **José**, **Inocência**, **João** e **Rosa**.
Sentados, da esquerda para a direita: **Pedro**, **Antônio**, **Carmen**, **Carlos**,
Irene e **Inês**.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner



03.12.1985 – os **15 irmãos** da família, na data do sepultamento de **Paulo Bertin**.
 Homens pela ordem de idade, da direita para a esquerda: **Luiz, Mário, Benedito, José, Inocêncio, João, Pedro, Antônio e Carlos**.
 Mulheres pela ordem de idade, da direita para a esquerda: **Lázara (Lazinha), Hermelinda, Rosa, Carmen, Irene e Inês**.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Dos 15 filhos, apenas o Luiz ficou solteiro.
 Paulo Bertin e Maria Rita tiveram 77 netos.

CAPÍTULO 44

São Paulo – julho de 1988

Bodas de ouro



***Hermelinda e Luiz na missa de
Bodas de ouro***

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Era o ano de comemorar as *bodas de ouro*. No dia 23 de julho completavam 50 anos de união e não poderiam deixar passar a data em branco.

Com a presença de todos os familiares e alguns amigos, nesse dia 23, num sábado, às 18h, foi celebrada uma missa na *Paróquia Santa Cândida*, na Av. Dr. Ricardo Jafet, no bairro do Ipiranga.

Unidos pelo amor viveram durante estes longos anos e assim pretendiam estar juntos para o resto da vida.

Nesse dia renovaram os votos e as promessas feitas em julho de 1938. Após a missa, todos foram recebidos na residência do casal, onde comemoraram com festa, incluindo um delicioso bolo.

Falecimento do irmão Rupert (Roberto)



Roberto Wagner

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

Roberto nasceu na cidade de *Rosenheim, Região da Bavária, Alemanha* e era 7 anos mais velho que Luiz.

Quando chegou ao Brasil com apenas 5 anos de idade era chamado de Rupert e depois passou a ser chamado de Roberto.

Desde criança sempre morou no sítio no município de Conchas - SP, onde casou e criou os seus 11 filhos.

Era o segundo filho da família e sempre foi muito ativo, simpático, trabalhador e dedicado à família.

Faleceu no dia 22 de julho, aos 82 anos de idade.

Sua esposa, Maria da Luz, faleceu em 24 de novembro de 1994, com 81 anos de idade, ou seja, um pouco mais de 4

anos após o seu falecimento.

Deixaram muita saudade.

Porangaba – fevereiro de 1991

Falecimento do irmão Josef (José)



José Wagner

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

José também nasceu na cidade de *Rosenheim, Região da Bavária, Alemanha* e era quase 9 anos mais velho que Luiz.

Quando chegou ao Brasil com apenas 6 anos e 9 meses era chamado de Josef e depois passou a ser chamado de José.

Depois de casado, no longo período de 43 anos que morou em Porangaba, ficou conhecido como Zé Alemão.

Era o primeiro filho da família. Zé Alemão era bastante calmo, de voz mansa, simples e trabalhador. Foi o companheiro e braço direito do tio Stefan Maier durante muitos anos que trabalhou no moinho.

Faleceu no dia 27 de fevereiro, aos 84 anos de idade.

Antonieta, sua esposa, faleceu em 07 de agosto de 1967, com apenas 55 anos, ou seja, 23 anos e meio antes de seu falecimento.

Ambos deixaram muita saudade!

Porangaba – outubro de 1993

Falecimento do irmão Guilherme



Guilherme Wagner

*Foto: acervo da família de
Guilherme*

Guilherme nasceu numa fazenda, *próxima ao bairro do Varjão*, logo após a vinda de seus pais para o município de Conchas. Era 4 anos mais novo que Luiz.

Depois de casado, morou em Porangaba durante 49 anos, onde ficou conhecido como Guilherme Alemão. Era amigo de todos, trabalhador, de bom coração e de bom caráter.

Na política atuou com tranquilidade, sempre voltado para ajudar e resolver os problemas dos porangabenses menos favorecidos. Era muito conhecido em toda a região de Porangaba e cidades vizinhas. O povo porangabense e seus familiares sentiram muito a sua falta por ter partido muito cedo. Fez história em Porangaba, deixando o seu nome

registrado pela boa política que praticou, por ser bom trabalhador e amigo de todos. Também pelas boas pescarias que fez nos rios *Tietê e Paranapanema*.

Faleceu no dia 08 de outubro, com apenas 74 anos de idade.

Sua esposa Lázara, a Lazineira, faleceu em 1º de março de 2002, aos 83 anos de idade, ou seja, um pouco mais de 8 anos após o seu falecimento.

A saudade dos dois ficará para sempre!

Porangaba – outubro de 1999

Falecimento do irmão João



João Wagner

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

João nasceu no *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, município de Resende, Estado do Rio de Janeiro, apenas 3 meses após a chegada de seus pais ao Brasil. Era 2 anos mais velho que Luiz.

Depois de casado, morou no município de Porangaba durante 52 anos e ficou conhecido como João Alemão.

Era uma pessoa bastante simples, de elevado caráter, de bom coração e trabalhador.

Faleceu no dia 20 de outubro, aos 86 anos de idade.

Sua esposa Maria, faleceu em 17 de abril de 1997, ou seja, 2 anos e meio antes de seu falecimento.

Foram moradores da Vila São Luiz por muitos anos e também deixaram muita saudade!

Aniversário de Luiz – 90 anos



Hermelinda e Luiz com os filhos:

Irene, Paulo, Aparecida, Rosa, Antonio, João, José Luiz e Maria

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Pescarias e “boas histórias para contar”

Dizem que história de pescador vem sempre acompanhada de certos exageros, principalmente, nos pesos e nas medidas e que, às vezes, não dá para acreditar.

As pescarias feitas pelos filhos de Luiz com amigos e parentes são muito interessantes e registram boas aventuras nos mais diversos e distantes rios, criando “boas histórias para contar”.

Além das pescarias do José Luiz registradas no capítulo 39, em “*José Luiz e suas pescarias*”, das quais o Paulo e o Antonio, seus irmãos, tiveram o privilégio de participar de algumas, o Paulo fez outras na companhia da turma de seu sogro Victor e que também criaram boas histórias.

Algumas delas estão registradas a seguir e, acreditem, todas elas contadas sem muitos exageros.

No rio Paranapanema, em Itatinga – SP

Algumas pescarias foram feitas no rio *Paranapanema*, no município de Itatinga – SP, onde o José Luiz tem um rancho de pesca no *Recanto dos Cambarás*. O rancho fica onde o rio *Paranapanema* está represado, na altura do rio *dos Veados*, próximo dos rios *Santo Inácio e Jacu*. Está a 30 km do município de Itatinga – SP, que fica a 228 km de São Paulo.



1979 - Victor, Paulo e Victinho

Foto: acervo pessoal de Paulo Roberto Wagner

Lá, as pescarias foram feitas na companhia do Victor, tio Luizão, tio Luizinho, tio Jason, Jazinho, Victinho, José, seu Hélio (sogro do José), Madail e do Luizinho. Além de pescar com varas de bambu-chinês e varas com molinetes, as pescarias envolviam também redes e tarrafas, pois na época permitiam esse tipo de pescaria. Sempre usamos o barco de alumínio e o motor do José Luiz que ficavam no rancho. Alguns saíam de barco e outros pescavam de barranco. Algumas vezes chegamos a subir de barco o rio *Paranapanema* para pescarmos no rio *Jacu*, lugar de lambaris graúdos.

Para a pescaria ficar mais séria, uma vez tivemos uma disputa para ver quem pescava mais lambaris. Formamos duas duplas para saírem de barco, sendo uma o Victor e o tio Luizão e a outra o Victinho e o Luizinho. Os outros quatro, o Paulo, José, seu Hélio e o Madail ficaram pescando de barranco. No final desse dia o Victinho e o Luizinho pescaram 435 lambaris e foram declarados campeões, pois o Victor e o tio Luizão contaram apenas 350. Os que pescaram de barranco nem contaram os peixes, pois ficaram em desvantagem por não terem as mesmas condições dos que saíram de barco e também porque acabou a isca. O pior dessa brincadeira foi em seguida ter que aguentar os comentários dos vencedores e, ainda, além de ter de pescar de barranco, ser classificado como segunda divisão.

Nas pescarias de Itatinga nunca ficamos sem peixe, pois lá sempre foi muito bom de lambaris, piavas, curimbatás, mandis e boas traíras.

Na fazenda, em Brasilândia – MS

Esta pescaria foi feita nos feriados do carnaval de 1979 numa fazenda do município de *Brasilândia – MS*, de propriedade do Sebastião, sobrinho do tio Luizinho (irmão do Victor), morador da cidade de *Junqueirópolis – SP*.

Estavam o Victor, tio Luizinho, Devitis, Victinho e o Paulo.

Como estávamos em apenas 5 pessoas, então fomos apenas com a Caravan do tio Luizinho.

Eram 630 km de estrada com duração prevista de 8h de viagem, incluindo uma parada rápida para o lanche.

Saímos na 6ª feira antes das 20h com previsão de retornarmos na terça de carnaval. Nessa época os postos de gasolina estavam fechando às 20h. Na saída, no posto da Vila Yara – Osasco, o Victor sugeriu calibrar os pneus da Caravan, mas o tio Luizinho achou que “*era besteira*” e não precisava. Com o tanque de gasolina completo, rodamos poucos quilômetros pela Rodovia Castelo Branco e logo o tio Luizinho pediu para encostar o carro num posto próximo a Alphaville, dizendo que queria completar o combustível. Achamos o pedido estranho e até ficou meio engraçado, pois tínhamos acabado de sair com o tanque cheio. A bomba do posto registrou apenas 5 litros de gasolina e então o tio Luizinho pediu para calibrar os pneus. Deduzimos que “*o tio Luizinho não estava com pressa!*”

Seguimos viagem e na cidade de Pompéia – SP, já de madrugada, com o marcador de combustível bastante reduzido, precisava procurar alguém que vendesse gasolina, pois os postos permaneciam fechados até as 6h da manhã.

Conseguimos o endereço de um senhor que vendia gasolina em litros de vidro em casa. Compramos 20 litros e pelos cálculos era o que precisávamos para chegar a *Junqueirópolis* e encher o tanque ao clarear o dia. Rodamos mais 2h e faltando apenas 6 km para chegarmos a *Junqueirópolis* acabou a gasolina. Após dar sinal para vários caminhões, um deles parou e levou o Devitis e o Victinho até a cidade. Os dois tinham a informação que a casa do Sebastião ficava próxima à caixa d’água e como ainda estava clareando o dia, não tinham percebido que estavam embaixo dela. Não demorou muito e os dois vieram com o fusca do Sebastião. Trouxeram apenas uma mangueira curta e, então, o jeito foi improvisar. Colocamos duas botas e meia de combustível (bota de borracha) na Caravan e foi a medida certa para chegarmos até a cidade.

Após o café na casa do Sebastião e encher o tanque, todos estavam na maior expectativa e com pressa de chegar à fazenda para pescar. Seguindo a viagem, o tio Luizinho resolveu passar na cidade de Dracena para ver se o relógio tinha sido consertado. Esse relógio tinha sido deixado para o conserto da outra vez que ele esteve lá. Era sábado e a relojoaria estava fechada. Então tivemos que ir até a casa do relojoeiro. Deduzimos, mais uma vez, que “*o tio Luizinho não estava com pressa!*”

Em Panorama, atravessamos o *rio Paraná* de balsa e rodamos mais 78 km por uma estrada de terra durante uma hora e chegamos à fazenda, no município de *Brasilândia*.

A pescaria era num enorme açude onde parecia ter muita traíra, mas pescando durante o dia até o escurecer não pegamos nada. O jeito foi sair à noite pela beira do açude usando uma fiska de três pontas e então conseguimos pegar apenas duas ou três traíras.

Já que no açude a pescaria não estava boa, resolvemos ir pescar um dia no *rio Verde* a, aproximadamente, 40 minutos da fazenda. Mas “*o dia não estava pra peixe*”, pois também não pescamos nada.

Lá na fazenda, morava o seu Alípio, sogro do Sebastião, um senhor já com uma certa idade, que tinha a mania de guardar tudo o que encontrava. Isso o tornava bastante engraçado. Ele mantinha as peças do motor de um trator desmontado num dos quartos, com folhas de jornais sujas de graxa e espalhadas pelo chão para todos os lados. Gostava também de manter as coisas da casa sob o seu controle e estava de olho no pomar. O Devitis já o conhecia bem e sabendo que ele iria dizer não, apanhava as laranjas-lima do pé, chupava-as escondido e jogava a casca na fogueira.

Esta pescaria “*não estava pra peixe*”, mas hoje temos pelo menos “*boas histórias para contar*”. O ditado popular de caçador diz “*um dia da caça outro do caçador*”. Se o ditado fosse do pescador, então seria: “*Um dia do peixe outro do pescador*”. E desta vez foi do peixe!

Nos rios Taquari e Coxim, em Coxim – MS

A pescaria feita em outubro de 1983 nos *rios Taquari e Coxim – em Coxim – MS*, foi uma das mais interessantes, com muitas novidades e cheia de aventuras.

Na turma que saiu de Osasco com 7 pessoas estavam o Victor (sogro do Paulo), tio Luizinho (irmão do Victor), Victinho e José (filhos do Victor), seu Zezinho (sogro do José), Mingão (amigo do Victor) e o Paulo.

Foram também alguns parentes do seu Zezinho, o seu Expedito com os 3 filhos, moradores de Mirandópolis – SP, com os quais havíamos marcado encontro em Rancharia – SP.

Saímos de Osasco num sábado bem cedo, com previsão de retornarmos no próximo sábado, ou seja, uma semana de pescaria. Precisamos de dois carros e então contamos com a Caravan do tio Luizinho e com o Corcel do Mingão.

Rodamos um pouco mais de 1.200 km de estrada, com 12h30 de viagem, até a cidade de *Coxim*. Esse percurso normalmente é feito em 15h, mas a pressa e a vontade de pescar era tão grande que acabou demorando menos tempo.

Quando chegamos a *Coxim* já era início da noite e então seguimos direto para o rancho.



1983 - Mingão, Paulo, Victor, seu Zezinho, seu Expedito, Victinho e tio Luizinho.

Sentados: José no meio e 2 filhos de seu Expedito.

Foto: acervo pessoal de Paulo Roberto Wagner

Como estava bem escuro, os pescadores da turma que já tinham ido antes nesse rancho, acabaram não acertando o caminho. Então, o melhor foi voltar até a cidade de *Coxim* e pedir orientação ao cabo Brito, amigo da turma, que havia morado em Osasco.

O rancho era do José Sasso, vereador de Osasco, morador da Vila Yara, amigo do Victor. Era uma casa de alvenaria, com 2 quartos, sala, cozinha, banheiro e uma boa varanda de frente para o *rio Taquari*. O quarto maior estava em reforma (sendo rebocado) e, então, nas primeiras noites, com muita gente para dormir, tivemos que contar com os beliches do rancho de madeira que tinha ao lado da casa. Os mais novos e o Mingão tiveram que dormir lá, reclamando das aranhas que ficavam nos caibros do telhado e desciam pelas paredes de tábua.

O nosso “*pirangueiro pescador*” (piloto do barco) tinha o apelido de “*Baixinho*” e logo que chegamos, apenas com uma lanterna clareando a beira do rio, jogou a tarrafa e, acreditem, pegou 12 curimatás, todos de tamanho médio.

Ainda nessa primeira noite, o filho do seu Expedito, com uma vara, molinete e linha 30 mm, pescou um pacu de 4,5 kg.

Logo no primeiro dia, os mais “*experientes*” da turma descobriram um poço do rio bem na frente do rancho, onde formava um remanso numa pequena curva, muito bom para pescar curimatá e que ficou conhecido como “*poço do INSS*”. Talvez “*pegou*” esse nome porque os que tinham mais idade e já aposentados faziam a

“*feita*” ali pescando um curimatá atrás do outro. Acreditem mais uma vez, alguns pescavam com duas varas, uma em cada mão, fisingo dois ao mesmo tempo. Na verdade, a coisa ficou tão interessante que até os mais novos pescaram ali. A isca usada era um pedacinho do próprio curimatá, cortado em quadradinho e deixado pouco tempo exposto ao sol. Em dois dias o freezer já estava quase cheio de curimatá e todos bem graúdos, pesando de 2 a 3 kg. Foi preciso pedir para parar de pescar os curimatás para deixar lugar no freezer para outras espécies de peixes. E também como iria acomodar tanto peixe no isopor para trazer para São Paulo? Para pescar pintados, levamos piramboa como isca, conhecida também como muçum. Usamos também os cambojinhos (tipo de um cascudinho misturado com bagre) que pegamos nas lagoas de lá.

O tio Luizinho tinha uma tralha completa de pesca e levou também o motor de barco. O barco de alumínio era emprestado do rancho e podia usar à vontade.

Numa manhã, quando todos já estavam pescando com suas varas e molinetes numa boa sombra na beira do rio, próximo ao rancho, o tio Luizinho resolveu descer pela primeira vez com a sua vara e molinete para pescar um pouco. No primeiro e único arremesso que deu enroscou em todo mundo e foi um “*Deus nos acuda*”. Acontece! Nessa hora, ninguém disse nada e então demos um desconto por ser o tio Luizinho, querido e respeitado por todos. Apesar de tudo, não marcamos “*pênalti*” e “*seguiu a pescaria*”. Ficou até engraçado, pois logo em seguida, o tio Luizinho disse que ia descansar um pouco e subiu para o rancho.



1983 - José, Paulo e Victinho
Foto: acervo pessoal de Paulo Roberto Wagner

Um fato interessante aconteceu numa das noites que o Paulo e o “Baixinho” armavam os anzóis de galho. Estavam dentro do barco e com apenas uma lanterna acesa, amarravam o cordão num dos galhos sobre o rio. De repente saltou uma piava das grandes e bateu no peito do Paulo, caindo em seguida dentro do barco. Pois é, em pescaria acontece de tudo. E tem mais! Acreditem! Essa piava foi colocada de isca viva ali mesmo e no dia seguinte rendeu um bom douradinho.

Resolvemos que um dia à noite a pescaria seria num lugar chamado *Xiboca*, no rio *Coxim*, a um pouco mais de 1h de carro do rancho, onde passava também o rio *Jauru*. O “Baixinho” foi mais cedo e levou o barco pelo rio. Apenas alguns que estavam

no rancho quiseram ir. Chegamos lá à tarde, armamos alguns anzóis de galho e pescamos numa pequena ilha de areia que chamamos de “*prainha*”. A tarde estava com o tempo bom, sem vento, tudo muito calmo e tranquilo, mas ruim de peixe. Estavam pescando na “*prainha*” apenas o Victor, o Victinho e o Paulo. De repente, apareceu lá no meio do rio a cabeça de uma cobra que vinha nadando em direção à “*prainha*”. Todos ficaram observando a cobra se aproximar e o Paulo resolveu enfrentar o bicho com um pedaço de bambu. Saiu correndo e foi ao encontro da cobra, mas quando ela começou a sair da água, percebendo que o bambu estava podre, o jeito foi diminuir os passos, recuar e voltar de onde veio. Na verdade, a cobra impunha um certo respeito e o melhor foi deixar atravessar a “*prainha*” e seguir o seu caminho para a outra margem do rio.

Num outro dia, era uma tarde de sol e todos pescavam na beira do *rio Taquari*, quando o Mingão veio lá do rancho com a sua tralha de pesca, vestindo calça comprida, camisa de manga também comprida, capa de chuva, capuz, bota preta de borracha, luva e óculos escuros. Disse que era para se proteger dos pernilongos. Ficou engraçado porque parecia um astronauta!

No meio da semana, fomos até a cidade ligar para as famílias. Enquanto fazíamos as ligações, um moleque que estava por ali, “*mediu*” o Paulo da cabeça aos pés e perguntou: “*moço você é assim mesmo?*” O Paulo que tinha tomado muito sol, estava muito vermelho e “*zebrado*”, olhou para o moleque e nem respondeu.

No último dia de pescaria, ninguém aguentava mais comer ovo frito e peixe no almoço e no jantar. Por sorte, naquele dia o Brito esteve no rancho e convidou todo mundo para jantar na casa dele. E é claro que todos aceitaram. Após o banho, mal tinha escurecido e todos já estavam na casa do Brito aguardando terminar o jantar. Sem disfarçar, mal sentamos à mesa, acabamos com os bifes, com o arroz e com a salada de alface temperada numa bacia, tudo feito pela esposa do nosso amigo Brito. Nessa pescaria pescamos pintados, dourados, cacharas, pacus, curimatás, piaparas, abotoados (tipo de um bagrão feio de pele grossa), mandis e lambaris.

Na represa Três Irmãos – rio Tietê, em Pereira Barreto – SP – “Pesca do Tucunaré”

Em setembro de 2006 a pescaria foi na *represa Três Irmãos – rio Tietê* – em *Pereira Barreto*, próximo à *Ilha Solteira*, a 620 km de São Paulo com, aproximadamente, 8h de estrada. A pescaria de *Pereira Barreto* é conhecida como “*pesca do tucunaré*”. Fomos em 11 pessoas, sendo 4 da nossa turma e 7 da turma de pescadores do bairro Jabaquara. Tudo foi programado antes, fazendo parte do pacote de 4 dias, a pousada com as refeições, barco de pesca, piloto do barco, iscas e ônibus fretado. Estava previsto o ônibus sair do bairro Jabaquara bem cedo,

passar por Osasco e seguir para *Pereira Barreto*. Porém, houve um contratempo, pois por falha de comunicação, nós 4 que embarcávamos em Osasco fomos avisados que a saída seria no feriado de 7 de setembro (5ª feira) bem cedo e na verdade a saída estava programada para dia 6 (4ª feira) bem cedo. No dia 6 (4ª feira) o ônibus partiu com os 7 pescadores da turma do bairro Jabaquara e nós ficamos. Fomos avisados em cima da hora, às 7h da manhã, quando o ônibus já estava saindo. Além de ninguém ainda ter arrumado a tralha de pesca, alguns tinham ido para o trabalho. Para não perder a pescaria e também pela vontade de pescar, quem estava trabalhando veio logo para casa e, após organizarmos tudo rapidamente naquela manhã, com o carro do Victor, partimos às 14h em direção a *Pereira Barreto*. O Victor não quis dirigir e então a estrada ficou por conta do Paulo e do Victinho. O tempo previsto de 8h de viagem fizemos em apenas 6h e chegamos lá às 20h, apenas meia hora após o ônibus ter encostado na pousada. Aproveitamos e ainda participamos do churrasco de recepção com a turma do bairro Jabaquara.

No dia seguinte, saímos dois em cada barco e mais o piloto. A isca artificial era usada na vara com molinete e os lambaris vivos na vara de bambu. É claro que todos estavam atrás do tucunaré, um peixe bocudo, briguento e difícil de fisgar, porém de vez em quando vinha uma piranha.

No primeiro dia da pescaria um dos pilotos do barco, o “japonês”, dono de um restaurante próximo à pousada, lançou um desafio para ver quem pegava os dois maiores tucunarés, com direito a premiações.

Os pilotos dos barcos eram muito bons, conheciam bem a represa, cruzavam com a maior facilidade de um lado para o outro e sabiam onde encontrar os tucunarés.

Conforme as leis e as regras definidas na “*pesca do tucunaré*” só podia trazer o peixe quando a medida fosse maior que 30 cm. Portanto, os pequenos eram soltos e ganhavam liberdade.

No último dia de pesca tivemos a conferência dos dois maiores tucunarés para a premiação e o primeiro colocado foi um pescador do grupo do bairro Jabaquara, com um tucunaré de 3.350 kg. O segundo foi o Victinho, com um tucunaré de 3.200 kg. À noite tivemos o jantar de despedida no restaurante do “japonês”, onde foram feitas as premiações e foi servido, é claro, o saboroso peixe tucunaré.

Outras pescarias foram feitas no rio Paranapanema na altura onde desemboca o rio Itapetininga, cujo lugar se chama Campininha, próximo a Itapetininga - SP, muito bom de lambaris, piavas, mandis e traíras. Algumas vezes pescamos, também, num morro de São Sebastião, no litoral paulista, fisgando bons peixes espadas.

Manchete de jornal



11 de junho de 2010 - Jornal Patriota

Jornal: acervo pessoal de Luiz Wagner

Na semana do dia dos namorados, Luiz e Hermelinda, ele com 95 anos e ela com 88, foram homenageados pelo *jornal Patriota*, que é distribuído semanalmente no bairro do Ipiranga e nos bairros vizinhos. Após terem sido entrevistados e fotografados, tiveram a reportagem publicada na *edição 762*, que circulou na sexta-feira, dia 11 de junho de 2010, véspera do dia dos namorados.



Foto para o jornal

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Dia dos Namorados

Amor para a vida inteira

Por Kennia Di Andrino

Um exemplo de amor e de companheirismo é o casal do Ipiranga, Ludwig Wagner, 95 anos, e Hermelinda Bertim Wagner, 88. Juntos há 72 anos, eles comemoram neste sábado o dia dos namorados, esbanjando saúde, alegria e bom humor.

Naturais da cidade de Conchas, interior de São Paulo, eles contam que na época o início de namoro era diferente aos dias atuais. O máximo permitido era a troca de olhares e um aperto de mão, na chegada e na despedida. "Ficamos dois anos nos paquerando. Quando ficávamos juntos, era ela

do lado de lá e eu aqui", enfatiza Ludwig, sobra a distância que o casal tinha de manter.

Em mais de sete décadas união, Ludwig e Hermelinda lembram com ternura os melhores momentos que passaram juntos. Um deles foi o nascimento da primeira dos oito filhos, Maria Wagner Bianchi. Com muito bom humor Ludwig brinca que a família prosperou rápido, porque "na época não tinha televisão em casa".

Depois de trabalhar a vida inteira na lavoura com plantação de milho e algodão, em 1972, decidiram vir para o Ipiranga acompanhar os



filhos que já moravam na capital paulista. Hoje, os oito filhos, vinte netos e três bisnetos se reúnem em todas as datas especiais, segundo a filha Maria. Entre olhares carinhosos e sem qualquer reclamação a fazer, Hermelinda reforça o amor pelo companheiro. "Valeu a pena. Eu faria tudo de novo".

Matéria publicada

Jornal: acervo pessoal de Luiz Wagner

São Paulo – setembro de 2010

Aniversário de Hermelinda - 89 anos



Hermelinda e Luiz com os 8 filhos.

Em pé – Paulo, Aparecida, José Luiz e Maria.

Agachados – João, Rosa, Irene e Antonio.

Foto: acervo pessoal de Luiz Wagner

Bodas de brilhante

Em 23 de julho, Luiz e Hermelinda, comemorariam as *bodas de brilhante*, com os 75 anos de união.

Já estava programado para celebrar a missa com a presença de todos os familiares e amigos e uma simples recepção na residência do casal.

Infelizmente, nos primeiros dias de julho, o Jonas, marido da Irene, genro de Luiz e Hermelinda, sofreu um AVC e foi internado. O seu estado de saúde era considerado grave e após vários dias internado, em 20 de julho, o Jonas veio a falecer, aos 60 anos de idade.

Nesse mês de julho, apesar de completarem os 75 anos de casados, diante do triste acontecimento, preferiram não comemorar.

Sobrinhos, netos e bisnetos

Luiz e Hermelinda tiveram *107 sobrinhos*, sendo *49 do lado dos Wagner* e *58 do lado dos Bertin* (os 11 filhos de Guilherme e Lázara, sobrinhos descendentes das duas famílias, foram somados no total dos Wagner). *São 21 netos e 14 bisnetos* (números até março de 2022).

Visita da sobrinha Aparecida Wagner do Amaral, de sua filha Maísa e da netinha Maria Clara



Hermelinda, Maísa, Maria Clara e Luiz



Luiz e Maria Clara

Fotos: acervo pessoal de Maísa Wagner do Amaral Pereira da Silva

No final de 2013, Luiz e Hermelinda tiveram o prazer de receber em sua residência a sobrinha Aparecida Wagner do Amaral (Cidinha), filha de Guilherme (irmão de Luiz), acompanhada de sua filha Máisa Wagner do Amaral Pereira da Silva e da netinha Maria Clara.

São Paulo – março de 2014

Falecimento de Hermelinda



Luiz com 98 anos de idade e Hermelinda com 92, estavam bem de saúde e continuavam morando sozinhos no bairro Alto do Ipiranga.

No dia 13 de março, logo nas primeiras horas da manhã veio a notícia do falecimento de Hermelinda.

Ela foi sepultada em Porangaba e a saudade é eterna.

***Hermelinda
Bertin Wagner***

*Foto: acervo pessoal de
Paulo Roberto Wagner*

Companhia dos filhos

Após o falecimento de Hermelinda, Luiz precisou da ajuda dos filhos para todas as providências da casa e cuidados pessoais, pois além de sua idade já avançada, enxergava pouco. A partir daí, passou a ter a companhia dos filhos que se revezavam diariamente, de acordo com a disponibilidade de cada um.

Itapetininga – SP – outubro de 2014

Fábio, neto de Luiz e Hermelinda, é ordenado Padre

Fábio da Silveira Wagner nasceu em 29 de setembro de 1977 na cidade de Porangaba. É o filho mais velho dos 4 filhos de Antonio e Maria Assunção da Silveira Wagner, ambos porangabenses. Desde pequeno, Fábio tomou parte das atividades pastorais da *Paróquia de Santo Antônio de Porangaba*. Ao ingressar mais tarde no *Seminário Diocesano de Itapetininga*, cursou seus estudos em

Filosofia em Sorocaba. Já em seus primeiros anos de Seminário sentiu-se chamado ao trabalho com os católicos orientais.

Foi realizar o curso de *Teologia* junto ao *Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro* e, em seu último ano de estudos teológicos, com a permissão de seus superiores, entrou em contato com o *Exarcado Apostólico Armênio da América Latina*, sendo aceito como seminarista do mesmo, frequentando, periodicamente, a *Paróquia Armênia Católica de São Paulo*, onde realizou trabalhos pastorais.

Em 09 de janeiro de 2011, num domingo, após ter terminado seus estudos teológicos no Rio de Janeiro, foi celebrada a cerimônia na qual o Fábio foi ordenado *subdiácono*, no contexto de uma *Divina Liturgia (Missa)* em rito armênio, na *Catedral Armênia Católica de São Gregório, o Iluminador*, na cidade de São Paulo.

Em 12 de fevereiro de 2012, também num domingo, após permanecer por um ano na Argentina, onde estudou a língua, cultura, história e liturgia armênias junto à *Catedral Armênia Católica de Nossa Senhora de Narek*, em Buenos Aires, Fábio foi ordenado *Diácono* na mesma *Catedral Armênia Católica de São Gregório, o Iluminador*, na cidade de São Paulo, tendo como *Bispo ordenante Dom Vartan Waldir Boghossian*.

Como parte de sua preparação ao “*presbiterato e ao serviço na igreja*”, orientado pelo clero armênio católico local, no final de fevereiro viajou para a Armênia, para uma estadia de seis meses em *Yerevan*, capital desse país, tendo um maior contato com a espiritualidade, idioma, cultura e tradições armênias.

Ordenação Sacerdotal



Fábio durante a ordenação sacerdotal.

Fonte: Internet, foto de Willian Furtado

A *ordenação sacerdotal* de Fábio foi celebrada no dia 10 de outubro de 2014.

Para documentar este importante acontecimento, registramos a seguir o texto de Samuel Rocha e foto de Willian Furtado (acima), publicados no site da *Diocese de Itapetininga - SP*.

“Foi celebrada na última sexta-feira (10) às 19h30 na Catedral Nossa Senhora dos Prazeres em Itapetininga, a Ordenação Sacerdotal do Padre Fábio da Silveira Wagner.

A cerimônia foi presidida pelo nosso Bispo Diocesano Dom Gorgônio Alves da Encarnação Neto, numa celebração toda especial com a Catedral lotada de familiares, amigos e fiéis.

Além dos Padres de nossa Diocese, Diáconos e Seminaristas, esteve presente também na celebração Dom Vartan Waldir Boghossian, Bispo do Exarcado Apostólico para fiéis do Rito Armênio da cidade de São Paulo.

Padre Fábio da Silveira Wagner é natural de Porangaba e após concluir seus estudos filosóficos e teológicos e ainda, após uma longa experiência junto às Igrejas de rito oriental, retorna a sua Diocese de origem, para nela se tornar sacerdote e servi-la.

Padre Fábio exerceu seu diaconato na Paróquia e Santuário São Miguel Arcanjo e no dia 08 de novembro assume como Vigário a Paróquia Santa Cruz da cidade de Cesário Lange, juntamente com o Padre Antônio João Savassa.

Após a Santa Missa, Padre Fábio recebeu os cumprimentos de centenas de pessoas. Desde já, nossas orações e votos de muitas realizações pessoais e espirituais na vida deste novo sacerdote”.

Atualmente (janeiro de 2021), o Fábio é Padre da *Paróquia de São Pedro do município de Torre de Pedra - SP*, distante a apenas 16 km de Porangaba. Torre de Pedra era um distrito de Porangaba e com a sua emancipação em 1991, passou a ser município. Sua população estimada em 2016 era de 2.365 habitantes.

A *Diocese de Itapetininga* abrange vários municípios da região, inclusive os de Porangaba e Torre de Pedra. Itapetininga está a apenas 170 km de São Paulo e sua população estimada para 2019 era de 163.901 habitantes.

CAPÍTULO 45

São Paulo – junho de 2015

Aniversário de Luiz - 100 anos



Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

Como o dia 08 de junho, dia de seu aniversário, caiu numa segunda-feira, a comemoração foi feita no dia anterior, domingo, dia 07. Toda a família se reuniu para o almoço, com um bolo na parte da tarde e, em seguida, foi celebrada uma missa pelo Padre Fábio, neto de Luiz. A missa foi realizada por volta das 17h na sala da residência, quando Luiz recebeu a “*unção*” com mais três pessoas. Uma delas foi o outro avô do Padre Fábio, Joãozinho Pinto, a outra foi a Maria, a primeira filha de Luiz, e a terceira pessoa foi o José Luiz, o segundo filho de Luiz. Foi explicado pelo Padre Fábio que a “*unção*” tem o intuito de exercer influência espiritual para ter a proteção divina, por vezes

com a finalidade de abençoar ou mesmo de curar alguma enfermidade física ou espiritual.

No momento da comunhão, todos que quiseram e se prepararam, puderam comungar. A missa terminou por volta das 18h.

Infelizmente não pôde estar presente nesta comemoração o terceiro filho de Luiz, João, que já vinha internado num hospital havia algumas semanas, em estado grave. No dia seguinte, ou seja, na segunda-feira, veio a notícia logo pela manhã que o João havia falecido no final da noite do dia 07.

Aniversário de Luiz - 101 anos



Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

O dia 08 caiu numa quarta-feira e então o seu aniversário foi comemorado no próximo domingo, dia 12, para que todos pudessem participar.

Foi comemorado com um almoço e em seguida teve um bolo e todos cantaram o *“Parabéns a Você”*.

Logo após o *“Parabéns a Você”*, todos fizeram silêncio esperando que o aniversariante apagasse as velinhas. Para surpresa de todos, Luiz não apagou as velinhas e em voz baixa fez uma oração. Em seguida, ainda em voz baixa, falou algumas palavras e talvez estivesse apenas agradecendo ou fazendo algum pedido.

Após esse suspense, finalmente apagou as velinhas e todos puderam saborear o seu delicioso bolo de aniversário.

Homenagem de Júlio Manoel Domingues

Publicação de síntese de sua história no site “www.porangabasuahistoria.com”, em “*Artigos Publicados*”, por Júlio Manoel Domingues.

“SR LUDWIG WAGNER - (Luiz Alemão)



Com a publicação do site www.porangabasuahistoria.com na Internet e, ainda, quando nos deparamos com a expectativa favorável de atingir até o final do ano um número considerável de visitas – 100.000 internautas já poderão ter navegado pela página – um feito extraordinário para a historiografia local, fomos privilegiados e surpreendidos com a mensagem dos irmãos Paulo Roberto Wagner e José Luiz Wagner – filhos do sr. Luiz Wagner (uma figura ilustre de Porangaba), que, além de nos parabenizar pelo resgate histórico, contaram que o pai já alcançara 101 anos de vida, estando bastante lúcido, com boa saúde e sempre lembrando de fatos que envolveram a sua passagem por Porangaba. Feliz com a notícia, propus visitá-lo em companhia de meu filho Júnior, o que ocorreu no dia 29.outubro.2016, em sua residência, em São Paulo, quando fomos recebidos pelo “patriarca” e filhos. Foi um encontro gratificante, emocionante, marcado por muitas lembranças e saudades.

O sr. Luiz Wagner é filho do casal alemão Rupert Wagner e Apollonia Maier que chegou em 1913 ao Brasil – desembarcando no porto do Rio de Janeiro, com 5 filhos menores. Ele somente nasceria em 1915, na cidade de São José do Barreiro, SP. Na época a imigração era incentivada pelo Governo Brasileiro e, inicialmente, foram recepcionados no Núcleo Colonial Visconde de Mauá, em Resende, Rio de Janeiro. Após trabalharem por 2 anos, como os núcleos coloniais não evoluíram pelo desinteresse governamental que não dispensava o apoio necessário, os imigrantes perderam a subvenção e se viram diante de duas alternativas: 1.retornar ao país de origem por conta própria ou 2.trabalhar, sem qualquer tipo de ajuda, nas fazendas de café espalhadas pelo interior paulista. Sem condições de retornar por problemas financeiros e devido ao conflito ter se intensificado na Europa, o casal resolveu procurar trabalho nas fazendas de café do Vale do Paraíba. Chegaram até a cidade de São José do Barreiro – quase na divisa com o Estado do Rio de Janeiro – e foram alojados no Núcleo Colonial Bandeirantes, formado por famílias alemãs e austríacas. Dali vieram para São Paulo, onde moraram numa chácara próxima ao Rio Pinheiros, nos Jardins e trabalharam no Clube Alemão (Sport Club Germânia), hoje o Clube Pinheiros.

Stefan Maier (Estevão Alemão), irmão de Apollonia, que permanecera na Alemanha, servindo o exército na 1ª. Guerra Mundial, somente chegou ao Brasil em 1922, vindo se juntar com a sua família na fazenda, próxima ao bairro do Varjão, no município de Conchas, SP. Em 1936, Estevão, já casado, mudou-se para Porangaba, onde montou um moinho de beneficiamento de milho e arroz. Com o passar dos anos, convidou os sobrinhos para viver e trabalhar em Porangaba. Em 1942 chegou o sobrinho Luiz; ele já era casado com Hermelinda Bertin, de família de Conchas; tinham na época apenas dois filhos pequenos, Maria e José Luiz. Compraram em Porangaba um sítio de 20 alqueires, no bairro dos Poli, próximo à estrada velha de Torre de Pedra e passaram a trabalhar na lavoura. Luiz e sua família moraram durante 29 (vinte e nove) anos no município de Porangaba, sendo os primeiros 5 (cinco) anos no sítio do bairro dos Poli, 21 (vinte e um) anos na Vila, que mais tarde passou a se chamar Vila São Luiz em sua homenagem e 3 (três) anos na rua principal da cidade. Além dos dois filhos nascidos no município de Conchas, Luiz e Hermelinda tiveram mais seis filhos: João, Antonio, Rosa, Aparecida, Paulo e Irene. A esposa faleceu no dia 13 de março de 2014, com 92 anos de idade e está sepultada no cemitério de Porangaba.

Luiz Alemão, agricultor, comerciante, negociante, um homem de visão, que formou respeitável família em Porangaba, foi responsável, seguramente, pelo primeiro empreendimento imobiliário na nossa cidade – a Vila São Luiz, um loteamento que deu certo apesar das dificuldades da época. Honesto em suas proposições despertava confiança e obteve sucesso.

Na década de 1940, ao lado da estrada de terra que vinha de Torre de Pedra, antes de atravessar o Rio Feio, a 1 km da cidade, aproximadamente, formava-se um pequeno povoado, com apenas algumas casas construídas, a maioria de pau-a-pique, conhecidas também como casas de barro ou de taipa. Em 1947, Luiz Wagner comprou ali 2 alqueires do professor Antônio Freire de Souza e mais 4 alqueires de Antônio José Vieira (Tao), casado com dona Ritinha Gomes. Os 6 alqueires ficavam na margem direita da estrada de Torre de Pedra, no sentido de quem vem à cidade, em frente ao antigo matadouro municipal.

Os primeiros moradores da “Vila” foram: Zé Pequeno, Ciro Alonso, Luiz Alemão, Zé Alemão, Nestorzinho da Amásia, Zé Suta, Cornélio Suta, Toninho da Braulina, João Leme, Mingo Cândido, Dita Pinto e Teodoro.

Em 1963, o sr. Ozório Tavares Paes, tabelião do cartório de Porangaba, disse a Luiz Wagner que estava nomeando a “Vila” como **Vila São Luiz**, em reconhecimento à sua contribuição para a formação do lugar, desde a formação de sua primeira chácara com o loteamento de 2 alqueires, mais a doação do terreno para a construção da capela de São João e a formação de sua nova e pequena propriedade, onde morava. Era, sem dúvida, o justo reconhecimento. Figura modelar, um homem digno, aposentado, vive hoje em São Paulo ao lado de seus filhos, onde recebe o merecido apoio e carinho dos familiares. Parabéns.

Júlio Manoel Domingues

Novembro/2016”

Foto: acervo pessoal de Júlio Manoel Domingues

Foi com muita alegria e satisfação que na manhã de 29 de outubro de 2016, Luiz e seus filhos receberam a visita do porangabense Júlio Manoel Domingues, acompanhado de seu filho Junior. Nessa oportunidade pudemos recordar de muitos acontecimentos da época que passamos na nossa cidade de Porangaba. Júlio é filho do saudoso Horácio Manoel Domingues (Horácio Cândido), cidadão de família tradicional de Porangaba e que muito contribuiu para o progresso do município.

Aniversário de Luiz – 102 anos



Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

Dia 08 de junho caiu numa quinta-feira e o seu aniversário foi comemorado no próximo domingo, dia 11. Todos da família compareceram para o almoço e, em seguida, Luiz cortou o bolo acompanhado do “*Parabéns a Você*”. Como sempre, nessas datas de comemoração, a casa ficou cheia com a presença dos filhos, noras, genro, netos e bisnetos.

Visita da família de Rosa Wagner Thomé e José Thomé (sobrinhos)



*Em pé: **Rosa** (filha do Guilherme), **José Thomé**, **Antonio**, **Eliane** e **Rosa** (filha de Luiz). Sentado: **Luiz**.*

*Agachados: **Elaine** e seu marido com o filhinho **Heitor** no colo.*

*Crianças: **Gustavo**, **Nicolas** e **Henrique**, netos de Rosa e José Thomé.*

Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

Foi com grande satisfação que no dia 17 de janeiro, Luiz recebeu a visita da família de seus sobrinhos Rosa Wagner Thomé e José Thomé, moradores da cidade de Porangaba.

Visita da família de Francisco (Puba) Wagner (irmão)



*Na frente: **Bete e Luiz***

*Atrás: **Irene, Maria, José Henrique e Francisco (Puba)**, irmão de Luiz.*

Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

Em 07 de abril, Luiz teve a surpresa e foi com muito prazer que recebeu a visita de seu irmão Francisco (Puba) e seus sobrinhos, moradores da cidade de Conchas.

São Paulo – junho de 2018

Aniversário de Luiz – 103 anos



Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

Nesse ano, o dia 08 caiu numa sexta-feira e então o aniversário foi comemorado no domingo, dia 10.

Com a presença de todos os familiares, logo após o almoço tivemos o momento do “*Parabéns a Você*” e em seguida todos puderam saborear o delicioso bolo de brigadeiro.



Luiz com os filhos: Maria, José Luiz, Rosa, Aparecida, Paulo e Irene.

Foto: acervo pessoal de Irene Lúcia Wagner Caleme

São Paulo - início do inverno de 2018

Relembrando o passado

Duas semanas após o seu aniversário de 103 anos, logo pela manhã, sentado na varanda de sua casa, Luiz observava o casal de sabiá laranjeira cantar no galho mais alto do pé de romã. Estava ali o casal de sabiá que voltou a criar no mesmo ninho feito na forquilha de dois galhos onde já havia criado em anos anteriores. Em silêncio dava para ouvir o seu canto e a sua movimentação pulando de um galho para outro.

Era um dia de muito sol, não estava para chuva e aproveitamos para respirar o ar puro daquela manhã.

Continuavam ali no canteiro ao longo do muro, as pequenas plantas de flores, o pé de rosas vermelhas preferidas de Hermelinda, a parreira de uva, o pé de romã com as romãs já maduras e o pé de mamão formosa bem alto, carregado de frutos.

Naquela manhã, Luiz lembrou de alguns acontecimentos dos 23 anos que morou no município de Conchas. Não dá para esquecer de todo o período que lá viveu, onde passou toda a sua infância e adolescência, bem como a fase de namoro e de casamento, com o nascimento dos dois primeiros filhos. Tinha boas recordações do sítio onde morava quando ainda era solteiro, de todos os amigos de seu bairro e dos primeiros anos de casado que morou próximo aos familiares de seu sogro Paulo Bertin.

Não dá para esquecer também dos 29 anos que morou no município de Porangaba, onde adquiriu terras, criou gado e fez boas plantações e colheitas em seu sítio. Formou uma boa chácara na Vila São Luiz, com uma grande variedade de árvores

frutíferas. Em Porangaba nasceram os outros seis filhos e foi lá que todos tiveram oportunidade de iniciar os estudos. Tinha bons amigos, era muito querido por todos e ficou conhecido como Luiz Alemão.

Relembrou, ainda, que havia 47 anos que estava morando em São Paulo, na mesma casa do bairro Alto do Ipiranga. Disse que acreditava ter tomado a decisão certa quando veio morar em São Paulo para reunir os filhos novamente, pois ele e a esposa estavam muito sozinhos em Porangaba. Aqui viu nascer a maioria dos netos e bisnetos e teve a oportunidade de uma maior convivência com todos da família.

São Paulo – agosto de 2018

Internação



Casa de repouso “Residencial Aurora”.

Fotos: acervo pessoal de Paulo Roberto Wagner

No dia 02 de agosto, Luiz sofreu uma queda e foi internado no *Hospital São Paulo*, em São Paulo – SP, para cirurgia do fêmur. Depois de 19 dias internado e em fase de recuperação da cirurgia, em 21 de agosto, foi transferido para a casa de repouso “*Residencial Aurora*”, localizada no bairro do Ipiranga. Lá continuou recebendo todos os cuidados necessários, com acompanhamento periódico de médicos do *Hospital São Paulo*, de médico, enfermeira e cuidadores do próprio residencial e de fisioterapeuta particular.

Durante todo o período que lá permaneceu, recebeu visitas dos filhos diariamente e, em algumas datas, visitas de netos, noras e genro, bem como de outros

familiares. De um modo geral, gostava de todos os profissionais que trabalhavam no residencial e era chamado carinhosamente de “Lud”. Tinha um carinho muito especial pela enfermeira Lili e também pela Aline e Alan que ali trabalhavam.

Para homenageá-lo, o “Residencial Aurora” deu o seu nome ao jardim formado em frente ao salão onde ele ficava durante o dia.

Em algumas datas especiais, como no seu aniversário e Natal, foi levado para a sua casa para passar o dia com seus familiares e comemorar com o tradicional almoço em família, com direito ao bolo de aniversário.

São Paulo – junho de 2019

Aniversário de Luiz – 104 anos



Foto: acervo pessoal de Adriana Wagner Bianchi

Nesse ano deu para comemorar o seu aniversário no dia 08 mesmo, pois caiu num sábado.

Como Luiz ainda continuava na casa de repouso para o tratamento e recuperação da cirurgia do fêmur, logo pela manhã foi levado até a sua residência para passar o dia em companhia de seus familiares.

Teve o prazer de receber também a visita de seu irmão Francisco (Puba), de seu sobrinho José Henrique e sua esposa Izabel, e do genro de Francisco, Roberto, que vieram da cidade de Conchas - SP, onde moram.

Almoçou com todos os presentes e após o “Parabéns a Você”, cortou o bolo.

Ao final da tarde retornou para a casa de repouso “Residencial Aurora”.



Luiz com os filhos Irene, Paulo, Aparecida, Rosa, Antonio, José Luiz e Maria e seu irmão Francisco (Puba), no seu último aniversário.

Foto: acervo pessoal de Karina Pisapia Wagner



Família reunida no seu último aniversário

Foto: acervo pessoal de Adriana Wagner Bianchi

“Em algum lugar do passado”

Quem de nós já não levou o pensamento “*a algum lugar do passado*”, bem distante, ultrapassando as barreiras do tempo e lembrando os acontecimentos que criaram a nossa história e que jamais serão esquecidos?



Hermelinda

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

Algum dia desses, ao rever as fotos antigas que registraram os momentos de sua história, Luiz retorna ao seu passado lembrando com detalhes os fatos que marcaram e fizeram parte de sua vida.

Precisava resgatar o seu passado para continuar vivendo o presente, como se ainda estivesse acompanhado de seu grande amor e nada tivesse mudado.

Já não tinha mais ao seu lado aquela alma gêmea que teve por muitos anos e agora olhar para o seu passado era uma forma de recordar os acontecimentos de sua história.



Luiz

*Foto: acervo pessoal de
Luiz Wagner*

Era um momento de reflexão e de lembrar os bons momentos vividos ao lado de seu grande amor. Foram longos anos de amor, companheirismo, cumplicidade, apoio e união. Lembrar e entender tudo que tinha ficado para trás era entender a história que construíram juntos.

Aos poucos os acontecimentos de sua história foram se encaixando como se fossem as peças de um quebra cabeça. Ao final de tudo, a última peça se encaixou e a história ficou completa.

Luiz e Hermelinda viveram juntos durante 75 anos.

“Felizes aqueles que acreditam no amor eterno e verdadeiro, capaz de romper as barreiras do tempo e da morte e, que acreditam no reencontro, capaz de reviver o grande amor com a sua alma gêmea”.

Fonte: Internet, autor desconhecido.

Falecimento de Luiz



Luiz Wagner

*Foto: acervo pessoal de
Paulo Roberto Wagner*

Internado na casa de repouso “*Residencial Aurora*” no bairro do Ipiranga, desde a cirurgia do fêmur em agosto de 2018, Luiz vinha tendo uma boa recuperação, apesar de lenta.

Ludwig Wagner ou *Luiz Wagner* ou *Luiz Alemão* faleceu em São Paulo no dia 10 de maio, aos 104 anos (28 dias antes de completar 105 anos), 6 anos após o falecimento de sua esposa Hermelinda.

Foi sepultado em Porangaba e a saudade é eterna.

São Paulo – dezembro de 2020

Falecimento da irmã Rosa (Ruse)



***Rosa Wagner
Morgado***

*Foto: acervo pessoal de Carlos
(Carlinhos) Alberto Morgado*

Rosa nasceu no sítio, no *bairro dos Silva*, município de Conchas, era 15 anos mais nova que Luiz e chamada por todos de *Ruse*. Foi casada com Belarmino (Ninito) Morgado, de família portuguesa residente em São Paulo e até o falecimento de sua mãe Apollonia, morou no sítio onde nasceu.

Depois veio morar em São Paulo.

Era a mais nova da família e sempre foi muito dedicada ao trabalho e à família.

Faleceu no dia 30 de dezembro, aos 90 anos de idade. Seu marido Belarmino (Ninito), faleceu em 03 de abril de 2004, com 81 anos de idade, ou seja, 16 anos antes.

Deixaram muita saudade.

Composição das Famílias

1 - Famílias Maier, Wagner e Bertin

1.1 – Maier

Joham Maier e Cataryna Maier

Filhos (8)

Apollonia Maier

Josef Maier

Maria Maier

Grosp Maier

Stefan Maier

Sebastian Maier

Elisabeth Maier (Elisa)

Rosa Maier

1.2 - Wagner

Rupert Wagner e Apollonia Maier Wagner

Filhos (8)

Josef Wagner (Zé Alemão)

Rupert Wagner (Roberto)

Marlin Wagner ()*

Joham Wagner ()* (*) os 3 faleceram ainda crianças.

Teresa Wagner ()*

João Wagner (João Alemão)

Ludwig Wagner (Luiz Alemão)

Guilherme Wagner (Guilherme Alemão)

Maria Wagner (Marre)

Francisco Wagner (Puba)

Rosa Wagner (Ruse)

1.3 - Bertin

Paulo Bertin e Maria Rita Sampaio Bertin

Filhos (15)

Lázara Bertin (Lazinha)

Luiz Bertin

Hermelinda Bertin

Mário Bertin

Benedito Bertin

José Bertin

Inocência Bertin
João Bertin
Rosa Bertin
Pedro Bertin
Antônio Bertin
Carmen Bertin
Carlos Bertin
Irene Bertin
Inês Bertin

2 – Família de Rupert Wagner e Apollonia Maier Wagner

Filhos(8), Noras (6), Genros (2) e Netos (57)

2.1 - Josef Wagner (Zé Alemão) e Antonia (Antonieta)

Filhos (10)

Maria, José, Martinho, Tereza, Antônio (Tonico), Paulo, Aparecido (Cido), Clara, Alice e Ana.

2.2 - Rupert (Roberto) e Maria da Luz

Filhos (11)

Maria, Rosa, Magdalena, Maria de Lourdes, Aparecida, José, Francisco, Benecdito, Elisa, Olga e Elza.

2.3 - João (João Alemão) e Maria

Filhos (3)

José (conhecido como Zé Cobra), Luiz e Clarice.

2.4 - Ludwig Wagner (Luiz Alemão) e Hermelinda

Filhos (8)

Maria, José Luiz, João, Antonio, Rosa, Aparecida, Paulo e Irene.

2.5 - Maria (Marre) e Bento Silva

Filhos (6)

Francisco, Hilda, Érica, Luiz, José Miranda e Maria Helena.

2.6 - Guilherme (Guilherme Alemão) e Lázara (Lazinha)

Filhos (11)

Olga, Mário, Guilherme, Luiz, Rosa, Mercedes, Elza, Aparecida, Paulo, Fátima e Roberto.

2.7 - Francisco (Puba) e Carolina (Lina)

Filhos (5)

José Henrique, Elizabeth, João, Roberto e Luiz Carlos.

2.8 - Rosa (Ruse) e Belarmino (Ninito)

Filhos (3)

Roberto Carlos (Nenê), Carlos (Carlinhos) e Rosemeire (Rose).

3 – Família de Paulo Bertin e Maria Rita Sampaio Bertin

Filhos (15), Noras (8), Genros (6) e Netos (77)

3.1 – Lázara (Lazinha) e Guilherme (Guilherme Alemão)

Filhos (11)

Olga, Mário, Guilherme, Luiz, Rosa, Mercedes, Elza, Aparecida, Paulo, Fátima e Roberto.

3.2 - Luiz ficou solteiro.

3.3 - Hermelinda e Ludwig Wagner

Filhos (8)

Maria, José Luiz, João, Antonio, Rosa, Aparecida, Paulo e Irene.

3.4 - Mário e Adelaide

Filhos (4)

Antônio, Dirceu, Maria Lúcia e Mário.

3.5 – Benedito e Tereza

Filhos (16)

José, Milton, Aparecida, Mário, Irene, Paulo, Luiz, Maria de Fátima, Dulce, Olga, Rosely, Roberto, Maria das Graças, Irene, Olga e Pedro (Pedrinho). Estes quatro últimos faleceram quando ainda eram crianças. Os nomes de Irene e Olga foram repetidos devido ao falecimento dos dois nascidos antes.

3.6 - José e Malvina

Filhos (2)

Ailton e Vilma.

3.7 - Inocência e Lúcia

Filhos (3)

José (Zézinho), Maria Aparecida e Maria José.

3.8 - João e Maria (Mariazinha)

Filhos (4)

Aparecida, Maria Inês, João Antônio e Elisabete.

3.9 - Rosa e Pedro Alves

Filhos (5)

Maria Aparecida (Fiúca), José Antônio, Luiz Carlos (Branquinho), Maria de Lourdes e Rosa Maria.

3.10 - Pedro e Terezinha

Filhos(5)

Maria Ivone, José Carlos, Luiz Carlos, Marlene e Sandra.

3.11 - Antônio e Celina

Filhos (3)

Marilza, Antônio (Junior) e Leisa.

3.12 - Carmen e João Manduca

Filhos (8)

Vilma, Claudete, Carlos, Cláudio, João, José Luiz, Maria Helena e Cláudia.

3.13 - Carlos e Dalva (Vênus Dalva)

Filhos (3)

Francisco, Adriano e Alessandra.

3.14 - Irene e Palmiro (Miro) Alves

Filhos (4)

Maria Rita, Antônio (Toninho), Cristina e Palmiro (Mirinho).

3.15 - Inês e Antônio Rugolo

Filhos (1)

Antônio Carlos.

4 – Família de Stefan Maier e Eugênia de Lara Maier

4.1 - Filhos (9)

Maria, Aparecida (Cida), José, Rosa, Terezinha, Estevam (Estevinho), Ana, Clara e Eugênia (Nena).

5 – Família de Ludwig Wagner e Hermelinda Bertin Wagner

Filhos (8), Genros (4), Noras (4), Netos (21) e Bisnetos (14)

5.1 – Filhos (8)

Maria Wagner

José Luiz Wagner

João Carlos Wagner

Antonio Domingos Wagner

Rosa do Carmo Wagner

Aparecida do Carmo Wagner

Paulo Roberto Wagner

Irene Lúcia Wagner

5.2 – Genros (4) e Noras (4)

Gilberto Bianchi, casado com Maria

Diva Coelho, casada com José Luiz

Maria de Lourdes (Lourdinha), casada com João

Maria Assunção da Silveira (Assunção), casada com Antonio

Sebastião Jorge, casado com Rosa

Benedito Jorge, casado com Aparecida

Rita de Cassia Pisapia (Cassia), casada com Paulo

Jonas Guimarães Caleme, casado com Irene

5.3 - Netos (21)

Filhos de Maria e Gilberto

Elisabete (Bete)

Gilberto (Betito)

Adriana

Filhos de José Luiz e Diva

Thais

William

Márcia

Filhos de João e Lourdinha

Danielle

André

Filhos de Antonio e Assunção

Fábio

Eric

João Luiz

Ana Paula

Filhas de Aparecida e Benedito
Giselle
Lisangela
Regiane

Filhos de Paulo e Cassia
Juliana
Karina
Mariana
João Pedro

Filhos de Irene e Jonas
Thiago
Felipe

5.4 – Bisnetos (14)

Filhos de Gilberto (Betito) e Cinthia
Filippe
Lucca

Filhos de Thais Helena e Carlos
Nicolas
Lucas
Thomas

Filho de William e Telma
Gael
Filhas de Márcia e Rogério

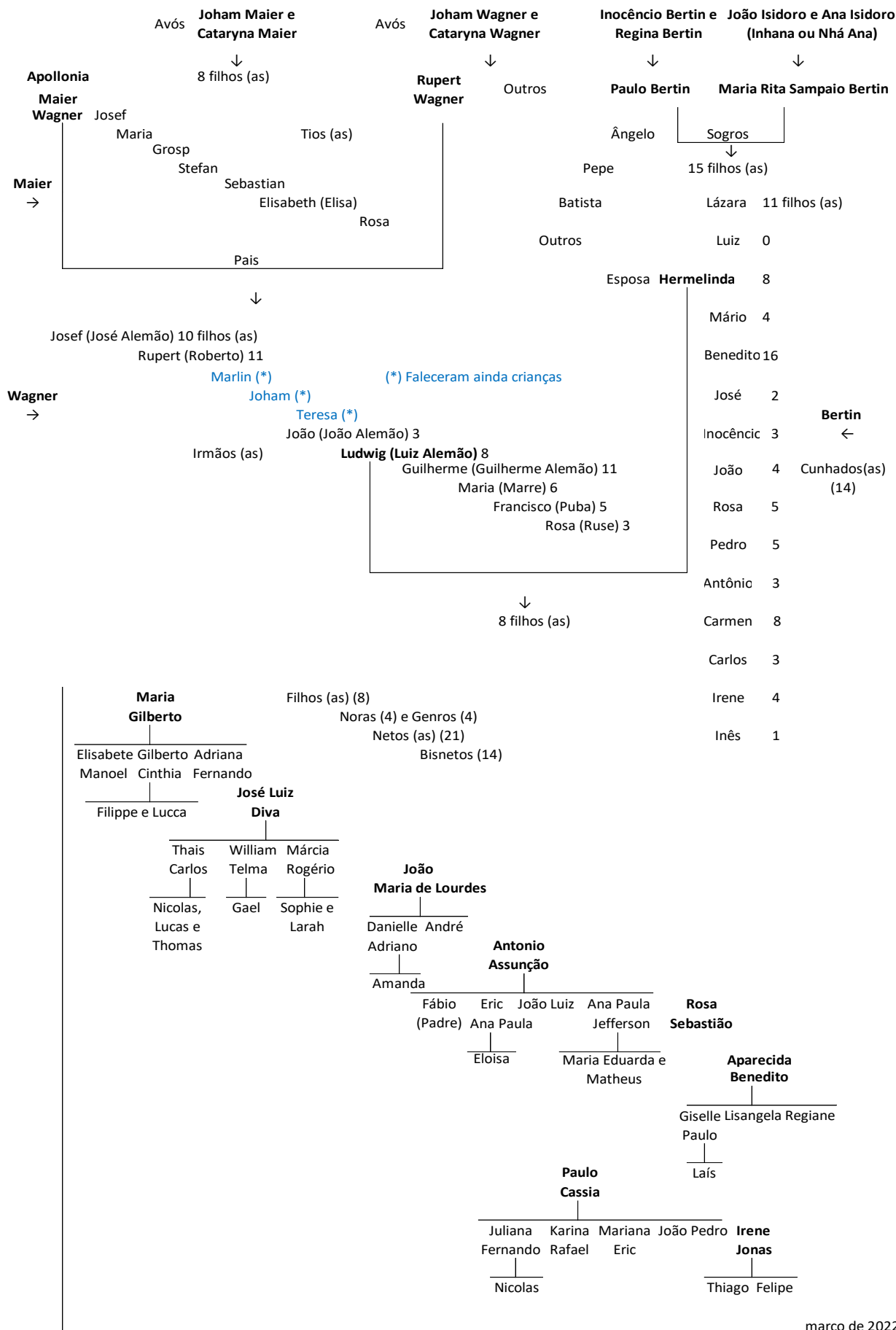
Sophie
Larah
Filha de Danielle e Adriano

Amanda
Filha de Eric e Ana Paula
Eloisa

Filhos de Ana Paula e Jefferson
Maria Eduarda
Matheus

Filha de Giselle e Paulo
Laís
Filho de Juliana e Fernando
Nicolas

ÁRVORE GENEALÓGICA DE LUDWIG WAGNER



março de 2022

Linha do Tempo

- 1882** 04 de junho, nasce Rupert Wagner, pai de Luiz, em *Rosenheim* – Alemanha.
- 1885** 09 de fevereiro, nasce Apollonia Maier, mãe de Luiz, em *Trostberg* – Alemanha.
- 1905** 10 de fevereiro, Apollonia e sua irmã Maria fazem peregrinação à cidade de *Lourdes* – França.
Julho, Apollonia deixa *Trostberg* para trabalhar em *Rosenheim*, na *zona rural de Aiblinger Au* (Bad Aibling).
- 1906** Julho, aventura de Stefan Maier, irmão de Apollonia, na fronteira da Alemanha com a Áustria.
Novembro, início do namoro de Apollonia e Rupert em *Rosenheim*, no sítio onde trabalhavam na *zona rural de Aiblinger Au* (Bad Aibling).
- 1907** Fevereiro, Apollonia e Rupert viajam a *Trostberg* para visitar os pais de Apollonia, combinar a data do casamento e providenciar os documentos de Apollonia.
Agosto, casamento de Apollonia e Rupert.
- 1910** Pais e irmãos de Apollonia também deixam *Trostberg* e vêm morar em *Rosenheim*, no sítio na *zona rural de Aiblinger Au* (Bad Aibling).
- 1912** Josef, um dos irmãos de Apollonia deixa a Alemanha e embarca com a esposa para o Brasil.
- 1913** 16 de abril, as duas famílias, Maier e Wagner, viajam de trem de *Bad Aibling, Rosenheim*, Alemanha, para *Trieste* – Áustria-Hungria, para a viagem de navio para o Brasil.
17 de abril, embarque das duas famílias no navio em *Trieste* com destino ao *Rio de Janeiro* - Brasil.
09 de maio, chegada do navio e desembarque das duas famílias no porto do *Rio de Janeiro* – Brasil. Permanecem durante 13 dias na *Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores*.
22 de maio, as duas famílias são encaminhadas para o *Núcleo Colonial Visconde de Mauá*, município de *Resende* – RJ.

Junho, em apenas uma semana, morrem 3 filhos de Apollonia e Rupert, ainda crianças.

08 de agosto, nasce João Wagner, irmão de Luiz, em *Visconde de Mauá, Resende* – RJ.

1914 27 de julho, início da *Primeira Guerra Mundial* e dois irmãos de Apollonia fazem parte do exército alemão.
Josef, irmão de Apollonia, é assassinado em *Visconde Mauá, Resende* – RJ.

1915 08 de junho, nasce Ludwig Wagner (Luiz) no *Núcleo Colonial Bandeirantes*, em *São José do Barreiro* – SP, próximo à divisa do estado do Rio de Janeiro.

1916 Final do ano, as duas famílias, Maier e Wagner, chegam a *São Paulo - Capital*.

1917 Casamento das duas irmãs de Apollonia que vieram da Alemanha, Elisabeth (Elisa) e Rosa.
25 de outubro, o Brasil entra na guerra e aumenta a preocupação das famílias alemãs imigrantes.

1918 11 de novembro, fim da *Primeira Guerra Mundial* e os dois irmãos de Apollonia continuam no exército alemão.

1919 Início do ano, as duas famílias, Maier e Wagner, deixam *São Paulo* e vêm morar “*numa fazenda, próxima ao bairro do Varjão*”, no município de Conchas – SP.
04 de junho, nasce Guilherme Wagner, irmão de Luiz, “*na fazenda, próxima ao bairro do Varjão*”, no município de Conchas – SP.

1921 16 de julho, nasce Maria Wagner (Marre), irmã de Luiz, “*na fazenda, próxima ao bairro do Varjão*”, no município de Conchas - SP.
Morre aos 29 anos, Sebastian, irmão de Apollonia, picado por cascavel, “*na fazenda, próxima ao bairro do Varjão*”, no município de Conchas - SP.

1922 25 de março, Stefan Maier deixa a Alemanha e, em 15 de abril, desembarca no porto do *Rio de Janeiro* e vem morar e trabalhar com

seus pais “*na fazenda, próxima ao bairro do Varjão*”, no município de Conchas - SP.

- 1923** Rupert, pai de Luiz, compra sítio no *bairro dos Silva*, no município de Conchas – SP.
- 1924** 11 de abril, nasce Francisco Wagner (Puba), irmão de Luiz, no *bairro dos Silva*, município de Conchas – SP.
- 1925** Stefan Maier crisma 3 filhos de Apollonia, de uma só vez.
- 1927** *Charles Lindbergh*, piloto americano faz o voo de *Nova York a Paris*, cruzando o *Oceano Atlântico* em menos de um dia e meio. Foi a maior notícia do ano e a família de Apollonia comenta bastante o fato.
- 1928** Casamento de Stefan Maier e Eugênia de Lara, em Conchas - SP.
- 1929** Morre Cataryna Maier, mãe de Apollonia, chifrada por uma vaca.
- 1930** 18 de novembro, nasce Rosa Wagner (Ruse), irmã mais nova de Luiz, no *bairro dos Silva*, município de Conchas – SP.
- 1936** Stefan Maier deixa “*a fazenda, próxima ao bairro do Varjão*”, no município de Conchas – SP e vem morar em Porangaba – SP.
- 1937** Início do ano, começo do namoro de Luiz e Hermelinda no município de Conchas - SP.
- 1938** 23 de julho, casamento de Luiz e Hermelinda na cidade de Conchas - SP.
- 1939** Setembro, início da *Segunda Guerra Mundial* e a possível participação de sobrinhos de Apollonia que viviam na Alemanha.
- 1940** 06 de janeiro, nasce a primeira filha de Luiz e Hermelinda, Maria, no *bairro do Pará*, município de Conchas – SP.
- 1941** 23 de julho, nasce o segundo filho de Luiz e Hermelinda, José Luiz, no *bairro do Pará*, município de Conchas – SP.

- 1942** 16 de agosto, Stefan Maier é festeiro de *São Roque* em Porangaba – SP.
Setembro, Luiz compra sítio no *bairro dos Poli*, município de Porangaba - SP.
Início de outubro, Luiz, Hermelinda e os dois filhos deixam o *bairro do Pará*, município de Conchas – SP e vêm morar no sítio do *bairro dos Poli*, município de Porangaba – SP.
- 1943** Início do ano, Guilherme, irmão de Luiz, compra sítio no *bairro dos Florentino*, município de Porangaba – SP, deixa o *bairro do Pará*, município de Conchas – SP, e vem morar no município de Porangaba – SP.
17 de julho, nasce o terceiro filho de Luiz e Hermelinda, João, no *bairro dos Poli*, município de Porangaba – SP.
- 1945** 08 de maio, fim da *Segunda Guerra Mundial* e Apollonia recebe a notícia da morte de 6 sobrinhos na guerra.
12 de agosto, nasce o quarto filho de Luiz e Hermelinda, Antonio, no *bairro dos Poli*, município de Porangaba – SP.
- 1946** Início do ano, João, irmão de Luiz, deixa o sítio no município de Conchas - SP e vem morar no sítio de Luiz, no *bairro dos Poli*, município de Porangaba – SP.
Stefan Maier colabora com a instalação da luz elétrica em Porangaba.
- 1947** Início do ano, José, irmão mais velho de Luiz, compra casa e terras na *Vila*, em Porangaba, deixa o *bairro dos Silva*, município de Conchas - SP e vem morar em Porangaba - SP.
13 de setembro, nasce a quinta filha de Luiz e Hermelinda, Rosa, no *bairro dos Poli*, município de Porangaba – SP.
Setembro, Luiz compra chácara na *Vila* e em outubro a família deixa o *bairro dos Poli* e vem morar próximo à cidade de Porangaba - SP.
- 1950** 01 de setembro, nasce a sexta filha de Luiz e Hermelinda, Aparecida, na *chácara da Vila*, em Porangaba – SP.
- 1951** 16 de agosto, Luiz, Guilherme e esposas são os festeiros de *São Roque* em Porangaba - SP.

- 1952** Luiz faz loteamento de 2 alqueires de sua chácara *na Vila*, contribuindo para a formação do *vilarejo*.
João, irmão de Luiz, compra alguns lotes no loteamento *da Vila*, constrói sua casa e também vem morar no *vilarejo*.
23 de setembro, nasce o sétimo filho de Luiz e Hermelinda, Paulo, *na chácara da Vila*, em Porangaba – SP.
- 1953** 15 de outubro, aos 15 anos, morre Clarice, sobrinha de Luiz, filha de seu irmão João.
- 1955** 06 de agosto, Luiz, Hermelinda e os filhos participam de excursão organizada pelo sogro de Luiz, Paulo Bertin, para *Vila Pirapora (Pirapora do Bom Jesus)* – SP.
- 1956** 12 de outubro, Luiz participa de excursão para *Aparecida do Norte* – SP.
- 1957** Início do ano, Luiz vende a chácara e família vem morar na “*chácara do Antônio Paulino*”.
- 1958** Início do ano, inauguração do *Ginásio Estadual “Aldo Angelini”* em Porangaba – SP.
Maria, a primeira filha de Luiz, vem trabalhar em São Paulo.
22 de novembro, nasce a oitava e última filha de Luiz e Hermelinda, Irene, na “*chácara do Antônio Paulino*”, *na Vila*, em Porangaba – SP.
Final do ano, Luiz compra casa na cidade e família vem morar “*em frente ao armazém do Gildo Ramos*”.
- 1960** Luiz compra bar na rua principal de Porangaba, próximo ao cinema.
- 1961** Início do ano, José Luiz, o segundo filho de Luiz e Hermelinda, ingressa na *Guarda Civil de São Paulo*.
Início do segundo semestre, Luiz vende o bar e família vem morar no sobrado da *cadeia velha* por alguns meses, como residência provisória.
Maria, a primeira filha de Luiz e Hermelinda, vem trabalhar nas *Indústrias Farmacêuticas Fontoura*, em São Bernardo do Campo – SP.

Final do ano, Luiz compra parte do terreno do irmão José Alemão, constrói uma casa de *pau-a-pique* e a família volta a morar *na Vila*, na “*chácara próxima ao Ciro Alonso*”.

- 1963** Vila passa a se chamar *Vila São Luiz* em homenagem a Luiz, considerando as contribuições feitas por ele para a formação do *vilarejo*.
14 de novembro, aos 81 anos, morre Rupert Wagner, pai de Luiz, no sítio do *bairro dos Silva*, município de Conchas - SP.
- 1964** Novembro, Antonio, filho de Luiz e Hermelinda, ingressa na *Guarda Civil de São Paulo*.
- 1965** 24 de junho, Luiz e Hermelinda são os primeiros festeiros de *São João Batista*, na *Vila São Luiz*, em Porangaba – SP.
- 1966** Novembro, João, filho de Luiz e Hermelinda, ingressa na *Guarda Civil de São Paulo*.
- 1967** Criado o curso de *Formação de Professores* em Porangaba – SP.
- 1969** Construção da capela de *São João Batista* na *Vila São Luiz*, em Porangaba - SP.
Julho, o homem pisa na lua e cria a maior polêmica na cidade de Porangaba - SP.
- 1970** 22 de maio, aos 80 anos, morre Stefan Maier, tio de Luiz, em Porangaba – SP.
Paulo Bertin, Maria Rita e o filho Luiz, deixam o sítio do *bairro do Pará*, município de Conchas, e vêm morar na cidade de Conchas - SP.
- 1971** 06 de agosto, aos 71 anos, morre Maria Rita, mãe de Hermelinda, na cidade de Conchas – SP.
- 1972** Início do ano, Luiz e Hermelinda deixam a *Vila São Luiz*, Porangaba – SP, e vêm morar no *bairro Alto do Ipiranga*, em São Paulo – SP.
- 1975** 17 e abril, aos 90 anos, morre Apollonia, mãe de Luiz, no *bairro dos Silva*, município de Conchas – SP.

- 1979** Julho, Luiz e Hermelinda pagam promessa, recebendo a *Irmandade do Divino do bairro de São João* para o pouso na casa do sítio de Paulo Bertin, no *bairro do Pará*, município de Conchas - SP.
- 1985** 24 de março, aos 63 anos, morre Maria Wagner (Marre), irmã de Luiz, no *bairro dos Silva*, município de Conchas – SP.
02 de dezembro, aos 88 anos, morre Paulo Bertin, pai de Hermelinda, na cidade de Conchas – SP.
- 1988** 23 de julho, Luiz e Hermelinda completam 50 anos de casados e comemoram *bodas de ouro*.
- 1990** 22 de julho, aos 82 anos, morre Roberto (Rupert), irmão de Luiz, no *bairro dos Silva*, município de Conchas – SP.
- 1991** 27 de fevereiro, aos 84 anos, morre José (Josef), irmão mais velho de Luiz, em Porangaba – SP.
- 1993** 08 de outubro, aos 74 anos, morre Guilherme, irmão de Luiz, em Porangaba – SP.
- 1999** 20 de outubro, aos 86 anos, morre João, irmão de Luiz, em Porangaba – SP.
- 2010** Junho, Luiz e Hermelinda são homenageados pelo *jornal Patriota*, do *bairro do Ipiranga*, com a publicação de matéria no dia dos namorados.
- 2013** 23 de julho, Luiz e Hermelinda completam 75 anos de casados e fazem *bodas de brilhante*.
- 2014** 13 de março, aos 92 anos, morre Hermelinda, esposa de Luiz, em São Paulo – SP.
10 de outubro, Fábio, neto de Luiz e Hermelinda é *ordenado padre* na *Diocese de Itapetininga* – SP.
- 2015** 07 de junho, aos 73 anos, morre João, filho de Luiz e Hermelinda, em São Paulo – SP.
08 de junho, Luiz completa 100 anos.

- 2016** 08 de junho, Luiz completa 101 anos.
Novembro, Luiz é homenageado com a publicação de síntese de sua história no site da internet "www.porangabasuahistoria.com", em "*Artigos Publicados*", por Júlio Manoel Domingues.
- 2017** 08 de junho, Luiz completa 102 anos.
- 2018** 08 de junho, Luiz completa 103 anos.
02 de agosto, Luiz sofre uma queda e é internado no *Hospital São Paulo*, em São Paulo – SP, para cirurgia do fêmur.
21 de agosto, Luiz é transferido para a casa de repouso "*Residencial Aurora*", localizada no *bairro do Ipiranga*, São Paulo - SP.
- 2019** 08 de junho, Luiz completa 104 anos.
- 2020** 10 de maio, aos 104 anos (28 dias antes de completar 105 anos), morre *Ludwig Wagner* ou *Luiz Wagner* ou *Luiz Alemão*, em São Paulo – SP.
30 de dezembro, aos 90 anos, morre Rosa (Ruse), irmã mais nova de Luiz, em São Paulo - SP.

Agradecimentos

Primeiramente quero dizer que foi um prazer escrever a história da vida de meu pai. Quero agradecê-lo pela confiança e por contar a sua história. Em nenhum momento mediu esforços para relembrar os fatos ocorridos ao longo de sua vida e corrigir alguns detalhes para que tudo fosse registrado da forma mais verdadeira possível.

Este trabalho não seria completo não fosse a colaboração de todos os parentes e amigos que de alguma forma ajudaram a resgatar informações importantes que estavam disponíveis em algum lugar ou foram lembradas graças as suas memórias.

Faço aqui os meus sinceros agradecimentos a:

Maria, José Luiz, Antonio, Rosa, Aparecida e Irene, meus queridos irmãos, por permitirem que suas histórias fossem aqui incluídas e pela ajuda para relembrar os acontecimentos importantes do passado e que, muitas vezes, foram até engraçados. Também pelos esclarecimentos de dúvidas, pela obtenção de fotos antigas e identificação de parentes. Tomei a liberdade de reproduzir algumas fotos da família para um melhor entendimento da história e que agora também servem de boas recordações. Com a ajuda de vocês, espero ter incluído aqui todos os nomes de nossos familiares, que são muitos, e acertado nas datas sobre a vida de nossos tios que formaram famílias, principalmente, nas cidades de Conchas, Porangaba, Sorocaba e Itaporanga, todas no Estado de São Paulo.

João, meu irmão, “*in memoriam*”, por fazer parte de nossa história e ter sido pessoa exemplar, de bom caráter, íntegro e de enorme coração.

Hermelinda, minha mãe, também “*in memoriam*”, por ter contado as suas interessantes histórias, hoje guardadas em nossas memórias e agora aqui registradas. Temos muito orgulho por ter sido a nossa mãe e obrigado pelo seu amor incondicional.

Carlos (Carlinhos) Alberto Morgado, meu primo, e Rosa (Ruse) Wagner Morgado, minha tia, também “*in memoriam*”, pela confiança e colaboração fornecendo cópia de fotos antigas recebidas da Alemanha e por identificar alguns parentes que ficaram lá, dando-nos a oportunidade de conhecê-los, mesmo que apenas através de fotos. Também por ceder cópia de cartas antigas recebidas da Alemanha, ajudando a recompor um pouco da história.

Guilherme, Elza, Fátima e Roberto, filhos de meu tio Guilherme Wagner, José Henrique, filho de meu tio Francisco Wagner (Puba), Aparecida Wagner, filha de meu tio Roberto (Rupert) Wagner, Alice, filha de meu tio José (Josef) Wagner, Marilza, filha de meu tio Antônio Bertin, Vilma, filha de meu tio José Bertin, Mário, filho de meu tio Mário Bertin, Clara Maier, filha de meu tio Stefan Maier e

Marly Thibes, neta, também, de meu tio Stefan Maier, meus primos, por resgatarem informações importantes, fotos e datas sobre as suas famílias e de alguns tios que viveram em Conchas, Porangaba, Sorocaba e Itaporanga.

José Luiz, meu irmão, pelas fotos de suas interessantes e diferentes pescarias e por ajudar a contar um pouco de suas aventuras como pescador, das quais eu tive o privilégio de participar de algumas.

Victor (Victinho), meu cunhado, por ajudar a relembrar as datas das pescarias e as pessoas que fizeram parte de nossa turma de pescadores, bem como algumas informações importantes e acontecimentos engraçados.

Adriana, minha sobrinha, Karina, minha filha e, Irene, minha irmã, pelas fotos dos últimos aniversários e das últimas visitas recebidas.

Rui Marcelino Leite, meu amigo porangabense, da turma de ginásio no “Aldo Angelini” e sua irmã Inês Marcelino, pela foto e informações da época sobre o seu pai Cirilo e meu tio Guilherme.

Marília Christovam, minha amiga de trabalho, pelo interesse pela história e sugestão do subtítulo.

Gernot Beutle, meu vizinho, pela tradução das cartas e das anotações do verso de fotos antigas recebidas da Alemanha, tornando possível o entendimento das informações e a identificação de nossos parentes nas fotos.

Juliana, Karina, Mariana e João Pedro, meus filhos, pelo apoio e carinho. O entusiasmo e o interesse de saber quando o livro ficaria pronto e de acompanhar a evolução da história, para mim não deixou de ser um grande incentivo.

Cassia, minha esposa, por apoiar a ideia de registrar a história e pela paciência e compreensão durante este longo período de pesquisa.

Mariana, minha filha, pela análise e revisão crítica do conteúdo, bem como por somar esforços junto ao seu marido Eric, viabilizando a inclusão do conteúdo na *Internet* para divulgação.

Karina, minha filha, também pela análise e revisão crítica do conteúdo e pela criação da *capa* com suas brilhantes ideias e criatividade.

Agradeço também aos meus amigos e a todos que de alguma forma acompanharam e contribuíram para o registro desta história e aguardaram com paciência a sua publicação.

O Autor



Paulo Roberto Wagner, nascido em Porangaba – SP, em 23 de setembro de 1952, é o sétimo filho de *Ludwig Wagner e Hermelinda Bertin Wagner*.

Morou em Porangaba até o final de 1968, onde concluiu os seus primeiros estudos.

Com 16 anos, mudou-se para São Paulo para trabalhar e continuar estudando.

Formou-se psicólogo e cursou pós-graduação em Administração de Empresas com ênfase em Recursos Humanos.

Trabalhou em *seleção de pessoal* durante 4 anos e na diretoria de *Recursos Humanos da Telesp/Telefônica* por 33 anos, onde se aposentou em 2006.

Trabalhou ainda mais 4 anos em empresa de *construção civil*.

Casado, tem 4 filhos, mora no km 22,5 da Rodovia Raposo Tavares, Granja Vianna, Cotia, bem próximo à capital de São Paulo – SP.

Caso você tenha algum *comentário, sugestão* ou *informação* importante, favor enviar para:

e-mail: pwagner01@terra.com.br

Janeiro de 2021.